



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
FACULDADE DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE HISTÓRIA
PROFHISTÓRIA

ANA CAROLINA DO CARMO SILVA

**Fanzines, transgressão e existência! Discussões sobre lesbianidades
no ensino de história a partir da produção escrita de Vange Leonel
entre 1997-2011**

GOIÂNIA

2025



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE HISTÓRIA

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES

E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a [Lei 9.610/98](#), o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do material bibliográfico

Dissertação Tese Outro*: _____

*No caso de mestrado/doutorado profissional, indique o formato do Trabalho de Conclusão de Curso, permitido no documento de área, correspondente ao programa de pós-graduação, orientado pela legislação vigente da CAPES.

Exemplos: Estudo de caso ou Revisão sistemática ou outros formatos.

2. Nome completo do autor

Ana Carolina do Carmo Silva

3. Título do trabalho

FANZINES, TRANSGRESSÃO E EXISTÊNCIA! DISCUSSÕES SOBRE LESBIANIDADES NO ENSINO DE HISTÓRIA A PARTIR DA PRODUÇÃO ESCRITA DE VANGE LEONEL ENTRE 1997-2011

4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)

Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:

a) consulta ao(à) autor(a) e ao(à) orientador(a);

b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação.

O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **Ana Carolina Do Carmo Silva, Discente**, em 10/06/2025, às 19:22, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Ana Carolina Eiras Coelho Soares, Professor do Magistério Superior**, em 10/06/2025, às 20:34, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **5431949** e o código CRC **95BBE9D9**.

ANA CAROLINA DO CARMO SILVA

**Fanzines, transgressão e existência! Discussões sobre
lesbianidades no ensino de história a partir da produção
escrita de Vange Leonel entre 1997-2011**

Dissertação apresentada ao Programa de PósGraduação em História, Mestrado Profissional em Ensino de História (ProfHistória), Faculdade de História da Universidade Federal de Goiás (UFG), como requisito para a obtenção do título de Mestre(a) em Ensino de História (ProfHistória/UFG).

Área de Concentração: Ensino de História.

Linha de Pesquisa: Linguagens e Narrativas Históricas: Produção e Difusão.

Orientadora: Professora Doutora Ana Carolina Eiras Coelho Soares.

Goiânia

2025

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Silva, Ana Carolina do Carmo
Fanzines, transgressão e existência! Discussões sobre
lesbianidades no ensino de história a partir da produção escrita de Vange
Leonel entre 1997-2011. [manuscrito] / Ana Carolina do Carmo Silva.
2025.
216 f.: il.

Orientador: Profa. Dra. Ana Carolina Eiras Coelho Soares.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás,
Faculdade de História (FH), Programa de Pós-graduação em Ensino de
História, Goiânia, 2025.
Bibliografia. Apêndice.
Inclui fotografias, tabelas.

1. Ensino de história. 2. Lesbianidades. 3. Vange Leonel. 4.
Fanzines. 5. Sexualidade. I. Soares, Ana Carolina Eiras Coelho ,
orient. II. Título.

CDU 94



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

FACULDADE DE HISTÓRIA

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Ata nº **039/2025** da sessão de Defesa da **Dissertação** de **ANA CAROLINA DO CARMO SILVA**, que confere o título de **Mestre(a) em Ensino de História (ProfHistória/UFG)**, na área de concentração em **Ensino de História**.

Ao/s **nove dias do mês de junho do ano de dois mil e vinte e cinco**, a partir da(s) **14h00min**, via **Videoconferência**, realizou-se a sessão pública de **Defesa de Dissertação** intitulada **“FANZINES, TRANSGRESSÃO E EXISTÊNCIA! DISCUSSÕES SOBRE LESBIANIDADES NO ENSINO DE HISTÓRIA A PARTIR DA PRODUÇÃO ESCRITA DE VANGE LEONEL ENTRE 1997-2011”**. Os trabalhos foram instalados pelo(a) Orientador(a), Professor(a) Doutor(a) **Ana Carolina Eiras Coelho Soares (ProfHistória/PPGH/UFG)**, com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: Professor(a) Doutor(a) **Benito Bisso Schmidt (UFRGS)**, membro titular externo; Professor(a) Doutor(a) **Clarissa Adjuto Ulhoa (UFJ)**, membro titular externo. Durante a arguição os membros da banca **não fizeram** sugestão de alteração do título do trabalho. A Banca Examinadora reuniu-se em sessão secreta, a fim de concluir o Julgamento da **Dissertação**, tendo sido(a) o(a) candidato(a) **aprovado(a)** pelos seus membros. Proclamados os resultados pelo(a) Professor(a) Doutor(a) **Ana Carolina Eiras Coelho Soares**, Presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, lavrou-se a presente ata que é assinada pelos Membros da Banca Examinadora, ao(s) **nove dias do mês de junho do ano de dois mil e vinte e cinco**.

TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA



Documento assinado eletronicamente por **Breno Mendes, Coordenador de Pós-Graduação**, em 07/07/2025, às 16:46, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Ana Carolina Eiras Coelho Soares, Professor do Magistério Superior**, em 07/07/2025, às 16:56, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Clarissa Adjuto Ulhoa, Usuário Externo**, em 07/07/2025, às 17:34, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **5488074** e o código CRC **93E917BF**.

RESUMO

O presente trabalho objetiva ensinar uma história plural que visibilize as existências lesbianas, mediante discussões sobre as lesbianidades no ensino de História, a partir da trajetória de vida e produção escrita de Vange Leonel no período de 1997 a 2011. Ademais, busca ainda repensar os discursos culturalmente naturalizados sobre a sexualidade e as lesbianidades para além do viés disciplinador, embora sem desprezá-lo, abordando outro viés que engloba sentimentos, afetos, desejos, prazeres e dimensão política. Como parte propositiva, será produzida uma coletânea de *fanzines* temáticos que possibilitem reflexões, discussões e contextualização das lesbianidades, visibilizando as suas continuidades e descontinuidades.

Palavras-Chave: Ensino de história; Lesbianidades; Vange Leonel, Fanzines.

ABSTRACT

This work aims to promote a pluralistic historical narrative that makes lesbian existences visible, by addressing the representation of lesbianism in the teaching of History. It focuses on the life trajectory and written works of Vange Leonel, produced between 1997 and 2011. Additionally, the research seeks to challenge culturally naturalized discourses on sexuality and lesbianism, moving beyond a strictly disciplinary approach—though without disregarding it—by incorporating perspectives that encompass feelings, affections, desires, pleasures, and the political dimension. As a propositional element, the study includes the creation of a collection of thematic fanzines designed to foster reflection, discussion, and contextualization of lesbianism, highlighting both its continuities and discontinuities.

Keywords: History Education; Lesbianism; Vange Leonel; Fanzines.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, Rosângela Maria, também conhecida como Cleópatra e Rosinha. Mãe, obrigada pela minha vida e pela parte sua que vive e cresce em mim. Obrigada pelo exemplo, referência e inspiração, por me apoiar em todos os aspectos ao longo dessa jornada e por ser minha mãe. Te amo!

Às amigas(o), que me acompanharam ao longo desse caminho desafiador e que estiveram presentes em momentos difíceis e de respiro. Obrigada, Amanda, Rhyllary, Yasmin, Nayla, Danielle e Thiago, vocês foram pontos de luz em tempos escuros.

À Yasmin, em especial, que apesar da distância física e da rotina muitas vezes exaustiva, destinou muito do seu tempo para revisar todos os meus textos ao longo do mestrado. Sem você, essa dissertação não seria possível, obrigada por todo afeto e apoio.

À minha psicóloga Marina, que me ajudou a respirar todas às vezes que me faltou ar e que me ensina, a cada conversa, a segurar a onda.

À minha professora e orientadora Ana Carolina Eiras Coelho Soares, fonte inesgotável de inspiração e referência. Obrigada por todas as conversas, todos os apontamentos, pelos convites, por compartilhar um pouco da sua vida e conhecimento comigo e pelo seu profundo acolhimento, compreensão e carinho. Sem você, essa dissertação não seria possível!

A todas as minhas professoras e professores, colegas de turma e à Universidade Federal de Goiás e ao ProfHistória.

À minha melhor amiga e grande amor Lud(mila), que alimenta meu espírito humano e traz leveza e alegria para os meus dias. Você é luz, sorrisos, abraços e beijinhos, obrigada por todas as coisas e por tudo, sobretudo por ser quem é. Diante da vastidão do tempo e da imensidão do universo, é um imenso prazer para mim dividir um planeta e uma época com você. Obrigada por me acompanhar nessa viagem louca. Te amo!

À Vange Leonel e sua generosidade em compartilhar conosco toda sua genialidade, humor, sensibilidade e coragem por meio da escrita e da arte. Gracias, Vange!

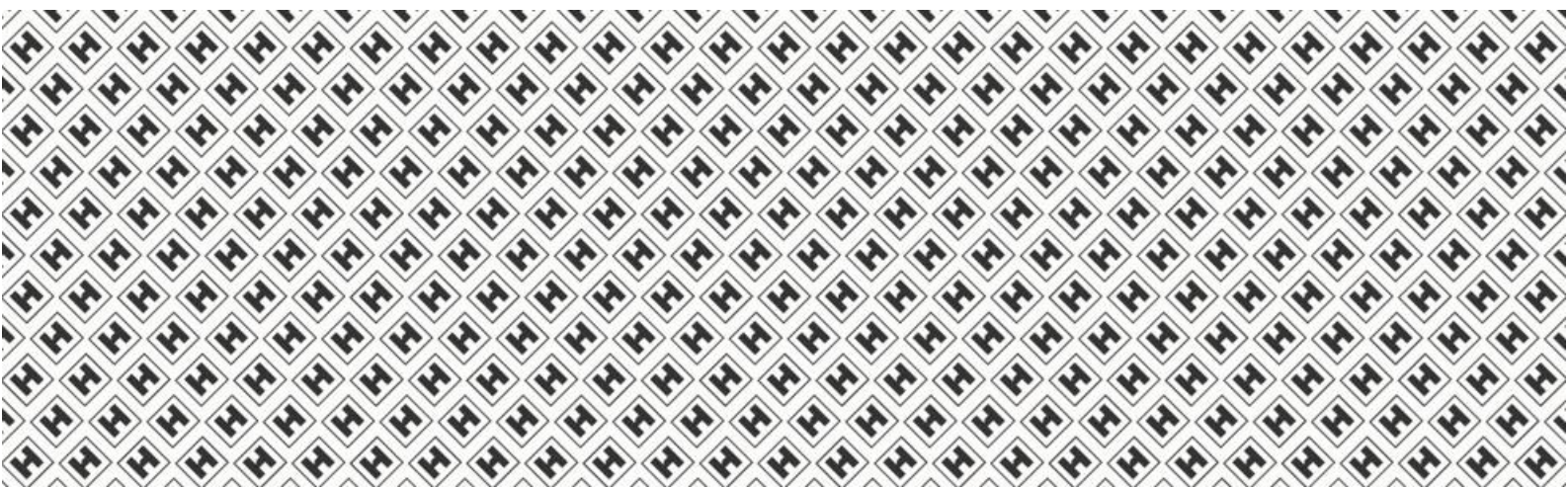
Às mulheres que acreditam na união e na potência do amor entre mulheres.

A todas as mulheres que abriram os caminhos que hoje percorro.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

| | |
|--|-----|
| INTRODUÇÃO | 14 |
| CAPÍTULO 1 - Transgredir para Existir: Lesbianidades, Ativismo e Educação para a Sexualidade | 22 |
| 1.1. Ensino de História e uma educação para a sexualidade: desafios e possibilidades | 23 |
| 1.2. Historicidade e construção narrativa das lesbianidades | 34 |
| 1.3. Movimento lésbico brasileiro: Ativismo, feminismos e cidadania | 44 |
| CAPÍTULO 2 – Gracias, Vange Leonel: Escrita, Rastros de Amor e História Lésbica no Ensino de História | 54 |
| 2.1. Vange Leonel, Vermelha Incandescente! | 55 |
| 2.2. O amor que ousar deixa rastros e a recusa da heteronormatividade | 63 |
| 2.3. A História "proibida" para menores: Vange como mediadora da história lesbiana | 73 |
| CAPÍTULO 3 – A Cultura Zinística nas Práticas Pedagógicas | 95 |
| 3.1. Historicidade: Você conhece e sabe o que são fanzines? | 97 |
| 3.2. A prática leva à diversão: Estética e produção zinesca | 102 |
| 3.3. A prática zinesca no Ensino de História | 108 |
| 3.4. Breve relato de experiência: Projeto Zikazine – Compartilhando Ideias | 111 |
| 3.5. Coletânea LESBOZINE: Uma Proposta Pedagógica | 118 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 121 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 126 |
| PROPOSTA PEDAGÓGICA - COLETÂNEA LESBOZINE - TRANSGRESSÃO E EXISTÊNCIA | 138 |



Apresentação

Só Uma Garota

[...]

Oh, eu sou só uma garota,
toda bonitinha e pequena

Então não me deixe
ter nenhum direito!

[...]

No momento em que eu piso lá fora

Tenho várias razões para correr e me esconder

Não posso fazer as coisinhas que tanto queria

Porque é dessas coisinhas que tenho medo

[...]

Porque eles não me deixam dirigir tarde da noite

Oh, eu sou só uma garota,
acho que sou algum tipo de aberração

Porque eles ficam sentados
me encarando com aquele olhar

[...]

Oh, eu sou só uma garota,
vivendo em cativeiro

As regras em seu poder me deixam preocupada

Oh, eu sou só uma garota,
qual será meu destino?

Just a Girl
No Doubt

É engraçado pensar na complexa relação que construí ao longo do tempo com o ensino e com a história. Posso dizer, de certa maneira, que venho de uma família de professoras: minha tia-avó Carlene trabalhava na Secretária de Educação do Estado de Goiás, minha mãe Rosângela Maria foi, durante anos, professora de história, depois minha prima mais velha Francielle se tornou professora de matemática – *credo, socorro* –, pouco tempo depois, meu primo Francislei se formou como professor de Educação Física e, anos mais tarde, chegava minha vez de decidir o que seria quando crescesse. Contudo, a trajetória que percorri para que pudesse me tornar professora de História não é tão óbvia, como se esse fosse o meu sonho de princesa.

Quando criança, lembro que eu e meus primos brincávamos de escolinha no quintal do lote onde ficavam as casas das minhas duas tias – Tia Cida e Tia Anja –, a casa dos meus avós – Vô Nilza e Vô Zezin – e o quarto onde eu e minha mãe morávamos. Sei que gostava da brincadeira, porque sempre gostei de aprender, mas ainda não era o suficiente para criar o desejo de ensinar que anos mais tarde se manifestaria em mim. Nessa época, pensava e sonhava em ser tantas coisas quando fosse grande, queria ser: desenhista, arquiteta, pediatra, veterinária, jogadora de futebol, skatista ou *B-Girl*¹, menos ser professora, sobretudo de História.

Como já mencionado, minha mãe foi durante anos professora de História, sendo assim, minha relação com o ensino de história começou desde muito cedo. Pouco tempo depois do meu nascimento – 1º de janeiro de 1994 –, minha mãe conseguiu se efetivar no estado e, sem ter com quem me deixar, acabava me levando para as escolas em que trabalhava. Cresci dentro das escolas ao ser cuidada pelas alunas da minha mãe, que me colocavam deitadinha, ainda bebê, em um lençol estendido debaixo do quadro, que na época, ainda era negro – mas eles sempre eram verdes, o que ainda acho estranho –. À medida que crescia, as escolas também pareciam crescer diante das minhas explorações solitárias. Enquanto minha mãe estava nas salas de aula, eu corria por toda a escola, descobrindo todos os lugares escondidos, brincando e me distraindo com todas as coisas novas que encontrava. Por muito tempo a escola foi um dos lugares que eu mais gostava de estar, porque ir até a escola significava aprender mesmo quando não tinha ninguém para me ensinar.

No entanto, com o tempo e todas as obrigações que a pré-adolescência já me impunha, minha relação com a escola e, conseqüentemente, com o ensino, foi mudando. Minha mãe que antes me levava para o trabalho superdivertido, agora me dizia que era

¹ *B-girl* é o termo utilizado para designar mulheres praticantes do *breaking* (ou *breakdance*), uma das expressões artísticas da cultura hip-hop.

preciso escrever folhas e folhas para responder as tarefinhas de casa que a professora de história mandava toda semana. Lembro que sempre ficava muito brava e questionava dizendo: “Não é justo, todos os meus amigos respondem no máximo cinco linhas, por que eu tenho que escrever tudo isso? Que saco, odeio HISTÓRIA!!!”

São memórias engraçadas de se lembrar hoje, considerando que, além de ter crescido nas escolas onde minha mãe trabalhou, também cresci correndo pelos corredores e salas vazias da Universidade Estadual de Goiás (UEG), enquanto minha mãe assistia as aulas do curso de História. Naquela época adorava ir aos sábados para a “escola de adulto” para poder desenhar, escutar as histórias que contavam e correr pelos corredores. Posso resumir que, durante minha infância, os espaços de ensino na minha percepção eram lugares de diversão, aprendizado e liberdade.

No entanto, com a adolescência essa relação ficou ainda mais conturbada, nessa época eu já odiava precisar ir para o trabalho com minha mãe. Queria brincar na rua com meus amigos, assistir televisão ou qualquer outra coisa que poderia fazer durante a noite, mas precisava ir para o terceiro turno de trabalho com ela e ficar entediada sentada no sofá da sala dos professor(as)es/coordenação. Tudo que conseguia pensar era “quando terminar o ensino médio, nunca mais vou entrar em uma escola, nem na porta quero passar, Deus me livre!”. Quanta ironia do destino não é mesmo?!? Considerando a quantidade de recreios e intervalos que passei nas salas de professoras, depois de me tornar uma delas.

Mas a vida, sendo como é e sempre surpreendendo, levou-me a outros caminhos. No ensino médio, minha relação com o ensino e com a história mudou mais uma vez. Tive uma professora muito importante que ajudou a me reconectar com a criança que gostava de brincar de escolinha e que enxergava na escola um lugar de liberdade repleto de aprendizado e conhecimento. O nome dessa professora era Isabela e, a cada aula que eu assistia, mais vontade tinha de aprender sobre História, pois passava, cada vez mais, a gostar de estar na escola aprendendo e conversando com essa professora. Naquele ano muita coisa mudou, foi no primeiro ano do ensino médio que decidi que seria professora de História e nunca mais tive dúvidas sobre isso.

Recordo que, no primeiro dia de aula da graduação, não fazia a mínima ideia do que esperar, dizer ou fazer, parecia uma criancinha de 1,57cm assustada. Aquele dia foi memorável, conheci muitas pessoas diferentes, entre elas a professora Dr^a. Ana Carolina Eiras Coelho Soares – minha orientadora –, que pregou uma peça nos calouros desavisados. A aula de apresentação foi um verdadeiro teatro, com um professor que era aluno e uma aluna que na realidade era a professora Ana Carolina Coelho. Relembro que,

sentado na frente dela, tinha um calouro que disse algo do tipo: “Ah, escolhi fazer história porque é fácil”. Pouco depois a professora se revelou e explicou que não tinha nada de fácil em estudar História e aquela foi uma das primeiras coisas que aprendi sobre História, que é difícil porque não é fácil.

Hoje, mais do que ontem, sei como é complexo estudar e ensinar História, sobretudo diante do contexto político, social e cultural que vivenciamos. Assim como, compreendo a necessidade e a importância do ensino de história e do meu papel como professora para a sociedade em que vivemos. Foi na Faculdade de História (FH – UFG) que descobri minha vocação e, por meio do contato com tantas(os) professoras(res) extremamente qualificadas(os) e comprometidas(os) com a educação e o ensino, pude aprender cada vez mais sobre educação, ensino de história, e a ser uma professora e uma cidadã mais crítica.

É válido dizer que foi ainda na graduação que consegui meu primeiro emprego, no Colégio Estadual Joaquim Edson de Camargo – que na época ainda não era um Centro de Ensino em Período Integral (CEPI). Nesse colégio, comecei como monitora do Programa Mais Educação, depois passei à dinamizadora do laboratório de informática, à professora substituta, à coordenadora do PRONATEC e, posteriormente, à professora de História, à coordenadora de núcleo diversificado, de ciências humanas e sociais aplicadas. De 2012 até 2022 trabalhando nessa unidade escolar, busquei unir a teoria que aprendia na faculdade com a prática do cotidiano experienciado no colégio, e muitas foram as vezes que me questioneei e refleti sobre minha postura como professora. Sempre que isso acontecia, lembrava-me da professora Dr^a. Armênia Maria de Souza me dizendo, ainda no primeiro semestre da graduação, que eu tinha “Tino para a profissão”. Essa fala me marcou profundamente, o que ajudou a me manter motivada e a reafirmar meu amor pela história e pelo ensino mesmo com todos os desafios e as dificuldades presentes na profissão.

Diante disso, buscando sempre transformar as salas de aulas em que entrei em lugares de entusiasmo e engajamento, de 2014 até 2018 desenvolvi projetos ligados à criação e produção de *fanzines*² no CEPI Joaquim Edson de Camargo³. Esses projetos

² *Fanzine* (junção de *fan* + *magazine*) é uma publicação independente e artesanal, geralmente de pequena tiragem, produzida por indivíduos ou coletivos com o intuito de compartilhar ideias, expressões artísticas ou posicionamentos políticos fora dos meios editoriais tradicionais. Com forte vínculo aos movimentos contraculturais, os *fanzines* também assumem um importante papel pedagógico, ao favorecerem a autoria, a criatividade, a construção de saberes coletivos e o protagonismo de grupos historicamente marginalizados, tornando-se ferramentas potentes em práticas educativas críticas e emancipadoras.

³ O Centro de Ensino em Período Integral (CEPI) Joaquim Edson de Camargo é uma escola pública localizada no bairro Jardim Novo Mundo, em Goiânia (GO), vinculada à Secretaria de Estado da Educação de Goiás. A instituição oferece ensino fundamental (anos finais) e ensino médio em tempo integral.

possibilitaram a produção de diversas tiragens e exemplares dos mais variados assuntos, formatos e estéticas. Alguns dos *fanzines* produzidos muitas vezes abordavam temas relacionados à História, o que me deixava animada e orgulhosa, pois percebia que as temáticas e questões, com as quais trabalhava em minhas aulas, despertavam o interesse das(os) estudantes, possibilitando a construção de conhecimento, expressão e representatividade. Além de trabalhar com o projeto ‘ZIKAZINE: Compartilhando Ideias’, apresentei alguns desses exemplares, produzidos no projeto por estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental, no Seminário Final de Estágio Supervisionado na UFG.

Após concluir a graduação, foquei completamente na experiência em sala de aula e acabei me afastando da universidade. Mas, mesmo afastada, reconhecia a importância de uma formação continuada e pensava no mestrado como um sonho distante, que um dia iria realizar. Conforme o tempo passava, aumentava minha vontade de retornar à universidade, porém a rotina cansativa em que vivia – por trabalhar em um colégio de tempo integral – acabava adiando cada vez mais a conquista desse sonho. No entanto, tudo mudou quando conheci, mediante uma amiga que trabalhava comigo, o Programa de Mestrado Profissional. Desse dia em diante, passei a pesquisar sobre ele e descobri a existência do ProfHistória, que é ofertado pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Ao me inscrever, consegui uma das vagas para a turma de 2023/1.

Desde o início, tinha como objetivo desenvolver um projeto que fosse relacionado ao uso dos *Fanzines* em sala de aula, mas nada ainda era muito claro. Até que no primeiro semestre do ProfHistória me matriculei em duas disciplinas optativas que mudaram completamente minha trajetória no mestrado, assim como profissional e pessoal. Diante disso, a escolha da temática da dissertação nasce do contato com as disciplinas de ‘Ensino de História e as Relações de Gênero’ e ‘Ensino de História da África e da Cultura Afro-brasileira’, visto que a leitura das bibliografias e as discussões que ocorreram no decorrer dessas disciplinas me permitiram compreender determinadas nuances e dinâmicas presentes na sociedade que antes passavam despercebidas por mim. Dessa maneira, passei a internalizar que as relações de poder e dominação, as desigualdades sociais criadas em torno dos múltiplos marcadores sociais, as distinções entre os papéis de gênero, as discriminações e os preconceitos relacionadas à sexualidade e diversidade sexual e à opressão e violência sofrida por mulheres e demais minorias sociais que se manifestam no cotidiano de nossa sociedade precisam estar presentes nas salas de aula e no ensino de História para poderem ser identificadas, visibilizadas e problematizadas.

Para além das questões já mencionadas, uma nova inquietação emergiu e se

tornou determinante para a escolha da temática desta pesquisa. A cada discussão promovida na disciplina *Ensino de História e as Relações de Gênero*, ministrada pela professora Dr^a Ana Carolina Coelho, novas indagações sobre minha sexualidade vinham à tona. Com elas, crescia também a necessidade de investigar. Nesse contexto, o primeiro caminho delineado para o desenvolvimento deste trabalho esteve relacionado ao desejo de explorar as representações e nuances dos relacionamentos afetivo-sexuais entre mulheres retratados nas fanfics publicadas na plataforma Wattpad⁴.

Contudo, explorar as dimensões e nuances desses relacionamentos parecia ainda não ser o suficiente para explicar muitos pontos ligados à minha própria sexualidade. Eu precisava encontrar referências positivas sobre as existências lesbianas para poder começar a compreender a dimensão da complexidade das lesbianidades. Acredito que também tenha sido motivada pela vontade de ocupar espaços em branco e preencher lacunas mediante a construção de narrativas sobre as lesbianidades que potencializem uma história plural e representativa.

Diante disso, visando buscar respostas para a suposta ausência de representatividade e visibilidade positivas sobre as lesbianidades ao longo da minha adolescência e juventude, decidi procurar, entre as décadas de 1990 e 2000, uma referência lesbiana que pudesse ser minha fonte de pesquisa e inspiração, e foi justamente nesse momento que me encontrei com Vange Leonel (1963-2014)⁵, a musa inspiradora que me ajudou profundamente nesse processo.

A princípio, queria compreender os motivos de até os dezesseis anos nunca ter mensurado a possibilidade de relações afetivo-sexuais entre mulheres existirem. Queria encontrar ferramentas que me explicassem e me ajudassem a entender o porquê e as razões do silenciamento, da invisibilidade e do apagamento das lesbianidades das relações sociais. A minha ânsia era a de encontrar justificativas aceitáveis que explicassem o porquê de tantas e tantas mulheres quase nunca se interessarem afetivo e sexualmente umas pelas outras e, mesmo quando isso acontecia, o porquê de não poderem ser vistas a olho nu.

⁴ *Fanfics* (ou *fan fictions*) são narrativas ficcionais criadas por fãs com base em personagens, universos ou figuras públicas já existentes. O *Wattpad* é uma plataforma digital gratuita voltada à leitura e escrita, onde autores compartilham textos, incluindo fanfics com temáticas de gênero e sexualidade.

⁵ Vange foi uma artista multifacetada — cantora, escritora, dramaturga, jornalista e ativista — cuja trajetória se destacou pelo engajamento político, pela produção cultural marcada pelas experiências lésbicas e pela crítica à heteronormatividade. Após alcançar notoriedade como vocalista da banda Nau nos anos 1980, Vange assumiu publicamente sua lesbianidade na década seguinte e passou a utilizar a arte e a escrita como instrumentos de visibilidade, denúncia e reinvenção. Sua obra tensiona fronteiras entre o pessoal e o político, entre o estético e o subversivo, oferecendo à cultura brasileira narrativas que rompem o silêncio histórico em torno das lesbianidades.

Este trabalho, sobretudo, é uma forma de curar minha versão adolescente, que cresceu assistindo muitas e muitas personagens femininas que, mesmo quando transgrediam a norma, seja pelo comportamento rebelde, pela atitude agressiva ou pela coragem em recusarem os papéis sociais impostos às mulheres, quase nunca transgrediam a barreira da heterossexualidade compulsória. Este estudo representa todos os esforços por representatividade, visibilidade positiva e por reconhecimento das multiplicidades das lesbianidades que muitas lesbianas, antes de mim, iniciaram e que muitas outras depois vão iniciar.

É considerando o exposto e pensando no potencial transgressor e transformador que o ensino de história possui que essa pesquisa se estruturou e se desenvolveu, visando responder algumas perguntas que tantas vezes não são feitas em voz alta, mas que, mediante um ensino de história aliado a uma educação para a sexualidade, podem ser respondidas. É um trabalho que almeja possibilitar que cada vez mais mulheres, das mais diferentes idades, possam se perceber e reconhecer lesbianas com naturalidade e leveza, para que nós possamos nos aceitar, curar e nos nomearmos com menos medos. Para que nossa ancestralidade e historicidade sejam reconhecidas e nossas existências sejam motivo de alegria e orgulho!

Foi ponderando todas as nuances aqui expostas, e acreditando que uma vida inteira escondendo a própria verdade erótica-afetiva pode representar um tipo de morte e resultar em um efeito renunciante cumulativo, que escolhi pesquisar sobre as lesbianidades no ensino de história. Este trabalho é dedicado a todas as lesbianas que ainda não conseguem se nomear com orgulho e sem medo. Por isso, hoje me nomeio latina, lesbiana, disléxica e professora de história com muita honra!

Introdução

Por que tanta gente acha que lesbianismo é coisa recente, invenção da mente sem-vergonha contemporânea e que só a degeneração da espécie pode justificar? Um dos motivos para a perpetração desse equívoco é a total falta de documentação do amor homossexual através da história. Afinal, considerado ilícito, quem iria deixar provas do seu crime?⁶

Na história existe uma sombra que silencia, invisibiliza e apaga as lesbianas⁷ dos processos históricos, proporcionando o desconhecimento de suas maneiras de existência, suas especificidades e diversidades, resultando na necessidade de revelar e visibilizar muitas nuances e aspectos sobre as lesbianidades.

De acordo com Butler (2003), esse processo de invisibilidade e silenciamento pode ser explicado, em parte, pelos mesmos motivos que excluíram as mulheres da escrita da história: as escolhas políticas de matriz heterossexual, que regem o fazer historiográfico hegemônico, com seus efeitos misóginos e lesbofóbicos.

Sendo assim, a historiografia demonstra que essa realidade de invisibilidade persiste tanto nas pesquisas acadêmicas quanto nas representações sociais marcadas pela heteronormatividade, como uma das estratégias violentas de manutenção da heterossexualidade compulsória (Rich, 2010).

Nesse cenário normativo, dualidades em torno das sexualidades, sobretudo das lesbianas, manifestam-se. Enquanto para alguns a sexualidade trata-se de uma questão pessoal e íntima, as lesbianidades muitas vezes são vistas como uma questão pública a ser resolvida pela sociedade. Como resultado, acaba sendo complexo situar discussões sobre as lesbianidades no ensino de história, visto que, para um número significativo de pessoas, falar sobre tais temas seria papel da família e não da escola e, conseqüentemente, do ensino de história (Silva, 2011).

No entanto, trabalhar questões de gênero, sexualidade e diversidade na escola é essencial, uma vez que a luta pela igualdade e pelos direitos civis ainda apresenta muitos desafios. Em tempos nos quais gênero e sexualidade são temas abominados e proibidos em muitos espaços sociais, as práticas pedagógicas das/os professoras/es de história podem contribuir para o combate à discriminação de gênero e diversidade sexual. A aula de História – aliada a uma educação para sexualidade⁸ – pode mostrar quando

⁶ O amor que não ousa deixar rastros. Leonel, Vange. *Grrrls – Garotas iradas*. 2001, p. 140-144).

⁷ Lésbica e lesbiana são palavras que dizem sobre os lugares que ocupamos na sociedade e no imaginário que partilhamos. A palavra lesbiana está diretamente relacionada ao conjunto complexo de significados, experiências, vivências e existência de mulheres lésbicas que, por vezes, não estão presas em uma categoria binária e que desejam explorar outras possibilidades. Portanto, a palavra lesbiana nessa pesquisa se apresenta como uma possibilidade de autodefinição e de pertencimento diante da norma estabelecida socialmente.

⁸ Pensar em uma educação para a sexualidade implica colocar os discursos naturalizados e sacralizados culturalmente sobre a sexualidade sob suspeita, estudá-la a partir de um viés que engloba sentimentos,

determinadas combinações produzem desigualdades, violências, preconceitos e discriminações, elucidando o que implica em vulnerabilidade social de sujeitos ou grupos sociais (Seffner, 2011).

Portanto, construir e desenvolver ações de combate à homofobia/lesbofobia, bem como ações de respeito à diversidade de gênero e sexual no espaço escolar, significa provocar debates que se opõem a grupos organizados, lideranças políticas e lideranças religiosas, com variados impactos no sistema escolar público (Seffner, 2013). Diante disso, o ensino de história abordando temas sensíveis na escola pública exige equilíbrio e envolve reconhecer que as categorias conceituais que utilizamos para falar desses temas são também categorias de ação política e de regramento moral.

Nesse contexto, em meados da década de 1990, com a formulação dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN (1997–1998), o campo da sexualidade passou a compor o que o Ministério da Educação chamou de temas transversais. Segundo o documento, o tema sexualidade deve ser tratado em todos os ciclos da Educação Básica, de maneira aberta e flexível, sob três eixos: corpo humano, prevenção às doenças sexualmente transmissíveis/AIDS e relações de gênero. Logo, mediante os aspectos legais⁹, é garantido o direito à liberdade de cátedra, que permite que professoras/es promovam o ensino a partir do pluralismo de saberes, ideias e concepções pedagógicas, assegurando o pleno desenvolvimento dos estudantes.

Contudo, sendo o espaço escolar um lugar de construção de conhecimento e de práticas pedagógicas que orientam e prepararam as/os estudantes para viverem em um mundo plural, mas também reprodutor de opressões sociais, como ensinar uma história plural se é praticamente inexistente a presença de mulheres lésbicas na história que demonstrem a diversidade sexual existente na sociedade? Em parte, penso que só será possível se formos nós, lésbicas, a narrar nossas próprias histórias.

Nesse sentido, historicizar o movimento lésbico brasileiro, explorar as teorias que fundamentam o pensamento lésbico-feminista e potencializar a imagem de ativistas como Vange Leonel (1963-2014)¹⁰ são iniciativas que buscam promover a visibilidade

afetos, desejos, prazeres e uma dimensão política (Teixeira, 2014). Bem como considerá-la como uma construção sócio-histórica que vai se constituindo ao mesmo tempo, em que constitui os sujeitos.

⁹ É importante ressaltar que tanto a Constituição Federal, 1988 quanto a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, 1996) o ensino será ministrado com base nos seguintes princípios: I — Igualdade de condições para o acesso e permanência na escola; II—Liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber; III — Pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas; IV — Respeito à liberdade e apreço à tolerância; [...] VIII — Gestão democrática do ensino público, na forma desta Lei e da legislação dos sistemas de ensino.

¹⁰ Maria Evangelina Leonel Gandolfo, mulher branca, lésbica e desfeminizada, conhecida como ativista feminista, nos anos de 1990 teve uma atuação significativa como colunista em revistas, como na *Sui Generis* (1997-2000) e na Revista Folha (2001-2010), escrevendo sobre lesbianidades e vivências lésbicas. Vange

política das lésbicas, questionar o preconceito, a lesbofobia e os mecanismos de poder que nos colocam em situações de marginalidade e vulnerabilidade social. Vange Leonel, mediante uma postura político-cultural, disputou o espaço público e virtual, denunciando as injustiças sociais, a violência estatal e as opressões sociais contra as mulheres lésbicas. Com irreverência e ousadia, a cantora, escritora e ativistas ajudou a transformar as narrativas políticas e culturais sobre a lesbianidade, evidenciando a potência crítica dos debates e das mobilizações realizadas, situados num campo político, social e cultural de luta e resistência.

Partindo da obra e da trajetória de Vange Leonel, o objetivo central deste trabalho é investigar como sua produção intelectual e artística contribui para a visibilização das lesbianidades e para a promoção de reflexões sobre gênero e sexualidade no ensino de História. Busca-se compreender os caminhos percorridos por Vange ao longo de sua vida e atuação pública, analisando de que forma suas experiências e expressões estéticas podem subsidiar práticas pedagógicas comprometidas com uma educação voltada para a diversidade e os direitos humanos. Dos objetivos específicos, procuro discutir como a construção das narrativas históricas escolares tem contribuído para invisibilizar a história das mulheres lésbicas ao mesmo tempo que visio potencializar uma história plural que apresente a escrita de Vange Leonel como uma narrativa pedagógica de resistência. Nessa perspectiva, também tenho como intensão analisar e refletir sobre os desafios e a possibilidade de uma educação para a sexualidade no ensino de história.

Para além, essa pesquisa pretende compreender os principais contextos da história do movimento de lésbicas no Brasil, seus impactos, e apontar as diferentes posições dentro do movimento feminista e homossexual. Por fim, esse estudo busca propor uma intervenção didática, a partir da criação de uma coletânea de fanzines, embasada em uma pedagogia transgressora e engajada.

Diante disso, apresento nesta dissertação uma proposta que busca ampliar a história das mulheres lésbicas, com o intuito de preencher uma lacuna ainda presente na historiografia escolar no que se refere à sexualidade e às lesbianidades. Propor um material didático transgressor e referenciado teoricamente possibilita a oportunidade de criar estratégias pedagógicas para um ensino de história que discuta o apagamento de uma narrativa sobre lesbianidades, assim como contribui para o uso de narrativas historiográficas mais atualizadas sobre essa temática, com intuito de responder às

também possui uma trajetória no ativismo virtual por meio de seu blog pessoal 'VANGE' (2005-2011) e do blog Cio, no site do Mix Brasil (de 2006 a 2009).

necessidades do presente. Portanto, esta dissertação parte da necessidade de repensar como os conteúdos escolares — especialmente aqueles voltados à educação para a sexualidade — têm sido abordados de forma limitada, muitas vezes marcados por vieses políticos que negligenciam importantes dimensões sociais, culturais e políticas. Diante disso, a pesquisa propõe investigar essas questões a partir da história das mulheres lésbicas e das lesbianidades, compreendendo-as como elementos fundamentais para a construção de práticas pedagógicas mais inclusivas e críticas. Dessa maneira, a realidade da invisibilidade lésbica, apreendida como expressão da lesbofobia, por si justifica esse estudo que busca contribuir para a compreensão da lesbianidade como um ato de resistência (Cheryl Clarke, 1990), ampliando os olhares sobre as lesbianas em várias esferas da vida social, como forma de combater a lesbofobia.

A pesquisa se nutriu das contribuições da epistemologia feminista, especialmente das teorias presentes no pensamento lésbico-feminista e se manifestam nos estudos de autoras como Jules Falquet, Patrícia Lessa, Adrienne Rich, Tania Navarro Swain, Gilberta Soares, Jussara Costa, Zuleide Paiva Silva e Rosângela Janja Costa Araujo, entre tantas outras aqui não nomeadas, assim como se fundamentou nas dimensões advindas da História Cultural e nas teorias de uma educação para a sexualidade, apresentadas na produção intelectual de autores como Fernando Seffner, Deborah Britzman, Guacira Lopes Louro, Fabiane Ferreira da Silva, Constantina Xavier Filha e Fabiane Lopes Teixeira entre outros.

Neste trabalho, a perspectiva lésbica apresentada encoraja o/a leitor/a a questionar o imaginário social em que as lesbianidades estão inseridas, as ausências e os silenciamentos das existências lesbianas ao longo da história, a construção histórica do preconceito contra lésbicas e a potencialidade da construção de narrativas autorrepresentativas e de referências positivas para a visibilidade lesbiana. Além disso, estimula o/a leitor/a a pensar caminhos para a construção de uma educação para a sexualidade nos espaços educativos a partir de um ensino transgressor e engajado. Dessa maneira, a dissertação visou construir uma discussão teórica que se relaciona com o debate sobre gênero, sexualidade e heteronormatividade e suas manifestações na educação, sendo essenciais para a pesquisa os conceitos de lesbianidades, visibilidade e a noção de educação para a sexualidade.

Desse modo, a pesquisa recorre ao pensamento lésbico-feminista como uma forma de resistência, crítica que questiona o lugar periférico e pouco conhecido que as reflexões lésbicas ocupam no processo de produção do conhecimento. Ainda, faz uso do conceito de lesbianidades para promover visibilidade lesbiana por intermédio do

reconhecimento de si, da dor e do prazer comum em torno da sexualidade não heterossexual, que se fundamenta nas lutas coletivas pela liberdade sexual, contra o racismo, pelos direitos das mulheres e pelo reconhecimento dos direitos homossexuais pela família, pela sociedade e pelo Estado.

Diante desse contexto, é fundamental que a escola abandone a ideia de que as sexualidades, sobretudo a lésbica, é apenas uma questão biológica ou moral, considerando que as sexualidades estão relacionadas às questões políticas, culturais, pedagógicas e afetivo-sexuais, assim como são objeto de políticas públicas ligadas à saúde e aos direitos humanos, sexuais e reprodutivos. Desse modo, a escolha em abordar a perspectiva de uma educação para a sexualidade nesta pesquisa visou construir outros olhares e caminhos sobre as temáticas de sexualidade, diversidade de gênero e sexual, homofobia, sexismo, violência sexual, entre outras, enfocando seus estudos na Educação Básica.

Em relação aos processos metodológicos, a presente pesquisa é de cunho bibliográfico, que utilizou de diversas revisões literárias para explorar a temática, no viés qualitativo. Assim, foi feito um levantamento de produções acadêmicas sobre e a partir das lesbianidades e dos ativismos lésbicos, com ênfase na área da Educação. Para a produção de dados acerca das temáticas, foram usadas as seguintes plataformas: Google acadêmico, Scielo Brasil, Banco de Teses e Dissertações da Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), Nuvem Sapatão – que se trata de uma biblioteca online sobre Lesbianidades –, Feminismos e Gênero, Um outro olhar, uma magazine virtual com destaque à temática lesbiana e o Portal de Dissertações do ProfHistória, com o propósito de mapear a produção intelectual sobre lésbicas e lesbianidades.

Ademais, foi realizado um mapeamento dos textos de Vange Leonel mediante a análise de conteúdo (Franco, 2018). Os textos selecionados foram retirados do Blog ‘VANGE’ (2005-2011)¹¹ e do livro ‘*Grrrls - Garotas iradas*’ (2001)¹², que reúne mais de

¹¹ O *Blog Vange Leonel*, mantido pela própria autora entre os anos 2005 e 2011, constituiu-se como um espaço digital de escrita íntima, política e militante. Nele, Vange abordava temas relacionados às sexualidades dissidentes, ao feminismo, à cultura, à política e às vivências lésbicas, articulando opinião, memória e denúncia. O blog funcionava como um território de resistência e afirmação, onde a autora exercia sua liberdade discursiva para problematizar a normatividade e visibilizar experiências silenciadas pela grande mídia. Hoje, seus registros permanecem como importantes fontes para a compreensão das lesbianidades e dos ativismos culturais na virada do século XXI.

¹² Publicado em 2001 pela Edições GLS, *Grrrls – Garotas iradas* reúne uma seleção de crônicas e artigos escritos por Vange Leonel ao longo da década de 1990, inicialmente publicados em veículos da grande imprensa e em espaços alternativos de circulação. A obra articula experiências pessoais e reflexões sobre feminismo, sexualidade, música, política, cultura pop e ativismo lésbico, sempre com um olhar crítico e provocador. Inspirado na estética e na atitude do movimento *riot grrrl*, o livro constitui-se como um manifesto contra a normatividade de gênero e a heterossexualidade compulsória, oferecendo às leitoras — especialmente às jovens mulheres — referenciais de autonomia, resistência e liberdade.

40 textos – inéditos e outros publicados anteriormente na coluna ‘*Grrrrls*’ pela revista *Sui Generis* (1995-2000). Para a organização e delimitação do corpus, foram elaborados três eixos para agrupar os textos: Ancestralidade e Memória; Lesbianidades e Existências Lesbianas; Visibilidade e História Lésbica. Após os dados obtidos e os textos selecionados alinhados à temática das lesbianidades no ensino de história, realizou-se uma análise bibliográfica sobre a elaboração e aplicação de *Fanzines* em contexto escolar como proposta didático-pedagógica.

Desse modo, diferente daquilo que propõe Ana Gabriela Reis da Silva (2021)¹³, a presente dissertação, além de abordar questões ligadas às lesbianidades, visa apontar Vange Leonel como mediadora de uma história lesbiana. Portanto, esse trabalho possui relevância por objetivar relacionar a produção de conhecimento escolar com os conhecimentos acadêmicos sobre as lesbianidades, pretendendo potencializar uma educação para a sexualidade num ensino de história ancorado nos Direitos Humanos e nos princípios da pluralidade.

Por fim, a título de organização, este trabalho encontra-se subdividido em três capítulos e parte propositiva. No primeiro capítulo – *Transgressão e Existência* –, discorro sobre os desafios e as possibilidades de um ensino de história aliado a uma educação para a sexualidade, com o intuito de abordar uma concepção não normativa sobre as sexualidades e refletir acerca da formação de professor(as)es para discutir temas sensíveis em sala de aula. Para além, o capítulo ainda trata dos aspectos históricos das lesbianidade e dos movimentos lésbicos brasileiros, sinalizando como a existência lesbiana vem sendo negligenciada e apagada da escrita da história e de suas construções narrativas.

O segundo capítulo – *Gracias, Vange Leonel!* –, busca construir uma narrativa que dê corpo e voz à Vange Leonel, demonstrando a ação pedagógica de sua produção artístico intelectual para potencializar e visibilizar a história lésbica. Ademais, o capítulo apresenta as múltiplas existências lesbianas, suas práticas afetivo-sexuais e a recusa da heteronormatividade. Por último, mas não menos importante, o terceiro capítulo da dissertação – *A Cultura Zinística nas Práticas Pedagógicas* –, tem como intenção explorar a historicidade e estética dos *Fanzines*, assim como destacar essa mídia alternativa como um importante recurso didático-pedagógico para trabalhar temáticas tidas como sensíveis no ensino de história, considerando o caráter transgressor e engajado

¹³ A autora buscou analisar a produção discursiva da coluna *Grrrrls* (1997-2000), acerca das questões das lesbianidades e das pautas sociais desse grupo social durante o período de publicação dos textos, visando compreender como a coluna, por meio de seus discursos, deu visibilidade a temáticas e pautas voltadas para uma audiência lésbica.

que os *zines* possuem. Na parte propositiva, busco explorar o processo de criação e produção da coletânea ‘Lesbozine’, direcionada às turmas de ensino médio da educação básica.

A coletânea LESBOZINE é composta por três volumes que articulam saberes históricos, experiências afetivas e práticas pedagógicas voltadas à visibilidade das lesbianidades no ensino. Construída no âmbito de uma pesquisa em Ensino de História, a obra busca tensionar os silêncios que historicamente marginalizaram os sujeitos lésbicos, propondo um material didático que dialogue com os marcadores sociais da diferença e com as possibilidades de uma educação inclusiva, crítica e plural.

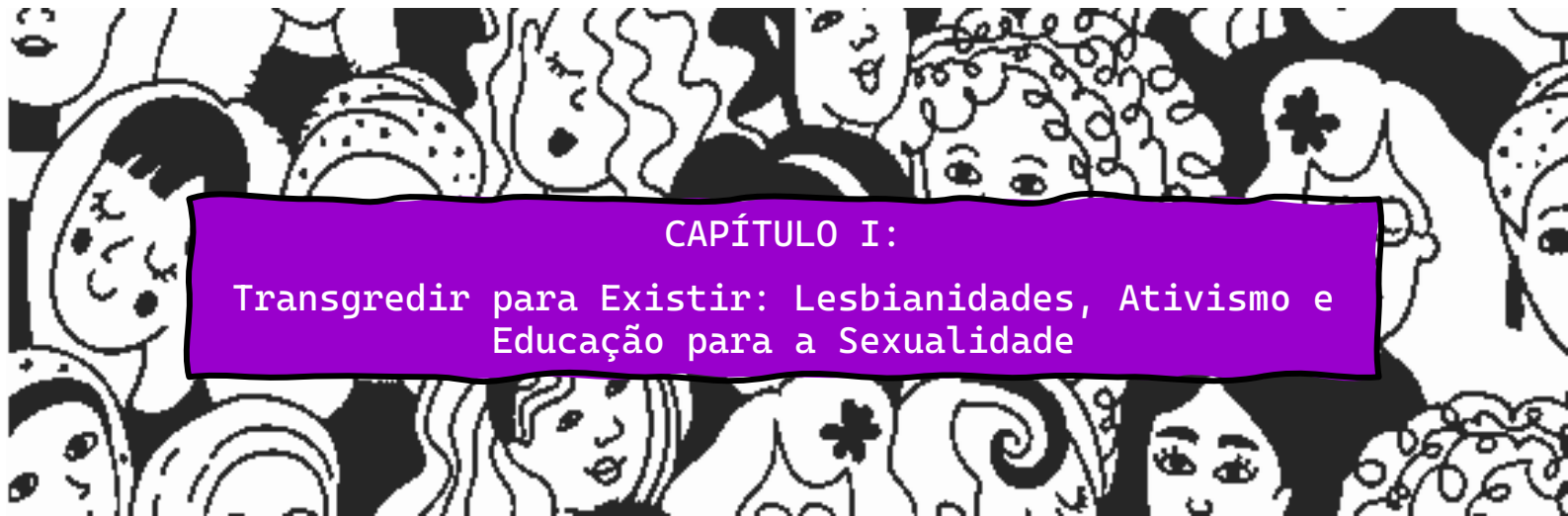
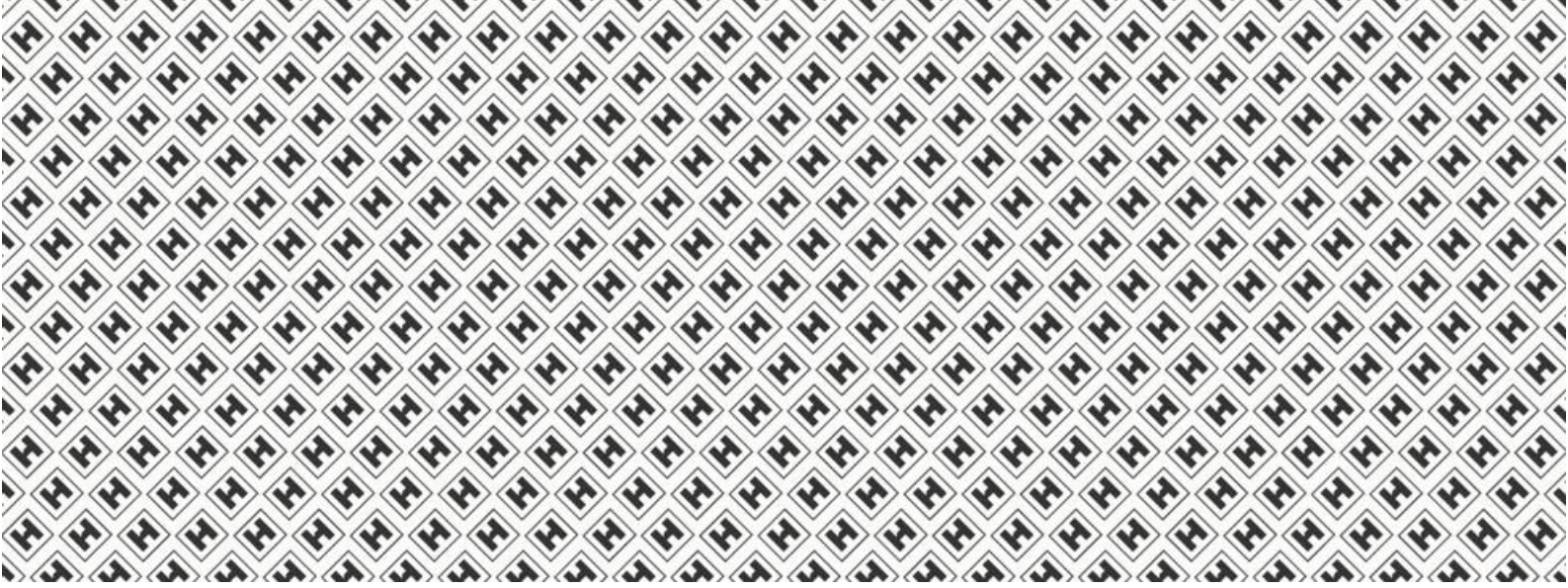
O projeto parte da compreensão de que o Ensino de História, ao incorporar narrativas contra-hegemônicas, pode contribuir de forma significativa para a construção de espaços escolares mais acolhedores, sobretudo para alunas e alunos cujas vivências escapam às normas da cisheteronorma. Por meio da linguagem gráfica e acessível dos *zines*, a coletânea propõe experiências educativas que entrelaçam memória, ancestralidade, afetividade e resistência. Cada volume da série foi concebido com um eixo temático central, estruturado a partir de textos autorais, fragmentos de obras literárias e culturais, imagens, conceitos e atividades pedagógicas.

O primeiro volume da coletânea introduz os fundamentos essenciais para compreender as lesbianidades, situando-as no contexto dos processos históricos de invisibilização e da construção social das sexualidades dissidentes. Propõe-se romper com a lógica do silêncio e do tabu ao afirmar o amor lésbico como expressão legítima da diversidade humana — e, portanto, como parte integrante da História que se ensina. Este volume apresenta os principais conceitos para pensar criticamente as sexualidades, discutindo o que são as lesbianidades e porque sua abordagem na escola constitui um gesto político e pedagógico de resistência. Além disso, reúne reflexões sobre os desafios da visibilidade lésbica, os mecanismos do preconceito e do apagamento histórico, e o papel transformador do Ensino de História na superação dessas exclusões.

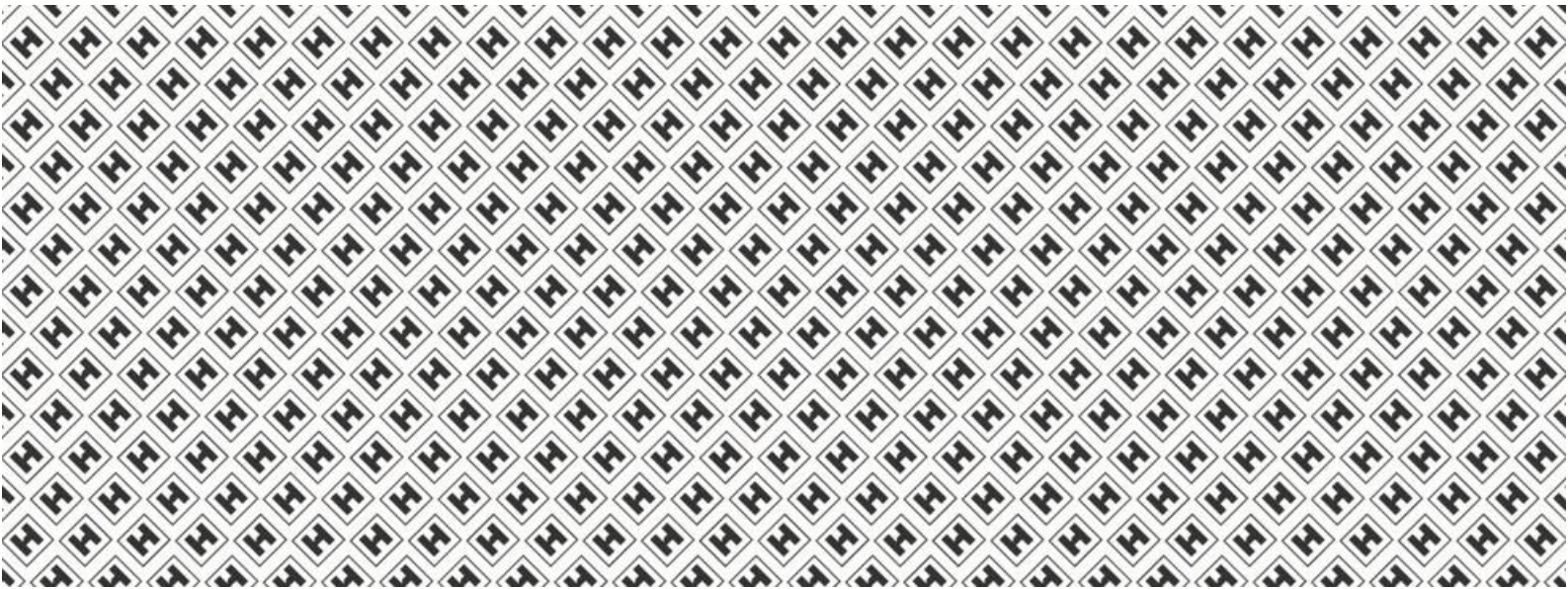
No segundo volume, mergulhamos na produção da escritora, cantora e ativista Vange Leonel (1963–2014), uma das vozes mais significativas da cultura lésbica no Brasil. Por meio de seus textos, somos conduzidos a uma crítica contundente às normas heteronormativas e a uma defesa vibrante do amor lésbico como forma de liberdade e afirmação existencial. Inteiramente dedicado à sua obra e trajetória, o segundo volume destaca Vange Leonel como referência incontornável da cultura lésbica brasileira contemporânea. A partir de textos do livro *Grrrls – Garotas Iradas*, postagens de seu

blog e outras produções, este volume propõe reflexões sobre a política dos afetos, as linguagens das lesbianidades e as estratégias de enfrentamento à lesbofobia.

Encerrando a coletânea, o terceiro volume propõe uma releitura crítica de figuras históricas e míticas que subverteram os papéis tradicionais de gênero e sexualidade. De Safo de Lesbos a Joana D’Arc, passando por Cristina da Suécia e por representações contemporâneas da “nova mulher”, o volume evidencia como essas personagens — reais ou imaginadas — foram perseguidas por sua liberdade, autonomia e dissidência afetivo-sexual. Ao desafiar o imaginário tradicional, repleto de finais felizes ao lado de príncipes, esta obra convida estudantes e docentes a refletirem sobre a pluralidade das experiências femininas e lésbicas ao longo do tempo — e a reescreverem, com olhos atentos e mentes abertas, os caminhos possíveis da História.



CAPÍTULO I:
Transgredir para Existir: Lesbianidades, Ativismo e
Educação para a Sexualidade



CAPÍTULO I: TRANSGREDIR PARA EXISTIR: LESBIANIDADES, ATIVISMO E EDUCAÇÃO PARA A SEXUALIDADE

1.1. ENSINO DE HISTÓRIA E UMA EDUCAÇÃO PARA A SEXUALIDADE: DESAFIOS E POSSIBILIDADES

Existem mais mistérios na sexualidade humana do que a nossa vã filosofia pode rotular. [...] O problema começa quando tentamos traçar limites precisos para o nosso desejo, construindo diques, como na tentativa de dominar as correntezas de um rio. Ai, meu bem, ou se abrem as comportas ou se espera pela fatídica gota d'água que vai transbordar o copo.¹⁴

Historicamente podemos perceber que, desde o século XVII, os atos sexuais passam a ser intensamente estimulados no imaginário social em determinadas partes do mundo ocidental e utilizados o tempo todo para classificar e julgar as pessoas que conhecemos e as que pouco conhecemos. Segundo o historiador e doutor em educação Fernando Seffner (2014), o que se pode verificar é que, diferente de outras sociedades do passado, a sexualidade se faz presente em todos os momentos, apresentando-se de diversas formas, servindo como porta de entrada para outros temas, auxiliando a construir hierarquias a respeito de indivíduos. Dessa maneira, é possível observar que, com o passar do tempo, a sociedade em que vivemos produziu mecanismos que a todo instante associam a sexualidade aos mais diversos temas. Todavia, mesmo diante dessa realidade, nos constrangemos quando alunas e alunos fazem perguntas sobre as práticas sexuais e as sexualidades.

E é supostamente esse constrangimento que muitas vezes nos faz questionar: A Educação para a Sexualidade deve ser ensinada exatamente da mesma forma que qualquer outra matéria? O que acontece com a sexualidade quando começamos a discutir seus significados? Ou quais são as relações entre nosso conteúdo pedagógico e as interações que temos com as alunas e os alunos? (Britzman, 1999). Sendo assim, tratar da sexualidade nos diferentes espaços educativos diz sobre as práticas que visam discutir e visibilizar questões relacionadas ao estudo do corpo, à saúde sexual, aos gêneros, à diversidade sexual, ao prazer e às práticas sexuais, às doenças sexualmente transmissíveis e à gravidez, proporcionando que crianças e adolescentes sejam educados para a vivência das sexualidades (Varela; Ribeiro, 2017).

Conforme nos conta Vange, em um dos textos publicados no livro *'Grrrls –*

¹⁴ A última gota d'água. Leonel, Vange. *Grrrls* Garotas iradas. 2001, p. 55-57.

Garotas iradas' (2001), os primeiros estudos sobre sexualidade surgiram no rastro da tendência cientificista do séc. XIX, quando o homem procurou entender tudo e todos sob a luz da ciência. Com o avançar do séc. XX, o surgimento da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS) ocasionou uma intensificação nas pesquisas sobre sexualidade, possibilitando que o tema saísse da marginalidade nas ciências sociais, contribuindo para que no presente tenhamos linhas de pesquisa sobre a sexualidade em todas as disciplinas das ciências humanas (Seffner, 2014), considerando que a sexualidade é um artefato cultural e histórico, construído e sustentado por relações de poder. Desse modo, ela se apresenta como um campo de conhecimento e de disputa política, relacionada ao que é visto como normal e ao que é tido como desvio da norma.

Segundo a historiadora e doutora em educação Guacira Lopes Louro (1999), muitas pessoas consideram que a sexualidade é algo que todos nós possuímos "naturalmente". Perspectiva que, de acordo com a historiadora, comumente se sustenta no corpo e na suposição de que todos e todas vivemos nossos corpos universalmente da mesma forma – no entanto, historicamente, é nítido que não experimentamos e vivenciamos nossos corpos desde sempre da mesma maneira. Criou-se no imaginário social um forte consenso de que a sexualidade é determinada exclusivamente pelo sexo biológico — concepção limitada e reducionista que favorece a ideia de uma sexualidade “natural”, essencial e, portanto, inquestionável. No entanto, essa visão ignora que tanto o sexo quanto a sexualidade são constituídos em contextos discursivos e atravessados por relações de poder, como já indicam autores como Judith Butler e Linda Nicholson. O sexo, longe de ser um dado puramente biológico, é generificado — ou seja, produzido e normatizado por regimes de saber-poder que definem o que é considerado “natural”.

Da mesma forma, não se pode reduzir a sexualidade a um mero efeito cultural, como se a cultura atuasse externamente sobre corpos previamente “puros” ou “neutros”. Como alerta Rocka (2021, p. 96), o contato físico e as respostas corporais também participam da construção da sexualidade. Contudo, é preciso compreender que essas respostas não existem fora de mediações simbólicas e históricas — elas são, desde o início, atravessadas por significados, dispositivos normativos e formas de subjetivação. Assim, ao invés de opor biologia e cultura, é mais frutífero pensar a sexualidade como um campo de tensões entre práticas corporais, afetivas e discursivas, regulado por dispositivos de sexualidade, mas também por resistências, invenções e deslocamentos.

Essa perspectiva exige atenção crítica também ao uso da expressão “educação para a sexualidade”, pois pode implicar a ideia de um saber normativo sobre o que é “adequado” aprender ou praticar. Em vez disso, propomos refletir sobre as formas de

ensinar e problematizar os discursos, os afetos e as práticas que constituem o campo da sexualidade, sem fixá-lo em um modelo biologizante nem em uma noção puramente cultural.

Diante desse contexto, é fundamental que a escola abandone a ideia de que a sexualidade é apenas uma questão biológica ou moral, considerando que as sexualidades estão relacionadas às questões políticas, culturais, pedagógicas e afetivo-sexuais. Assim como ela é objeto de políticas públicas ligadas à saúde e aos direitos humanos, sexuais e reprodutivos. De modo que as sexualidades podem se aliar a muitos temas e estão presentes em muitas manifestações da vida. Logo, isso precisa ser discutido com as(os) alunas(os), conforme argumenta o professor Seffner (2014):

[...] é importante mostrar que os arranjos de gênero e sexualidade que temos na sociedade atual não são os únicos que já existiram. Na história da humanidade, diferentes sociedades organizaram diferentes arranjos para viver o amor e o sexo. [...] É importante que os alunos percebam isso, até para que possam escolher o modo como consideram mais adequado de viver suas histórias afetivas e sexuais (Seffner, 2014, p. 78-79).

Todavia, embora os argumentos em favor de uma educação para a sexualidade sejam pertinentes e consistentes, abordar as sexualidades no espaço escolar implica transitar por um campo de intensas disputas políticas, morais e ideológicas. Trata-se de um embate que envolve a definição sobre quem detém o direito de tratar desses temas com crianças e adolescentes (Varela; Ribeiro, 2017), ao mesmo tempo em que os(as) professores(as), especialmente os(as) de História, têm sido alvo de tentativas sistemáticas de cerceamento de sua liberdade docente. Esse constrangimento tem se intensificado nos últimos anos, impulsionado por movimentos como o Projeto Escola Sem Partido — que ganhou força em estados como Goiás — e por episódios de grande repercussão nacional, como a polêmica em torno do chamado “kit anti-homofobia”, em 2011, proposta duramente criticada por setores conservadores e posteriormente vetada pelo governo federal.

Ainda que não haja registros diretos de uma manifestação pública de Vange Leonel sobre o episódio, sua atuação política e artística esteve sempre voltada à defesa de uma educação inclusiva e ao enfrentamento das violências de gênero e sexualidade. É justamente nesse contexto que a perspectiva de uma educação para a(s) sexualidade(s) se apresenta como ferramenta teórico-política fundamental. Como afirma Xavier Filha (2017, p. 31), essa proposta busca refletir sobre discursos culturalmente naturalizados e sacralizados, relativizando-os, colocando-os sob suspeita e provocando o questionamento de certezas consolidadas, para que possamos ampliar nossos modos de pensar e desestabilizar normatividades que regulam as formas de viver, sentir e ensinar. Nesse

cenário, como apontam Seffner e Penna (2021), ensinar tem se tornado uma tarefa ainda mais árdua e vigiada:

Temos vivido claramente um tempo em que a liberdade de ensinar é atacada, sob as argumentações mais diversas, em geral numa pauta que opõe valores familiares e religiosos aos ensinamentos escolares, e termina por concluir que as famílias têm precedência sobre a escola em termos de decidir o que é adequado ou não para seus filhos em termos de aprendizado (Seffner; Penna, 2021, p. 224).

Frente a esses ataques à liberdade de cátedra, temas como sexualidade e diversidade sexual, a exemplo das lesbianidades¹⁵, são silenciados no cotidiano escolar por meio dos documentos oficiais de educação e do currículo nacional (Cabral; Cavalcanti, 2022). Como consequência dessas práticas de silenciamento acerca das discussões sobre as sexualidades, observamos atitudes e comportamentos discriminatórios e LGBTfóbicos emergirem dentro do ambiente escolar. Como sinalizado por Louro (1999), “o resultado é, muitas vezes, o que Peter McLaren (1995) chamou de um apartheid sexual, isto é, uma segregação que é promovida tanto por aqueles que querem se afastar dos/das homossexuais como pelos/as próprios/as” (p. 18-20). Desse modo, o ambiente escolar acaba se tornando um lugar difícil e hostil para que as/os alunas/os possam reconhecer e expressar suas sexualidades, visto que aquelas/es que manifestam diferenças em relação à norma heterossexual são geralmente hostilizadas/os e excluídas/os mediante um forte sentimento de abjeção, restando-lhes, assim, poucas alternativas para o convívio no ambiente educacional, tal como o silêncio, a dissimulação ou a segregação.

Diante dessa realidade, em concordância com o que argumenta a pesquisadora e historiadora Priscila Spindler Corrêa Nunes (2021), é significativo e importante que as aulas de história estejam engajadas com a potência e diversidade das experiências humanas, visando potencializar “outras formas de pensamento que permitam questionar aquilo que foi construído como normal ou como normalidade, demonstrando que todas as formas de vida e pensamento existem” (p.170). De modo que um ensino de História aliado a uma educação para a sexualidade paute-se, também, em práticas voltadas aos Direitos Humanos, à liberdade, à pluralidade de ideias e à luta pela erradicação de qualquer tipo de discriminação racial, de gênero e sexual nos espaços

¹⁵ Termo contemporâneo utilizado por teóricas com o intuito de desvincular a existência lesbiana de concepções patológicas que tradicionalmente conceberam o lesbianismo como um desvio e uma aberração, que faz da lésbica um ser oculto e obscuro, relegada a um espaço de perversão e de desordem no mundo (Navarro-Swain, 2000).

educativos, a fim de se tornarem compromissos que podem ser identificados nos documentos educacionais que temos no Brasil.

A Constituição Federal de 1988, no artigo 206, estabelece que a educação será ministrada com liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber, assim como afirma a liberdade de consciência e a livre manifestação do pensamento. Desse modo, a liberdade de ensinar e aprender constitui a base do direito à educação perante as leis (Seffner; Penna, 2021). Nesse contexto, a possibilidade legal de abordar em sala de aula — e no ensino de História — questões ligadas às sexualidades tem origem no século XX, com o avanço das discussões sobre a inclusão dessa temática nos currículos escolares (Varela; Ribeiro, 2017).

Historicamente, no Brasil, a primeira proposta norteadora dos currículos para todo o país surge no final da década de 1990, com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), que são documentos orientadores do currículo escolar e das práticas de ensino e pedagógicas associadas ao desenvolvimento da cidadania dos estudantes (Cabral; Cavalcanti, 2022). Assim, em consonância com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB/1996) e os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs/1997), visando ao desenvolvimento e à conquista da cidadania dos indivíduos inseridos no sistema educacional, entende-se que a formação plena não se limita apenas a um currículo conteudista e formal. Ela envolve também abordagens interdisciplinares e temas transversais comuns a todas as pessoas, tais como a sexualidade.

Por conseguinte, os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997) se apresentam como um importante documento para garantir a abordagem de uma educação para a sexualidade na Educação Básica (Silva e Fernandes, 2020). Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs, 1997) constituem um referencial teórico relevante para o planejamento docente, pois oferecem respaldo para que professoras e professores abordem temas como a lesbofobia no contexto escolar, reconhecendo as lesbianidades como parte da diversidade sexual.

Além dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs, 1997), outros documentos se destacam no fortalecimento de um ensino de História comprometido com a educação para a sexualidade na Educação Básica. É o caso das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica (DCNs, 2013), que ressaltam a necessidade de tratar questões de gênero e sexualidade desde a educação infantil até o ensino médio. Nesse sentido, as DCNs constituem referenciais importantes, pois, conforme apontam Silva e Fernandes (2020), têm como finalidade:

estabelecer abordagens focadas não na padronização de comportamentos ou na reprodução de modelos pré-definidos, mas, ao contrário, na reflexão crítica, na autonomia dos sujeitos, na liberdade de acesso à informação e ao conhecimento, no reconhecimento das diferenças, na promoção dos direitos e no enfrentamento a toda forma de discriminação e violência (Silva e Fernandes, 2020, p. 90).

Ademais, mediante a atualização das Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (BRASIL, 2018), a proposta pedagógica presente no documento busca a “realização de ações fundamentadas nos direitos humanos e nos princípios éticos, de convivência e participação democrática visando construir uma sociedade livre de preconceitos, discriminações e das diversas formas de violências” (Silva e Fernandes, 2020, p. 91). Proposta pedagógica essa que se constrói por meio da promoção dos direitos humanos, a partir de discussões de temas relativos às questões relacionadas ao gênero e à sexualidade – entre outros marcadores sociais –, e a práticas que contribuam para a igualdade e para o enfrentamento de preconceitos, discriminação e violência sob todas as formas (Silva e Fernandes, 2020). De modo semelhante, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018), em suas competências gerais, enfatiza a importância de a/o estudante ser integrada/o as noções de respeito e tolerância no percurso da Educação Básica (Silva e Fernandes, 2020). À vista disso, entre as competências gerais que se relacionam diretamente com uma educação para a sexualidade que enfatiza os direitos humanos, é significativo destacar as seguintes:

7. Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta.
8. Conhecer-se, apreciar-se e cuidar da sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas.
9. Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza (Silva e Fernandes, 2020, p. 91).

Portanto, a escola, tal como o ensino de História, pode desempenhar um papel crucial na desnaturalização das diferenças ao trabalhar a diversidade no sentido multiculturalista e na construção da tolerância. Assim, o ensino de História, vinculado a uma educação para a sexualidade, tende a acionar elementos mais abrangentes das sexualidades, rompendo com as práticas educativas pautadas numa visão determinista e reguladora das sexualidades, entendendo-as enquanto artefatos constituídos historicamente em meio as relações sociais de saber e poder (Varela; Ribeiro, 2017;

Xavier Filha, 2017). Dessa maneira, uma aula de história articulada a uma educação para a sexualidade pode abordar as estruturas e dimensões políticas, sociais e culturais que compõem nossa sociedade, haja vista que as sexualidades podem nos dizer sobre os modos como as pessoas, social e historicamente, vivem seus desejos e prazeres (Silva, 2011), mediante rituais, linguagens, fantasias, representações, símbolos e convenções, processos profundamente culturais e plurais (Louro, 1999). Além disso, abrangem valores e um posicionamento político diante da multiplicidade de formas de viver e de ser (Louro, 2011).

No entanto, embora percebamos que as sexualidades se manifestam nas dimensões política, social e cultural, a principal motivação para a criação dos temas transversais de Orientação Sexual foi o alto índice de gravidez na adolescência e o crescente número de infectados por HIV, conforme evidencia o trecho abaixo:

A partir de meados dos anos 80, a demanda por trabalhos na área da sexualidade nas escolas aumentou em virtude da preocupação dos educadores como o grande crescimento da incidência de gravidez indesejada entre as adolescentes e com o risco da infecção pelo HIV entre os jovens (Brasil, 1998, p.291).

Por consequência, podemos observar que, no ambiente escolar, não há um silêncio em relação à sexualidade, uma vez que se pode falar sobre ela, mas desde que nas regras que controlam e legitimam o discurso autorizado, tais como as narrativas biológicas. Com efeito, por vezes o debate sobre sexualidade se limita ao discurso biológico – discutir sobre o prazer sexual é também falar sobre biologia e anatomia, pois, a partir do prazer, podemos conhecer e explorar o corpo humano com o intuito de desvendar os mistérios que nossos corpos guardam –, o que funciona como uma estratégia de prevenção e controle das doenças sexualmente transmissíveis, da Aids, do abuso sexual e da gravidez na adolescência¹⁶ (Silva, 2011). Desse modo, por mais vezes do que gostaríamos, quando uma ou outra professora se propõe a estruturar aulas que abordem a temática da sexualidade, geralmente as discussões tendem a possuir um caráter heteronormativo.

Sendo assim, de acordo com a professora doutora em ciências Fabiane Ferreira da Silva (2011), as discussões sobre as sexualidades, num viés que engloba sentimentos, afetos, desejos e prazeres, geralmente ficam marginalizadas nas práticas

¹⁶ A intenção não é negar, tampouco desconsiderar a importância das informações sobre anatomia, métodos contraceptivos, infecções sexualmente transmissíveis e HIV/Aids nas propostas pedagógicas. No entanto, é necessário refletir sobre os efeitos de uma abordagem limitada exclusivamente a essas temáticas. Quando restrita a esse escopo, a educação sexual corre o risco de reduzir a sexualidade às normas de conduta socialmente estabelecidas (Silva, 2011), silenciando suas dimensões afetivas, identitárias, culturais e políticas.

pedagógicas, ao mesmo tempo em que se desconsideram os saberes dos(as) alunos(as) sobre a sexualidade, construídos nas suas experiências cotidianas (p.151). Posto isso, apesar da negligência histórica relacionada às temáticas de sexualidade e diversidade sexual, e muitas vezes diante de uma visão biológica e cisheteronormativa que reafirma a heterossexualidade e deslegitima outras possibilidades de vivenciar a sexualidade (Cabral; Cavalcanti, 2022), os documentos educacionais representam certos avanços e mudanças a passos lentos no que diz respeito a uma educação para a sexualidade.

Portanto, com base nos fundamentos legais presentes nos documentos educacionais, o ensino de História articulado à educação para a sexualidade pode favorecer uma abordagem mais ampla das sexualidades, destacando seus aspectos históricos, sociais e culturais. Essa perspectiva rompe com concepções naturalizadas e com uma visão restrita, centrada apenas na dimensão biológica e na lógica da prevenção, frequentemente adotada por abordagens tradicionais (Varela; Ribeiro, 2017). Nesse contexto, torna-se possível promover discussões críticas sobre a construção da identidade heterossexual como norma, a expressão binária dos gêneros, as múltiplas formas de violência e discriminação, bem como as relações de poder que atravessam os corpos, os afetos e os discursos (Varela; Ribeiro, 2017).

Desse modo, o ensino de História, ao se pautar pelo diálogo, pela problematização e pela (des/re)construção de discursos, narrativas e perspectivas naturalizadas, compromete-se com a elaboração de propostas e práticas educacionais distintas daquelas tradicionalmente adotadas. Tais propostas priorizam o respeito às diferenças, o enfrentamento das violências e a superação de tabus e preconceitos. Incorporar a educação para a sexualidade como dimensão conceitual e pedagógica do ensino de História permite evidenciar a transitoriedade das identidades, denunciar violências banalizadas e naturalizadas na sociedade, além de transgredir padrões, normas e regras sociais e culturais (Varela; Ribeiro, 2017). Essa perspectiva também favorece o exercício de uma prática voltada à liberdade e ao cuidado de si (Britzman, 1999).

Nesse contexto, o ambiente educacional se mostra fortemente marcado pelo cruzamento entre conhecimento científico, normas morais, diretrizes de políticas públicas, documentos educacionais e saberes das diferentes tradições culturais (Seffner, 2020). Logo, visando alternativas para acessar os temas tidos como sensíveis (Seffner; Penna, 2021), três categorias podem ajudar consideravelmente: caráter agonístico, *modus vivendi* e interseccionalidade.

De acordo com o professor Fernando Seffner (2020), abordar uma educação para a sexualidade no ensino de história exige explorar o caráter agonístico que as salas

de aulas precisam manifestar, no sentido de transformar a sala de aula em um lugar de entusiasmo e engajamento, por intermédio de um ambiente de debates, argumentação, intensidade de posições, envolvimento emocional com o tema, aceitando com isso o forte caráter contingente da discussão (Seffner, 2020). Ademais, o conceito de *modus vivendi* pode ajudar na abordagem dos temas sensíveis nas aulas de história. Para o professor Seffner (2020), a importância desse conceito consiste em assumir que as escolas são responsáveis pela alfabetização científica, pela educação para as relações sociais e pelos processos de socialização e sociabilidade, os quais auxiliam a construir os acordos entre indivíduos e grupos cujas opiniões diferem, o que é imprescindível para a efetivação da democracia (Seffner, 2020).

Por conseguinte, considerando os desafios e as possibilidades para se pensar uma aula de História com narrativas que contemplem vozes silenciadas e invisibilizadas e que aborde questões relacionadas às sexualidades – como diversidade sexual, violência de gênero, homo/lesbo/transfobia, direito das mulheres, pertencimento histórico –, que são pautas necessária dentro e fora das salas de aula, o terceiro conceito que nos auxilia é o de interseccionalidade, uma ferramenta teórica que nos permite pensar na articulação de várias categorias para entender um fenômeno discriminatório (Silva e Fernandes, 2020). Desse modo, uma aula de História que trabalha com o conceito de interseccionalidade “pode ocupar-se mostrando quando determinadas combinações produziram desigualdades, violências, preconceitos, discriminações, xenofobia, que implicaram vulnerabilidade social de sujeitos ou grupos sociais” (Seffner, 2021). Assim, um ensino de História aliado a uma educação para a sexualidade que trabalha com o conceito de interseccionalidade tem como proposta “compreender a diversidade de experiências, culturas, identidades que contribuem para uma humanização crítica e respeitosa na consciência de jovens impulsionados pelo sentimento de mudança e revolução social” (Silva e Fernandes, 2020).

Frente ao exposto, é importante considerar as dificuldades que muitas vezes são enfrentadas por professoras/es de História que se dispõem a planejar aulas que dialogam com uma educação para a sexualidade. Refletindo sobre essa realidade, o historiador Fernando Seffner (2021) sinaliza que:

No entorno das questões em gênero e sexualidade na História há um leque de temas que podem render boas aulas: história do corpo; história da virilidade; história e histórias das mulheres; história das reivindicações feministas desde a luta pelo direito ao voto e mesmo antes; história do casamento e do amor; história da sexualidade; história do amor romântico; histórias da vida privada; história da prostituição; [...] história das doenças sexualmente transmissíveis de antigamente, em especial a história da sífilis; história dos métodos de

evitação da gravidez, que tem registros desde o Egito Antigo; histórias das relações homoeróticas em diversas sociedades antigas, o que não se confunde com a homossexualidade atual; história do movimento homossexual no mundo e no Brasil com a criação dessa identidade; história da AIDS e seus impactos no cenário da sexualidade contemporânea; história dos travestismos (Seffner, 2021, p. 433).

Lamentavelmente, no presente, ainda é grande o número de docentes que não estão preparados, por não possuírem qualificação e sensibilidade suficientes, para lidar com as temáticas ligadas à sexualidade e diversidade sexual. Conseqüentemente, a discussão dessas temáticas, muitas vezes, é considerada secundária e nem todas/os as/os professoras/es julgam o tema relevante e, dessa forma, frequentemente o evitam. Logo, é fundamental que as/os professoras/es sejam incentivadas/os a refletir criticamente sobre suas próprias concepções de sexualidade e práticas sexuais, bem como a se mostrarem abertas/os às explorações e curiosidades das/os estudantes.

Para isso, é imprescindível que haja investimento na formação inicial e continuada de docentes, com o apoio das Secretarias de Educação e demais instâncias institucionais, a fim de promover o desenvolvimento de abordagens pedagógicas sensíveis, interdisciplinares e contextualizadas. Metodologias como projetos colaborativos, aulas-oficinas e espaços de troca entre educadoras/es podem contribuir para um ensino mais significativo, que dialogue com a realidade das/os estudantes e com o cuidado de si (Britzman, 1999). Nesse cenário, incorporar múltiplas formas de expressão social — como a escrita e a arte — ao ensino de História permite explorar as fissuras e insuficiências das categorias ligadas à sexualidade, favorecendo um ensino transgressor e tornando visíveis sexualidades historicamente deslegitimadas, frequentemente alvo de críticas e escândalos. Além disso, essa abordagem estimula estudantes pertencentes a grupos minorizados por gênero, sexualidade, raça e classe a narrar suas próprias histórias, promovendo a inclusão de vozes frequentemente silenciadas e invisibilizadas.

Em vista disso, no ensino de História podemos utilizar diferentes recursos, estratégias, linguagens e suportes que nos auxiliam e compõem a elaboração do plano de aula, a exemplo, os *fanzines* que se apresentam como construtores de discursos próprios sobre os mais diversos assuntos, assim como são materiais riquíssimos para análise de processos sociais e culturais. Como abordagem didática, o *fanzine*, utilizado em sala de aula como recurso metodológico, visa inverter a lógica tradicional de ensino-aprendizagem ao substituir a posição passiva do estudante, marcada pela recepção de conhecimentos, pela posição de estudante como protagonista de seu aprendizado (Gomes, 2022). Esses materiais atuam como uma ponte entre o conteúdo ensinado e as/os

estudantes, alcançando suas subjetividades no ambiente da sala de aula (Monteiro e de Oliveira Rovai, 2021, p. 224).

Desse modo, construir com as/os alunas/os narrativas de pessoas que não fazem parte da História Maior¹⁷ a partir dos *fanzines*, subvertendo o modo tradicional de ensinar História, implica em um ato de resistência, que busca redefinir “novas formas de produzir vida” (Nunes, 2021).

Perante o exposto, Vange Leonel (1963-2014) é figura central dessa pesquisa de mestrado, tendo em vista suas contribuições para a historicidade e construção narrativa das lesbianidades, assim como para a formação de referenciais lesbianos positivos¹⁸. Sendo assim, a produção escrita e a trajetória de vida da cantora, ativista e escritora Vange Leonel, atreladas ao ensino de história, possibilitam a produção de informações científicas sobre a realidade existencial das lesbianas¹⁹ e investiga e reflete sobre os sentidos atribuídos às lesbianidades, o que, para além de favorecer a produção teórica sobre a temática (Tomé e Pereira, 2023), contribui para a visibilidade da realidade lesbiana. Do mesmo modo, colabora para o desenvolvimento da qualidade de vida, o cuidado com a saúde física, mental e emocional e a criação de políticas públicas direcionadas às lesbianas.

Desse modo, um ensino de História significativo, que articule os saberes escolares às experiências, vivências sociais e contextos culturais dos sujeitos, pode contribuir para a reconstituição da historicidade de mulheres lésbicas e das lesbianidades. Além disso, pode incentivar as/os estudantes a reconhecerem e valorizarem suas próprias

¹⁷ O conceito de *História Maior* refere-se a uma narrativa historiográfica centrada na descrição de grandes estruturas e sistemas, que busca construir explicações abrangentes sobre uma época ou período específico. Trata-se de uma abordagem de longa duração, marcada por uma visão contínua e linear do tempo, que tende a excluir descontinuidades e alternativas históricas possíveis (Pereira, 2017, p. 104-105). Esse modelo tradicional privilegia eventos grandiosos, personagens de destaque e ações das elites, deixando à margem experiências cotidianas, sujeitos subalternizados e temporalidades diversas. Em contraposição, correntes historiográficas mais recentes — como a micro-história, os estudos culturais e a História vista de baixo — propõem ampliar o olhar histórico, valorizando as chamadas “Histórias Menores” e promovendo a inclusão de vozes silenciadas.

¹⁸ A expressão *referenciais lesbianos positivos* refere-se à presença de figuras, narrativas e representações que afirmam as existências lesbianas de forma digna, complexa e não estigmatizante. Esses referenciais contribuem para romper com estereótipos e silenciamentos históricos, oferecendo modelos identificatórios que valorizam as experiências afetivo-sexuais entre mulheres. No campo educacional, sua inserção está associada à promoção de uma educação plural e inclusiva, comprometida com os direitos humanos e a equidade de gênero e sexualidade. É nessa perspectiva que esta pesquisa compreende e adota o uso da expressão, buscando visibilizar trajetórias e discursos que contribuam para a construção de sentidos positivos sobre as lesbianidades.

¹⁹ Lésbica e lesbiana são palavras que dizem sobre os lugares que ocupamos na sociedade e no imaginário que partilhamos. A palavra lesbiana está diretamente relacionada ao conjunto complexo de significados, experiências, vivências e existência de mulheres lésbicas que, por vezes, não estão presas em uma categoria binária e que desejam explorar outras possibilidades. Portanto, a palavra lesbiana nessa pesquisa se apresenta como uma possibilidade de autodefinição e de pertencimento diante da norma estabelecida socialmente.

condições humanas com dignidade e orgulho. Dessa maneira, a história das lesbianidades precisar e deve ser contada, visto que oferece múltiplas perspectivas de autoconhecimento e de fontes teóricas para pensarmos em questões de gênero, sexualidade, feminismos, relações de poder, políticas públicas e aspectos sociais e culturais da sociedade.

Discutir sobre lesbianidades no ensino de história é abrir caminhos para mundos desconhecidos e para a história de mulheres invisibilizadas e silenciadas ao longo dos séculos. Isso porque, mesmo que o espaço destinado à história das lesbianidades tenha sido deixado no ostracismo pela História, os registros da existência lesbiana existem e “mostram as dobras de um mundo desconhecido, onde as mulheres exerciam sua sexualidade e desenvolviam sentimentos mútuos na rede patriarcal que limitava suas ações” (Navarro-Swain, 2004, p.18).

Portanto, o ensino de história aliado a uma educação para a sexualidade possibilita que as/os alunos conheçam outras formas de abordagem e narrativas históricas ao discutir a história das lesbianidades. Assim, reconstruir a historicidade das lesbianidades no ensino de história e contribuir para a construção de narrativas lesbianas representativas é uma ação transgressora e revolucionária.

1.2. HISTORICIDADE E CONSTRUÇÃO NARRATIVA DAS LESBIANIDADES

Os fatos relativos à vida particular de lésbicas que não foram nem indiciadas por crime nem objeto de estudo médico ou científico nunca foram postos no papel, já que esse amor não ousa deixar rastros. [...]sabemos um pouco da prática lésbica apenas através de notinhas nas páginas policiais dos jornais, geralmente referindo-se a prisões de mulheres que foram encontradas na rua vestidas de homem. Excetuando-se esses registros, quase mais nada há em termos de documentação sobre a prática lesbiana no Brasil até o início do séc. XX (Leonel, 2001, p.141).

A história tradicional tende a ser narrada a partir de uma perspectiva universal, masculina e heterossexual, e mesmo quando existe a inclusão das mulheres nas narrativas, elas ainda são universalizadas sem distinção de cor, classe, sexualidade e identidade de gênero (cis/trans) (Figueiredo, 2020). Assim, em regra, a ausência de indícios e registros sobre um número maior de relações lesboafetivas na história do Brasil nos demonstra que a existência lesbiana ao longo da história é marcada pelo silenciamento, pela punição e pela dor (Liebgott, 2021)

Desse modo, a história das lesbianidades é, na maioria das vezes, “clandestina, ignorada e marcada por invisibilidades, contradições e discordâncias entre as historiadoras que assumiram a tarefa de recuperar fragmentos que confirmem as relações amorosas e sexuais entre mulheres” (Soares e Costa, 2012, p. 25), realidade que

ocasiona sequelas históricas e historiográficas, bem como sociais e políticas (Oliveira, 2015), às lesbianidades.

Assim, a historiografia tradicional nos permite observar que aquelas/es que se reconhecem e identificam como homossexuais há muito passaram a ser categorizadas/os e nomeadas/os como desvio da norma. Por conseguinte, os indivíduos homossexuais foram considerados “atores secundários que desviavam, distorciam ou mesmo maculavam a história e a memória oficial da humanidade heterossexualmente orientada” (Silva, 2012, p. 80). Conforme argumenta Navarro-Swain (2004), a tradição tende a falar das lesbianidades como um desvio e uma aberração, de maneira que “cabemos indagar o que é esta tradição que faz da lésbica um ser oculto e obscuro, que lhe reserva um espaço de perversão e de desordem num mundo que se quer transparente” (Navarro-Swain, 2004, p.3).

No que tange às relações entre mulheres, criou-se, ao longo dos séculos, um clima de mistério e de silêncio ensurdecador e as lesbianidades desde sempre se mostraram invisíveis e pouco discutidas no decorrer da história (Oliveira et al., 2021), tendo em vista que “as relações sociais que escapam aos modelos concebidos são marginalizadas, esquecidas ou eliminadas da historiografia, que compõe a memória do vivido” (Navarro-Swain, 2004). Portanto, historicamente observamos que a sexualidade subversiva das mulheres lesbianas tende a ser marginalizada ou invisibilizada em contextos sociais machistas e heteronormativos. Essas circunstâncias possibilitam a perpetuação de discursos míticos ou realidades imaginárias sobre as lesbianas (Toledo, 2007), contribuindo para que as definições estigmatizantes sejam, por vezes, a marca da construção histórica desta categoria (Tomé e Pereira, 2023).

Conforme argumentam Wermuth e Canciani (2018), a identidade lesbiana é atravessada e sufocada pelas transformações sociais e pelos discursos dominantes, repletos de significações distorcidas, patológicas e/ou estereotipadas acerca das lesbianidades. Desse modo, a escassez de tratamento do tema na esfera educacional e social contribui para a manutenção desse cenário, assim como é um sintoma da invisibilidade lésbica cotidiana (Tomé e Pereira, 2023). Como consequência, por vezes é desafiador para a historiografia brasileira potencializar e historicizar as lesbianidades, considerando a documentação produzida, principalmente no que tange aos séculos XVI, XVII e XVIII – a respeito da homossexualidade feminina (Liebgott, 2021).

Nessa realidade, a opressão e a repressão de gênero difundida pela heteronormatividade, bem como a (in)visibilidade das lesbianidades produzem violências múltiplas e assédio dirigidos às lesbianas. Logo, o que podemos concluir sobre as

lesbianidades, ao longo do tempo, mediante esse contexto de poucos e distorcidos fragmentos sobre as relações entre mulheres? O que a história e a historiografia podem nos dizer sobre as lesbianas? Se os homens são de Marte e as mulheres de Vênus, de onde vêm as lesbianas? Ou melhor, como indagado por Navarro-Swain (2004):

onde se escondem as lésbicas, em que nichos de obscuridade e silêncio se pode encontrá-las? Se a História não fala das relações físicas e emocionais entre as mulheres é porque não existiram? Ou porque sua existência representa a desestabilização e o caos na ordem "natural" e "divina" da heterossexualidade dominada pelo masculino?" (Navarro-Swain, 2004, p.3).

Nesse contexto, é fundamental afirmar a visibilidade das existências históricas e garantir o direito à ancestralidade e à memória das mulheres que foram e ainda são relegadas pela história. A visibilidade representa um passo inicial na construção da historicidade, da memória, da cidadania e do acesso pleno aos direitos das mulheres lésbicas, especialmente considerando que, ao longo do tempo, diversos discursos foram produzidos para controlar, silenciar ou distorcer as lesbianidades e suas múltiplas formas de existência.

Notamos que, tradicionalmente, no que se refere ao chamado "mundo ocidental", no discurso religioso cristão, as lesbianidades são vistas como pecado por inviabilizar a lógica natural da procriação e da família. No discurso médico-científico, a existência lesbiana é diagnosticada como doença, passível de cura e tratamento. E, no jurídico, ela é criminalizada, pois leva a condutas perigosas, em que, supostamente, as lesbianas seriam capazes de matar e morrer por amor (Amorim, 2022). Dessa maneira, percebemos que a História constitui uma entre uma série de discursos a respeito do mundo, suscetível de construção e desconstrução de posições políticas, representações e perspectivas. Portanto, a História é uma maneira de ver o mundo (Lee, 2016), e as produções historiográficas e reflexões teóricas nos permitem perceber o passado não como uma sucessão de fatos escolhidos e ordenados num sentido teleológico (Neves, 2011), mas como um campo vasto de reflexão²⁰ (Alberti, 2013).

Consequentemente, conhecer outras formas de abordagem e narrativas históricas nos permite deixar de pensar no nosso universo mental como o único possível e reconhecer a possibilidade de outros mundos (Alberti, 2013). Isso ocorre porque o ensino de história pode transformar o modo como vemos as coisas – em escalas e

²⁰ É importante salientar a natureza transformativa da história porque, sem qualquer questionamento de que a história modifica nossa visão sobre o presente e o futuro, o conhecimento do passado é considerado como sendo o acúmulo de fatos ou histórias que estão necessariamente confinados a esse passado e, portanto, são irrelevantes para qualquer situação no presente (Lee, 2016, p. 130).

maneiras muito diferentes –, derrubando explicações e/ou sugerindo novas, uma vez que “mudanças nas explicações podem ter implicações para o entendimento de nossa identidade e até mesmo para o julgamento das feridas que carregamos do passado, bem como, em geral, para as nossas ideias de como as coisas acontecem” (Lee, 2016, p. 134-135).

No entanto, os modelos tradicionais de estruturação da história escolar, influenciados pelos efeitos da modernidade, do nacionalismo e do europeísmo, moldam e organizam a disciplina escolar, estabelecendo características que permanecem no tempo atual e, por vezes, impondo limitações a projetos de mudanças (Cerri, 2009). Esses projetos considerados inovadores nas formas de articular o ensino, que buscam abrir espaços para inéditas demandas historiográficas, políticas e cognitivas, esbarram em problemas da escola e da formação de professor(as)es. Entre esses problemas, os principais são “a discussão ainda aberta sobre que conhecimentos/conteúdos são essenciais e indispensáveis para a educação histórica, e quais os limites para a escolha ou descarte de conteúdos históricos” (Cerri, 2009, p.142).

Diante disso, é significativo refletir e questionar quais seriam os conteúdos essenciais à formação política mínima necessária para o exercício da cidadania, já que a História é múltipla e não se pode identificar um único fio condutor universalmente válido (Cerri, 2009). Ademais, como o conhecimento histórico atende às demandas e interesses das crianças e jovens? E como as/os indivíduos aprendem a remar contra a corrente das interpretações históricas armazenadas na cultura do seu tempo? (Schmidt, 2021). Naturalmente, para que o ensino de História seja significativo, ele não pode estar preso unicamente a um livro didático, considerando que a aprendizagem mais significativa produzida pelo ensino de História é fazer com que as/os alunas/os se capacitem a realizar reflexões de natureza histórica acerca de si e do mundo que as/os rodeia (Seffner, 2018).

Posto isso, observamos que nos documentos oficiais de educação, tais como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), existe um direcionamento para os estudos históricos voltados para a reflexão sobre a sociedade, para o respeito às diferenças e ao questionamento da realidade (Pereira e Silva; Ribeiro, 2022). Desse modo, é preciso inserir no ensino o diálogo e o respeito às diversidades e aos direitos humanos, uma vez que o ensino de História é, ou deveria ser, lugar de afirmação de princípios democráticos e de liberdade de expressão, no qual é possível contribuir para a compreensão da historicidade da vida social.

Nesse sentido, quando o conhecimento histórico expande o aparato conceitual das/os estudantes e assola as suposições sobre normalidade, ele permite que seja possível

compreender que nossa ideia sobre o que é ou pode se tornar qualquer conceito, noção ou realidade necessita diretamente do nosso conhecimento acerca do passado como referência, isso por que:

Sem o conhecimento histórico, as ideias das pessoas sobre o que é normal nas questões da humanidade tendem a ser limitadas ao aqui e ao agora. Em algumas áreas da vida humana (religião ou lei, por exemplo) as ideias dos adultos sobre o que é o normal alegam retornar ao passado distante, mas frequentemente esta normalidade é apenas a maneira de fazer algo no presente (Lee, 2016, p. 137).

Assim, com o passar dos anos, uma reviravolta no campo histórico possibilita que historiadoras/es e professoras/es possam abordar a temática dos excluídos e criar condições para o desenvolvimento da história das lesbianidades, analisando como surgem as lesbianas no discurso social e de que maneira elas aparecem na historiografia.

Historicamente, é a partir da segunda metade do século XIX que determinadas práticas afetivo-sexuais passaram a definir o tipo de sujeito que seria marcado e reconhecido sob a designação de homossexual, além de ser categorizado e nomeado como desvio da norma (Silva, 2012), de maneira que a homossexualidade surge fundamentalmente como uma temática eminentemente moral, oriunda da desonra, da vergonha, da proibição e da punição. Contudo, a sexualidade humana, muitas vezes, é marcada por uma fluidez que não se impõe devido aos inúmeros tabus socialmente construídos em nossa sociedade, cuja complacência é bastante oportunista e o reconhecimento da diversidade sexual, tal como das lesbianidades, é tolerado de maneiras diferentes de um contexto histórico para outro (Trevisan, 2018). Em vista disso, a multiplicação dos movimentos e das pesquisas sobre as lesbianidades tem, por efeito, tornar cada dia mais visível todos os tipos de práticas e de pessoas que, no mundo inteiro, contestam corajosamente a ordem sexual existente (Falquet, 2009).

Pontua-se que, por vezes, é nas entrelinhas e nos sentidos do silêncio que as lesbianidades são tematizadas e abordadas no ensino de História, considerando que a história das lesbianidades é, na maioria das vezes, marcada pelo apagamento de suas personagens e pela existência abjeta e indesejável ou idealizada por meio de ideias e práticas que buscam engessá-la em modelos mais atraentes ou, quem sabe, mais vendáveis (Lessa, 2011). Assim, as práticas de silenciamento, apagamento e invisibilidade relacionadas às lesbianidades são recorrentes, tendo em vista que grande parte da documentação sobre a existência e presença de mulheres lesbianas na sociedade resulta de discursos religiosos e médicos construídos ao longo dos séculos XIX e XX. Discursos que são fundamentalmente conservadores e preconceituosos, os quais tratam

essas sujeitas como criminosas, degeneradas, doentes e condenadas ou, por vezes, minimizam e negam seus desejos e prazeres sexuais. Sendo assim, acreditamos que a historiografia, os documentos e o ensino de história são importantes instrumentos para preservar a memória e constituir a historicidade, as narrativas e a cidadania das lesbianas.

Diante disso, a historiografia tem destacado a presença da lesbianidade entre mulheres brasileiras no período colonial por meio de documentos produzidos nos processos inquisitoriais conduzidos pelo Santo Ofício, instalado na Bahia e em Pernambuco. Nesses registros, mulheres “denominadas de nefandas” eram acusadas do crime de sodomia²¹ (Oliveira, 2015). Contudo, embora tais práticas fossem reconhecidas como pecaminosas ou criminosas, suas transgressões eram frequentemente minimizadas e consideradas inferiores em relação a outras formas de dissidência sexual.

A sociedade colonial não demonstrava interesse pelas relações afetivas e eróticas entre mulheres, em razão de serem consideradas como “meras brincadeiras pueris, ou como forma de manter a honra da virgindade e de evitar riscos de castidade, ou mesmo como atitudes para driblar a tirania dos pais” (Vainfas, 2010, p. 232), no caso de moças. Em relação às mulheres adultas, casadas e das classes mais altas, a justificativa para a existência dessas relações era a de compensação para as decepções com os casamentos e maridos violentos e indiferentes, ou por influências provenientes de leituras de livros que narravam o amor entre mulheres (Vainfas, 2010).

Vange Leonel, no texto ‘Natalie Barney, a Safo de Paris’²², faz referências à literatura homoerótica feminina ao citar Natalie Barney, escritora milionária que, durante as décadas de 1920 e 1930²³ – conhecidas como Os Loucos Anos, incentivou e financiou várias mulheres artistas, ficando conhecida como patrona dessas. Natalie escreveu vários poemas e pequenos livros lésbicos e feministas, glorificava Safo e as Amazonas, assim como:

[...] foi musa de inúmeros poemas e inspirou personagens em vários livros da época: ela é a heroína Evangeline Musset do *Ladies almanack*, de Djuna

²¹ A classificação do crime de sodomia relativa às mulheres com práticas afetivo-sexuais direcionadas a outras mulheres manifestava-se, para os teólogos, de maneira problemática. Essencialmente, a condição de sodomia implicava no ato da cópula anal e era necessário que existisse ejaculação. Portanto, somente através da penetração do pênis e da emissão de sêmen o ato sodomítico poderia ser concebido e condenado. Sendo assim, as mulheres não poderiam ser acusadas de sodomíticas (Oliveira, 2015). Dessa maneira, a Igreja classificava a relação entre homens como sodomia perfeita, já entre as mulheres configurava-se como sodomia imperfeita. Por efeito, as práticas afetivo-sexuais entre mulheres deixaram de ser tratadas como crime em 1646, passando a serem vistas apenas como pecado, ainda que mortal (Oliveira, 2015).

²² Leonel, Vange. *Grrrls – Garotas iradas*, 2001, p. 35-39.

²³ É importante destacar que a temporalidade mobilizada nesta parte do texto foi definida a partir dos escritos selecionados e analisados de Vange Leonel. Ao longo de diversas produções — reunidas no livro *Grrrls – Garotas iradas* (2001) e nas postagens do *Blog da Vange* (2005–2011) —, a autora aborda temáticas que dialogam com diferentes momentos da história, com ênfase especial no período colonial e no século XIX.

Barnes; é Valéria Seymour de *O poço da solidão*, de Radclyffe Hall; é Flossie, dos romances de Claudine, de sua amiga Colette; é Flossie também do polêmico *Idílio sáfico*, romance escrito na virada do século por sua amante, a cortesã mais famosa de Paris, Liane de Pougy; e é a Amazonas das cartas de Rémy de Gourmont (Leonel, 2001, p.36).

Consequentemente, todos esses livros constituem um registro de grandes histórias de amor e, graças a essa literatura, muitas jovens souberam da existência do amor entre mulheres (Leonel, 2001).

Posto isto, é significativo apontar o referencial heterossexual que parece ser uma sombra que acompanha as lesbianidades, que a legitima e reduz ao mero prazer masculino, no qual as representações e as imagens das lesbianas servem ao voyeurismo masculino (Lessa, 2011). Ou seja, a lésbica se torna pasto para o olhar masculino (Navarro-Swain, 2000), conforme nos conta Napolitano (2004):

Brântome, um comentador do final do século XVI das excentricidades sexuais dos cortesãos franceses, dizia que algumas mulheres preferiam umas às outras para não engravidar e não perder a honra ou a virgindade. Outras eram mulheres que usavam outras para não perder a arte de fazer amor com homens, porque esse exercício não passava de uma aprendizagem para alcançar o amor maior dos homens. E o que elas conseguiam de outras mulheres eram apenas estímulos para irem se satisfazer com homens. Diante disso, as relações sexuais entre mulheres poderiam ter apenas um objetivo, aprimorar e glorificar o sexo de verdade, isto é, o sexo com um homem. Essa é uma das razões pelas quais alguns homens daquela época podiam ignorar os atos sexuais entre mulheres sem correr riscos. Para muitos homens daquele tempo, a atração entre mulheres não deveria ser levada a sério (Napolitano, 2004, p. 9).

Para além do discurso religioso presente na sociedade colonial, mediante os processos e registros inquisitórios, a medicina, por meio de normas de condutas e comportamentos, também contribuiu e influenciou nas concepções e discursos sobre as lesbianidades desde o século XIX até a consolidação do período republicano brasileiro. As teorias médicas brasileiras e internacionais a respeito das lesbianidades eram permeadas por julgamentos de valor, condenação moral (Oliveira, 2015) e carregadas de normatização social que buscavam combater comportamentos desviantes e degenerativos femininos. Por diversas vezes, os discursos médicos para explicar as relações lesbianas se baseavam em fatores externos e suposições, tais como o desprezo da mulher pelo homem, o receio de gravidez, a influência de literatura moderna, os fatores climáticos tropicais, a ingestão de álcool, a menstruação desregulada, a menopausa, a miséria e uma suposta falta de religião (Napolitano, 2004).

Portanto, embora os discursos eclesiásticos e saberes médicos, pautados pela moralidade e norma, tenham contribuído para a condenação, o julgamento, a

inferiorização, o desprezo e o silenciamento das relações afetivo-sexuais entre mulheres, elas existiam e se manifestavam socialmente. Desse modo, a partir dos vestígios e registros desses discursos, foi possível que a historiografia brasileira revelasse a existência e reconstituísse as lesbianidades, mesmo que de forma limitada, fragmentada e com informações que carregam estigmas e generalizações fundamentadas na misoginia (Oliveira, 2015).

Por conseguinte, o esforço para se construir narrativas historiográficas que possibilitem a visibilização, reapropriação e novas interpretações das lesbianidades se faz fundamental para a memória, historicidade e existência lesbiana, bem como para o empoderamento de nossas vozes, proporcionando sentimentos de pertencimento histórico e construção de nossa cidadania, visto que, no tempo presente, muitos discursos que ignoram e silenciam as vontades e os desejos afetivo-sexuais de mulheres lesbianas se reatualizam no cotidiano e em espaços sociais diversos. Consequentemente, é essencial reavaliar discursos históricos e atentar-se para suas permanências e naturalizações na atualidade, conforme nos chama atenção Oliveira (2015):

O esforço de construção da temática lésbica enquanto objeto histórico no passado deve ser compreendido como uma ferramenta para o desdobramento da construção da cidadania na atualidade, na medida em que podemos desconstruir certezas históricas, questionar mitos e desnaturalizar discursos sobre a lesbianidade entre eles os que atribuem explicações distintas para justificar as relações homoafetivas entre mulheres, tornando-se quase lugar comum elencar fatores, como – pais dominadores, inveja do pai; mães submissas; insatisfação de mulheres por parte dos maridos ou companheiros; solidão; medo de não encontrar alguém para cuidar de si durante a velhice – as razões pelas quais levariam as mulheres a terem relacionamentos lésbicos (Oliveira, 2015, p. 16).

Decorrente dessa realidade, no tempo presente é grande a prevalência de aspectos discriminatórios, fetichistas e implicitamente excludentes nas relações que se estabelecem no interior das escolas públicas (Vervloet, 2020), assim como em outras instâncias sociais, dado o contexto histórico, social e cultural no qual as existências lesbianas se inserem²⁴. A história das mulheres e, consequentemente, da sexualidade feminina vêm sendo apagadas das narrativas historiográficas ao longo dos anos, por meio de uma “política de esquecimento”, pela qual se “esquece” daquilo que não interessa à moral e aos bons costumes dos valores dominantes da sociedade.

²⁴ Segundo Tania Navarro-swain (2004), as lesbianidades se mostram mais oprimidas e negadas pela sociedade do que a homossexualidade masculina, uma vez que a união, autonomia, solidariedade e afeto de mulheres para com outras mulheres promovem uma crise na estrutura heteronormativa da sociedade. Assim, a sexualidade feminina que não fosse para fins reprodutivos era negada, sendo ela homoafetiva ou não.

Como resultado, os estigmas e estereótipos socialmente construídos sobre as lesbianidades permitem que “verdades naturalizadas” sobre suas experiências e práticas se propaguem no imaginário social e sejam entendidas como fixas e imutáveis. Perpetuar tais narrativas sobre as lesbianas contribui para a fabricação de um sentimento de não pertencimento e identificação delas como sujeitas históricas e de exclusão social, dificultando-nos o acesso ao direito de sermos cidadãos e nos destinando a uma posição de vulnerabilidade, sofrimento físico e psíquico. Desse modo, essa realidade impacta diversos aspectos da vida afetivo-sexual, como os cuidados de si e com as outras, a construção de parcerias, a relação com o prazer, o amor, o trabalho, bem como vínculos estabelecidos na socialização primária — a família — e na socialização secundária — o campo social — (Toledo, 2008).

Ao longo dos anos, Vange Leonel (1963 - 2014) discutiu em seus textos sobre cidadania e o direito de amar e demonstrar socialmente o amor lesbiano, quando escreveu que: “*o doce apelo do amor proibido nunca deixará de existir. Assim como assegurar direitos iguais a todos, independentemente da orientação sexual, é deixar cada um livre para optar por fazer uso desses direitos ou não*” (Leonel, 2001, p. 42). Assim como, quando argumentou que “*a facilidade que o gay tem para esconder a orientação sexual da família no ambiente de trabalho e no espaço público faz com que exista uma falsa impressão de que é plenamente acolhido pela sociedade*” (p. 50). A autora estava refletindo enquanto mulher lésbica, que vivenciou as mazelas de uma existência marcada pela ausência de direitos básicos para o exercício da cidadania. Vange, a partir de sua escrita potente, denunciava a discriminação presente na sociedade que tantas vezes fez com que as lesbianas se sentissem cidadãs de segunda classe, com medo de expressar seus afetos socialmente.

À vista disso, como sintoma do que a história não diz, dos silêncios, do apagamento das vozes lesbianas e da impossibilidade de se pensar e conceber as lesbianidades, as mulheres-sujeito de suas ações e emoções na História são geralmente transformadas em mito, como destacado por Navarro-Swain (2000):

[...] a trama urdida pelos discursos históricos só retém o que as representações polarizadas de mulheres e homens permitem imaginar: assim, as mulheres guerreiras, amazonas brasileiras, gregas ou africanas, passaram ao domínio do ilusório. Fala-se de mulheres guerreiras que viviam em grupos, separadas dos homens, como se fossem lendas impossíveis e improváveis, relatos a respeito de seres monstruosos, ficção amedrontadora. Os antigos — Homero, Heródoto, Diodoro da Sicília, Plutarco, Estrabão — fizeram inúmeras referências às amazonas; os historiadores, porém, recortam o que é digno de ser levado em conta, o que é possível: “isto é verdade, isto é mito”. Alexandre, o Grande, encontra a rainha das amazonas, Thalestris: ele é história, ela é mito (Navarro-Swain, 2000, p.22).

Diante dessa realidade histórica, as lesbianas, enquanto mulheres que não se enquadram nas relações heterossexuais centradas no masculino, são relegadas ao plano do obscuro, do misterioso, do profano, do doentio ou mesmo são abstraídas no discurso social (Lessa, 2007). Consoante Braga (2019) “as práticas entre mulheres, os comportamentos, o erotismo, tem sido excluídas da história ou cuidadosamente ocultadas e dessa existência somente temos rastros, pedaços, fragmentos extremamente frágeis do ponto de vista da ciência” (p. 78). No entanto, mesmo escondendo as coisas que não se quer que o mundo veja, elas continuam existindo. É como varrer poeira para debaixo do tapete, embora ninguém na sala perceba, ainda está lá (Leonel, 2001).

Assim, romper os silêncios, dar voz à presença, atuação e autorrepresentação das lesbianas e buscar ferramentas e mecanismos para superar os desafios de visibilizar e potencializar as lesbianidades que historicamente têm sido silenciadas, negadas e/ou banalizadas é essencial e um dos objetivos desta pesquisa, dado que as lesbianidades ainda ocupam um lugar marginal na produção histórica (Pedro e Veras, 2014).

No Brasil, as reflexões produzidas por pensadoras lesbianas, independente do espaço geopolítico que ocupam no processo de produção do conhecimento, são periféricas, pouco conhecidas e negadas pelo androcentrismo²⁵ da ciência (Silva e Araujo, 2021). Essa dinâmica apaga sistematicamente o pensamento e o conhecimento produzido pelas lesbianas – epistemicídio – e se constitui como uma estratégia potente de manutenção da heterossexualidade compulsória (Rich, 2010). Logo, leva-se a um apagamento, o qual se transforma em um ato de violência masculina contra as mulheres, em função do seu gênero, e as lésbicas, em função tanto do gênero quanto da sexualidade – violências correlatas – (Rich, 2010; Silva e Araujo, 2021).

Diante disso, incluir o pensamento lésbico e as narrativas lesbianas no ensino de História permite aos estudantes acessar outras formas de produção de conhecimento, reconhecer vozes silenciadas e valorizar corporalidades dissidentes e epistemologias marginalizadas. O pensamento lésbico, em diferentes tempos e espaços, questiona a invisibilidade das existências lésbicas nos processos formais de produção e difusão do saber, especialmente nos ambientes educacionais (Silva e Araujo, 2021). Além disso,

²⁵ Para contextualizar o conceito de androcentrismo Braga (2019) recorre “à visão de Monserrat Moreno (1999) que o concebe como modo de pensar o humano no qual os homens estão no centro do universo, único observador consciente, válido de tudo que se passa em nosso mundo, dotado de capacidade superior para criar e impor as leis, garantir a justiça e governar, ao passo, que as mulheres são um coletivo percebido como acessório, coadjuvante de todos os fatos, descobertas, mudanças, por exemplo, no campo da ciência” (p. 82). A autora também chama atenção para o fato de que o conceito também se aplica a partir de outro prisma, “o do discurso de que o sexo só é concebido como tal quando há a presença do homem, o que implica que as práticas entre mulheres nunca serão suficientes do ponto de vista do prazer e da realização pessoal, daí o maior questionamento da lesbianidade, por exemplo” (p. 85).

refletir criticamente sobre o lugar que as mulheres lésbicas ocupam na sociedade, bem como sobre o reconhecimento de suas produções como saber legítimo nas salas de aula, contribui para ampliar a circulação de informações sobre as lesbianidades e fortalece o enfrentamento à lesbofobia.²⁶

Perante essa realidade, historicizar e construir narrativas sobre as lesbianidades no ensino de história pode ajudar a modificar e reverter a invisibilidade e marginalização das existências lesbianas, dado que a escrita é uma potente ferramenta de resistência e de rasura do sistema (Souza, 2018). De acordo com Leíner Hoki (2021), investigar os rastros do passado lésbico e construir narrativas potentes sobre a história das lesbianidades surge da necessidade de narrar histórias que são “proibidas” e exige coragem, consistência e paciência.

Dessa maneira, contar nossa história lésbica, a partir das artes, da poesia, da música, da ficção e das imagens, é estratégico para burlar a proibição da História maiúscula (Hoki, 2021). Assim, a produção discursiva de Vange Leonel entre os anos de 1997 e 2011 sobre as lesbianidades, existências e vivências lesbianas, feminismo, ativismo lésbico, sexismo, discriminação, direitos e cidadania ganham contornos pedagógicos no ensino de história alinhado aos princípios democráticos, à liberdade de expressão, de pensamentos e de respeito às diferenças. Sendo assim, pensar em aulas de história que possibilitem o diálogo, a reflexão e as narrativas históricas plurais contribui para que as/os alunas/os possam conhecer a si mesmos e aos outros, assim compreendendo melhor a sociedade em que vivemos (Seffner, 2018). Pontua-se que isso somente é possível mediante um ensino significativo que promova o respeito à existência humana.

1.3 MOVIMENTO LÉSBICO BRASILEIRO: ATIVISMO, FEMINISMOS E CIDADANIA

Há inúmeras versões da história do movimento de lésbicas no Brasil. Essas muitas versões se dão pelas diferentes perspectivas que diversas ativistas, muitas ainda em atividade, têm sobre os fatos e suas ações. [...] o que talvez se deva à mistura de amores e desamores, política e ativismo, que, ao longo de sua construção histórica, tem marcado o movimento com rupturas políticas que levaram a rupturas amorosas e rupturas amorosas que levaram a rupturas políticas (Bacci, 2016, p. 39).

²⁶ “[...] embora se centre externamente sobre “os modais” e a aparência, a lesbofobia defende interesses econômicos masculinos muito concretos no marco da divisão sexual patriarcal do trabalho. Serve por exemplo contra todas as mulheres, que, independentemente de suas práticas sexuais, aspiram ter acesso próprio aos meios de produção ou a exercer profissões “masculinas” (ou seja: melhor remuneradas ou que levem a ter poder), e que podem ser acusadas em qualquer momento de ser lésbicas e assim condenadas a um verdadeiro ostracismo social” (Falquet, 2013, p.14-15).

Conforme destacado anteriormente, embora as lesbianidades com o passar das últimas décadas tenham ganhado mais visibilidade do que em qualquer outro período histórico conhecido (Toledo, 2008), sabemos que, durante muito tempo, essa visibilidade foi discutida anexa à homossexualidade masculina, resultando no apagamento da existência lesbiana no âmbito acadêmico e na sua desvalorização e invisibilidade no campo social e cultural. Nesse sentido, quando as ativistas e militantes lésbicas se organizam independentemente do movimento homossexual composto majoritariamente por homens, elas passam a afirmar a necessidade de dar voz às suas especificidades (Selem, 2007), considerando que, historicamente, as lesbianas foram privadas da existência política por conta de uma suposta inclusão como versões femininas da homossexualidade masculina, o que encobriu a realidade feminina mais uma vez.

Desse modo, decorrente do surgimento de movimentos de resistência e luta por direitos, respeito e igualdade em diversas partes do mundo influenciados, em grande parte, pelo feminismo, a luta das mulheres lesbianas contra a invisibilidade, a opressão, a patologização das sexualidades não legitimadas e pela formação da identidade pessoal, social e sexual inicia-se (Oliveira et al., 2021), e as teorias sobre as lesbianidades acabam se manifestando e desenvolvendo nas margens das teorias feministas sobre a sexualidade. Consequentemente, a relação entre o feminismo e as lesbianidades historicamente tem sido marcada por tensões localizadas no campo epistêmico e no político (Soares e Costa, 2012), visto que a lesbianidade como teorização e prática política, ao longo dos anos, vem tecendo críticas ao heterofeminismo por sua falta de reflexão sobre a questão da heterossexualidade.

Diante desse contexto, a ação intelectual e militante das lesbianas se constitui na organização política e na luta feminista, buscando reconhecimento e visibilidade, bem como soluções coletivas para reverter a estigmatização e vulnerabilidade em que se encontram as lesbianas. De modo que “percebemos a luta dos movimentos de lésbicas e o pensamento lésbico como dispositivos que geram consciência política da injustiça e da discriminação que nos atinge como lésbicas e que nos exclui da condição de cidadãs” (Silva e Araujo, 2021, p. 11). Nesse cenário, o processo político de busca de reconhecimento tem como foco a bandeira da visibilidade, com a qual as militantes opõem suas vivências e autorrepresentações aos discursos de verdade e rejeitam o controle dos corpos e desejos dos indivíduos (Selem, 2007).

Como efeito dessa política de visibilidade, um dos desafios que surgem é o de possibilitar que a sociedade reconheça a existência de outras formas possíveis de organizar a vida e os sentimentos, permitindo a existência lesbiana em diferentes

contextos, confrontando assim a política do silêncio e da invisibilidade (Silva e Araujo, 2021). Logo, as lesbianas potencializam o debate da escrita da história, questionando o silenciamento das mulheres na historiografia e trazendo o recorte da sexualidade/afetividade para o cenário político (Selem, 2007).

Assim, é em um contexto de amplas mobilizações sociais e políticas de reorganização das esquerdas e emergência dos novos movimentos sociais que o Grupo Lésbico Feminista (LF/1979 -1981) e, posteriormente, o Grupo Ação Lésbica Feminista – GALF (1981 -1989) se formou (Kumpera, 2021). O Grupo Lésbico Feminista (LF) se tornou “o pioneiro no tratamento da questão homossexual, dentro do Movimento Feminista, e da questão da mulher, dentro do Movimento Homossexual” (Bacci, 2016, p. 61). Todavia, o movimento lésbico é marcado por rupturas entre a opção de aproximar a agenda lesbiana do movimento feminista e a de continuar atrelada à agenda do movimento homossexual. Como resultado, as lesbianas começaram a entender que precisavam de visibilidade e de autonomia, bem como preservar e defender suas especificidades. Assim sendo, passam a buscar e encontrar certo apoio em meios feministas heterossexuais, embora essas aproximações, desde sempre, não tenham sido amistosas e duradouras.

Historicamente, podemos observar que, nos movimentos feministas brasileiros, houve intensas resistências à inserção de questões e demandas voltadas às lesbianidades em sua produção teórica e agenda política, persistindo a lacuna de crítica à heteronormatividade como elemento fundamental na constituição das relações de gênero (Soares e Costa, 2012). Em regra, as lesbianidades não foram entendidas e muito menos defendidas como prioridade pelos movimentos feministas, e muitas estudiosas do campo analisam que as lesbianas se apresentavam como um tipo de ameaça para as feministas heterossexuais, mesmo que estivessem no campo da discussão da sexualidade fundante para o feminismo e lutassem também pelas causas clássicas da agenda heterossexual, como contracepção e aborto (Soares e Costa, 2012; Falquet, 2013).

Ao longo das décadas em que o movimento feminista se desenvolvia e consolidava, as lesbianas foram entendidas como uma espécie de contaminação da imagem feminista, uma vez que arruinavam a categoria mulher (Swain, 2004; Soares e Sardenberg, 2011). Conforme destacado por Soares e Costa (2012), havia o evidente receio de que, ao tratar de questões ligadas às lesbianidades, as feministas pudessem ser “confundidas” com lésbicas. Dessa forma, para muitas feministas heterossexuais, as lesbianas eram consideradas uma ameaça violenta ao feminismo, pois se apresentavam como uma tentativa de rachá-lo.

Contudo, embora os dilemas e as reivindicações relacionadas às lesbianidades não tenham adquirido centralidade nos feminismos, isso não significa que as lesbianas não contribuam para o movimento feminista, uma vez que muitas dessas mulheres realizaram oficinas e reuniões promovendo visibilidade, demarcando sua existência e presença nos encontros feministas sem pedir licença para entrar (Soares e Costa, 2012). Por conseguinte, as lesbianidades sinalizam às feministas heterossexuais questões referentes à lesbofobia, heterossexualidade compulsória, discriminação social e heteronormatividade, que apresentam ameaças contínuas às lesbianas.

Perante o exposto, é possível compreender que o movimento lésbico e a lesbianidade como teorização e prática política são resultantes das discussões que atravessam o feminismo (França, 2021). Assim, o campo feminista é historicamente marcado pela existência de mulheres lésbicas, bissexuais e com vivências afetivas sexuais entre mulheres. Logo, compreendemos que o pensamento lésbico fornece importantes contribuições para os movimentos sociais, pois, de acordo com Falquet (2009), as teorias lésbicas questionam os movimentos sociais sobre seus limites, suas práticas cotidianas em relação aos objetivos políticos no domínio da sexualidade, da família, da divisão sexual do trabalho ou da definição dos papéis masculinos e femininos. Do mesmo modo, muitas vezes pautam a inseparabilidade das opressões racista, patriarcal, capitalista e heterossexual, formando a noção de luta interseccional e a inversão completa da perspectiva naturalista do senso comum sobre a sexualidade, os gêneros e, sobretudo, os sexos.

À medida que o movimento lésbico brasileiro vai se desenvolvendo, iniciam-se inúmeras atividades de socialização nos espaços de convívio das lesbianas. As ativistas passam a aplicar questionários junto às frequentadoras sobre reprodução de papéis sexuais nas relações entre mulheres (Martinho, 2019), visando problematizar e questionar a heteronormatividade presente na sociedade. No I Encontro Brasileiro de Grupos Homossexuais Organizados (I EBHO), realizado em 1980, o LF expõe e debate duas questões importantes: “a do machismo e do paternalismo gay no trato com as mulheres e a da importância da formação de subgrupos só de mulheres dentro dos grupos mistos de gays e lésbicas” (Martinho, 2019, p. 6).

Em meio às transformações advindas do processo de redemocratização a partir de 1985, com o debate político nacional voltado para a elaboração da nova Constituição²⁷ que regeria o país, o GALF se agarrou às oportunidades que pouco a pouco

²⁷ “Os debates a respeito da Constituinte extrapolaram as galerias do Congresso Nacional, ocupando as universidades, os jornais, as televisões, as comunidades de base e os movimentos sociais, de modo que Antônio Sérgio Rocha definiu o que o país viveu durante o período como uma “situação constituinte”, dada

se abriam para promover a visibilidade política das lesbianas (Kumpera, 2021). Como efeito, o GALF destinou espaços para debater questões relacionadas à participação política e à Constituinte e, por meio do boletim ChanacomChana (dez. 1985/fev. 1986), foi publicado o artigo “A homossexualidade na Constituição”, o qual convidava as lésbicas a se engajarem politicamente e analisava o desdobramento dos acontecimentos políticos do período. Nesse contexto, evidencia-se que o GALF teve uma participação ativa nos debates sobre a Constituinte, promovendo críticas à falta de representatividade dos movimentos sociais no processo, considerando que a participação desses seria uma possibilidade de discutir com os amplos setores da sociedade.

Consequentemente, nos anos 1990, emerge um número crescente de organizações voltadas à defesa dos direitos (e práticas) daqueles/as cuja sexualidade não se dava nos moldes heteronormativos (Maia, 2018), bem como aparecem, na agenda política brasileira, as primeiras articulações e referências a políticas públicas, as quais atualmente se configuram como ações afirmativas. Sobre elas, o objetivo seria a redução das desigualdades de gênero, o combate ao racismo e à discriminação, envolvendo outros recortes populacionais, a exemplo da comunidade homossexual²⁸ (Facchini, 2009).

Desse modo, a década de 1990 constrói um cenário diferente e significativo para o ativismo lésbico, em medida que surgem novas e diversas formas de atuação, sejam elas em grupos independentes, em redes, articulações ou partidos políticos (Soares e Costa, 2012). Logo, a partir dessa década, a atuação lésbica, cada vez mais organizada a partir do modelo de organização não governamental (ONG) (Facchini, 2005), proporcionou aos grupos de mulheres lésbicas conquistar maior visibilidade e a organização e articulação política gradativamente vai se institucionalizando.

Neste contexto, o I Seminário Nacional de Lésbicas (SENALE), realizado em 1996, sob a organização do Coletivo de Lésbicas do Rio de Janeiro (COLERJ)²⁹, uma

a extensão da mobilização de forças políticas e sociais em torno dos encaminhamentos da ANC” (Kumpera, 2021, p. 137).

²⁸ “O primeiro documento oficial do Brasil a reconhecer publicamente homossexuais no campo da promoção dos direitos humanos é o Plano Nacional de Direitos Humanos (PNDH), elaborado em 1996. Com a criação do Conselho Nacional de Combate à Discriminação (CNCD), em 2001, e a elaboração do PNDH II, em 2002, são incluídas algumas ações direcionadas a LGBT. A partir de 2003, a articulação entre LGBT e direitos humanos ganha novo impulso: 1) com a criação da Secretaria Especial de Direitos Humanos (SEDH), que passa a ter status de ministério e incorpora o CNCD, como instância de participação e controle social; e 2) com a designação de um grupo de trabalho para elaborar um plano de combate à homofobia, que deu origem ao “Brasil Sem Homofobia – Programa de Combate à Violência e à Discriminação contra GLTB e de Promoção da Cidadania Homossexual” em seu formato interministerial (Daniliauskas, 2009)” (Facchini, 2009, p. 136).

²⁹ Fundado em 1995, o Coletivo de Lésbicas do Rio de Janeiro (COLERJ) tem como compromisso político a construção de uma sociedade multicultural, antirracista e não-homofóbica cujo principal diretriz de trabalho é a orientação sexual das mulheres, com foco nas lésbicas negras, bem como os direitos sexuais e reprodutivos e o enfrentamento ao DST/Aids. Conforme destacado por Exaltação (2018): “é uma instituição comprometida com a diversidade humana, com a promoção e a garantia de políticas públicas que assegurem

instituição dirigida e protagonizado por lésbicas feministas negras (Exaltação, 2018), foi essencial para atribuir e fomentar o status social e político à lesbianidade. O evento se consolidou como um espaço construído por e para lésbicas (Soares e Costa, 2012), em que o intuito era proporcionar visibilidade e fortalecer a organização política desse grupo no Brasil³⁰, debatendo temas de interesse como sexualidade, saúde, gênero, combate à violência, diversidade, entre outros (Soares e Costa, 2012).

Portanto, historicamente, o período pós-redemocratização pode ser entendido como um momento de progressiva construção da legitimidade das temáticas LGBT, com importantes contribuições do movimento lésbico brasileiro, que inseria continuamente as lésbicas nos discursos de reivindicações das políticas públicas em diferentes esferas (Selem, 2007). Demonstrando esse avanço, em 1996, o Programa Nacional de DST/Aids criou o Grupo Matricial, cujo intuito era discutir a saúde das lésbicas, firmando-se como “um marco para a produção dos primeiros encontros do movimento, materiais educativos, capacitações de lideranças e realização de pesquisas” (Bacci, 2016, p. 36), visto que, mediante o apoio e as contribuições do Programa Nacional de DST/Aids (PN-DST/Aids), emergiu o Seminário Nacional de Lésbicas (SENALE), entendido como propulsor para o aparecimento e fortalecimento de lideranças nacionais atreladas ao tema.

Mais tarde, no ano de 2002, a partir da criação da Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres (SPM) e do processo de construção do Plano Nacional de Políticas para as Mulheres (PNPM), ocorre a incorporação formal de algumas demandas relacionadas às mulheres lésbicas e bissexuais, no que concerne à saúde, à educação e ao combate à discriminação (Bacci, 2016). Para além disso, relativo ao Programa Brasil sem Homofobia (2004), foram propostas ações com efeito sobre questões referentes às mulheres lésbicas e bissexuais, como demonstra Bacci (2016):

a realização de campanhas e implementação de centros de referência para o combate à homofobia; ações específicas para propiciar a inserção adequada das mulheres lésbicas no interior de políticas e equipamentos públicos de combate à violência contra a mulher, como as Delegacias Especializadas; promoção da atenção especial à saúde da mulher lésbica em todas as fases da vida, inclusive por meio da capacitação de profissionais de saúde; e formalização de espaços de interlocução entre o Ministério da Saúde e o movimento, como o Comitê Técnico Saúde da População de Gays, Lésbicas, Transgêneros e Bissexuais (Bacci, 2016, p. 37).

que todas as pessoas sejam tratadas igualmente, independentemente da cor, raça, nacionalidade, condição social, crença política ou religiosa, habilidade física e orientação sexual” (Exaltação, 2018, p.117).

³⁰ O Dia da Visibilidade Lésbica, (29 de agosto) surge a partir da data de início do I SENALE, quando cerca de 100 mulheres lésbicas (Soares e Costa, 2012) se reuniram visando a visibilidade enquanto estratégia política (Maia, 2018) e consideraram este dia como uma data de grande relevância histórica para as lésbicas no Brasil (Exaltação, 2018).

Ainda no ano de 2004, foi instituído, pela Área Técnica da Saúde da Mulher (ATSM) do Ministério da Saúde, um grupo de trabalho sobre a saúde da mulher lesbiana. O grupo contou com a participação de várias militantes do movimento lésbico, que apresentaram significativas demandas, sobretudo no que compete à prevenção de doenças e à saúde mental. Entre essas demandas, Bacci (2016) destaca:

- i) prevenção ao uso e abuso de drogas lícitas e ilícitas; ii) prevenção e tratamento à obesidade mórbida; iii) sensibilização com o Programa de Saúde da Família (PSF), para reconhecer o casal como família; iv) prevenção e tratamento para DST; v) prevenção e tratamento de câncer, especialmente de colo de útero e de mama; vi) presença da companheira no parto; e vii) prevenção e combate à violência entre casais de mulheres (Bacci, 2016, p. 37).

Em atenção a Bacci (2016), observamos que a articulação entre a Área Técnica de Saúde da Mulher, o Programa Nacional de Hepatites Virais e o Programa Nacional de DST/Aids reanimou o contato do movimento lésbico com o Ministério da Saúde no final de 2005. Assim, a aproximação do Movimento Lésbico com o Ministério da Saúde contribuiu para a origem do Projeto ‘Chegou a Hora de Cuidar da Saúde’, no qual se discutiu a respeito da “ampliação do acesso de lésbicas, bissexuais e outras mulheres que fazem sexo com mulheres, especialmente as de baixa renda e pouco acesso à informação, aos serviços de saúde” (Bacci, 2016, p. 37).

Diante disso, é oportuno destacar que as contribuições das lesbianas na formulação e execução das políticas públicas representam um significativo esforço para a superação das representações das mulheres com foco exclusivo na maternidade ou nos hormônios isoladamente do contexto social e individual de cada ser humano, dado que o sistema de saúde sexual, por vezes, é pautado em preconceitos que circundam as afetividades, materialidades corporais e sexualidades diferentes da heterossexualidade.

Portanto, a ação das militantes lesbianas pelo reconhecimento da diversidade na formulação de políticas “possibilita outras noções de materialidade corporal, afetividade, sexualidade e família, onde a relação heterossexual é narrada menos como uma evidência e mais como uma nuance que compõe subjetivamente os indivíduos” (Selem, 2007, p. 140).

Em face do exposto, considerando que as lesbianas representam um segmento quase invisível no país, acreditamos que o movimento lésbico potencializa o discurso sobre o desejo, o prazer sexual, a visibilidade e o direito à existência lésbica e à subversão da heterossexualidade obrigatória tornada heteronorma (Fernandes, 2018). Logo, esse é um movimento que precisa ser retomado, reforçado e reconhecido, tendo em vista que conscientiza e luta contra a invisibilidade, a repressão, bem como combate a dupla

discriminação sofrida por ser mulher e lésbica (Fernandes, 2018). Desse modo, julgamos ser “imprescindível para o movimento lésbico constituir-se como movimento social específico em relação aos movimentos homossexual e feminista, procurando manter laços com esses grupos, sem, entretanto, permitir que as alianças diluam prioridades das mulheres lésbicas” (Soares e Costa, 2012, p.38), visto que:

A resistência à lesbianidade extrapola o feminismo como epistemologia e prática política, estando presente em outros campos teóricos e movimentos sociais, demonstrando a dimensão do preconceito e a resistência em incorporar a crítica à homofobia e à lesbofobia como parte de um projeto societário que busca a equidade social, a liberdade e a promoção dos direitos humanos (Soares; Sardenberg, 2011, p. 15).

Diante dessa realidade, a lesbianidade, como movimento social e político, apresenta-se ativamente engajada na luta árdua e continua contra a opressão racista, sexual, heterossexual e de classe (Falquet, 2009), e as ativistas e militantes do movimento lésbico seguem em busca de mudanças na nossa sociedade. Uma das estratégias do movimento para que existam transformações direcionadas às lesbianidades está na naturalização e na quebra do estranhamento das relações afetivo-sexuais entre mulheres e a busca pela aceitação social do múltiplo nas relações humanas.

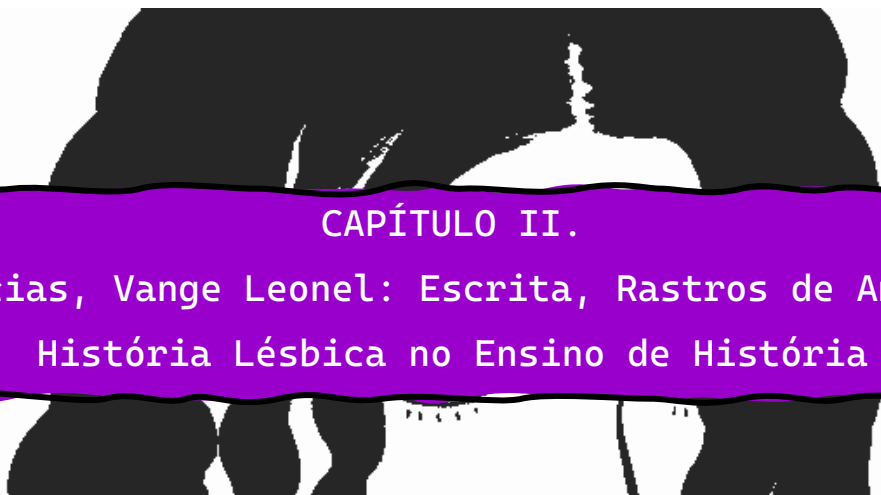
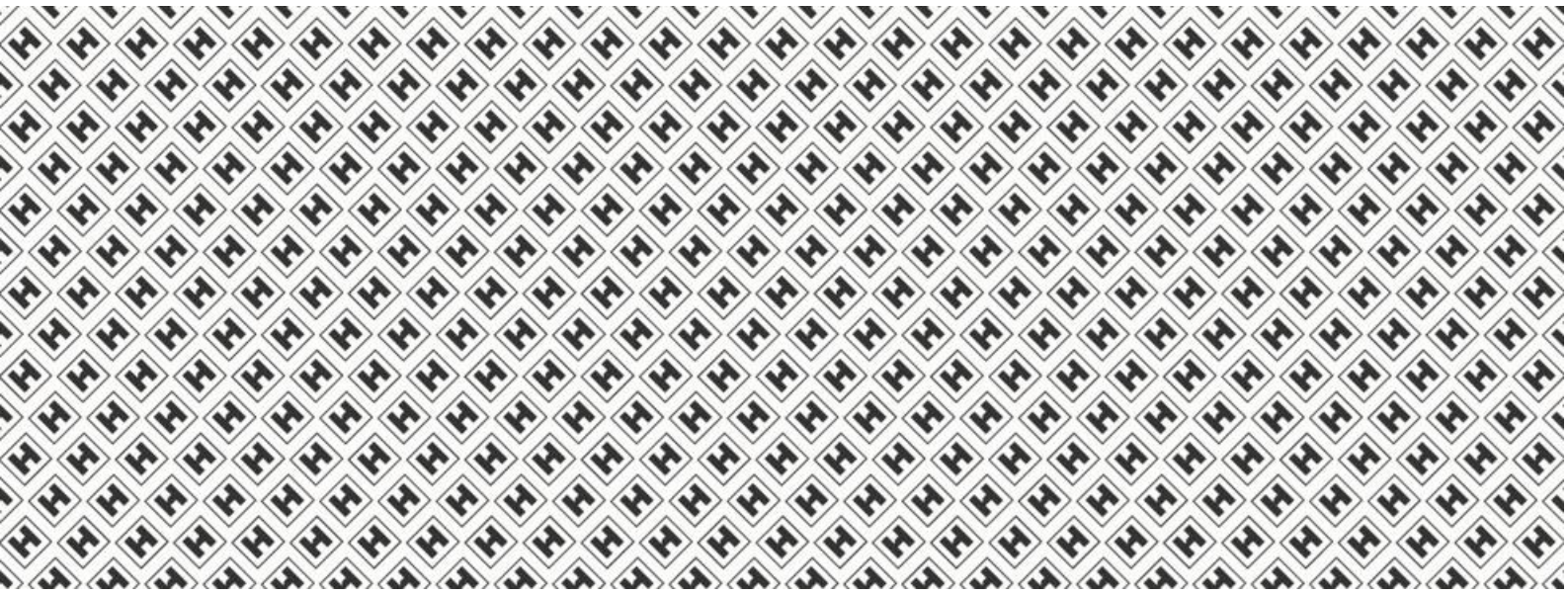
Esse contexto demonstra a importância da escritora lésbica Vange Leonel (1963-2014) que, desde os 16 anos, escrevia publicamente sobre suas vivências, demarcando a sua existência e a de suas iguais, assim como contribuindo para a construção de narrativas sobre as lesbianidades e referenciais lesbianos positivos. Desde muito nova, Vange Leonel participou do movimento lésbico brasileiro, muitos poemas de sua autoria podem ser encontrados no boletim de publicações lésbico-feministas ChanacomChana (1981-1989), tendo em vista que a cantora participou do grupo Lésbico-Feminista (LF, 1979-1981) e Grupo de Ação Lésbico Feminista (GALF, 1981-1989).

Nos anos de 1990, Vange foi, sobretudo, ativista lésbico feminista, reconhecida pela atuação significativa como colunista em revistas, como a *Sui Generis* (1997-2000) e a *Revista Folha* (2001-2010), escrevendo sobre vivências lesbianas. Assim, por intermédio da escrita, Leonel abordava outras possibilidades para o feminino, ao dar visibilidade às lesbianidades e ao potencializar o cotidiano lesbiano mediante referenciais positivos.

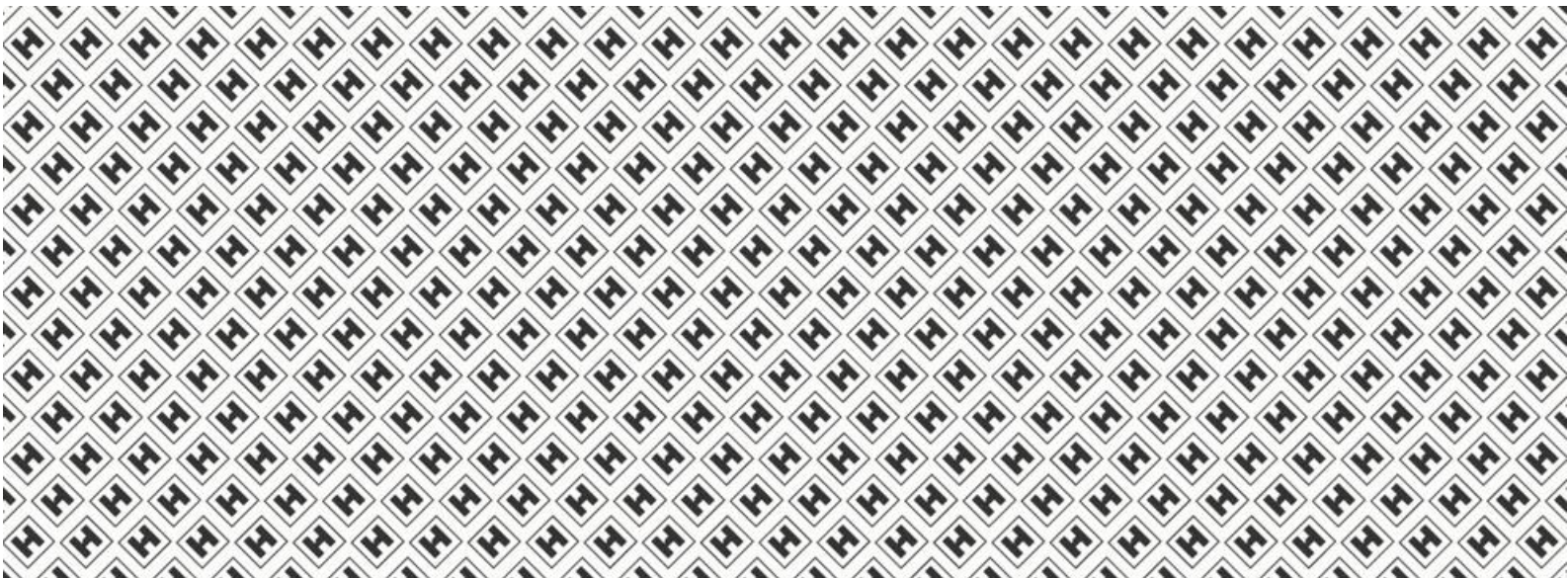
Vange utilizou de variadas estratégias narrativas para investir e tornar visíveis pautas a respeito das lesbianidades e sexualidade ao longo das décadas de 1990, 2000 e 2010. De modo que a potência da escrita de Vange Leonel se manifesta por meio do impacto que suas palavras possuem na construção de narrativas autoafirmativas e

positivas sobre as existências lesbianas. A visibilidade que Leonel buscava era cheia de representações da realidade vivenciada pelas lésbicas, em uma sociedade em que o machismo, o sexismo e a heteronormatividade permeiam. Assim, ao escrever sobre relacionamentos protagonizados por duas mulheres, Vange, por intermédio de suas palavras, desencadeia um processo de materialização das existências lesbianas e de mudanças substanciais de paradigmas que escapam do modelo heteronormativo.

Ao longo da discussão, evidenciou-se a importância de uma educação para a sexualidade que ultrapasse a lógica preventiva e biomédica, valorizando abordagens que considerem os marcadores sociais da diferença — como gênero, sexualidade, raça e classe — na constituição das experiências históricas. Refletiu-se, ainda, sobre a escrita como um dos primeiros caminhos de acesso de muitas mulheres aos espaços públicos, especialmente para aquelas que, como as mulheres lésbicas, vivenciaram múltiplas formas de exclusão. A produção cultural e política de Vange Leonel foi destacada como um legado potente para pensar o ensino de História comprometido com a pluralidade de vozes, a desconstrução da heteronormatividade e a valorização das existências dissidentes. Ao lançar luz sobre essas trajetórias e práticas, o capítulo propôs caminhos para que a História escolar inclua memórias silenciadas e reconheça, nas vivências lésbicas, possibilidades legítimas de produção de conhecimento, de luta e de reinvenção do mundo.



CAPÍTULO II.
Gracias, Vange Leonel: Escrita, Rastros de Amor e
História Lésbica no Ensino de História



CAPÍTULO 2. GRACIAS, VANGE LEONEL: ESCRITA, RASTROS DE AMOR E HISTÓRIA LÉSBICA NO ENSINO DE HISTÓRIA.

Segundo Pereira (2017), a História ensinada nas salas de aula e apresentada nos livros didáticos pode ser lida a partir de duas formas narrativas distintas, que ele denomina de história maior e história menor. A primeira forma de narrativa é tida como a história dos vencedores e, tudo aquilo que não se encaixa e acompanha essa narrativa, parece não ter corpo, passado e nem memória, conforme destacado por Pereira (2017):

Os efeitos de uma história maior são muitos e diversos. Além de constituir uma impossibilidade de memória e história para povos e grupos não brancos e não europeus, excluem do quadro da sala de aula também as histórias fragmentadas da vida prática, do corpo, dos vencidos, das lutas diárias e de uma gama de movimentos que não são classificados como História e que não aparecem no computo de uma grande memória (Pereira, 2017, p. 108).

Diante disso, acreditamos que a opção pela História menor é uma forma de resistência, visto a impossibilidade de memória e de história aos vencidos, às descontinuidades e aos desvios (Pereira, 2017). Portanto, a história menor é uma forma de narrativa que potencializa e visibiliza as histórias pouco contempladas no movimento longo e lógico do tempo histórico: “É uma narrativa que, distante de realizar uma longa descrição de um período, ocupa-se das formas de expressividade dos corpos” (Pereira, 2017, p. 110).

Quando abordamos a história menor na sala de aula, estamos proporcionando aos estudantes que experimentem, compartilhem e aprendam os saberes da experiência do outro. A história menor é comprometida com a formação ética dos indivíduos, trabalha com as histórias contadas em breves momentos em sala de aula e memórias subterrâneas que vivem como rumores a incomodar a memória coletiva e majoritária (Pereira, 2017). É a partir da perspectiva da história menor que as/os estudantes podem se reconhecer e se tornarem pertencentes a uma memória e serem sujeitos de histórias. Desse modo, conforme argumenta Pereira (2017):

É nesse momento que alunos(as) se encontram com histórias nunca antes contadas, histórias de pessoas que eles pensavam não terem história, que estavam, talvez, encobertas pela vergonha de serem invisíveis. [...] A história menor conta, todos os dias, microrrevoluções que compõem modos de vida alternativos e resistentes (Pereira, 2017, p. 114-115).

Posto isto, construir com as/os estudantes narrativas de uma história menor, subvertendo o modo tradicional de ensinar História, é um ato de transgressão e resistência, que busca redefinir novas formas de produzir vida e memórias, assim como

cria um ambiente de aprendizagem reflexiva capaz de fomentar um ensino de história voltado ao respeito às diversidades humanas, com o diálogo sempre presente no ambiente de ensino-aprendizagem.

Potencializar o passado e as narrativas de personagens e grupos que foram invisibilizados pela História e, conseqüentemente, pelo currículo de História, faz parte de um processo de reconhecimento, afirmação e pertencimento. Desse modo, conforme argumentado por Priscila Spindler Corrêa Nunes (2021):

Quando se fala apenas de eventos históricos, sem abordar ou desenvolver a história das pessoas que fizeram parte desses eventos, mulheres, homens, cis e trans, heteros e homossexuais, ricos e pobres, não valorizamos as experiências históricas de diferentes pessoas. [...] Para que possamos incluir em nosso cotidiano escolar um currículo com disposição antinormativa, necessitamos questionar a norma e as técnicas de normalização, problematizando-as com nossos/as alunos/as (Nunes, 2021, p.171-172).

Nesse contexto, propor aulas de História que reconheçam as experiências históricas de diferentes pessoas contribui para a problematização da norma e a desestabilização das hierarquias, permitindo que as identidades de gênero e as sexualidades sejam vistas como construções sociais, afastando-se das ideias patologizantes. Desse modo, quando recorreremos ao uso dos textos escritos por Vange Leonel como fontes no ensino de história, possibilitamos criar registros que devolvam às lésbicas o direito à ancestralidade e a um passado no qual possamos nos reconhecer.

2.1. Vange, Vermelha Incandescente

Quando percebi que gostava de mulheres foi uma das descobertas mais maravilhosas da minha vida. Não foi nada traumático. Era tão lindo descobrir o que era amar, se apaixonar. A minha sorte é que meus amigos também achavam lindo eu me apaixonar por garotas. Meus ídolos, tipo Janis Joplin, Gal, Caetano, todos achavam lindo ser gay, aceitavam a homossexualidade própria ou dos outros numa boa. Então eu nunca achei que ser lésbica fosse algo ruim. Daí eu nunca escondi nada.³¹

Se fosse possível definir Vange Leonel em palavras, seria coragem e gentileza. Entre as tantas palavras que li nos poucos textos que encontrei pelos confins dos acervos virtuais na internet dos anos 2000, essas foram as palavras mais presentes. Humor também foi uma marca registrada de quem foi Maria Evangelina Leonel Gandolfo.

Cantora, compositora, desenhista, escritora, colunista, poeta e ativista lésbico

³¹ Entrevista de Vange Leonel à Revista Um Outro Olhar, nº 25, Ano 10, Dez 96/Abril 97, por Luiza Granado e Ângela Gonçalves. Disponível em: <https://www.umoutroolhar.com.br/2015/01/retrospectiva-2014-em-memoria-gata-da.html> Acesso em: 27 de nov. de 2024.

feminista, Vange nasceu em São Paulo, em 1963, e faleceu aos 51 anos em 14 de julho de 2014, em decorrência de um câncer no ovário. Ao longo dos anos que esteve nesse plano material, foi uma mulher extremamente generosa, que, quando se movimentava, levava consigo tantas outras mulheres. Vange possuía um olhar poderoso e intenso, de quem não precisava de palavras para se expressar, mas que sempre as usou muito bem. Para os amigos, Vange tinha o olhar verde que cintilava quando ria de uma boa piada.

O seu pioneirismo no cenário musical brasileiro potencializou e visibilizou muitas outras artistas, assim como influenciou gerações. A artista possuía uma aura magnética e muita personalidade, encarava o público de frente, olhos nos olhos, apesar da timidez que possuía fora dos palcos. Por meio de uma personalidade multifacetada, Vange, em suas músicas e textos, lutou contra o preconceito direcionado às mulheres lésbicas.

Conforme destacado, Leonel nos anos 90 teve uma atuação contundente como colunista em revistas importantes do período, a exemplo a Revista *Sui Generis*³², na qual assinava a coluna ‘*Grrrls*’ (1997-2000)³³. Nos seis anos de existência, a revista firmou-se como referência na chamada “imprensa gay” do país, por apresentar em suas páginas cultura, notícias, entretenimento e variedades voltadas a uma audiência homossexual, sobretudo masculina. Historicamente, a revista pode ser compreendida como uma instância de grande relevância, dado que foi produtora e reprodutora de representações e das identidades e relações de gênero e sexualidade. A *Sui Generis* (1995–2000) foi um periódico de destaque na década de 1990, que colaborou para a construção de representações sobre a homossexualidade em determinados segmentos da população brasileira. Em um contexto de crescente visibilidade pública do tema, a revista abordava assuntos ligados à moda, ao comportamento e às tendências culturais voltadas especialmente a públicos gays urbanos, contribuindo para moldar discursos e estilos de vida associados a essas experiências.

³² Para mais informações sobre a *Sui Generis*, consultar: FEITOSA, Ricardo Augusto de Sabóia. Um jornalismo “Sui Generis”? Visibilidade, identidades e práticas jornalísticas numa revista gay brasileira dos anos 1990. *Brasília: Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo*, 2018. MAIOR JÚNIOR, Paulo R. Souto. A EMERGÊNCIA HISTÓRICA DE UM ACONTECIMENTO: A REVISTA SUIGENERISNO DEBATE HISTORIOGRÁFICO. REVISTA A BARRIGUDA, CAMPINA GRANDE 4 [2] | P. 105-0117 | MAI-AGO 2014.

³³ É significativo destacar que nos dois primeiros anos de circulação da revista, a coluna *Grrrls* não fazia parte da publicação. O primeiro exemplar em que Vange assinou uma coluna foi a edição nº19 em 1997, entretanto, o espaço é apresentado com o nome de “Papo de Mulher”, e somente na edição seguinte que a coluna passa a ser intitulada “*Grrrls*”. No último ano de publicação e circulação da revista, de janeiro a março, apenas cinco edições chegaram até o público leitor, e todas incluíam a coluna *Grrrls* (Silva, 2021).

Nos textos que escreveu e publicou, Vange buscou potencializar as existências lesbianas, combater estereótipos direcionados às lesbianidades e reconstruir a ancestralidade e memória lesbiana, visto que, desde os 16 anos, a família e os amigos próximos dela sabiam sobre sua lesbianidade.

Aos 18 anos, ela saiu oficialmente do armário ao aceitar posar para a única foto da matéria na edição de julho da extinta revista “Caretta” (edição n.2736), em uma época em que o assunto era tabu e a polícia costumava fazer arrastão pelos bares *GirlsLove* (GL) para prender homossexuais. Esse ocorrido foi em 1981, quando o grupo ativista ao qual pertencia, o GALF (Grupo de Ação Lésbico-Feminista), deu uma entrevista sobre a importância de assumir a homossexualidade.



Foto de Cristina Villares 1981 Revista Careta

Nesse sentido, ao compartilhar suas impressões de mundo mediante a música e a escrita, assim como por meio da troca de experiências com pessoas próximas, compreendeu e internalizou a consideração que merecia e devia esperar dos outros. Por conseguinte, graças às interações saudáveis que teve ao longo da vida com pessoas que a amavam e respeitavam de igual para igual, Vange aprendeu que as diferenças de idade, sexo, cor da pele, classe social ou orientação sexual jamais deveriam impedir um relacionamento bom e respeitoso, conforme expressou ao escrever um texto sobre seu pai:

Os leitores e leitoras me desculpem o tom tão pessoal, mas é inevitável lembrar do meu velho nessa época do ano. Hoje é Dia dos Pais e foi também no começo de um mês de agosto, há 18 anos, que meu pai morreu. [...] Sinto falta daquele cara meio fechado, introspectivo, que me presenteou com um livro do Oscar Wilde depois que contei que era lésbica. Sinto muita pena que ele não tenha conhecido a minha cara-metade, minha mulher, pois tenho certeza que os dois se dariam muito bem (curiosamente, o esporte preferido da minha namorada parecer ser o mesmo que meu velho gostava: me provocar com piadinhas espirituosas!). Mas dou graças aos céus por ter tido tempo de mostrar a ele quem eu realmente era. Fico agradecida por não ter sido necessário enganá-lo, por ter tido a chance de ser absolutamente honesta e por ter obtido, através de sua aceitação de minha homossexualidade, a prova definitiva de seu amor incondicional por mim³⁴.

Em se tratando da carreira musical, desde muito nova, Vange já demonstrava

³⁴ Meu Velho e o Mar, 04 de agosto de 2009. Disponível em: <https://vangeleoneil.blogspot.com/2009/08/> Acesso em: 26 de nov. de 2024.

interesse pela música, cantarolando melodias inventadas por ela mesma. Aos nove anos, quando sua prima Quilha – seis anos mais velha - a levou ao show ‘Gal a Todo Vapor’, seu amor pelo universo musical se intensificou e a cantora começou a aprender violão e piano. Com o timbre de voz e estilo inconfundíveis, que deslizava entre o vigor e o lamento, entre os graves e agudos, suas interpretações manifestam um clima incisivo, cortante e visceral, influenciada por grandes artistas como Janis Joplin, Marina Lima e, principalmente, Gal Costa, conforme a própria Vange nos conta:

Quem mais me marcou foi Gal, como inspiração primeira, pelo jeito de cantar, a sensualidade e principalmente a atitude dela no palco. No começo dos anos 70, ela era uma das grandes vozes da contracultura brasileira. Cantava compositores novos como Macalé, Melodia, Caetano, caras que aprendi a gostar na voz dela. Vozes femininas sempre me seduziram. Gal foi uma influência forte tanto para mim quanto para a minha parceira nas músicas, a Cilmara Bedaque. Comecei a trabalhar com a Cilmara tipo em 89, quando ainda estava com o Nau, e foi uma surpresa maravilhosa saber que tínhamos muitos gostos musicais em comum. Outra pessoa que de certa maneira influenciou bastante o meu trabalho de compositora foi a Marina. Quando escutei suas músicas, fiquei absolutamente identificada (Vange Leonel, 1997).

Além do amor pela música, Leonel também adorava escrever e, sempre que inventava melodias, não demorava a escrever letras para suas músicas, dado que para ela a poesia e a música sempre estiveram juntas. No Brasil, Vange Leonel destacou-se como uma das cantoras que alcançaram significativa visibilidade na década de 1990, especialmente por sua atuação artística e engajamento político. A cantora iniciou a carreira artística em 1985, como vocalista da banda de rock Nau, lançou dois álbuns solo, além de ter organizado um festival de cultura jovem feminista feito exclusivamente por mulheres e direcionado para mulheres, o “MINAS DO ROCK”, em 2004.

A sonoridade da banda NAU era bastante marcante e característica da década de 80, algo entre o pós-punk e o heavy metal, com melodias suaves, melancólicas e profundas, e instrumentais pesados bem trabalhados. A voz forte, potente e autêntica ajudava a compor a presença que era Vange Leonel no palco performando de maneira visceral. Em 1993, Vange e Cilmara Bedaque³⁵ – sua mulher e companheira de vida por quase 30 anos –, terminaram a parceria com a Sony Music para criar o selo independente

³⁵ Em entrevista ao Programa Dia Dia, da Rede Bandeirantes em 1991, Vange fala sobre Cilmara e a parceria que as duas compartilharam em vários sentidos ao longo dos anos que estiveram juntas. As duas escreviam as letras das músicas para quais Vange construía as melodias, e como conta Leonel, Cilmara: “dirigiu o primeiro clipe da gente, da música ‘Noite Preta’, porque ela trabalha há muito tempo em televisão e entende bastante desse lado. Então a nossa dupla vai para vários caminhos, ela dirigiu o show também, então fica bem uma coisa dividida. Eu no palco e ela olhando, a gente fazendo as músicas juntas. Então é uma coisa que me alivia bastante, fazendo eu não me sentir tão sozinha no trabalho solo”. PROGRAMA DIA DIA (REDE BANDEIRANTES): ENTREVISTA COM VANGE LEONEL – 1991 / Reporter: Débora Menezes. Disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=joxpxc-VPyk&t=307s>. Postado em: 5 de jan. de 2022 / Canal: Pedro Janov e seu Arquivo de Vídeos. Acesso em: 31 de julho de 2023.

Medusa Records, que daria forma ao CD ‘Vermelho’³⁶ (1996). Para a cantora e escritora, a música nunca esteve em segundo plano, mas após seu último CD – lançado de maneira independente – não ser bem recebido depois do estrondoso sucesso de ‘Noite Preta’, do primeiro EP solo pela Sony Music ‘VANGE’ (1991), a cantora retoma seu contato com o ativismo LGBT e começa a escrever.

Vange foi uma grande pensadora que, por anos, escreveu sobre as lesbianidades, vivências e experiências lesbianas e, ao ser porta-voz de um ativismo lésbico-feminista, teve sua carreira como estrela do pop-rock ofuscada, visto que, segundo a própria, sua gravadora achava que não valia a pena "sair do armário", pois muitas pessoas tinham medo de levantar bandeiras³⁷. Nesse sentido, a temática das lesbianidades emergia de forma recorrente na escrita da autora, por se tratar de um universo vivenciado e atravessado por sua experiência pessoal e política. Sua produção literária abordava personagens lésbicas sem recorrer a estereótipos, e parte de seu compromisso intelectual parecia voltado a ampliar a visibilidade das mulheres lésbicas na história, apresentando-as como referenciais positivos na luta contra a discriminação.

Quando adolescente, Vange produzia edições limitadas de suas poesias, em xerox, e as vendia pessoalmente pelos lugares onde passava. Seus textos tinham características marcantes, entre elas, em sua grande maioria, eram poemas lésbicos, que falavam sobre amor entre mulheres. No livro ‘*Grrrrls* Garotas Iradas’ (2001), – uma reunião de crônicas, muitas delas publicadas na revista ‘*Sui Generis*’ –, Leonel visava escrever sobre outro feminino, valorizando garotas fortes e iradas, agressivas e com atitude.

³⁶ “Vermelho é um álbum corajoso, uma produção independente minha e da Cilmara. Temos muito orgulho desse disco, as canções falam de temas super atuais e sensíveis, e recuperei uma coisa que tinha com o Nau, um lance mais *rocker*. A faixa Vermelho fala sobre menstruação. Meninas sobre meninas prostitutas. Tô Fora é uma balada de cortar os pulsos. O disco é super visceral e o show que eu tô fazendo agora também. Dionísio puro” (Vange Leonel, 1997).

³⁷ Ao longo da primeira metade dos anos 1990, a carreira musical de Vange Leonel se projetou no cenário nacional devido ao enorme sucesso da música ‘Noite Preta’ tema da novela ‘Vamp’ (1991). Contudo, após a cantora assumir, em 1996, publicamente sua lesbianidade e romper com a gravadora responsável pelo seu primeiro CD, o impacto em sua carreira é visível. Alguns pontos podem ser destacados como responsáveis por esse impacto, como o preconceito e a lesbofobia presentes na nossa sociedade heteronormativa. No entanto, é significativo destacar o próprio posicionamento da cantora em relação à rotina dos músicos, que pode ter contribuído, de certa maneira, para prejudicar sua carreira. Em entrevista realizada por Paulo Marchetti para uma matéria especial sobre os anos 1980 publicada na Revista da MTV, entre 2002-2003 através de trocas de e-mails, Vange pontuou: “Eu não desisti da música. Ainda faço, tipo, um show por ano, acústico, aqui em São Paulo. Odeio sair em turnês e isso prejudicou muito a minha carreira de cantora. [...] Sou o tipo de pessoa que não compra essa mística do pop star e cheguei à conclusão que me dou melhor com a mística do escritor: gosto de trabalhar em isolamento, odeio ficar me expondo o tempo todo e prefiro me mostrar através deste biombo chamado papel” (Publicado no blog Sete Doses de Cachaça, em 13 de janeiro de 2008. Disponível em: <http://setedoses.blogspot.com/search?q=Vange+Leonel> Acesso em: 26 de mar. de 2025).

A autora, ao escrever os textos publicados na coluna *Grrrls*, teve como norteador um discurso antixista, que valorizou e potencializou a multiplicidade das existências femininas e lesbianas, sempre conservando a ótica pós-punk e pós-feminista³⁸. Os assuntos destacados sempre foram bastante variados, e os textos, escritos de maneira leve e ágil. A escrita de Vange era livre, pontuada pela ironia, abundância de referências e um humor pontual. A escritora apropriava-se de variados meios capazes de expressar e transmitir sua mensagem, como alusão histórica, literatura, metáforas, paradoxo, humor e sarcasmo. Alguns de seus textos são como crônicas sobre as vivências de uma mulher lésbica nos anos de 1990, já em outros, Vange escrevia como quem estava ensinando e educando os seus leitores sobre a realidade homossexual, sobretudo de mulheres lesbianas.

Em relação ao termo escolhido para nomear a coluna e o livro, Vange conta que:

[...] O nome da coluna, e também deste livro, tomei emprestado das *Riot Grrrls*³⁹, movimento pós-punk e pós-feminista criado por roqueiras americanas e inglesas que não aceitavam mais o papel cor-de-rosa e coadjuvante das garotas no mundo da música. A proximidade que eu tinha com o movimento punk quando comecei a cantar foi determinante – a máxima punk “toque-um-instrumento-mesmo-sem-saber-tocar” foi fundamental para adotar uma atitude mais irreverente ao escrever. [...] Das *Riot Grrrls* tirei também a inspiração para um discurso pós-feminista, que não é nem cor-de-rosa e nem rosachoque: é vermelho incandescente mesmo! Desta maneira, durante quatro anos, escrevi a coluna ‘*Grrrls*’ apostando na diversidade das manifestações humanas, afirmando, por exemplo, que mulheres podem ser violentas e homens dóceis; investi contra todo e qualquer argumento sexista e pedi, candidamente, por liberdade de expressão e tolerância aos diferentes (Leonel, 2001, p.12).

³⁸ As expressões *ótica pós-punk* e *ótica pós-feminista* referem-se a perspectivas culturais surgidas a partir das décadas de 1980 e 1990. A *ótica pós-punk* associa-se a uma estética crítica e experimental, derivada do movimento punk, que incorpora reflexões sobre identidade, gênero e sexualidade. Já a *ótica pós-feminista* propõe uma releitura do feminismo, marcada pela valorização da autonomia individual, pela crítica ao essencialismo de gênero e pela articulação com transformações culturais e midiáticas, sem, contudo, negar os princípios feministas (McRobbie, 2009; Hall, 2003).

³⁹ Nos anos 1990 no estado de Washington, Estados Unidos, surge o movimento *Riot Grrrls* como uma das respostas à luta contra a discriminação e por espaço que muitas mulheres da cena punk feminista vêm travando há anos. Combinando uma visão social, política e musical, o *Riot Grrrls* através dos fanzines de conteúdos e ideias feministas incentivava mulheres a serem independentes e formarem suas próprias bandas, como uma das formas de combater o sexismo na industrial musical. É significativo ressaltar que desde o final dos anos 1970 e meados dos 80, diversas mulheres já inovavam e inspiravam na cena Punk Rock, que posteriormente vieram a influenciar o movimento *Riot Grrrls*. As bandas que fazem parte do movimento, há muito tratam em suas letras temas como o empoderamento feminino, sexualidade, estupro, abusos domésticos e racismo. No Brasil, o movimento *Riot Grrrls* influenciou algumas bandas femininas, entre elas o *Dominatrix* (1995), banda que promove o Festival LadyFest Brasil, que expõem fanzines feministas e divulga trabalhos de novas bandas femininas.

A postura combativa de Vange Leonel já se manifestava desde os seus 17 anos, quando passou a integrar o Grupo Lésbico-Feminista (LF, 1979-1981), o primeiro grupo de ativistas lésbicas brasileiro, como visto anteriormente nesta dissertação. Vange também fez parte do subgrupo LF Artes, o qual reunia as integrantes do LF que gostavam de poesia, música, artes plásticas e fotografia, e do Grupo Ação Lésbica-Feminista (GALF, 1981-1989), em que teve alguns de seus poemas publicados em edições do boletim ChanacomChana (1981-1989).

FAZENDO POESIA

TARDE E ESTRELA

És linda
 como anoitecendo
 as estrelas pintam
 (brilho coexistindo
 com o resíduo
 da abóbada clara)
 Brilho,
 e a celeste alvura
 em instantes turquesa escuro
 (até que ceda enfim
 ao negrume da noite)
 És linda
 nesse momento raro
 de tarde e estrela,
 (pois se noite alguma
 foste comigo prá cama,
 em fins de tarde já me beijaste,
 luzindo estrelas
 d'alva esperança acesas.

VANGE



Fazendo Poesia: Tarde e Estrela, 1981. ChanacomChana 2 (fev/1983) - Disponível em: <https://www.umoutroolhar.com.br/2022/12/colecao-chanacom-chana-comentada-numero-2.html> Acesso em: 14/05/2025.

NADA PRÁTICO

os rostos que me chamam são os rostos que me chamam; nenhum outro chamaria.
 o rosto dela é assim: exalando o jasmim que meu desejo pede, obscurecendo a prata que nosso amor promete.
 amo o desafio: encano com a dupla natureza dos seus gestos - o fio vermelho esticando de sejo dos seus olhos, e o segundo, negro, matando impietosamente o movimento secreto talvez de um beijo.
 prometes e escapas; sigo, persigo-te e sonho; me banho e te lavo com palavras mais palavras e poesia.
 mas fazia frio ontem, e eu queria a chama de sua face quente mais que o desafio persisten te e tonto - a dupla labia de nossos movimentos mansos, vacilansos.

VANGE

Fazendo Poesia: Nada Prático. ChanacomChana 5 (maio/1984) Disponível em: <https://www.umoutroolhar.com.br/2023/06/chanacom-chana-5-resgate-e-edicao.html#more> Acesso em: 14/05/2025

Além de ter sido inspirada pelos discursos pós-punk e pós-feministas, a escritora e cantora tinha como uma de suas inspirações Clarice Lispector, por sua escrita pessoal e íntima, que Vange via como uma fonte enorme e inesgotável de matéria-prima. Leonel acreditava que a urgência em escrever surgia do desejo por histórias que ainda não tinham sido contadas, assim, mediante as palavras, encontrou maneiras prazerosas e satisfatórias de criar as histórias que gostaria de ler e que não cabiam apenas nas letras das músicas que cantava.

Vange fez da sua escrita uma arma potente e combativa contra a homofobia, o sexismo e o machismo e criou um caminho que abriu portas para sua geração e para as seguintes. A escritora, nas décadas de 1990 e 2000, discutia pautas que, muitas vezes, ainda nem estavam vinculadas à luta feminista, a exemplo da fluidez de gênero e da sexualidade. Argumentou incansavelmente sobre as diversas formas de amor, pautas sobre inclusão e exclusão e, sobretudo, a respeito das muitas possibilidades que o futuro pode reservar para a comunidade homossexual. Vange amava e sonhava intensamente, de uma maneira que rompia barreiras e preconceitos, sendo extremamente autêntica e conquistando seu lugar no mundo. Por conta de sua voz e representatividade, foi um farol na vida de muitas pessoas, especialmente das lesbianas.

Contudo, conforme assinalado anteriormente, nada disso seria possível sem a colaboração de sua parceira e companheira de vida, a jornalista Cilmara Bedaque que, além de comentar, discutir e propor temas para as colunas, ajudou a compilar os textos. Toda a obra de Vange foi produzida em dupla com a colaboração de Cilmara e, conforme destacado pela própria Vange, Cilmara era fonte inesgotável de inspiração e uma interlocutora bem-humorada, ágil, séria e brilhante (Leonel, 2001, p. 13).

Vange Leonel e Cilmara Bedaque figuram entre as primeiras autoras lésbicas a publicar regularmente no Brasil reflexões sobre as existências lesbianas ao longo da história, articulando literatura, crítica cultural e ativismo. Seus escritos contribuíram para a construção de referenciais culturais positivos, ajudando a pavimentar o caminho que hoje tantas pesquisadoras e mulheres lésbicas percorrem. Portanto, a relevância desses referenciais foi reafirmada em cada texto produzido por Vange, que, ao se reconhecer publicamente como lésbica, compreendia o impacto das ausências de representações positivas — e possíveis — nas trajetórias e vivências de outras mulheres lésbicas.

As palavras da cantora contribuíram para a construção de uma visão menos melancólica e catastrófica a respeito dos conflitos internos e familiares que muitas meninas e mulheres lesbianas enfrentaram e enfrentam ao se reconhecerem como lésbicas. A entrega, coragem e sensibilidade que Vange demonstrava ao escrever sobre

seus medos e vivências trouxe a esperança necessária para que cada vez mais nos façamos visíveis, tenhamos orgulho de nossas existências e possamos servir de referenciais positivos nas mais diferentes esferas sociais. Vange, com sua generosidade, comunicava, irradiava e transbordava, era *Bastilha* pura (Márcia Bechara, 2014).

Diante da exposição sobre a trajetória intelectual e artística de Vange Leonel, visei destacar a importância e as contribuições dos posicionamentos e ativismo que a escritora potencializou para a historicidade, ancestralidade e memória das lesbianidades. Muito antes do advento da internet e das redes sociais, que hoje são povoadas por ativistas e militantes que lutam pelos direitos das lesbianas e dos homossexuais, Vange e Cilmara estavam na linha de frente e já desenhavam um percurso de ativismo pela causa LGBTQIAP+. Vange, por muito tempo, foi protagonista absoluta na luta contra o preconceito, a discriminação, a homofobia e em favor dos direitos dos homossexuais na pós-ditadura. A partir do momento que assumiu publicamente sua sexualidade, de maneira consciente e militante, a artista virou referência para o público LGBTQIAPN+.

Posto isto, Vange Leonel, ao longo da sua vida, buscou uma visibilidade da realidade que vivenciava. Durante os anos que cantou e escreveu, ela visibilizou suas experiências – e de tantas outras mulheres lesbianas –, bem como nos ensinou sobre solidariedade, calma, amor e respeito ao medo e à coragem. A artista multifacetada, sensível, generosa, bem-humorada, cheia de atitude e incandescente deixou sua marca no mundo e sua presença continua exercendo ação mesmo quando se faz ausente fisicamente. GRACIAS, VANGE!

2.2. O amor que ousa deixar rastros e a recusa da heteronormatividade

É necessário, não por princípio, mas por compensação, que povoemos esse imaginário com novas histórias e novas heroínas. [...] É preciso saber que você pode dispensar o príncipe e ter a certeza de encontrar uma linda princesa encantada, não no fim, mas logo no começo da história. Afinal, ninguém aqui é bobo para passar a vida buscando e só achar o pote de mel no último capítulo⁴⁰.

Em nossa sociedade, dominada pela heteronormatividade, há uma configuração amorosa dominante que atua na constituição de normas, leis, na conformação de identidades e na própria concepção do que significa ser um homem ou uma mulher. Segundo pontuado por Butler (2006)⁴¹, há a existência de uma norma que, de certa maneira, acaba impondo um regime de legibilidade que define os parâmetros do

⁴⁰ Princesas desencantadas. In: Leonel, Vange, 1963 - Grrrls: garotas iradas / Vange Leonel. – São Paulo: Summus, 2001. Edições GLS. p. 26-28.

⁴¹ BUTLER, Judith. *Deshacer el género*. Barcelona: Paidós, 2006.

que será reconhecível ou não dentro de determinados contextos. No entanto, é importante observar que cada sociedade constrói e interpreta de maneira bastante diferente e oportunista as práticas sexuais e amorosas entre mulheres. Além disso, o reconhecimento, a visibilidade e a legitimidade dada a essas relações variam de um contexto histórico para outro.

Considerando isso, ter conhecimento de que outras existências fora da norma são possíveis é vital para as mulheres lésbicas, além de ser uma possibilidade de produzir questionamentos às normas de gênero, às sexuais, à heteronormatividade e ao próprio pensamento amoroso. Os estigmas e estereótipos socialmente construídos sobre as lésbicas permitiram que verdades naturalizadas sobre as experiências e práticas lésbicas se propagassem no imaginário social e fossem entendidas como fixas e imutáveis, constituindo, então, uma identidade única e excludente.

Nesse contexto, sob o domínio da heteronormatividade, as lésbicas são muitas vezes interpretadas como uma alternativa ao desprezo masculino ou reduzidas ao mero prazer masculino, no qual as representações e as imagens das lésbicas servem ao voyeurismo masculino (Lessa, 2011). Concomitantemente, a existência lésbica é permitida desde que não rompa com os padrões heteronormativos, tendo em conta que as expressões de lésbicas que fogem a essa norma ou são invisibilizadas, ou são alvos das mais diversas formas de violência (Mezzari e Lemos De Souza, 2017).

Apesar das normatizações impostas pela heteronormatividade, as lésbicas podem representar um lugar de resistência, não violência e harmonia, sustentado por uma erótica particular e por práticas afetivo-sexuais dissidentes voltadas a pessoas do mesmo sexo. Nesse contexto, emergem importantes questões sobre a definição da identidade lésbica. Seria possível identificar um traço essencial que conecte todas as experiências de mulheres lésbicas? Como pergunta Navarro-Swain (2001): “É lésbica aquela que ama, dorme, sente-se atraída, vive com outra mulher? Todas essas opções, ou uma dentre elas, pode definir uma lésbica? É preciso ter um amor exclusivo pelas mulheres? É preciso haver sexo genital para tornar-se uma?”

Diante desses questionamentos, quando buscamos vestígios das lésbicas e das práticas afetivo-sexuais entre as mulheres, é preciso estarmos atentas a três pontos que muitas vezes não irão coincidir numa mesma personagem: “as práticas sexuais, os desvios das normas sociais de gênero e uma espécie de “autoconsciência” de sentimentos de amor por outra mulher” (Faderman, 1979, *apud* Braga, 2019). Para além desses três pontos, segundo as autoras Martha Vicinus (1993) e Braga (2019), é importante que as historiadoras lésbicas analisem as resistências construídas pelas mulheres lésbicas

contra a heterossexualidade enquanto instituição.

A partir dessa perspectiva, o reconhecimento das lesbianidades implica em assumir, sobretudo, que as mulheres possuem iniciativas sexuais e trilham caminhos diferentes daqueles atribuídos para nós pela sociedade heterossexual. Assim, quando mulheres escolhem e preferem estar com outra mulher a estar com um homem, para muitos ainda é motivo de espanto e até mesmo uma ofensa, principalmente quando essa mulher corresponde aos padrões de gênero estipulados para nós (Mezzari e Lemos De Souza, 2017). Dessa maneira, as lesbianas nas relações sociais foram e são silenciadas, invisibilizadas e marcadas pela dor ao longo da história. Por vezes, muitas das práticas realizadas por essas mulheres não são consideradas sexuais, tanto pelo senso comum quanto por diversos profissionais da saúde, que tendem a considerar como ato sexual a penetração peniana indispensavelmente.

Por conseguinte, pensar a historicidade das lesbianas é essencial e requer entender que os seres humanos são múltiplos e possuem distintas identidades que não são fixas, universais ou permanentes. Portanto, não há um modelo da verdadeira lesbiana ou do verdadeiro ato sexual, e tentar definir uma identidade ou performance sexual não é se não criar um campo de exclusão.

Vange Leonel (1963-2014), autora lésbica que potencializou narrativas sobre as lesbianidades, acreditava que existiam mais mistérios na sexualidade humana do que a nossa vã filosofia poderia rotular. O problema, segundo a escritora, começava quando limites precisos para os nossos desejos eram traçados, construindo diques na tentativa de dominar as correntezas de um rio. Na visão da escritora, falar em alto e bom som que se ama e a quem se ama era um dos mais poderosos gritos de guerra jamais inventados, dado que para ela:

[...] o amor heterossexual nunca deixará de ser fotografado, documentado e colocado nas capas de revistas e tratado como tema central em centenas de milhares de livros e biografias, quase por inércia. Já o amor homossexual, se não fizermos um esforço consciente para deixarmos registros e documentos, estará sempre sofrendo o perigo de, a qualquer momento, voltar a cair na obscuridade e no limbo do esquecimento.⁴²

Sabemos que, ao longo da história, muitas foram as palavras usadas para se nomear uma mulher lesbiana e o amor que não ousava deixar rastros. Ainda hoje, alguns desses nomes carregam estigmas e estereótipos com o intuito de ofender e inferiorizar as existências lesbianas e as manifestações das lesbianidades. Desde sempre, crescemos ouvindo absurdos e horrores sobre as lesbianidades e sendo influenciadas a acreditarmos

⁴² O amor que não ousa deixar rastros. In: Leonel, Vange. *Grrrrls* – Garotas iradas. 2001, p. 140-144.

que “lésbica”⁴³ é um palavrão que não se diz em alto e bom som por todos os cantos.

No texto ‘Nossa língua lesbianesa’ (2001), a escritora conta que a primeira vez que ouviu a palavra “lésbica” foi no pátio da escola, aos 10 anos, em uma brincadeira de chamar algumas das meninas de “lésbica” e sair correndo delas, em pânico. Apesar do contexto em que a palavra se apresentou para a autora, segundo ela, desde que conheceu sua origem, adorou o termo e todas as nuances que o envolvem.

Para Vange, o léxico da “sapataria” era bastante rico e ela acreditava que muitos dos termos usados pelas lesbianas eram provenientes da necessidade de codificar a linguagem para não expor tanto as manifestações de lesbianidades. O termo “entendida”, por exemplo, nascido culturalmente nos guetos das grandes cidades brasileiras dos anos 70, era usado para identificar aquelas que ainda não ousavam se definir abertamente e precisavam de um código para se fazer “entender” (Pessoa Bechtold, 2022). Ao longo do texto, Vange ainda desta que:

o termo “sapatão” sempre foi considerado um xingamento, algo pejorativo mesmo, ao referir-se às lésbicas mais masculinizadas. Mas como acontece com muitas palavras originalmente cunhadas para ofender, ela foi transformada pelas próprias lésbicas em algo mais simpático, como “sapata” e “sapa”. [...] No começo dos anos de 1990, a mídia nova-iorquina lançou o *ligh lesbian chic* para designar as *lipstick lesbians* – lésbicas de batom – uma maneira de tornar as lésbicas mais palatáveis ao gosto da sociedade heteropatriarcal. [...] Aqui no Brasil, na mesma onda do *lesbian chic* floresceu uma cultura *clubber* trazendo um novo designativo para as lésbicas: bolachas. [...] Uma coisa é certa: lésbicas já foram chamadas de tudo quanto é nome nesta vida e cada uma tem o seu termo predileto. Há ainda as que recusam um nome específico, achando que tudo isso não passa de um rótulo, quando a sexualidade humana é uma coisa tão fluida e mutante.⁴⁴

Ao escrever o texto ‘Ninguém vai me ofender’ (2004), Vange demonstrou como a sociedade heteronormativa que construímos busca mecanismos para oprimir, persuadir e invisibilizar a sexualidade das lesbianas, assim como humilha, ofende e inferioriza a existência e o corpo lésbico. Desse modo, ao logo do texto, quando cria um verdadeiro glossário com termos utilizados para ofender mulheres lesbianas e os ressignifica, Vange produz uma resposta à misoginia articulada para transformar a sexualidade feminina em um instrumento do desejo masculino:

⁴³ A palavra "lésbica" advém do nome da ilha de Lesbos, onde a poeta Safo que viveu nas últimas décadas do séc. VII a.C e primeiras décadas do séc. VI a.C teve sua escola, a única de que se tem registro na Antiguidade voltada para a educação de moças. (Pessoa Bechtold, 2022). Mesmo quando não se sabe dizer com certeza quem ela foi, não é incomum ouvir a explicação de que a palavra lésbica vem de Safo, de Lesbos: a primeira lésbica, a décima Musa, a maior de todos os poetas (Hoki, 2020, p. 14).

⁴⁴ Nossa língua lesbianesa. In: Leonel, Vange, 1963 - Grrrls: garotas iradas / Vange Leonel. – São Paulo: Summus, 2001. Edições GLS. p.67-69.

NINGUÉM VAI ME OFENDER

Sim, sou tribade, sáfica, lésbia, lesbiana, entendida, invertida, transviada, sapatão, sapa, sapata, fracha, bolacha, fanchona, paraíba masculina, mulher-macho, gay, sim senhor, machuda, macha, “dyke”, como dizem as americanas, ou como as mexicanas, tortillera, do tupinambá çacoãimbeguirá, do latim virago e, brasileiroamente falando, roçadeira, saboeira, moquetona, madrinha, pacona, do aló, do babado ou, se preferirem algo mais erudito, ginófila, andrógina, homófila, fricatrix e homossexual.

Podem me chamar de tudo isso, eu não me importo. Se me chamam de lésbica ou safista, sinto orgulho e me envaideço: a origem dos termos é nobre. Safo, a grega, foi a maior poeta lírica da Antiguidade, cultuada por Platão e Ovídio e sucesso no Mediterrâneo cinco séculos antes de Cristo. Por acaso, fazia sexo com mulheres, vivia na ilha de Lesbos e, para tocar sua lira e manter as unhas curtas, inventou a palheta, a mesma que roqueiros usam para fazer gemer suas guitarras. Bons dedos e boa lábia. Por que me ofender se me chamam lésbica?

Sou entendida sim, mais em certos assuntos que em outros, por isso talvez ginófila seja apropriado, afinal, amo e admiro mulheres em geral, mesmo sendo apaixonada por apenas uma, em particular. Sapatona, adoro usar coturnos, botas e toda sorte de calçados rudes para sair às ruas, domínio tradicional do macho, terreno muito acidentado para saltos altos.

Masculina, sim, também, às vezes, quase sempre e sempre que quero. Freud falou, Jung disse, o ministro da Cultura cantou e lendas e folclores antigos apontam para a origem andrógina do ser humano. Além disso, até a nona semana de gestação, fetos de ambos os sexos parecem idênticos. Se biologicamente herdamos um potencial andrógino, o casamento alquímico entre homem e mulher dentro de nós é meta para a saúde psicológica. Assim, ser chamada de machona é elogio para quem trafega livremente entre os gêneros masculino e feminino, social e historicamente cindidos.

Resumindo: ninguém conseguirá me ofender me chamando por nomes que significam apenas o meu amor por outra mulher⁴⁵.

As manifestações de lesbianidades existem para além da fetichização masculina e implicam em uma ruptura com modelos binários de identificação ao questionar normas como a heterossexual e a diferença sexual. Assim, quando a sexualidade das lesbianas não serve ao prazer masculino, constroem-se nomes para minar essa sexualidade, e a representação da masculinidade em mulheres é tida como algo rechaçável e trágico, que acaba por retroalimentar a lesbofobia (Mezzari e Lemos De Souza, 2017). Pontua-se que a heteronormatividade também funciona como mecanismo produtor de violência simbólica quando define a heterossexualidade como um pilar na organização das relações, transformando outras formas de se relacionar em “anormais” e “desviantes” (Mezzari e Lemos De Souza, 2017).

Nesse sentido, o masculino nas lésbicas é encarado como “roubo” e “usurpação” de um valor que pertenceria única e exclusivamente aos homens (Leonel, 2011), assim como é visto como uma ameaça para a sociedade, a qual tem como norma

⁴⁵ ‘NINGUÉM VAI ME OFENDER’ Por Vange Leonel para Revista Folha. Texto publicado na coluna GLS na Revista da Folha em 5 de dezembro de 2004. Disponível em: <<https://blogsafismo.blogspot.com/2011/02/ninguem-vai-me-ofender-por-vange-leonel.html>> Acesso em: 20 de setembro de 2024.

fundamental, para sua organização, a sacralização da diferença sexual, conforme argumentado por Mezzari e Lemos De Souza:

A visão que marca os corpos de “mulheres masculinas” como inadequados e os associa a uma patologia, a uma sexualidade predatória e perigosa, tem como consequência, para além do estigma evidente, a exclusão dessas mulheres nos espaços e instituições como a família, por exemplo (PLATERO, 2009 *apud* Mezzari e Lemos De Souza, 2017, p. 205).

Esse contexto social atravessa as existências lesbianas, causando grave situação de vulnerabilidade e sofrimento psíquico, físico e social, o que ameaça a realidade das lésbicas brasileiras (Tomé e Pereira, 2023). Dessa forma, quando Vange escreve os seguintes trechos: “[...] Podem me chamar de tudo isso, eu não me importo. Se me chamam de lésbica ou safista, sinto orgulho e me envaideço.”; “[...] Sapatona, adoro usar coturnos, botas e toda sorte de calçados rudes para sair às ruas, domínio tradicional do macho, terreno muito acidentado para saltos altos. Masculina, sim, também, às vezes, quase sempre e sempre que quero”; e ao concluir o texto com “[...] ninguém conseguirá me ofender me chamando por nomes que significam apenas o meu amor por outra mulher”, contribuiu para que outras narrativas sobre as lesbianidades fossem pensadas e construídas para além de estigmas, estereótipos e preconceitos.

Vange Leonel acreditava que o masculino não era um privilégio e uma primazia dos homens. Para a autora, todas as mulheres têm direito ao masculino e à quebra da imposição de padrões sexistas de comportamento, como da delicadeza, da beleza, do cuidado e do recato para as mulheres, e da força, da ousadia e da violência para os homens, o que levam à divisão binária que está na base das desigualdades de gênero. No texto ‘Barbie ou Falcon’ (2006), publicado no blog ‘VANGE’ (2005-2011), a escritora, de maneira irônica e humorada, expõe como os padrões de gênero causam impacto nas mais diversas esferas da subjetividade de meninas e mulheres lesbianas:

[...] nunca gostei de brincar com bonecas, talvez porque nunca tivesse encontrado uma que fosse a minha cara, com roupas de rapazinho, cabelos curtos e bola de futebol nas mãos. [...] não por acaso, a primeira boneca com a qual brinquei de verdade e com paixão foi um Falcon ruivo e barbudo, do tipo “aventura na selva” com roupas camufladas e facão para abrir picadas. Moral da história: gênero é algo com muitas nuances e quem não tem “Barbie Moleca” brinca com Falcon mesmo⁴⁶.

Diante dessa realidade, o uso da masculinidade como código identitário se constitui como estratégia e recurso para visibilizar as lesbianidades, numa espécie de exposição social deliberada (Costa, 2010), em sociedades dominadas pela

⁴⁶ Barbie ou Falcon? 30 de janeiro de 2006. Disponível em: <https://vangeleonel.blogspot.com/2006/01/> Acesso em: 26 de nov. de 2024.

heteronormatividade e contaminadas pelo machismo e sexismo. Dessa maneira, historicamente, as lésbicas *desfem*⁴⁷ brasileiras possuem grande importância política e cultural, dada as contribuições para a organização e visibilidade do movimento lésbico, por meio de suas performances, que expuseram e visibilizaram a existência de corpos lésbicos não normativos, em contextos de forte repressão, contribuindo para a representatividade e o desenvolvimento de uma cultura lesbiana (Costa, 2010).

Quando Vange escreveu sobre as experiências de sociabilidade de mulheres lésbicas em bares na cidade de São Paulo, na década de 1970, destacou as dicotomias que existiam nas relações afetivo-sexuais entre as lesbianas. A autora apontou a reprodução estereotipada dos modos e comportamentos nos relacionamentos lesbianos, em que as performances de papéis de gênero seguiam os padrões heteronormativos. Em relação à aversão às lésbicas *desfem*, no texto ‘Com que roupa?’ (2001), Vange manifestou sua insatisfação com a situação:

Se vestir-se como homem já não é mais algo transgressor, a mulher que, além disso, cultivava gestos e maneirismos masculinos ainda é bastante estigmatizada. [...] O estilo sapatão ainda provoca tremores e controvérsias. [...] Lamentavelmente, existe uma certa resistência, mesmo no meio homossexual, às lésbicas mais masculinizadas, como se existisse uma cartilha a ser seguida. Será que aquele tão valorizado ‘express yourself’ já não vale mais nada? [...] É direito de uma mulher ser o tipo que ela quiser, vestir a roupa que preferir e até mesmo ser tudo isso junto ou de um jeito diferente a cada dia da semana. Ruim é ter que se comportar segundo uma cartilha politicamente correta, mesmo sendo ela ditada por um ativismo gay pretensamente consensual, mas na verdade careta e estreito. A liberdade e a visibilidade são para as borboletas, para os lacinhos cor-de-rosa e também para os sapatões.⁴⁸

Essa realidade de invisibilidade do corpo lésbico não normativo e das práticas afetivo-sexuais das mulheres lésbicas ocupa um lugar central nas manifestações lesbofóbicas⁴⁹, e, com efeito, um dos elementos que promove a lesbofobia é justamente a desumanização das lésbicas. Esse processo de desumanização é, sobretudo, provocado pelo distanciamento das lésbicas com o que é considerado ser “mulher” na sociedade ocidental – ser heterossexual e ser mãe (Liebgott, 2023). Nesse cenário, ser visível em aparência e/ou comportamento tende a ser perigoso e quase impossível, visto que se

⁴⁷ O termo *lésbica desfem* designa mulheres lésbicas que não se alinham à feminilidade normativa ou à estética tradicionalmente associada ao “ser mulher” em contextos heteronormativos. Longe de se restringir a uma aparência física, a *desfem* também opera como posicionamento político e forma de resistência aos padrões de gênero que invisibilizam, fetichizam ou deslegitimam existências lésbicas dissidentes.

⁴⁸ Com que roupa? In: Leonel, Vange, 1963 - Grrrls: garotas iradas / Vange Leonel. – São Paulo: Summus, 2001. Edições GLS. p.20-22.

⁴⁹ De acordo com o “Dossiê Lesbocídio no Brasil: de 2014 até 2017” elaborado pelas pesquisadoras Milena Cristina Carneiro Peres, Suane Felipe Soares e Maria Clara Dias, nestes 4 anos, 126 mulheres lésbicas foram vítimas de assassinato por serem lésbicas. O dossiê foi realizado por pesquisadoras independentes e por isso não foi atualizado. Um problema constante quando não existem dados oficiais. Isto não desmerece o estudo, até então inédito, que traz conclusões importantíssima (Figueiredo, 2020, p. 20).

imaginar futuramente enquanto uma mulher lésbica ou pensar nisso como possibilidade é sufocado pela heteronormatividade que se apresenta como única e exclusiva forma de vivenciar a vida adulta e a própria sexualidade.

Perante o exposto, observamos que os anos de opressão sobre nossos corpos, afetos e desejos nos negou a representatividade e a diversidade que nos deveria ser garantida por intermédio da historicização das lesbianidades e das construções narrativas sobre mulheres que amam mulheres ao longo da história. Como destacado por Ivanilda Figueiredo (2020), “esse direito nos é negado pelo silêncio imposto, pela ausência de “provas” (registros históricos particulares de interesse público) e pelo comportamento dos familiares remanescentes que preferem manter uma imagem assexuada, a permitir que sejam desvelados os genuínos afetos vividos” (p. 58).

Diante disso, narrar amores entre mulheres e visibilizar a multiplicidade das existências lesbianas é crucial para que essas existências não sejam resumidas ao sofrimento, à dor e às opressões – de classe, raça, gênero e sexualidade –, sofridas. Vange, ao narrar-se enquanto lésbica, publicamente usando de sua escrita, e ao potencializar o afeto, o amparo, a experiência, os relacionamentos afetivos, a amizade entre mulheres, a necessidade de um sistema de saúde que acolha, a história dos movimentos lésbicos, a luta das ativistas lésbicas, a visibilidade e o orgulho, dá início a um movimento de transgressão e reforço das existências lesbianas como potência e possibilidade de confronto com lógicas normativas e violentas.

Ao escrever sobre relacionamentos afetivos protagonizados por duas mulheres, as palavras de Vange desencadeiam um processo de materialização das lesbianidades e de mudanças substanciais de paradigmas que escapam do modelo heteronormativo. No texto ‘Corações com asas’ (2007), a autora narra o amor entre duas garotas como algo celestial, abençoado por anjos, os quais comemoram sempre que esse amor prospera. Em contrapartida, sempre que esses amores se separam e acabam, os anjos, que antes comemoravam, perdem suas asas e caem do céu. Vange escreve de maneira poética sobre o desejo, os prazeres, as tristezas, as alegrias, os encontros e os desencontros comuns a todas as relações amorosas, mas que muitas vezes é uma realidade negada às lesbianas. Assim, mediante suas palavras, Vange torna possível os amores lesbianos e humaniza meninas e mulheres lésbicas.

Corações com asas

Toda vez que uma garota olha para outra, apaixonada, um anjo nasce no céu. Imberbe, deitado sobre uma nuvem de algodão, ele promete grandes amores e paixões atribuladas.

Quando aquelas duas garotas se beijam, esse mesmo anjo cria

asas. Livre para voar sem rumo e pairar quase invisível sobre o mundo, ele olha por suas garotas, cuidando para que não se machuquem muito. Toda vez que duas garotas apaixonadas trocam carícias, os anjos festejam.

[...]Tão logo duas garotas se veem e se querem, absolutamente ou não, lá estão os anjinhos a postos, com suas armas apontadas, prontas para atravessar corações distraídos.

Quando duas garotas bêbadas de amor se deitam finalmente para experimentar o prazer do sexo e do amor físico, esses anjos repousam suas armas e apenas observam, vaidosos do trabalho bem feito.

Mas cada vez que duas garotas se separam para sempre, depois que o amor acaba, um anjo perde as asas e cai do céu. Triste, passa o resto de sua vida andando a esmo, vestindo trapos, carregando o arco quebrado e as flechas sem pontas.

Se repararmos bem, podemos até enxergar alguns deles refletidos nas lágrimas derramadas por garotas solitárias que choram amores perdidos e paixões desencontradas.⁵⁰

No texto ‘Primeira Vez’ (2007), a escritora explora a simplicidade e alegria do cotidiano lésbico compartilhado a duas. A potência da escrita de Vange aqui se manifesta por meio do impacto que suas palavras possuem na construção de narrativas autoafirmativas e positivas sobre as existências lesbianas. Ao longo do texto, a realidade que nos é apresentada faz acreditar que a vida descrita seja possível mesmo em sociedades onde o machismo, o sexismo e a heteronormatividade permeiam. Também, podemos refletir sobre os desvios das normas sociais de gênero e notar a manifestação da “autoconsciência” dos sentimentos de amor por outra mulher.

Primeira Vez

A cada manhã o sol banha nossas faces quase despertas de maneira inédita. Todo novo dia é realmente um outro dia. Nada mais verdadeiro que a prometida novidade que a aurora, essa jovem senhora, anuncia. Acordamos e temos certeza que aquele dia é, e será, novo e diferente.

Eu preparo o café, ela abre o jornal, eu me espreguiço, ela sorri, eu esparramo queijo pela torrada, ela lê notícias e comenta, irônica e engraçada. Eu pergunto dos seus planos, ela não revela nada, eu faço que brigo, ela sabe que é blefe e me beija, apaixonada. Saímos depois para que a cidade nos engula, para que o trabalho nos afaste e, enfim, o crepúsculo nos devolva uma à outra.

Em casa, nos juntamos numa dança coreografada para prolongar nosso conforto e bem-estar. Ela estende lençóis na corda, eu preparo um lanche, ela arruma a sala, eu lavo a louça, eu canto e ela ri. O que é bom é belo, gostoso e nos dá prazer. Ela me conta cada dia um conto e eu embarco num romance infindo. Seus encantos são tantos que eu me esqueço que embora façamos todo dia quase o mesmo, esse mesmo cotidiano, visto de perto, se revela repleto de variações surpreendentes.

O café se transforma em vinho, a torrada se transmuta em fruta, o jornal se desdobra em poesia e da roupa na corda nascem dois corpos nus. Sua face, minha velha conhecida, sorri todo dia e, invariavelmente, um sorriso diferente.⁵¹

⁵⁰ Corações com asas, 01 de julho de 2007. Disponível em: <https://vangeleoneel.blogspot.com/2007/07/> Acesso em: 26 de nov. de 2024.

⁵¹ ‘Primeira vez’ - Coluna GLS publicada na Revista da Folha em 16/9/2007 por Vange Leonel. Publicado no Blog VANGE em 4/10/2007. Disponível em: <<https://vangeleoneel.blogspot.com/2007/10/>> Acesso em: 20 de setembro de 2024.

Em ‘Amor de Verão’ (2009), diante do cenário repressor e heteronormativo no qual as lesbianidades existem e sobrevivem, o amor lésbico juvenil que uma das personagens sente é quase inconcebível para ela devido à ausência de referências lesbianas nas relações sociais que a rodeia. Ao longo do texto, Vange demonstra a dimensão política que as narrativas lesbianas possuem, destaca que se relacionar afetiva e sexualmente com mulheres é político e que criar narrativas sobre as lesbianidades autorrepresentativas é algo que foge completamente do *script* patriarcal (Medeiros, 2017).

Amor de Verão

Até aquele momento, ela era apenas uma criança grande. Mas, quando começou a perceber uma espécie de aflição alegre no peito, achou que poderia estar sentindo aquilo que os adultos chamavam de paixão. Era incrível como, de repente, tomada pelo desejo por outra garota, a menina se transformara da noite para o dia numa adolescente às voltas com urgências do coração.

À noite, rolando na cama sem conseguir dormir, sonhava acordada com cenas tão singelas quanto excitantes: seu braço encostando de leve no braço dela; elas, lado a lado, sobre uma toalha estendida na areia olhando as estrelas; um segredo dito entre sussurros, revelando o amor mútuo e, para selar a fantasia, um beijo inocente.

Então, ela acordava de seu delírio com um pensamento chato: será que podia beijar outra mulher? Na praia, durante aquelas férias de verão, ela só vira casais formados por pai e mãe, homem e mulher, garoto e garota ou senhor e senhora. Definitivamente, não conseguia lembrar de ter visto algum casal do mesmo sexo passeando romanticamente de mãos dadas pela orla.

Apaixonada e dona de uma coragem que só as crianças transformadas subitamente em adolescentes são capazes de ter, decidiu que, depois de pedir a amiga em namoro (tinha certeza de que ela aceitaria), seria a primeira a passear de mãos dadas com a namorada naquela praia. Seria um verão inesquecível!⁵²

O texto expressa como a ausência de referências visíveis e positivas, acerca das lesbianidades, é capaz de impactar a vida e a existência de muitas lesbianas, isso ao mesmo tempo que demarca o nascimento de um amor lésbico juvenil e, junto a ele, a tomada de consciência do desejo e da necessidade de fazer visíveis os corpos lesbianos em público.

Perante o exposto, é clara a urgência de se estudar e discutir sobre a história das lesbianidades no ensino de história, considerando sua valia em oferecer múltiplas perspectivas de autoconhecimento e de fontes teóricas para pensarmos em questões de gênero, sexualidade, feminismo, entre outras (Barbosa e Guerim, 2020), assim como por suas contribuições para a construção do conhecimento histórico sobre as lesbianidades e as lesbianas. Embora escrever sobre mulheres lesbianas, por vezes, seja escrever sobre o

⁵² ‘Amor de verão’ - Coluna GLS publicada na Revista da Folha em 25/1/2009 por Vange Leonel. Publicado no Blog VANGE em 7/4/2009. Disponível em: <<https://vangeleonel.blogspot.com/2009/04/>> Acesso em: 20 de setembro de 2024.

desconhecido e o silêncio, essa é uma ação necessária, transgressora e revolucionária.

Sendo assim, produzir informações científicas sobre a realidade existencial das lesbianas e investigar e refletir sobre os sentidos atribuídos às lesbianidades, para além de favorecer a produção teórica sobre a temática (Tomé e Pereira, 2023), contribui para a visibilidade da realidade lesbiana. Ademais, colabora para o desenvolvimento da qualidade de vida, para o cuidado com a saúde física, mental e emocional das lesbianas e para a criação de políticas públicas direcionadas a elas.

As diversas formas de lesbianidades e amores tratados nesse subtítulo representam a diversidade da comunidade, a luta por visibilidade e a ausência de uma compreensão única sobre as individualidades que compõem essa coletividade. Por conseguinte, após a apresentação desse contexto sócio-histórico de invisibilizações, apagamentos e violências, podemos compreender a potência de se construir narrativas sobre as lesbianidades e suas práticas afetivo-sexuais, considerando o período de ódio, preconceitos, discriminações em que vivemos. Dar visibilidade à existência de amores lésbicos é resistência e uma exigência para garantirmos os nossos direitos e de nossas famílias, até que nossa existência não gere mais violência, mas sim amor e liberdade.

2.3. A História "proibida" para menores: Vange como mediadora da história lesbiana.

[...] Esse consenso em torno da proibição para menores em tudo que se refere a relacionamentos gays [...] é uma enorme falta de vontade de discutir e colocar a questão gay no cerne da família brasileira. Ninguém quer discutir e parece que a maioria não está mesmo preparada para responder às dúvidas e indagações dos próprios filhos sobre a homossexualidade (Proibido para menores – Leonel, Vange. *Grrrls* – Garotas iradas. 2001, p. 133-135).

Para se discutir sobre lesbianidades no ensino de história, é preciso conhecer e utilizar diferentes recursos, estratégias, linguagens e suportes que auxiliam e compõem a elaboração do plano de aula e que servem como uma ponte entre o conteúdo ensinado e as/os alunas/os, atingindo a subjetividade de cada um em sala de aula. Pensando nas possibilidades que esses recursos podem oferecer para o processo de ensino-aprendizagem no ensino de história, neste tópico serão apresentadas algumas fontes e possibilidades para compor um repertório de aulas de história que abordem temas relacionados às lesbianidades. A intenção é incentivar que os professores(as) cada vez mais usem em suas metodologias de ensino, potencializando as temáticas de gênero, sexualidades e direitos humanos, bem como possibilitando as escutas e os diálogos que fazem vivo o espaço da sala de aula e agregam possibilidades de humanização às aprendizagens.

TEMÁTICA I: Violência policial e direitos civis no contexto da ditadura civil-militar

Fonte I: ‘A Gomorra Paulistana’ (2001)

A Gomorra que conheci em 1980, aos dezessete anos de idade, localizava-se no centro da cidade de São Paulo: uma série de sete redutos para lésbicas distribuídos num triângulo entre a Praça da República, a rua Santo Antônio e a rua da Consolação. [...] A noite começava quando nos encontrávamos na sede do LF (grupo Lésbico-Feminista), a Primeira estação de nossa jornada, onde batíamos cabeça para Safo antes de sair para a rua. [...] o famoso e tradicional Ferro’s Bar. Quando o delegado Ricchetti não passava por lá com seu camburão para prender as sapas que davam pinta, o Ferro’s até conseguia se passar por um lugar “careta”. É que, até a *harry hour*, o boteco era realmente um bar como outro qualquer. Mas depois do expediente começavam a chegar as entendidas para um chopinho a duas.

A Gomorra Paulistana. In: Leonel, Vange, 1963- *Grrrrls: garotas iradas / Vange Leonel*. – São Paulo: *Summus*, 2001. Edições GLS. p.102-104.

Fonte II: ‘A revolta do Ferro’s Bar’ (2008)

O *Stonewall Inn* era uma espécie de refúgio onde gays nova-iorquinos podiam dançar juntinhos sem medo de sofrer agressões. Mas, em 28 de junho de 1969, o local que era um oásis no deserto de intolerância se tornou um inferno. Policiais invadiram o bar e prenderam a galera. Nos dias seguintes, uma multidão foi se aglomerando espontaneamente à frente do bar, protestando contra a ação truculenta. Nunca antes se viu tantos homossexuais à luz do dia, reclamando direitos básicos. Aqui em São Paulo, nós tivemos um protesto parecido. Aconteceu no Ferro’s Bar, alvo preferencial do delegado José Wilson Richetti, que estacionava ali um camburão para prender gays, lésbicas, prostitutas e travestis, frequentadores decanos do pedaço. Em agosto de 1983, o dono do Ferro’s proibiu que as ativistas do GALF (Grupo de Ação Lésbico-Feminista) vendessem ali o seu jornal, expulsando-as em seguida. A chapa esquentou. Lideradas por Rosely Roth, as meninas se reuniram em frente ao bar. O protesto teve a cobertura inédita e sem preconceito da imprensa. Contou com os apoios da então vereadora Irede Cardoso e de Zulaiê Cobra Ribeiro, que era conselheira da OAB. Tudo terminou com a invasão do local pelo grupo e um pedido de desculpas do dono. A revolta do Ferro’s não é tão famosa quanto a de Stonewall. Mas, para quem na época era (e hoje ainda é) maltratada, humilhada e desrespeitada por ser lésbica, ela marcou o início de uma liberação. Lésbicas ocupando um bar que já era delas e um lugar ao sol, que deveria ser para todos.

A Revolta do Ferro’s Bar, 07 de setembro de 2008. Disponível em: <https://vangeleoneel.blogspot.com/2008/09/> Acesso em: 26 de nov. de 2024.

Contextualização

Conforme demonstrado pelas pesquisadoras lesbianas citadas, as trajetórias de vida de mulheres lésbicas brasileiras têm sido historicamente marcadas por diferentes formas de violência, tais como: práticas discursivas injuriosas e depreciativas, estupro corretivos, processos de medicalização e exclusão social e simbólica. Diante disso, observamos que a violência e a invisibilidade são dois eixos que atravessam a condição

lésbica e compõem a noção do que é ser lésbica em determinada sociedade (Kumpera, 2021).

Durante o período do Regime Militar, a perseguição policial aos homossexuais, às travestis e às prostitutas marcou o cenário urbano de grandes cidades, sobretudo em São Paulo e no Rio de Janeiro. O Regime se ancorava nos discursos da doutrina de segurança nacional e atrelava os homossexuais às práticas consideradas subversivas das esquerdas, censurando diversos escritores, artistas, trabalhadores, ativistas e produtores de conteúdo homossexual. Sob o domínio do autoritarismo, principalmente a partir do final dos anos 1970, os movimentos sociais, partidos de esquerda, sindicatos e organizações de direitos humanos procuraram fazer frente à censura, à repressão e ao medo instalados no país desde 1964. É nesse contexto que surge o Grupo Ação Lésbica Feminista (GALF), na cidade de São Paulo, em 1981, cujas militantes e ativistas viveram suas infâncias e juventudes sob o autoritarismo e a violência do regime civil-militar.

Dentro dessa realidade, embora não tenha existido uma política sistemática de extermínio, o grau da violência policial evidencia que existiu uma política de Estado repressiva contra gays, lésbicas, travestis e prostitutas durante o período. Conforme destaca Julia Aleksandra Martucci Kumpera (2021), o sétimo capítulo do Relatório da Comissão da Verdade do estado de São Paulo, “Rubens Paiva” (2015), discorre sobre os impactos da ditadura nas vidas de lésbicas, gays e travestis e analisa episódios de vigilância e repressão, enfatizando a violência policial contra essa população.

Em São Paulo, a repressão se intensificou a partir de junho de 1980, diante da visita iminente do Papa João Paulo II à cidade. As polícias paulistas unificaram esforços na formulação e execução da política “Limpeza”, posteriormente conhecida como “Rondão” (BRASIL: CNV, 2014, p.307). As populações vistas como marginalizadas eram presas arbitrariamente e sofriam agressões físicas, verbais e psicológicas, e, em determinados casos, só eram liberadas mediante extorsão.

De acordo com Júlio Assis Simões (2018), um dos objetivos era expulsar frequentadores noturnos de certas áreas centrais circundadas por prédios de classe média e algum comércio sofisticado, como o Largo do Arouche e a avenida Vieira de Carvalho, espaços que concentravam uma intensa movimentação noturna homossexual. À frente dessa cruzada moralista, apoiada por boa parte de comerciantes e moradores da vizinhança, assim como pela grande imprensa paulistana, estava o delegado José Wilson Richetti e, segundo Simões (2018):

A polícia dava batidas incertas, detinha para averiguação todas as pessoas

consideradas suspeitas, mesmo com documentos em ordem, enquadrava por vadiagem outras tantas e não poupava violência e brutalidade. [...] Em poucas semanas, como efeito da operação policial, homossexuais foram obrigados a se retirar das ruas e se concentrar em boates e outros estabelecimentos fechados. A reação à “Operação Limpeza” acabou por produzir a maior ação coletiva pública do movimento homossexual até então. [...] numa sexta-feira, 13 de junho de 1980, algumas centenas de pessoas reuniram-se nas escadarias do Theatro Municipal, a Convergência Socialista levou suas faixas, e dali resolveram sair em inusitada passeata que percorreu ruas do centro. [...] Muitas transformações na sociabilidade e na política vieram depois, com a expansão do mercado de consumo voltado ao público gay e a terrível chegada da epidemia de HIV-Aids. [...] A passeata contra Richetti foi o ápice dessa fase da militância homossexual em São Paulo. Foi também uma espécie de antecipação da visibilidade coletiva que veio tomar forma, mais tarde, nas Paradas do Orgulho (Simões, 2018, p.40-42).

Consoante o Relatório da Comissão da Verdade, o método utilizado pela polícia era o de suceder batidas em locais frequentados por pessoas LGBT, que eram levadas “para averiguação” às dependências policiais, tendo por fundamentos legais a contravenção penal de vadiagem e a prisão cautelar prevista no Código de Processo Penal de 1941, então em vigor. De acordo com uma das declarações do delegado à imprensa, de 300 a 500 pessoas eram levadas por dia para delegacias (BRASIL: CNV, 2014, p.307). Como destacado por Marisa Fernandes (2018) e Miriam Martinho (2019), manifestações e passeatas foram organizadas contra as prisões e violência de Richetti, com a participação do Movimento Negro Unificado (MNU), de mulheres, de ativistas lésbica-feministas e de gays:

Em maio de 1980, enquanto o Somos se repartia em três, o delegado Wilson Richetti deflagrava, no centro de São Paulo, uma série de prisões arbitrárias de lésbicas, gays, negros, prostitutas e travestis que ficou conhecida como “operação limpeza”. Em protesto contra a atuação arbitrária de Richetti, o Grupo Lésbico Feminista se une novamente ao Somos convergente e ao Outra Coisa de Ação Homossexualista, bem como a grupos feministas e do movimento negro, numa passeata pelo fim da discriminação racial e sexual, do desemprego e da violência policial (Martinho, 2019, p.10).

Para além dos espaços públicos do centro de São Paulo, o aparato repressivo do delegado Richetti teve como alvos os bares Cachação, Ferro's Bar e o Bixiguinha – locais frequentados por lésbicas com menor poder aquisitivo –, em que mesmo portando todos os documentos, mulheres eram levadas indiscriminadamente sob o argumento de “você é sapatão” (Fernandes, 2018). Além dos “Rondões”, ocorreu também a ‘Operação Sapatão’, sobre a qual, dentre os poucos registros encontrados, está o Jornal Lampião da Esquina, que publicava informações sobre a operação nos bares frequentados pelas lesbianas. Por sua vez, o Chanacomchana publicou, em sua edição de número 4, de setembro de 1983, uma capa intitulada “Ferro’s bar, dia 19 de agosto: uma vitória contra o preconceito”.

Nesta edição do Chanacomchana, as participantes do grupo GALF publicaram um texto contando sobre a discriminação que sofreram no estabelecimento chamado Ferro's Bar⁵³, onde frequentavam e vendiam os exemplares do periódico nas noites de sábado (Fernandes, 2018). Justamente devido às vendas do boletim, em julho de 1983 ocorreu “nosso pequeno Stonewall” ou a Revolta do Ferro's Bar, manifestação contra a repressão sofrida pelas militantes e ativistas lesbianas no recinto, conforme nos conta Gabriela Coutinho Sales (2019):

Apesar de lésbicas frequentarem o local há anos, o dono do bar e alguns funcionários já implicavam e faziam ameaças para que não vendessem o ChanacomChana ali. A situação se agravou no sábado, dia 23 de julho de 1983, quando o dono e os funcionários quiseram novamente expulsá-las para que não vendessem o boletim. Partiram então, para a agressão física, alegando que as militantes estariam fazendo arruaça. Segundo a autora Marisa Fernandes e o próprio boletim, as militantes do GALF naquela noite tiveram o apoio de outras lésbicas presentes. O dono do bar, em uma tentativa de tolher o grupo, acionou a polícia, que, surpreendentemente, ouviu os dois lados e decidiu não tomar partido. A explicação para tal conduta foi dada por um policial que afirmou: “os direitos são para todos os brasileiros” e em seguida se retiraram do bar. Apesar do desfecho ter sido considerado vitorioso pelo grupo, já que as lésbicas permaneceram no bar naquele dia, elas decidiram não se calar e depois de várias discussões decidiram que era necessário ocupar o Ferro's. Para tal, organizaram uma manifestação que foi realizada no dia 19 de agosto de 1983. Foram distribuídos panfletos durante meses para denunciar a atitude do dono e dos funcionários do bar (Sales, 2019, p.31-32).

Diante dessa realidade, a data de 19 de agosto é considerada um marco histórico para as lesbianas e, desse modo, esse dia foi denominado como o Dia Nacional do Orgulho Lésbico, em homenagem à ativista Rosely Roth (1959-1990) e a toda sua vida dedicada ao ativismo lésbico. Já em 1996, o Dia Nacional do Orgulho Lésbico foi redefinido para o dia 29 de agosto, data da realização do I Seminário Nacional de Lésbicas (SENALE), posteriormente marcado como o Dia Nacional da Visibilidade Lésbica (Fernandes, 2018). Portanto, o mês de agosto é celebrado como o mês da visibilidade lésbica em respeito a esses dois marcos importantes na história lésbica do Brasil.

Utilização do Material

Considerando os textos – escritos por Vange Leonel – apresentados e a contextualização feita sobre a violência policial no período ditatorial brasileiro, percebemos que as ativistas do grupo Lésbico-Feminista (LF), posteriormente, GALF, e

⁵³ É significativo dizer que embora o Ferro's Bar - assim como muitos outros lugares -, fosse frequentado por gays e lésbicas não se identificava como um bar de frequência homossexual e nem se adequava para tal. Inclusive, na época um dos donos do bar se negou a dar uma entrevista para o *Lampião da Esquina* para a divulgação do local.

os outros militantes homossexuais realizaram uma série de ações políticas para denunciar a repressão policial. As ações das lesbianas no campo da política e da cultura evidenciaram a resistência dessas ativistas à opressão social e policial, sendo elas as principais responsáveis por trazer à tona questões como a sexualidade, o prazer feminino, a construção social da feminilidade e os diversos tipos de violência contra as mulheres em geral.

A utilização dos materiais selecionados possibilita que a história dos movimentos lésbicos brasileiros seja discutida no ensino de história, assim como auxilia na historicização das lesbianidades, contribuindo para a superação dos processos de apagamento lésbico que acontece na historiografia tradicional.

Ao destacar os textos ‘Gomorra Paulistana’ (2001) e ‘A Revolta do Ferro’s Bar’ (2008), é possível analisar como ocorre o processo de organização das lésbicas durante o regime civil-militar, bem como entender como a ditadura brasileira constituía narrativas ou reiterava violências sobre as lesbianas. Ademais, essas fontes colaboram com a análise de como o pensamento militar mobilizou noções que atrelavam subversão política, moral e sexual, associando à “lesbianismo”, à marginalidade e ao crime.

Por fim, a aula pode se estruturar para que seja possível compreender os bares, no contexto ditatorial, como um espaço de sociabilidade lésbica ambíguo, que permitia e restringia, ao mesmo tempo, as possibilidades de existência lesbiana.

TEMÁTICA II: *Anos Vinte*, a década das lesbianas.

FONTE I: ‘Natalie Barney, a Safo de Paris’ (2001)

Natalie Barney era uma moça muito bonita, escrevia uns poemas lésbicos e feministas e às sextas-feiras à noite promovia um salão cultural só para mulheres. [...] Hedonista até o último fio de cabelo, Natalie parecia, de certa forma, querer reproduzir nos jardins da sua casa uma Lesbos fictícia. Durante meio século Barney entreteve as mulheres que passavam por lá – mulheres inteligentes, independentes e na sua maioria artistas ligadas à arte. [...] Natalie instituiu às sextas-feiras um salão específico para mulheres, junto com a sua amiga Colette, que o batizou de ‘Academia de Mulheres’. A academia foi criada como protesto contra a proibição de mulheres na Academia Francesa de Letras. Os objetivos da organização eram promover, discutir e facilitar a publicação de livros de jovens escritoras, bem ao estilo do que se acreditava ser a escola de Safo de Lesbos. E como uma Lesbos reinventada, os salões de Natalie Barney também ficaram conhecidos por ser o acontecimento mais excitante para todas essas mulheres que literal e fisicamente, amavam-se umas às outras. Todos os artistas que chegavam a Paris e queriam apreciar o fenômeno eram levados aos salões da rua Jacob para conhecer a Safo de Paris. Natalie não tinha a menor vergonha de dizer a torto e a direito que era lésbica, e pode-se dizer que foi uma das primeiras mulheres a advogar o Orgulho Gay. Estabeleceu-se em Paris na virada do século, justamente para poder viver a sua homossexualidade de maneira franca e aberta. Indolente (se tivesse nascido no Brasil seria baiana, com certeza), escrevia pequenos livros de pensamentos feministas, glorificava Safo e

as Amazonas e, com certeza, os seus salões promoveram grandes encontros e germinaram pequenas obras-primas. [...] Em geral, as frequentadoras do salão da rua Jacob, onde se localizava a casa de Barney, eram mulheres apartadas da família e sem filhos, que encontravam nessa pequena Lesbos, além de contatos artísticos e literários, o apoio afetuoso que lhes faltava para enfrentar o mundo lá fora. [...] Apoio e afeto que, vindos de um pequeno núcleo social, são importantíssimos como um sinal de que não somos seres proibidos de expressar homoerotismo socialmente. Mais que o alívio de encontrar uma turma de iguais, os salões de sexta-feira na casa de Natalie funcionavam como um oásis, um espaço seguro para manifestações amorosas públicas e lésbicas, ainda que restritas a um jardim de um salão literário. [...] A verdade é que o salão das sextas-feiras no jardim sáfico de Natalie Barney [...] é uma parte da história da efervescente Paris das décadas de 1920 e 1930 que só agora começa a ser revelada com mais clareza e menos pudor.

Natalie Barney, a Safo de Paris. In: Leonel, Vange, 1963- *Grrrls: garotas iradas* / Vange Leonel. – São Paulo: *Summus*, 2001. Edições GLS. p.35-39.

FONTE II: ‘A primeira super-heroína lésbica’ (2001)

A década de 1920 ficou conhecida como “os loucos anos” e a geração que viveu o auge da sua vida madura nesta época foi apelidada de “geração perdida”. Mas os anos de 1920 ficaram famosos também por ser a década do *lesbian chic*. Do Harlem nova-iorquino até a Rive Gauche parisiense, passando necessariamente por Berlim, lésbicas andavam de braços dados pelas ruas, eram cantadas em prosa e verso e quase toda mulher moderna que se prezasse experimentava uma relação homossexual. Isso só foi possível porque, após a Primeira Guerra, as mulheres começaram a conquistar espaço no mercado de trabalho, o que significava ganhar o seu próprio dinheiro, podendo assim dispensar a tutela de um marido. E, obvio, sem a necessidade econômica de casamento heterossexual as lésbicas podiam se sustentar e morar sozinhas ou acompanhadas das suas amantes, enfim, podiam viver o seu lesbianismo plenamente. Esse pelo menos era o caso das mulheres mais à frente do seu tempo, artistas que se reuniam na casa de Natalie Barney na Rive Gauche. [...] a escritora Djuna Barnes criou a primeira super-heroína lésbica de todos os tempos: dame Evangeline Musset. A heroína era protagonista de um pequeno livro, *Ladies almanack* (Almanaque das senhoras), uma paródia do círculo de amigas lésbicas de Natalie Barney. Djuna termina a saga de Evangeline Musset, primeira heroína lésbica da literatura mundial. A língua, intacta, revela a permanência, através de séculos e séculos, da poesia lésbica – afinal, a literatura sempre foi o veículo de expressão e de resistência do homoerotismo feminino. Nem o fogo que queimou as poesias de Safo nem a fogueira que levou Joana conseguiu eliminar a língua de Evangeline Musset. Que ela brilhe incandescente por muito tempo ainda!

A primeira super-heroína lésbica. In: Leonel, Vange, 1963- *Grrrls: garotas iradas* / Vange Leonel. – São Paulo: *Summus*, 2001. Edições GLS. p.111-113.

Contextualização

O pós-1ª Grande Guerra na Europa e os 20 anos seguintes representaram profundas transformações sociais e políticas que corresponderam a alterações de mentalidade. Eventos complexos e conturbados levaram à instituição de novas estruturas modeladas pelas mudanças de regime na Europa central vencida e pela Revolução Bolchevique, bem como pelo desejo de viver em outros ritmos culturais, a renovarem uma *Belle Époque* que a guerra enterrara (França, 1983). Nesse contexto, os Anos Vinte — *Années Folles* — evidenciam tanto o declínio de um regime quanto a consolidação de

outro, revelando um cenário marcado por continuidades estruturais e por uma condição persistente de subdesenvolvimento cultural. Esse conjunto de relações permite compreender a década de forma mais ampla e integrada. Desse modo, os anos de 1920 a 1930 (ou de 1918 a 1932) são anos de formação de valores condutores do futuro social e cultural do mundo ocidental, particularmente na Europa (França, 1983).

Em relação às lesbianidades, a historiografia sinaliza que o século XX foi um período bastante conturbado e desafiador para ser uma mulher lesbiana. Segundo Auler (2019), a invisibilidade, a indiferença e os apagamentos acumulados por séculos se transformaram, por meio de discursos largamente difundidos, em desvio, inversão e doença. Cenário que colaborou para que muitas mulheres lesbianas sucumbissem e incorporassem em suas vidas a ideia de “invertida”. Já outras, por recusarem serem rotuladas dessa maneira, esconderam-se, tentaram fugir de si, de seus desejos e, muitas vezes, acabaram se conformando com uma vida heterossexual (Auler, p. 70), levadas a uma existência de uma profunda depressão, chegando até o suicídio⁵⁴.

Em contrapartida, apesar do termo lésbica ter sido propagado de maneira extremamente depreciativa, insultuosa e vilipendiosa, a partir do início do século XX, é possível notar que as lesbianas presentes em Paris conseguiram estabelecer suas redes de apoio na cidade e ativamente participar da evolução de uma cultura homossexual a partir de movimentos políticos e vida cultural e social (Sibalis, 2002 *apud* Stamatopoulou, 2018). Os *Anos Vinte*, em especial, são conhecidos – também –, por seus bares famosos que acolhiam as lésbicas, nos quais as lesbianidades podiam florescer em liberdade e as lesbianas eram consideradas chiques e elegantes nos círculos boêmios e artísticos (Faderman, 1998). Contexto que possibilitou que Paris, no período entre guerras e anterior à ascensão nazista ao poder, tornasse referência para as pessoas homossexuais, conforme destaca Stamatopoulou (2018):

[...] a existência de locais lésbicos é de muita importância: não apenas esses lugares são pontos de encontros de lésbicas e mulheres *queer*, onde elas se divertem, mas também locais onde elas se encontram e socializam com outras lésbicas, sentem-se seguras e livres para flertar, discutir e compartilhar e/ou criar suas experiências únicas sem ser constantemente sujeitas ao olhar heteropatriarcal e heteronormativo. Chetcuti (2013, p.43-54) em sua pesquisa em Paris e Toulouse afirmou que os locais lésbicos são percebidos como “contra-espacos”, especialmente porque as lésbicas experimentam a ausência do julgamento hetero de seu ‘status de lésbicas’. Além disso, embora Cattán e Clerval (2011) tenham observado que os locais lésbicos são negócios privados, que portanto “levanta a questão de acessibilidade a todos”, é também

⁵⁴ Essa imagem que foi difundida – da lésbica invertida, doente, depressiva, alcóolatra e suicida acabou fazendo com que muitas mulheres internalizassem essas ideias. As consequências em relação a isso chegam aos dias de hoje, pois uma das principais causas de morte de mulheres lésbicas é o suicídio, como mostram os dados do Dossiê sobre lesbocídio no Brasil: de 2014 até 2017 (PERES; SOARES; DIAS, 2018 *apud* Auler, 2019p. 71).

importante reconhecer que os locais lésbicos permitem a criação de novas formas de sociabilidade e sentido de ‘pertença’ (MEREAU, 2002). Tais locais também representam diferentes identidades lésbicas, significando que diversas sub-categorias lésbicas existem de acordo com diferentes códigos de vestuário, estilos musicais, idade e assim por diante (COSTECHAREIRE, 2011) (Stamatopoulou, 2018, p.17).

Diante disso, historicamente podemos observar que lugares voltados ao público homossexual nas cidades (ocidentais) sempre tiveram um papel significativo na construção e promoção das identidades e comunidades. Dessa forma, locais históricos, como Katmandou, Rive Gauche ou Tango (*La Boîte à Frissons*), eram famosos entre as lésbicas de diferentes contextos sociais e econômicos. Foram diversos os nomes de mulheres lesbianas que circularam pela capital francesa e viveram o momento de tolerância e de certa admiração da década de 20. Uma dessas mulheres foi Natalie Barney⁵⁵, a safo moderna que viveu no círculo artístico de Paris, onde passou grande parte da vida buscando ressignificar a imagem da mulher lésbica, como citado em Auler (2019):

[...] não concordava com a ideia de que mulheres homossexuais eram “homens presos no corpo de mulher” – ou “invertidas”, como os especialistas insistiam em colocar. Inclusive, ela lamentava o fato de que muitas de suas amigas acabaram caindo nessa “armadilha”. Ao não se aceitarem, elas internalizavam um auto-ódio que, muitas vezes, era seguido por automutilação, sentimento de deslocamento, tristeza e melancolia (Auler, 2019, p. 71).

No texto ‘Natalie Barney, a Safo de Paris’, Vange explora as dimensões da personalidade boêmia e hedonista de Barney, a qual desde cedo teve consciência de sua lesbianidade, que, para ela, era uma expressão de seu feminismo (BENSTOCK, 1986; FADERMAN, 1998). Natalie pregava o amor livre e seguia o fluxo de suas paixões vividas abertamente, cuja única restrição no campo amoroso parecia ser em relação aos homens, dos quais era a amiga escritora que amou todas as mulheres do mundo⁵⁶.

Com a descoberta dos escritos de Safo⁵⁷, na década de 1890, Natalie passou

⁵⁵ Natalie Clifford Barney (1876-1972) nasceu na cidade de Dayton, Ohio, nos Estados Unidos, em uma família rica e da alta sociedade. Seu pai era um homem religioso, machista e conservador; enquanto a mãe, Alice Pike Barney, tinha um pensamento mais aberto e era apaixonada pelas artes. Apesar da desaprovação do marido, Alice dedicou-se à pintura e, após a morte dele, usou uma parte do dinheiro para estabelecer em Washington D.C. um dos centros culturais destacados do país. Natalie foi influenciada pela mãe em pelo menos dois aspectos importantes: no exemplo da devoção às artes e no desprezo às convenções sociais (BENSTOCK, 1986) (Auler, 2019, p. 71).

⁵⁶ “Natalie viveu um grande amor com a poeta britânica Renée Vivien, com quem viajou em 1904, para Mytilène, na ilha de Lesbos, Grécia, com a intenção de recriar uma comunidade cultural lésbica – como nos tempos de Safo (BENSTOCK, 1986). [...] No período em que elas estavam juntas, Vivien e Natalie possuíram uma troca – intelectual e de vida – muito preciosa. [...] Mais um aspecto que elas compartilhavam era a visão em relação à homossexualidade feminina: elas acreditavam que o lesbianismo não era apenas uma preferência sexual, mas sim um total comprometimento com as mulheres e os valores que elas representavam; assim, ambas estavam convencidas de uma base moral de sua homossexualidade (JAY, 1998). Karla Jay acredita, inclusive, que está nessa visão o grande legado que elas deixaram para feministas lésbicas dos anos 1970, por exemplo” (Auler, 2019, p.77-78).

⁵⁷ Diferentemente dos escritores homens da época – que também haviam ficado admirados com os

a ter como pretensão formar uma “Ilha de Lesbos” em Paris, uma comunidade lesbiana que representaria uma oportunidade importante para as lésbicas redescobrirem suas tradições literárias e históricas, assim como para enfatizar o amor entre mulheres como uma busca pela visibilidade (Auler, 2019). Para Barney, Safo representava uma utopia, a promessa de uma cultura lésbica alternativa, definida pelas próprias mulheres e não por um patriarcado dominante (BENSTOCK, 1986, p. 281 *apud* Auler, p. 78). Logo, em 1909, Natalie mudou-se para Paris e, neste mesmo ano, iniciou seu salão literário⁵⁸, como conta Auler, 2019:

O salão acontecia todas as sextas-feiras e, além das discussões literárias e trocas de ideias entre os convidados, Natalie propunha performances artísticas em seu jardim: teatro, ballet, leitura de poesias. Ela acreditava na performance artística como um método para educar, compartilhar ideias e conhecimentos, e as usava também para expor suas ideias feministas. Mesmo com a participação de diversos homens, era bastante clara a vontade da anfitriã em destacar os trabalhos de mulheres e, inclusive, criar um círculo sáfico (BENSTOCK, 1986). Esse círculo, de fato, concretizou-se e “funcionou como um grupo de apoio às lésbicas para permitir que elas criassem uma autoimagem, a qual a literatura e a sociedade lhes negavam” (FADERMAN, 1998, p. 369). Justamente por esse desejo – que já vinha de muitos anos, no mínimo desde a ida para a Ilha de Lesbos, em 1904, com Renée Vivien – ela passou a abrigar, a partir de 1927, o que foi chamado de Academia das Mulheres. Esses encontros aconteciam em um dia diferente do salão literário e, apesar de também serem abertos aos homens, eram praticamente só mulheres que frequentavam (JAY, 1988) (Auler, 2019, p.80-81).

De acordo com a historiografia, a Academia das Mulheres – uma crítica à Academia Francesa (*Académie Française*), a qual teve a primeira mulher admitida apenas em 1980 –, era um ambiente para potencializar visibilidade às mulheres escritoras, tanto as antepassadas quanto as contemporâneas, um espaço de encontro e trocas entre mulheres e uma rede de apoio para artistas, que ajudava a impulsionar, inclusive financeiramente, trabalhos ainda não publicados (Auler, 2019).

fragmentos da poetisa grega –, para Barney e Vivien, Safo significava uma mulher que “passou a vida apaixonadamente envolvida com outras mulheres, escreveu sobre essa paixão e conseguiu estabelecer uma escola de poetisas mulheres” (JAY, 1988, p. 61). O último item era um fato que confirmava algo muito importante para elas: a criatividade artística não era “anormal” para as mulheres, como por muito tempo tentaram sustentar (Auler, 2019, p. 75).

⁵⁸ Durante todos esses anos, muitíssimos nomes importantes do círculo artístico francês, e também internacional, passaram por ali: Lucie Delarue Mardrus, James Joyce, Isadora Duncan, Jean Cocteau, Gertrude Stein, Paul Valéry, Colette, Djuna Barnes, Rainer-Maria Rilke, Auguste Rodin, Dolly Wilde, Elisabeth de Gramont, Radclyffe Hall, Mata Hari, Janet Flanner, Vita Sackville-West, Romaine Brooks, Marguerite Yourcenar, Ida Rubenstein, Sylvia Beach, Adrienne Monnier e outros (BENSTOCK, 1986; FADERMAN, 1998 *apud* Auler, 2019, p. 80).



Imagem 14 – Performance artística entre mulheres no jardim de Natalie Barney, em Paris, s/d. Bibliothèque Littéraire Jacques-Doucet, Paris. Fonte: <<https://www.colorado.edu/gendersarchive1998-2013/2002/08/01/memories-bilitis-marie-laurencin-beyond-cubist-context>>.

Desse modo, a Academia de Mulheres funcionou durante muitos anos da forma como se imaginava que acontecia na escola de Safo de Lesbos, um espaço no qual as mulheres lesbianas reuniam-se para discutir e facilitar a publicação de livros, assim como vivenciar suas afetividades e sexualidades enquanto mulheres que se interessavam por mulheres de diferentes formas. Em acordo com Cabral e Pinheiro (2023), concluímos que esses espaços são como teias de afeto e solidariedade entre mulheres que desviavam às normas e que ousaram publicar num momento em que a escrita era admitida para elas, mas não era incentivada a se tornar pública (p.164).

Ao escrever sobre as existências lesbianas dessas personagens históricas, Vange Leonel potencializou e explorou as nuances das lesbianidades, narrando os amores, as “paixões, a infidelidade, os triângulos amorosos, a inspiração para poemas, os romances, os começos febris, os finais tristes, algumas amizades eternas, uns casamentos estáveis e outros que são uma montanha-russa” da nata artística intelectual de expatriados em Paris. Leonel acendeu as luzes da Rive Gauche com seus salões de festa e jardins repletos de jovens artistas e escritores apontando para o caminho da fama. As “Sereias de River Gauche”⁵⁹ foi como Vange Leonel apelidou esse grupo de mulheres lesbianas

⁵⁹ São elas: a própria Natalia Barney; a escritora americana Djuna Barnes e sua amante Thelma Wood; a escritora Radclyffe Hall e sua companheira Lady Una Troubridge, e duas das amantes de Barney: Dolly Wilde, sobrinha do escritor Oscar Wilde - de quem Barney era fã e admiradora tanto por suas obras quanto por seu estilo de vida - e a pintora Romaine Brooks (Cabral e Pinheiro, 2023, p. 164).

escritoras e artistas que viveram no início do século XX, na França, e que sonharam com a reconstrução da Ilha de Lesbos, na qual a existência lesbiana era festejada, admirada e valorizada.

Utilização do material

Quando recorremos à historiografia, aos arquivos e às fontes variadas, é observável a escassez de imagens das lesbianidades feitas pelas próprias mulheres lesbianas. Auler (2019) retrata a ausência de dados biográficos e a falta de representatividade como consequências diretas de um sistema de poder muito bem articulado e consolidado, sustentado pelo patriarcalismo e pela heteronormatividade. No entanto, para Tessa Boffin (1991), existe uma alternativa para superarmos todos os fardos impostos pela escassez de representação das lesbianidades, que é ir além de nossos arquivos empobrecidos para criar ícones, sustentar novas imagens, referências e paradigmas.

Nesse sentido, quando Vange Leonel escreve sobre os *Anos Vinte – Anos Loucos* e constrói narrativas sobre as “Sereias de River Gauche”, ela está buscando construir e potencializar outras imagens e referências possíveis sobre as lesbianidades e as lesbianas. Sendo assim, por meio das fontes selecionadas para compor as aulas de História, as temáticas ligadas às lesbianidades podem ser abordadas no ensino, contribuindo para o diálogo e a construção de narrativas que desafiem a centralidade da perspectiva masculina e ampliem os modos de representar as experiências lésbicas na história.

As aulas podem explorar a importância da literatura na visibilidade das lesbianidades durante a década de 1920, considerando que, à medida que algumas mulheres conquistaram maior autonomia para escrever e publicar, começaram a surgir narrativas que abordavam experiências afetivo-sexuais entre mulheres. Ainda que nem sempre livres de estigmas ou condicionamentos sociais, essas produções literárias representaram um avanço significativo ao possibilitarem que autoras expressassem, de forma mais direta e subjetiva, vivências até então silenciadas ou distorcidas pela ótica heteronormativa. Ao observar os textos que Vange escreveu, podemos perceber que os registros literários foram as principais fontes para retomar as vivências e experiências dessas mulheres lesbianas a partir do que elas próprias escreveram. Desse modo, a aula possibilita compreender a importância da escrita — uma das primeiras atividades que possibilitaram o acesso de certas mulheres aos espaços públicos — como ferramenta para

investigar o contexto histórico de sua produção e identificar vestígios das trajetórias pessoais de mulheres lésbicas. Ao considerar marcadores sociais como classe, raça, sexualidade e letramento, torna-se evidente que esse acesso não foi universal, mas condicionado por múltiplas formas de exclusão e privilégio que determinaram quem pôde escrever, publicar e ser lida.

A aula de história também pode focar em ressignificar a imagem da mulher lesbiana, que durante muito tempo na literatura e na vida foi construída em torno de noções de doença, perversão, inversão e paranoia. Ao se potencializar a existência de Natalie Barney no ensino de história, é permitido revisar essa imagem predominante por tantos anos. Natalie escolheu a vida que levou e, ao longo de sua existência, tentou ensinar cada uma dessas mulheres a amar de maneira diferente. Barney foi, provavelmente, a figura lésbica mais reconhecida e influente do período modernista, especialmente por não esconder sua sexualidade e por recusar-se a ser definida por homens e resumida a uma “doente congênita” (Auler, 2019, p. 85). Ao se autodefinirem, as lesbianas arrancaram a definição de amor entre mulheres da profissão médica e a recuperaram. Portanto, a aula de história pode focar na importância em ter imagens criadas por quem compartilha a mesma forma de vida, em ter nomes, identidades e redes de apoio, essenciais para a luta por direitos.

Por fim, outro fato relevante a ser destacado nas aulas de história é o apagamento da sexualidade de artistas lesbianas e a necessidade de negociação de espaços cotidianos para mulheres lesbianas, visto que, frequentemente, elas são reprimidas pelas restrições impostas pelo olhar heteronormativo do espaço público. Realidade que impacta diretamente a capacidade de muitas mulheres lesbianas de se sentirem seguras e livres para serem quem são, uma vez que demonstrações públicas de afetividade e intimidade entre duas mulheres – lesbianas ou não –, podem levar a atos de violência verbal, física e à discriminação.

TEMÁTICA III: A *New Woman* e as lesbianidades no período entre guerras

FONTE I: ‘Princesas desencantadas’ (2001)

[...] Mas vivemos outros tempos. Depois da Revolução Industrial as Mulheres, valorizadas por sua mão-de-obra, acabaram mais engajadas na sociedade. E, finalmente, depois da Primeira Guerra, com a falta de homens no mercado, a mulher definitivamente pôs os dois pés em praça pública. Podemos trabalhar, vestir calças compridas, temos direito a voto e, de uns quatro séculos pra cá, é consenso que possuímos alma. O nosso imaginário, porém, continua povoado por histórias nas quais a mulher que ousa seguir sem um homem ao lado é punida com a morte na fogueira, o exílio ou a prisão.

Princesas desencantadas - In: Leonel, Vange, 1963- *Grrrls: garotas iradas* / Vange Leonel. – São Paulo: *Summus*, 2001. Edições GLS. p.26-28.

FONTE II: ‘Natalie Barney, A Safo de Paris’ (2001)

O que chama a atenção no caso de Natalie Barney é que, se sua atitude e comportamento em relação ao sexo e ao amor eram liberais, suas posições políticas eram bastante reacionárias. Pacifista durante a Primeira Guerra, Natalie se entusiasmou, no final da década de 1930, com as ideias fascistas de seu amigo Ezra Pound, que falava maravilhas de Mussolini. No entanto, sua postura ideológica parecia ser muito volúvel [...] parece mesmo que Barney mudou de opinião logo no começo da Segunda Guerra, quando viveu escondida na Itália, e até ajudou um casal de judeus a escapar para a América. [...] Equilibrada, sim, mas extremamente complexa e aparentemente contraditória. Afinal, cultivava um estilo *belle époque*, com cabelos compridos e vestidos esvoaçantes, numa época em que as mulheres usavam cabelos *à la garçonne* e vestidos retos e angulosos. Isso foi durante os loucos anos de 1920, quando Paris era o centro dos acontecimentos culturais e das transformações que romperam de vez com o século anterior. O aparecimento da “nova mulher”, uma mulher independente, dona de seu dinheiro e de sua sexualidade, foi uma das novidades do pós-guerra.

Natalie Barney, a Safo de Paris. In: Leonel, Vange, 1963- *Grrrls: garotas iradas / Vange Leonel*. – São Paulo: *Summus*, 2001. Edições GLS. p.35-39.

Contextualização

Como bem sabemos, a Primeira Guerra Mundial foi um acontecimento que ultrapassou as fronteiras da imaginação humana e suas múltiplas influências em eventos posteriores não podem ser subestimadas, dado que suas ressonâncias traumáticas reverberaram pela primeira metade do século XX e possivelmente além (Thoms, 2021, p. 34). Conseqüentemente, os anos durante e após a 1ª Grande Guerra reconfiguraram a sociedade e abriram alguns espaços e profissões para as mulheres, especialmente pela mudança da base econômica de rural para industrial. O período também contribuiu para o surgimento de novas categorias sociais possíveis, “como as mulheres adultas não casadas, mulheres solteiras, celibatárias ou, ainda, as mulheres sem homens – termos que, por muito tempo, podem ter contribuído para encobrir a palavra lésbica” (Auler, 2018, p. 128).

Durante o período entre guerras, a mulher estadunidense teve a oportunidade de trabalhar nos mais diversos segmentos: em indústrias de bombas, alimentos, fabricação de armas, aviamentos, com educação, no governo, como voluntárias no exército, entre outros (Mendonça, 2015). Conforme destacado por Natania Nogueira (2015), em nenhum outro momento da história tantas mulheres, em diferentes países, foram chamadas a contribuir para guerra como entre os anos de 1939 e 1945. À vista disso, o período entre guerra foi um momento significativo para as mulheres, já que elas ocupavam muitos espaços, nos setores público e privado, como enfermeiras, secretárias, professoras, cozinheiras, datilógrafas, operadoras de rádio, pilotas, técnicas de laboratório, motoristas, entre outras funções (Mendonça, 2015).

Ademais, é no contexto do período entre guerras que surge um senso de

identidade coletiva entre as mulheres lésbicas (Latimer, 2005), especificamente na capital francesa, onde um número maior de artistas lésbicas retratava publicamente as vivências entre mulheres. Os anos entre 1919 e 1939 podem ser considerados como os anos dourados da cultura homossexual na Europa ocidental (Curopos, 2019), alguns autores dos *Anos Loucos* apontam para a existência de uma comunidade lésbica em algumas cidades da Europa, como, por exemplo, em Berlim, Lisboa⁶⁰ e Paris. Em relação à última cidade, de acordo com Fernando Curopos:

É sem dúvida para fugir aos boatos e aos “preconceitos portugueses” (Silveira 1948:235), como indicado por ela nas suas memórias, que a escritora profeminista Maria Olga de Moraes Sarmiento da Silveira (1881-1948), amiga de Virgínia Quaresma, se instala em Paris ainda durante a Primeira Guerra Mundial, algo muito invulgar tendo em conta a situação geopolítica. É na cidade luz que irá encontrar a baronesa Hélène de Zuylen (1863-1947), a última companheira de Renée Vivien (1877-1909). Vivien foi, junto com Natalie Clifford Barney (1867-1972), uma das primeiras escritoras de língua francesa a escrever uma poesia abertamente queer. A vida dessas duas mulheres, iniciadoras de uma verdadeira cultura lésbica no Paris da Belle Époque, também era conhecida em Portugal (Curopos 2017:119-129) (Curopos, 2019, p. 21).

Na Alemanha, o período entre guerras foi marcado pela República de Weimar, instaurada em 1919 e encerrada com a ascensão do nazismo em 1933. Nesse contexto, a inflação figurou entre os principais problemas econômicos, e a alternância entre momentos de crise e prosperidade tornou-se uma das características mais marcantes dessa fase histórica. Apesar do contexto histórico turbulento pós derrota na 1ª Grande Guerra e de suas consequências, o período da República de Weimar é considerado uma era áurea alemã, por conta do renascimento cultural, que ocorreu a partir de diversas artes, e do combate aberto à intolerância sexual, que deu a Berlim o status de Metrópole Gay da Europa até a ascensão do nazismo. (de Oliveira Champangnatte e de Castro, 2017).

Nesse sentido, embora o período entre guerras na Alemanha tenha sido marcado por uma grande crise, paradoxalmente ele ficou conhecido como os anos dourados, por conta da atmosfera cosmopolita, liberal e urbana, pela liberalidade sexual, pelas vanguardas artísticas, literárias e pelo cinema⁶¹, que foi um campo muito criativo

⁶⁰ “[...] na Lisboa dos anos 1920, começa a emergir uma comunidade lésbica no seio da elite cultural de que são exemplo a pianista e crítica musical Francine Benoît (1894-1990), a bailarina Corina Freire (1897-1975), a escultora Ana de Gonta Colaço (1903-1954), a pintora Maria Adelaide Lima Cruz (1908-1885) ou a poetisa Virgínia Vitorino (1895-1967). Embora muito discretas, para não terem que sofrer a devassa pública de que foi alvo a poetisa Judith Teixeira aquando do episódio da “literatura de Sodoma” (Curopos 2019a:79-100), a intimidade de Vitorino com Olga de Moraes começa, ela também, a dar que falar. A amizade entre as duas mulheres será objeto de um romance à clef, *A Mulher Redimida*, do jornalista e escritor de direita Amadeu de Freitas, obra que concentra todos os chavões da literatura lesbofóbica: lésbica sedutora de meia-idade, jovem ingénua seduzida, professora perversa, lésbica maquiavélica” (Curopos, 2019, p. 22).

⁶¹ Adriana Kurtz em ‘Notas para uma história do cinema homossexual na era dos regimes totalitários’ (2001) relata que foi nesse período em que surgiu a sede da primeira organização cujo objetivo era combater

durante a República de Weimar (de Oliveira Champagnatte e de Castro, 2017, p.2).

Com o fim da *Belle Époque*, parecia que a sociedade estava ansiosa para recuperar o tempo perdido, resultando em uma aceleração da vida e das mudanças na sociedade. Durante quase meia década, o Rio de Janeiro, capital do Brasil à época, passou por um processo de mudanças notórias em amplos setores. Segundo Sant'Anna (2012), no Brasil, as tendências que surgiram no campo da moda provocaram “adesões apaixonadas”, bem como “críticas ácidas e adaptações inovadoras”, e alguns higienistas reconheceram como saudáveis as roupas mais leves e os cabelos curtos das “novas mulheres”. É significativo sinalizar que todas as alterações na aparência feminina que ocorreram no início do século XX não são alheias ao progressivo ingresso das mulheres no “mercado de trabalho fora do domicílio, a sua maior presença no espaço público, o aumento da produção literária feminina, os inícios dos movimentos feministas e o acesso à instrução, [...] fenómenos que se aceleram a partir da I Grande Guerra” (Vaquinhas, 2016, 356).

Essas mudanças revelaram uma nova identidade da mulher e questionaram as relações sociais e os papéis de gênero na sociedade, contribuindo para a valorização dos sentimentos e do prazer nas relações afetivas e para o questionamento da maternidade como objetivo prioritário das relações sexuais. Logo, é no contexto sociocultural dos *loucos Anos Vinte*, após um conflito sem precedentes que abalou todos os aspectos da vida econômica e social, que se estabelecem as *garçonnes* adeptas de um modelo de vida boêmio e cosmopolita, que simbolizou uma mudança de mentalidade no pós 1ª Grande Guerra, conforme argumentado por Irene Vaquinhas:

Nos anos do pós-guerra, elegância e boémia tendem a coincidir, apropriando-se a *garçonne* do universo da noite, até então estritamente masculino. [...] O fator moda leva também muitas mulheres a fumar, fenômeno a que as tabaqueiras não ficavam indiferentes, criando marcas de tabaco destinadas ao sexo feminino ou servindo-se da imagem da mulher moderna na publicidade. Também associado à vida noturna está o consumo de estupefacientes: a morfina, a cocaína ou *coca*, o ópio ou ídolo negro. [...] A vertigem da velocidade afecta as relações, multiplicando-se os *flirts* passageiros. A homossexualidade feminina expande-se e a ambiguidade das identidades sexuais permanece como uma constante dos loucos Anos Vinte (Vaquinhas, 2016, p.357-358).

a intolerância sexual - o Comitê Científico Humanitário - através de Magnus Hirschfeld, que era gay, judeu e alemão, juntamente com três amigos. [...] Laurence Kardish em “Weimar Cinema, 1919-1933: Daydreams and Nightmares” descreveu o período como “extremamente fértil e influente no desenvolvimento das imagens em movimento” (2010, tradução nossa). O Cinema produzido na época foi um cinema único, com suas especificidades e características típicas da sociedade alemã. Houve uma representação constante da vida noturna decadente, característica marcante da multicultural cidade de Berlim, assim como da sexualidade irrestrita e o erotismo inédito. [...] A produção de filmes que abordava questões sexuais foi tão grande que, no começo da República, chegava-se a produzir por volta de 150 filmes sobre a temática dentro do período de apenas um ano (de Oliveira Champagnatte e de Castro, 2017, p.4-5).

A figura da *garçonnette*⁶² era tida como um símbolo da mulher moderna nos *Anos Vinte*, além de ter contribuído para a alteração do conceito tradicional de feminilidade identificado pelo estereótipo da mãe, esposa e dona de casa. Designadas em Portugal e no Brasil, respectivamente, como “cabelo à Joãozinho” e “melindrosas”, as *garçonnettes* eram identificadas pelo cabelo curto, roupas ligeiras e novas atitudes que confrontavam os padrões morais vigentes, provocando reações críticas em diversos setores sociais. Essas mulheres modernas — ou *new women* — despertaram especial incômodo nos meios mais conservadores, conforme destacado por Vaquinhas (2016):

Confundido as identidades sexuais, o cabelo *à la garçonnette* era associado a atitudes contestatárias que poderiam pôr em causa o tradicional papel das mulheres na sociedade, afigurando-se, por isso, subversivo e perigoso. As primeiras mudanças nos padrões estéticos femininos antecedem a I Grande Guerra (1914-1918), coincidindo com a crescente importância da moda na formação das representações e os inícios do modernismo (Bard, 1998, p.16). Estes padrões estéticos traduzem-se num novo tipo de silhueta, estilizado e esguio, em substituição das formas opulentas, de cunho maternal, que corporizavam os cânones da beleza da mulher da segunda metade do século XIX (Vaquinhas, 2013). A formalização do novo ideal físico é acompanhada de cuidados com o bem-estar (prática de algumas actividades desportivas, contestação do corpete ou da cauda nos vestidos, masculinização do vestuário, preocupação com o peso e a alimentação, entre outros aspectos) que mobilizam a opinião pública. Os higienistas manifestam-se, em geral, favoráveis às mudanças em curso, e o belo adquire no final do século XIX, conotação médica, sendo entendido como o culminar da saúde (Vaquinhas, 2013, p.255 *apud* Vaquinhas, 2016, p.355).

Contudo, embora as *garçonnettes* tenham se firmado no imaginário social – com seus comportamentos ousados e desviantes, os cabelos curtos e as roupas simplificadas – no final da década, sobretudo a partir da crise de 1929, o estilo *garçonnetto*⁶³ começou a perder influência e importância, isso ocorreu em estreita articulação com o retorno das ideologias conservadoras e os anseios de ordem e de estabilidade (Vaquinhas, 2016).

⁶² “O vocábulo *garçonnette* é um neologismo criado, em 1880, pelo escritor e crítico de arte Joris-Karl Huysmans (1848-1907), mas é nos Anos Vinte que é divulgado para identificar a mulher moderna, de aparência andrógina e de espírito independente, traduzidos no corte de cabelo curto, no vestuário de linhas diretas e numa filosofia de vida que se afasta do modelo vigente da esposa, mãe e dona de casa. (Marques, 2004). Tem por base o romance homônimo do escritor francês Victor Marguerite (1866-1942), publicado no ano de 1922, cuja personagem principal – Monique Lerbier – dará o mote para a caracterização da mulher moderna. [...] Considerado indecoroso, o romance *La Garçonnette* foi responsável por um grande escândalo literário, tendo sido incluído, pelo Vaticano, no *Index* dos livros proscritos e proibidos em vários países” (Vaquinhas, 2016, p.354).

⁶³ “Protagonista central dos Anos Vinte, as *garçonnettes* marcaram a década, introduzindo novas identidades portadoras da noção de liberdade, tanto nas atitudes como nos costumes, não desprovidas de consequências políticas, tendo dado grande visibilidade à mulher no espaço público e antecipando a sua adaptação a novas exigências profissionais. [...] Os novos meios de comunicação – a imprensa, o cinema e o teatro – contribuíram para a difusão da imagem da mulher moderna, fazendo-a “saltar” da literatura para a realidade. [...] Porém, entre a ficção e a realidade, nem sempre o acordo é possível. O peso do conservadorismo associado à influência da Igreja Católica joga a favor da tradição e da manutenção dos arquétipos tradicionais femininos. [...] Todavia, a imagem da *garçonnette* como símbolo de modernidade, de irreverência e de optimismo permanece até os dias de hoje” (Vaquinhas, 2016, p.358-359).

Dessa maneira, quando o aumento da liberdade e do movimento das mulheres começou a dar pistas de que poderia produzir repercussões amplas, discursos fervorosos apareceram para tentar colocar tudo de volta à norma tradicional patriarcal, misógina e heterossexual.

A sociedade passou a difundir algumas teorias de médicos e escritores, desenvolvidas desde o século XIX, que afetavam a todas as mulheres, sobretudo, as mulheres independentes, que não estavam mais dispostas a ficar à sombra de um homem e abaixo das leis patriarcais. Esse contexto possibilitou que, no início do século XX, discursos patológicos⁶⁴ relacionados às lesbianidades predominassem, transformando a lésbica em uma mulher “invertida”, como destacado por Auler (2019):

A oposição ao movimento das mulheres, num esforço para preservar definições tradicionais dos papéis sexuais, era uma reação óbvia (SHOWALTER, 1993, p. 24). Foi, cada vez mais enfaticamente, difundida a ideia de que a mulher independente era uma lésbica – e que a lésbica, por sua vez, era uma aberração. [...] a nova mulher, de formação universitária e independente em termos sexuais, despertava intensa hostilidade e medo por parecer desafiar a supremacia masculina na arte, nas profissões liberais e no lar (SHOWALTER, 1993, p. 61 *apud* Auler, 2019, p. 60).

Nessa conjuntura, ganharam grande visibilidade as figuras da *New Woman*, *garçonne* e melindrosa, que subverteram os papéis tradicionalmente atribuídos ao feminino e ao masculino. Consequentemente, por conta do surgimento de novas identidades, multiplicaram-se as representações da mulher nas páginas da imprensa e nas ruas das cidades cosmopolitanas, possibilitando observar as mudanças na aparência e atitudes femininas. As chamadas Novas Mulheres viveram em um contexto histórico marcado pelas lutas por direitos civis e políticos, especialmente pelo sufrágio feminino, ao mesmo tempo em que começaram a ocupar os espaços públicos de forma mais visível, desafiando o ideal de reclusão feminina vinculado ao ambiente doméstico — predominante nos séculos anteriores (Calvet, 2019). No entanto, esse processo de emancipação foi atravessado por marcadores sociais como classe, raça e sexualidade, já que o acesso à educação, à escrita e à circulação urbana não era igualmente garantido a todas as mulheres. Muitas dessas Novas Mulheres, especialmente pertencentes aos estratos sociais mais escolarizados e urbanos, cultivavam laços afetivos intensos com

⁶⁴ “O lesbianismo como um conceito médico começou a ser difundido no final do século XIX por Carl von Westphal. O psiquiatra alemão publicou, em 1869, um estudo de caso sobre a “Fraulein N.”, a qual era atraída por mulheres. Ele a diagnosticou como “congénita invertida” e argumentou que sua anormalidade era o resultado de uma degeneração hereditária e neurose (ZIMMERMAN, 2004). [...] Seguindo na linha de Westphal, Richard von Krafft-Ebing desenvolveu sua teoria e descreveu a homossexualidade feminina como uma “condição de doença herdada do sistema nervoso central” (ZIMMERMAN, 2004, p. 331). Essa constatação está no livro *Psychopathia Sexualis*, publicado pela primeira vez em 1882 (Auler, 2019, p. 61).

outras mulheres, vistos na época como “amizadas românticas”⁶⁵. Para algumas, compartilhar a vida com essa “alma gêmea” feminina era mais do que um ideal emocional: representava também uma forma de contestar os arranjos normativos da heterossexualidade compulsória.

Utilização do Material

Perante o exposto, conclui-se que antes de qualquer tipo de movimento feminista existir, as lesbianas existiam e foram mulheres que amavam mulheres, que se recusavam a cumprir com o comportamento exigidos delas e a se definir em relação aos homens. Nossas antepassadas, que ousaram viver seus amores em contextos de repressão, enfrentaram violências profundas por sua coragem. Muitas foram torturadas e queimadas como bruxas, caluniadas em tratados religiosos e, posteriormente, também em textos considerados científicos, além de retratadas na arte e na literatura como figuras bizarras, amorais, destrutivas e decadentes (Auler, 2019, p. 31).

Desse modo, a partir das fontes selecionadas, as aulas de História podem estimular o questionamento dos padrões historicamente impostos ao comportamento feminino e às representações de feminilidade, especialmente em relação à figura das Novas Mulheres que emergem na modernidade. O período entre guerras pode ser abordado como um momento-chave de transformação nas concepções de gênero, evidenciando a presença ativa das mulheres não apenas nos espaços sociais, mas também na construção de suas próprias representações e na produção da história da modernidade.

Ademais, a aula pode ser pensada a partir dos conceitos de progresso e modernidade atrelados à figura das Novas Mulheres, as quais queriam liberdade, lutavam por seus direitos e atuavam como cidadãs das novas cidades urbanizadas (Calvet, 2019). Assim, professoras e professores podem direcionar o olhar para as cidades modernizadas e renovadas que, a partir do início do século XX, passaram a permitir o acesso de algumas mulheres — sobretudo brancas, letradas e de classes médias urbanas — a novos espaços sociais.

A aula também pode abordar o papel da imprensa e da literatura na explosão imagética que expôs e exaltou as novas metrópoles urbanizadas, associadas à figura da

⁶⁵ Pelo menos nos séculos XVII, XVIII e XIX, as chamadas amizadas românticas entre mulheres eram bastante toleradas e, em alguns casos, até incentivadas (FADERMAN, 1998). Isso acontecia porque o divórcio não era permitido e, além disso, dava-se muito valor à castidade – a castidade dentro de uma visão falocêntrica, pois a sociedade não considerava o ato sexual entre mulheres. Uma mulher “alienada pelo seu marido, poderia encontrar conforto em uma mulher amiga, sem prejudicar o tecido essencial da sociedade” (FADERMAN, 1998, p. 75 apud Auler, 2019, p. 41).

new woman, símbolo da modernidade tanto no que diz respeito à condição feminina quanto ao espaço urbano onde ela circulava (Calvet, 2019, p. 14). Outro ponto relevante a ser explorado é a forma como a *new woman* passou a incorporar múltiplas identidades, entre elas a lésbica.

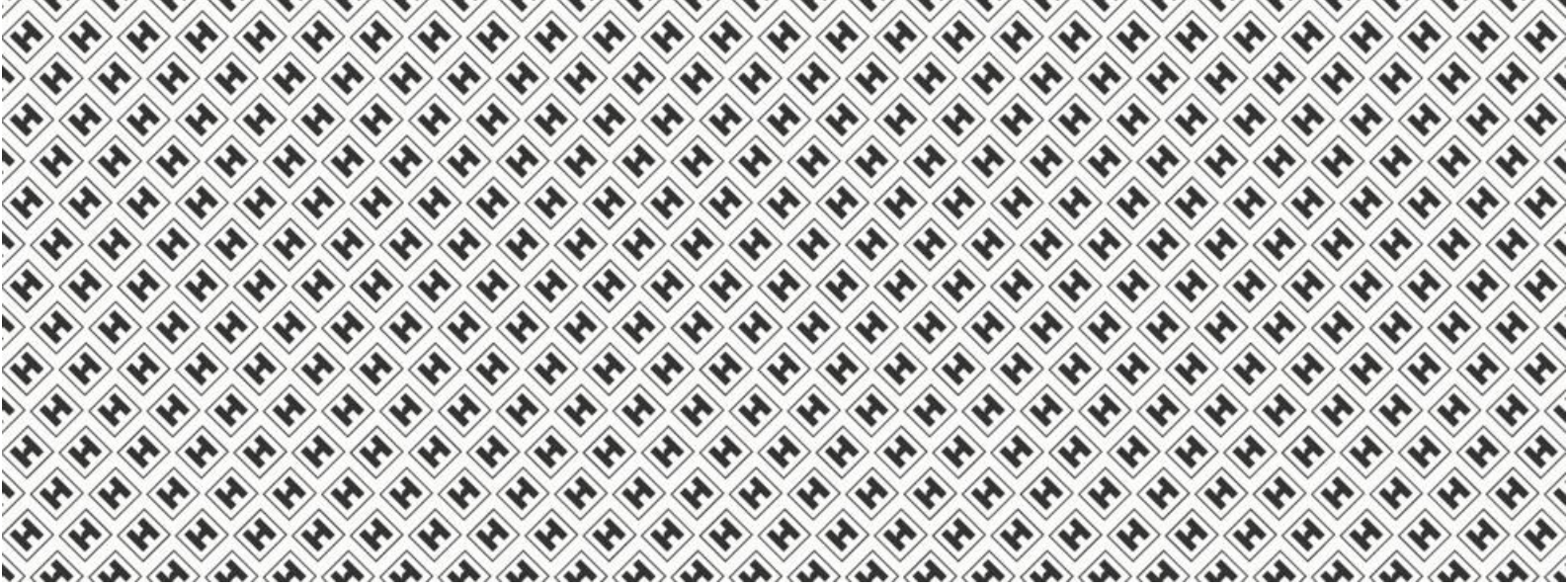
Diante do exposto, pode-se concluir que, no Ensino de História, as construções sociais podem ser analisadas em relação aos fatos e contextos de diferentes períodos, permitindo identificar tanto rupturas quanto continuidades nos processos históricos. Desse modo, nas aulas de História, é essencial que temas vinculados às sexualidades e às lesbianidades sejam debatidos sempre que possível, inseridos nos eventos e contextos históricos abordados nos conteúdos, uma vez que a presença desses temas tidos como sensíveis “significa um posicionamento que constitui uma atitude de compromisso político, para com a diminuição das desigualdades presentes em diversos âmbitos da sociedade, como na própria escrita e ensino de História” (Medeiros, 2021, pg.13).

Nesse sentido, quando Vange Leonel escreve sobre as nuances dos relacionamentos afetivo-sexuais entre as lesbianas que viveram intensamente o período entre guerras, ela está potencializando e visibilizando a realidade das lesbianidades e o cotidiano banal e extraordinário em que vivem as mulheres lésbicas. No texto, Leonel retrata amores, desejos, brigas, traições, choros, corações partidos, encontros e desencontros, compondo um mosaico afetivo que contribui para a construção de referenciais, memórias e ancestralidades lésbicas. Ao dar visibilidade a essas experiências cotidianas, sua escrita colabora para normalizar as existências lesbianas e fundamentar uma história das lesbianidades rica em fontes e narrativas.

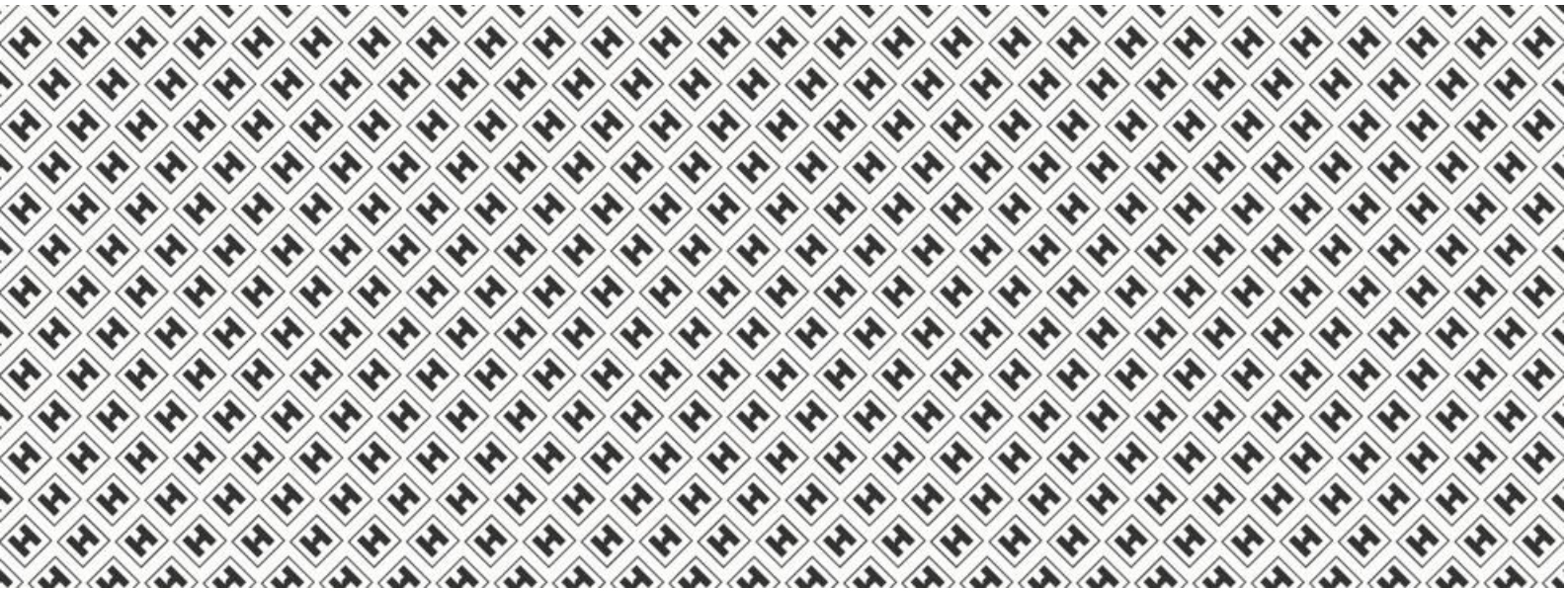
Diante do exposto, este capítulo buscou discutir os fundamentos que sustentam uma proposta de ensino de História que contemple as lesbianidades como parte constitutiva das experiências sociais e históricas. Para isso, foram abordados os referenciais teóricos que fundamentam uma educação para a sexualidade comprometida com os direitos humanos e a valorização das diferenças, destacando a importância de práticas pedagógicas que permitam às/aos estudantes reconhecer e construir sentidos históricos ancorados em suas vivências. Nesse processo, a obra e a trajetória de Vange Leonel foram centrais para a reflexão sobre a construção de uma história lésbica visível, sensível e insurgente.

Seu ativismo, sua escrita, suas performances artísticas e seus posicionamentos públicos foram apresentados como práticas de resistência e como possibilidade concreta de mediação pedagógica. Vange não apenas desafiou os padrões normativos impostos à

sexualidade e ao gênero, como também contribuiu para a constituição de uma memória coletiva lésbica no Brasil contemporâneo. Ao refletir sobre o silenciamento dessas experiências nos currículos escolares e propor caminhos para a inclusão de narrativas que desestabilizem a heteronormatividade, o capítulo contribui para responder ao problema central da pesquisa: como tornar visível, no espaço escolar, a historicidade das mulheres lésbicas, seus amores, corpos e trajetórias, a partir de práticas pedagógicas críticas e libertadoras.



CAPÍTULO III.
A CULTURA ZINÍSTICA NAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS



CAPÍTULO III. A CULTURA ZINÍSTICA NAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

O uso de fanzines enquanto dispositivo didático alternativo na prática do ensino de história, pode ser comparado aos materiais didáticos tradicionais e se justifica pela própria flexibilidade na elaboração de conteúdo e no caráter atrativo de um material que foge de padrões estéticos pré-estabelecidos, sendo então, mais um recurso multimídia que atrai a atenção do estudante fazendo com que ocorra uma maior compreensão dos conteúdos ministrados em sala de aula por possuir diversas formas de realização, permitindo que os estudantes realizem uma leitura de fácil assimilação. Sua confecção caseira, sem necessidade de grandes conhecimentos técnicos ou financeiros permite na sala de aula uma rede de disseminação de saberes (Araújo et al., 2017, p. 3-4).

Conforme bell hooks (2013), o aprendizado e a educação são atos de revolução e liberdade. Um dos compromissos fundamentais das/os professoras/es é nutrir o intelecto dos sujeitos em formação, incentivando o pensamento crítico. Para que esse potencial seja plenamente desenvolvido, é essencial que o corpo docente conheça aqueles que ensina, reconhecendo que o processo educativo está profundamente vinculado aos modos de viver, de se comportar e de se reinventar de cada indivíduo.

O primeiro paradigma de uma educação como prática da liberdade é a ideia de que a sala de aula deve ser um lugar de entusiasmo e nunca de tédio. Contudo, por vezes, o entusiasmo no ensino pode ser visto como algo que pode perturbar a atmosfera de seriedade considerada essencial para o processo de aprendizagem. Desse modo, entrar numa sala de aula munida de vontade de partilhar o desejo de estimular o entusiasmo em aprender é um ato de transgressão, e é preciso que as práticas didáticas deixem de ser regidas por um esquema fixo e absoluto.

É necessário que exista interesse real entre os indivíduos envolvidos nos processos de ensino e aprendizagem para que o entusiasmo esteja presente na sala de aula, sendo crucial que as/os professoras/es valorizem de verdade a presença de cada estudante e reconheçam que o entusiasmo é gerado pelo esforço coletivo. Diante disso, o prazer de ensinar se transforma em um ato de resistência que se contrapõe ao tédio, ao desinteresse e à apatia onipresentes que tanto caracterizam o modo como professores(as) e alunas/os se sentem diante do aprender e do ensinar, diante da experiência da sala de aula (hooks, 2013, p.21).

A consciência e o engajamento críticos só podem ser desenvolvidos por meio da participação ativa das/os estudantes, que buscam não apenas o conhecimento presente nos livros e nos conteúdos curriculares, mas também reflexões sobre o modo de estar e viver no mundo. Ao integrar essas vivências ao processo de ensino, professoras e professores transformam a sala de aula em um espaço significativo e potencialmente

libertador. Desse modo, conforme destacado por Amaral (2022):

Se uma das missões atribuídas à educação é contribuir com a formação crítica dos alunos, “não podemos partir de uma ignorância daqueles conhecimentos, destrezas, atitudes e valores culturais que a juventude valoriza acima de todas as coisas” (SANTOMÉ, 1995, p. 165), mas somar ao currículo escolar esses conhecimentos e valores culturais através de atividades e práticas pedagógicas de criação, instigando “constantemente a curiosidade do educando em vez de ‘amaciá-la’ ou ‘domesticá-la’” (FREIRE, 2002, p. 78) (Amaral, 2022, p. 43).

Nesse sentido, dentro do sistema escolar, professores(as) são desafiados diariamente a encontrar novas maneiras para partilhar e construir conhecimento, para além das formas tradicionais de transmissão de conteúdos, uma tarefa nada fácil considerando a vivência cotidiana da docência em escolas públicas e de periferia pelo país afora. A realidade de muitos espaços educativos brasileiros passa bem longe dos recursos tecnológicos modernos porque, muitas vezes, essas unidades de ensino possuem acesso precário ou inexistente à internet, transformando a metanarrativa da digitalização e virtualização de dados em uma lenda (Borba, 2015). Conforme argumenta a autora, é fundamental que professoras e professores reflitam não apenas sobre os conteúdos, mas, sobretudo, sobre metodologias capazes de alcançar todas/os as/os alunas/os, priorizando abordagens que não dependam exclusivamente de mídias digitais.

Em vista disso, aliar as práticas zinescas ao ensino de história contribui para desenvolver abordagens diferentes do currículo escolar, rompendo com a rotina, por vezes, repressiva das salas de aula. A experiência que tive durante os anos que desenvolvi projetos zinísticos na educação básica do estado de Goiás mostrou que a confecção de um fanzine por parte da/os alunas/os contribui para que se estabeleça um vínculo maior com os temas e conteúdos estudados. Isso ocorre porque as estéticas dos zines⁶⁶ são altamente atraentes, devido à manipulação de recortes de revistas e jornais, à utilização da colagem na produção e à criação de um elemento de comunicação de baixo custo, que favorecem possibilidades ricas no processo de ensino e na aprendizagem (Pinto, 2013, p. 44).

Portanto, incorporar os zines aos recursos pedagógicos apresenta uma série de benefícios, entre eles: a autoridade de quem produz, elevando os zineiros de consumidores a produtores de cultura e contribuindo para o aumento da autoestima de

⁶⁶ Ao chamar esse tipo de produção de zine, libertando-se do sufixo fan assim ampliando o escopo desse conceito, estabelece-se uma relação mais aproximada com a mídia alternativa, adotando o lado mais ligado ao “magazine” e afastando-se do lado “fanatic” estabelecidos por seus ancestrais. As novas publicações têm em comum o foco na autoexpressão e uma quebra na cadeia consumidora estabelecida anteriormente, não há mais um fã que troca notícias ou um aspirante a editor profissional fazendo testes para o mercado editorial convencional. Os gêneros e as mídias se mesclam para comunicar que ali há uma obra que envolve alguém passando uma mensagem direta ao leitor (WRIGTH, 1997 apud Vasconcelos, 2018, p. 24).

cada indivíduo inserido nesse processo. A leitura, a escrita e, principalmente, a criatividade são estimuladas durante toda a prática zinesca, que, de maneira geral, podem ser desenvolvidas nos diversos níveis de ensino e transitar em qualquer componente curricular. Todavia, a prática zinesca nas escolas ainda é modesta, sendo preciso, em um primeiro momento, entender o que é um fanzine, sua historicidade e sua utilização como ferramenta pedagógica. Desse modo, ao longo desse capítulo, tais aspectos serão explorados, visando contribuir para a disseminação da cultura zinística nos espaços educativos formais e não formais.

3.1. HISTORICIDADE: VOCÊ CONHECE E SABE O QUE SÃO FANZINES?

[...]os fanzines, cuja criação e evolução não é algo muito antigo, embora tenha suas raízes no fato de o ser humano querer se expressar criativamente. Mas, de certa forma, a gênese dos “zines” vem desde as actas diurnas romanas, passando pelos menestréis e bardos medievais (que cantavam suas odes e críticas humoradas aos reis), e trabalhos do artista do século XVIII William Blake, bem como as cartas lidas e copiadas no Renascimento, graças ao aumento das viagens intercontinentais, encontrando os primórdios dos jornais e, por fim, chegando aos próprios fanzines a partir da década de 1930 e 40 nos EUA, o que culminou nos libelos punks da década de 1960 e 70 dos ingleses (Andraus, 2009, p. 2).

Conforme nos conta Yuri Amaral no livro “FANZINES EM SALA DE AULA: construção de novas formas de pensar” (2022), existem várias especulações sobre a origem dos fanzines e Henrique Magalhães (2013), um dos maiores especialistas em fanzines no país, em um de seus textos, afirma a dificuldade de indicar uma origem precisa, dado o formato do fanzine como uma publicação amadora, à margem do mercado editorial, fato que dificulta sua catalogação. Dessa forma, existe certo consenso, entre muitos pesquisadores e zineiros, de que os fanzines tenham surgido no cerne da literatura de ficção científica, e que *The Comet* é o primeiro de que se tem registro, criado em 1930 por Ray Palmer para o *Science Correspondence Club*, nos Estados Unidos (Magalhães, 2013, Amaral, 2022).

Apesar da bibliografia sobre os fanzines ainda ser modesta, é de conhecimento comum, entre especialistas do meio, que o termo fanzine – que surge na década de 1940 –, é uma junção de abreviatura das palavras “*fanatic*” (fã) e “*magazine*” (revista). A princípio, essa mídia era tida como uma revista de publicação alternativa e independente, feita por fãs de um determinado assunto, objeto ou arte, e voltada para fãs do mesmo conteúdo (Magalhães, 1993, Ferreira, 2012). Com o passar dos anos, o termo disseminou-se entre os mais diversos grupos, os quais muitas vezes eram vistos como

marginalizados, e atualmente engloba todo tipo de publicação que tenha caráter amador, que seja feita sem intenção de lucro, pela simples paixão pelo assunto focado, cujo objetivo é propagar e potencializar ideias desses grupos que não possuem acesso às mídias tradicionais. Assim, de acordo com Andrade (2020):

O termo *fanzine* consagrou-se como designação de um certo tipo de edição relacionada às artes, cinema, música, quadrinhos, poesia, literatura etc. Graças à popularização da informática e ao barateamento do custo de duplicação de um original (xerox, impressão digital e off-set) hoje os *fanzines* proliferam e se tornaram o veículo de comunicação alternativa ideal para aqueles que não têm acesso à grande imprensa (Andrade, 2020, p.74-75)

Por conseguinte, os *fanzines* são tidos como publicações ambíguas, cuja definição é rarefeita e é ressignificada por cada autor/a, leitor/a ou editor/a. Desse modo, atualmente, o que passa a caracterizar um *fanzine*, além de seus conteúdos críticos e pessoais, é a ligação que essa mídia possui com expressões artísticas (Magalhães, 2013). Embora os *fanzines* tenham nascido pelas mãos de fãs de ficção científica, suas formas acessíveis e a estética multifacetada contribuíram para que sejam conhecidos como instrumentos capazes de dar voz aos anseios, às ideias e aos sonhos daquelas/es que os produzem, assim rompendo com o conceito tradicional e ampliando o horizonte conceitual do que vem a ser um *fanzine* (Amaral, 2022).

Com o passar dos anos, o *fanzine* consolidou-se como uma forma de expressão artística e um meio de disseminação de ideias que seguiram caminhos diversos, com abordagens excêntricas e multiculturais⁶⁷. Em países como França e Japão, por exemplo, o *fanzine* deixou de ser apenas um canal alternativo de circulação de conteúdos autorais e passou a funcionar também como espaço experimental de criação — verdadeiros laboratórios de ideias e até “portfólios” utilizados por editoras para identificar novos talentos (Andraus, 2009, p. 3).

De acordo com os autores e zineiros Magalhães (1993), Andraus (2009) e Ferreira (2012), a expansão dos *zines* ocorreu nas décadas de 1960 e 70, sobretudo pela insurgência do movimento punk, com sua postura agressiva e seu discurso contra o *status*

⁶⁷ De certa maneira, na contemporaneidade, a maioria dos autores (amadores e/ou profissionais) que auto-editam suas revistas, quer contenham arte (quadrinhos, poesias etc), quer textos (sobre ficção científica, música, quadrinhos etc) acaba por ser denominado invariavelmente de *fanzineiros*, e suas revistas de *fanzines* (ou *zines*), principalmente porque muitas destas edições mesclam artigos com expressões artísticas. Outro ponto a se destacar num *fanzine* é a informalidade de sua atuação, a independência de suas informações, a novidade e pesquisa de seus textos, bem como a variedade infinita de formatos e apresentações gráficas, quer sejam impressas ou fotocopiadas. E isto se estende na atualidade aos “e-zines” (electronic *zines*), que seriam *zines* eletrônicos atinentes à virtualidade do ciber-espaço da rede virtual de computador (internet), bem como os blogs, uma variante do que seria um diário, ou jornal pessoal, ou ainda um *zine* também, em que cada blogueiro divulga aquilo que ama e gosta (Andraus, 2009, p. 3).

quo por intermédio da contracultura⁶⁸. No final dos anos 70, houve também a disseminação do uso de fotocopiadoras, que baratearam os custos e possibilitaram a melhor inserção de elementos gráficos, como fotos e ilustrações, em detrimento dos mimeógrafos, fato que transformou completamente a produção dos zines no Brasil e no mundo.

Tratando-se do Brasil⁶⁹, é em meados da década de 60 que surgem os primeiros fanzines brasileiros, a primeira publicação a ser feita era dedicada ao gênero de histórias em quadrinhos e utilizava o modelo de boletim (Vasconcelos, 2018). Por um longo período, a maior parte dos fanzines no país era dedicada exclusivamente às histórias em quadrinhos, geralmente com foco no universo das HQs estadunidenses⁷⁰ (Magalhães, 2013; Amaral, 2022), e se dedicavam a abordar reportagens, contextos históricos, perfis de personagens e até mesmo biografia de autores e resenhas de revistas.

No texto “A utilização do fanzine no processo de comunicação participativa” (2012), a autora Jeanne Gomes Ferreira destaca que, na primeira metade da década de 1980, aconteceu o apogeu dos fanzines, visto que as produções ficaram cada vez mais numerosas e elaboradas e houve uma intensa troca de correspondências. Contudo, a partir de 1986, iniciou-se a queda da produção dos fanzines brasileiros, causada pela crise econômica que se instaurou no país, a qual contribuiu para o declínio da edição dos zines. Camila Silva Vasconcelos, em sua monografia intitulada “Fanzines como ferramenta de expressão da comunidade LGBTT: identidade e cidadania” (2018), narra que Magalhães (1993) divide a história do fanzine brasileiro em quatro fases:

os pioneiros constituída pela geração mimeógrafo onde tudo era muito novo e ainda havia muito a se definir, ocorrendo entre os anos de 1965 a 1976 e tendo como principal público os leitores de histórias em quadrinhos; consolidação

⁶⁸ “A contracultura foi um grande movimento de contestação e descontentamento social e cultural, que teve início lá nos anos 1960 e 1970 com significativa participação dos jovens da época. Liberdade amorosa e sexual, fim das guerras e conflitos mundiais, confronto com o capitalismo e críticas à televisão, principal meio de comunicação de massa do período, eram assuntos pautados pela contracultura, que se desenvolveu de diferentes formas em várias partes do mundo. O movimento punk, inclusive, adotou os zines de forma a ter uma expressão específica para eles, os punk zines ou punkzine, assim juntinho, com conteúdo ligado à literatura e música punk e críticas sociais que instigavam a liberdade individual e o antiautoritarismo” (Andrade, 2020, p. 70).

⁶⁹ No Brasil, os primeiros fanzines surgiram vinculados ao universo da ficção científica. Um dos pioneiros foi o *Boletim de Intercâmbio de Ciência-Ficção Alex Raymond*, criado por Edson Rontani na década de 1960, na cidade de Piracicaba (SP). A principal característica desse tipo de publicação consistia em promover o intercâmbio entre pessoas interessadas em temas específicos, o que favoreceu, desde então, o surgimento de diversos folhetins alternativos à grande mídia (Sousa, 2022, p. 10).

⁷⁰ Conforme a produção zínica conquistava seu espaço, algumas pessoas buscaram abordar temas não muito explorados – ou quase nunca explorados – como o PolítiQua, de José Carlos Ribeiro, no Rio Grande do Sul. Seu fanzine polemizou ao tratar da carga ideológica presente nos quadrinhos. Para Magalhães, “por meio de PolítiQua, tivemos acesso aos quadrinhos de países socialistas, praticamente desconhecidos pela maioria dos leitores” (Amaral, 2022, p. 25).

caracterizada por uma crescente produção de fanzines e uma maior atenção ao conteúdo produzido no Brasil, ocorrendo entre os anos de 1977 a 1982; expansão onde dezenas de publicações eram lançadas simultaneamente e quase todos os estados do país contam com produção de fanzines durante esta fase que ocorreu entre 1983 a 1986. Essa fase foi muito importante para a consolidação do quadrinho nacional como mercado para jovens ilustradores e roteiristas; e por último a crise da produção de fanzines, fase em que o país sofria com a crise econômica, e, por isso, a produção e distribuição de fanzines ficou estagnada durante os anos 80 e 90 (Vasconcelos, 2018, p. 22).

Conforme destacado por Carlos de Brito Lacerda no artigo “Ambiente escolar: O protagonismo do estudante com fanzines” (2014), em Goiás o primeiro fanzine publicado foi o *Imaginação*, de Paulo Cesar Castilho, que reunia histórias de terror, ficção científica, reportagem, entrevista, pôster e cartum, publicado 20 anos depois do primeiro fanzine brasileiro.

Na década de 1990, os fanzines aparecem como materiais riquíssimos para análise de processos sociais ligados à cena cultural goiana, principalmente a de rock. Os diversos zines produzidos durante toda a década se apresentam como “fontes de grande importância na apreensão de elementos que contribuíram para a forma como os jovens que participavam desta cena formulavam narrativas sobre si mesmos, sobre os outros, sobre o mundo e sobre a música” (Carrijo, 1990, p. 90).

Conforme conta Aline Fernandes Carrijo (1990), em sua dissertação de mestrado intitulada “Goiânia pelo caminho do rock: processo de construção das cenas de rock independente a partir de 1990”, entre as temáticas que mais aparecem e são amplamente discutidas nos fanzines do período estão o feminismo, a própria cultura punk e o anarquismo. Um outro ponto importante a ser destacado é a forte presença feminina na produção de fanzines na cena de rock em Goiânia, a exemplo temos o fanzine *AtitudeZine*, “idealizado por duas primas em busca de liberdade de expressão ou, nas palavras delas, para ‘falar o que der na telha’” (Carrijo, 1990, p. 91). Um outro tema constante nos fanzines dessa época era a crítica aos ditos valores capitalistas, cuja “posição política mais referenciada é o anarquismo, presente na maioria dessas produções, e na própria ‘cultura punk’” (Carrijo, 1990, p. 94). Com efeito, era comum que muitos fanzines protestassem sobre questões políticas locais, conforme pontua Carrijo:

[...]a contestação em relação a questões políticas locais, como, por exemplo, a problemática em relação ao aterro dos materiais contaminados com o céσιο-137, quando do acidente, em 1987. [...]mostrando o trauma e indignação sofrida pela população local em relação ao acidente, além do caráter politicamente ativo dos fanzines (Carrijo, 1990, p. 103).

É significativo dizer que, durante a década de 1990, em Goiânia, houve uma

grande circulação de fanzines da cena do rock *underground*, nos quais foram publicadas várias entrevistas, *releases* e propagandas de bandas não só de Goiânia, mas de outros locais, como Minas Gerais, São Paulo e Brasília, ou países, como Finlândia e Portugal. Os zines que circulavam nesse período buscavam veicular informações que eram praticamente inexistentes nos outros meios de comunicação, dinâmica que, segundo Carrijo (1990), atribuiu aos fanzines características do jornalismo cultural alternativo amador.

Os fanzines produzidos e compartilhados em Goiânia, na década de 1990, apresentam-se como fontes significativas de análise sobre aspectos culturais, sociais e políticos da cidade, visto que permitem que observemos “as ideias e informações que circulavam na cena local, além das representações que os participantes da cena faziam de si próprios e do mundo” (Carrijo, 1990, p. 108).

Diante do que foi dito, podemos compreender os zines como um espaço para a liberdade artística, expressiva e educacional, amplamente livre de censura, nos quais as/os autoras/es divulgam o que querem e como querem, sem amarras. Desde sua primeira aparição, os zines manifestaram grande potencial para integrar grupos e dar voz a uma pluralidade de discursos. Mesmo depois de tantas mudanças em torno deles, ainda hoje muitos grupos e indivíduos que se sentem à margem da sociedade recorrem aos zines em busca de visibilidade. Nesse sentido, visando às potencialidades dessa mídia como proposta pedagógica dessa dissertação, será produzida a Coletânea LESBOZINE, um material com caráter transgressor, que apresenta uma mistura de linguagens mesclando conceitos teóricos acadêmicos com a estética das mídias alternativas e radicais dos zines.

A Coletânea LESBOZINE busca ajudar professoras/es a discutir sobre sexualidade e lesbianidades no ensino de história, em que a proposta é ser um recurso que possibilite mais trocas de experiências e afetos em ambientes educativos do que explicações teóricas complexas. Esse material tem como intuito transformar a sala de aula em um espaço de entusiasmo, com alunas/os engajadas/os no diálogo, nas novas formas de aprender e no compartilhamento de conhecimentos, respondendo aos desafios do tempo presente na educação histórica. Cada volume que compõe a Coletânea LESBOZINE representa um exercício de coragem, resistência e amor que visa trazer à tona temáticas sobre as sexualidades, as lesbianidades e a diversidade humana.



3.2. A PRÁTICA LEVA À DIVERSÃO: ESTÉTICA E PRODUÇÃO ZINESCA

Quem faz fanzine ama o ato de fazer a publicação, não se trata apenas de manufaturar um produto comercial, existe ali um objetivo específico implícito: é uma parte do seu eu que vai ali naquele papel. Fazer um fanzine é um ato revolucionário, com ele você subverte as normas do sistema, não existe mais o ter que adequar seu estilo ou temática ao gosto popular, não é preciso se enquadrar em um molde, [...]o que deve sempre haver é a vontade de falar e ter uma voz. Com os fanzines, [...]há uma proliferação de autopublicações que abordam diversos temas, em diversos formatos, mostrando diferentes óticas sob uma infinidade de formas, visto que a liberdade que um fanzine oferece para criar é enorme e depende apenas do seu criador e dos materiais disponíveis para tomar forma (Vasconcelos, 2018, p. 15).

Os fanzines possuem inúmeras possibilidades estéticas e linguagem visual abrangente, eles transmitem informações e produzem cultura. Neles podem ser utilizados recortes, textos manuscritos, digitados e datilografados, além de conter desenhos, fotos, recortes de revistas e jornais etc. No processo de produção de um zine a criticidade, a criatividade e a propagação de opiniões são profundamente incentivadas e a autorialidade é uma questão central, dado que cada indivíduo se torna a/o autor/a de sua obra, ampliando sua capacidade de expressão a partir da elaboração de sua própria edição, utilizando os formatos que julga necessário e tratando de temas de seu interesse pessoal.

Conforme destacado por Andraus (2009), o ato de elaborar um zine compreende duas possibilidades: individualmente ou em conjunto, e existe uma vasta liberdade criativa relacionada às temáticas abordadas, estéticas experimentadas e palavras inexistentes, como os jargões e neologismos que surgem em meio ao caos criativo dentro do processo de feitura de um zine. Em relação aos formatos que cada zine pode apresentar, o autor pontua que:

O mais comum, porém, é o fanzineiro criar uma revista com apenas uma folha A-5, frente e verso (preto e branco, mas podendo usar papéis coloridos), e de sua matriz (que é chamada “boneco”), fazer uma tiragem de 50 a 100 exemplares em média. Com esta única folha, a montagem pode gerar muitas formas possíveis. [...]a variedade de formatos é quase tão grande e criativa quanto seus temas, e o ato de lê-los (tanto quanto fazê-los) desperta o gigante criativo adormecido no hemisfério direito cerebral, que é tocado e reluz numa experiência dadivosa e nova! (Andraus, 2009, p.5-6).

Quando os zines adentram às salas de aula, é importante que as/os professoras/es organizem materiais teóricos sobre os fanzines e desenvolvam cronogramas para que as/os estudantes possam conhecer a historicidade e os padrões estéticos dos zines. Mediante o planejamento de aulas que utilizem o método de estudo dirigido, as/os docentes tiram dúvidas conceituais e teóricas, “explorando os fanzines desde a execução dos processos de criação, como também depois de concluídos, com debates, seminários e depoimentos dos jovens sobre a experiência e sobre conhecimentos científicos” (Lacerda, 2014, p. 128-129).

É significativo ressaltar que os conteúdos dos textos e temas tratados nos zines, em grande parte das vezes, refletem a leitura de mundo de cada editor/a. Desse modo, uma das principais características dos fanzines é o fato de que seus editores possuem total domínio sobre o processo de produção dessa mídia que estimula a participação e promove práticas sociais e culturais. De acordo com Renato Donizete Pinto, no livro “Fanzine na Educação: algumas experiências em sala de aula” (2013):

A forma mais simples de se fazer um original de fanzine é através da montagem de recortes de imagens, texto manuscrito, datilografado ou digitado colado numa folha de papel sulfite e depois reproduzido em fotocópias. Partindo de uma folha de sulfite no tamanho convencional A4 pode-se desenvolver diversos formatos, desde ½ página, ou seja, folha dobrada ao meio, até o denominado acordeom, com a folha com oito dobras (TODD & WATSON, 2006). As fotocópias podem ser feitas em folhas na cor branca, passando pelo papel reciclado até em cores e com gramaturas mais espessas. Pode-se utilizar colagens de recortes de revistas e jornais até a editoração em programas de computador específicos para publicações. O mais importante neste processo criativo é a personalidade que será dada à publicação, ou seja, única e autoral. Economia, experimentação, ousadia, irreverência e simplicidade continuam sendo o principal de toda produção (LOURENÇO, 2006 apud Pinto, 2013, p.12-13).

Em relação aos tipos e formatos estilísticos dos zines, na década de 1970 e início da década de 1980, existia uma intensa produção de fanzines impressos, com formatos diversos, que utilizavam de papéis de gramaturas e cores diferentes, dobraduras, impressões em alto relevo e técnicas artísticas múltiplas (Andrade, 2020). Contudo, a enorme transformação nos meios de comunicação e as novas tecnologias a partir do começo da década de 1990 possibilitaram a ressignificação, a ampliação dos tipos de fanzines e a sua sobrevivência no mundo contemporâneo (Magalhães, 2013; Lacerda, 2014).

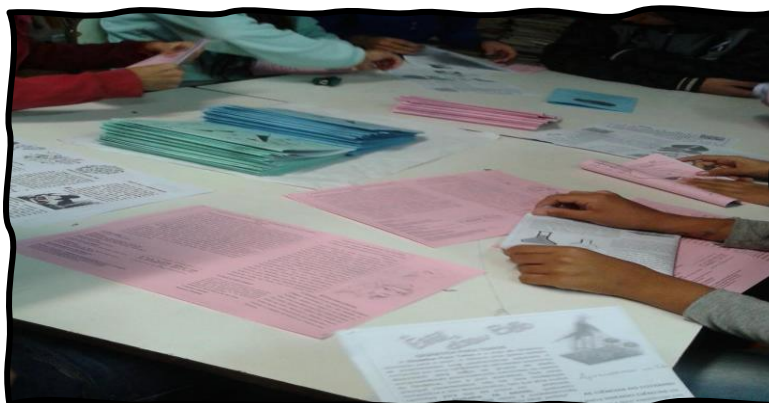
No meio eletrônico, os fanzines costumam ser denominados de e-zines, produções que não utilizam meios materiais, mas sim programas de computação gráfica, processo que possibilitou que os fanzines obtivessem alcance de público e espaço maiores. Sobre os e-zines, Camila Silva Vasconcelos (2018) argumenta que:

Quando pensamos nas publicações digitais, ou os chamados e-zines, a sofisticação nas ferramentas é o que nos vem à mente. Alguns produtores de e-zines utilizam programas de softwares profissionais como CorelDraw, Photoshop, Adobe InDesign ou programas de código livre como Gimp ou Scribus para construir as páginas que serão impressas. Atualmente existem opções para criar e distribuir os fanzines de modo on-line, através de ferramentas que operam por meio de sites, como por exemplo o site Flipsnack, Issu, Canva e Scribd, ressaltamos que apenas o primeiro a ser citado possibilita tanto a edição como distribuição do material. Há também os criadores que mesmo com todas as facilidades de edição proporcionadas pelo meio digital, optam por fazer um e-zine que se assemelhe às publicações analógicas (Vasconcelos, 2018, p. 18).

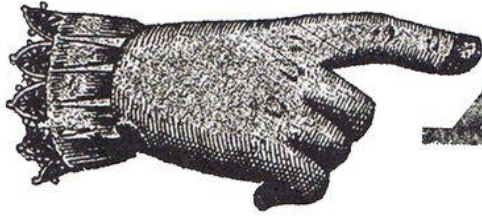
Após o impacto da popularização das ferramentas digitais, a produção dos zines se intensifica novamente, levando muitas/os zineiras/os a usarem as possibilidades técnicas e a diversidade de linguagens possíveis, utilizando as tecnologias ou técnicas híbridas. Conforme Diego El Khouri Sousa, no livro intitulado “zine, arte, resistência e ações pedagógicas”:

Hoje, encontramos zines diversos em todo o Brasil: trabalhos em forma de bula de remédio, origamis, folha dobrada no meio, mídias digitais etc. Autores trocam zines via correio (algo que estava “moribundo” há algum tempo), lendo por meio de papéis, computadores, tablets ou celulares. Ou seja, a produção e a circulação dos zines do século 21 se mantêm fortes e agora de forma ampliada (Sousa, 2022, p. 11).

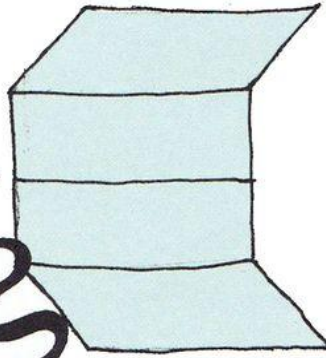
Diante desse contexto, é notório que o fanzine é um meio de comunicação livre, independente, de fácil acesso e simples, que pode ser proposto para qualquer faixa etária, com produção que não exige conhecimento complexo de algum equipamento (computador, por exemplo), ao mesmo tempo que, sendo de interesse da/do zineiras/os, pode ser produzido com ferramentas tecnológicas. Com efeito, não há amarras nem regras para se fazer um zine, não há delimitação de assuntos e padronização de conteúdos, basta querer escrever, fazer uma colagem ou desenho. Em uma clara manifestação de expressão livre, basta uma ideia na cabeça e um lápis na mão.



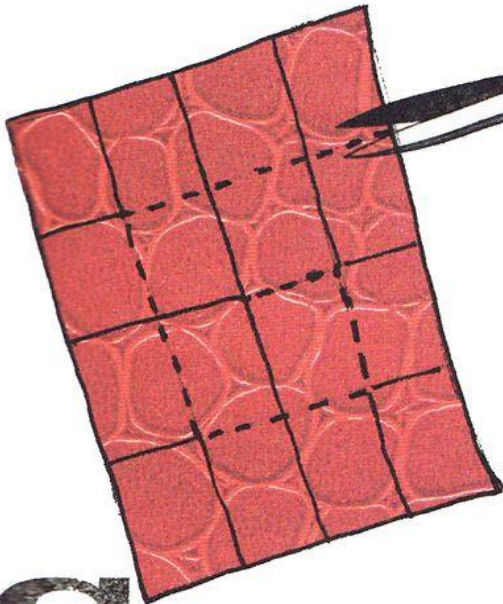
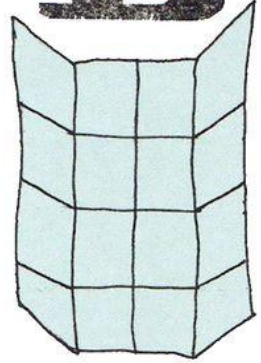
Estudantes organizando as edições do Zikazine (2016) – Arquivo pessoal da autora



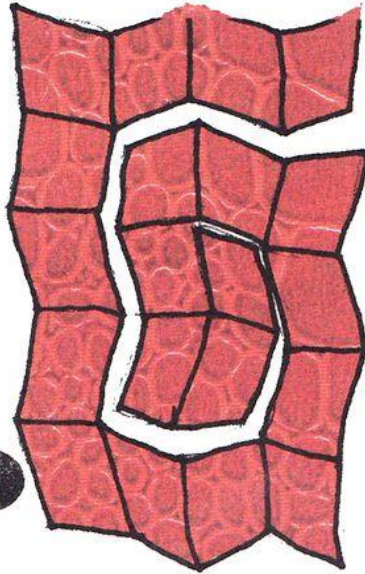
A



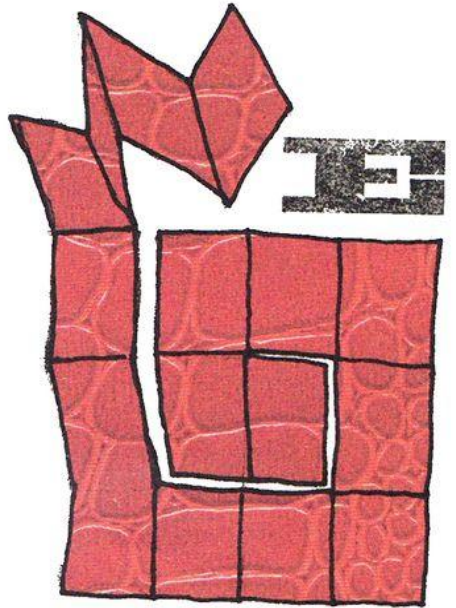
B



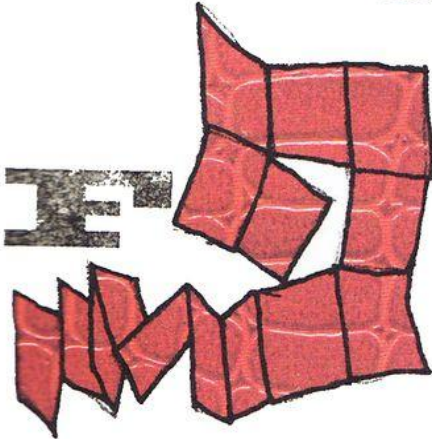
C



D

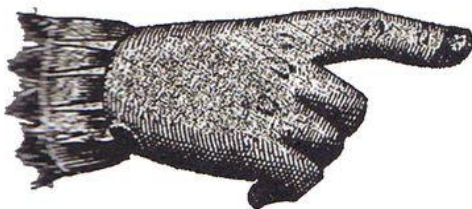
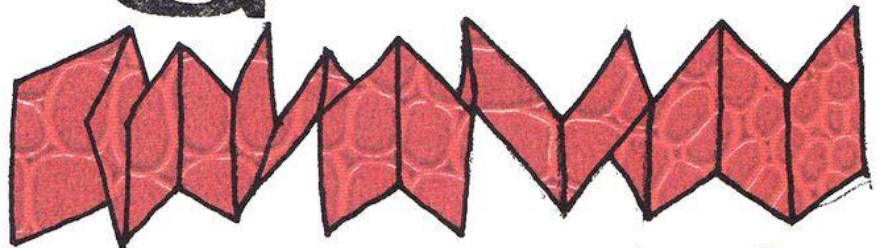


E

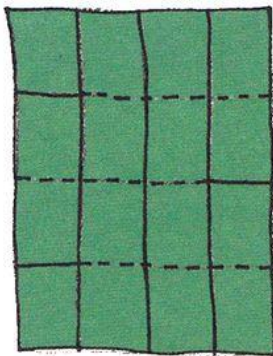


F

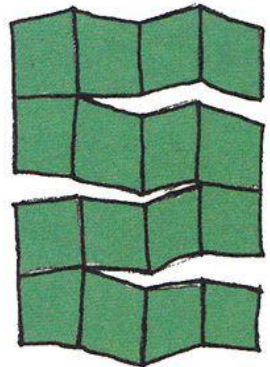
G



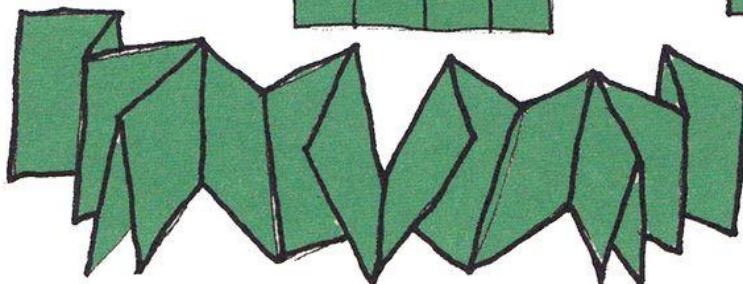
H

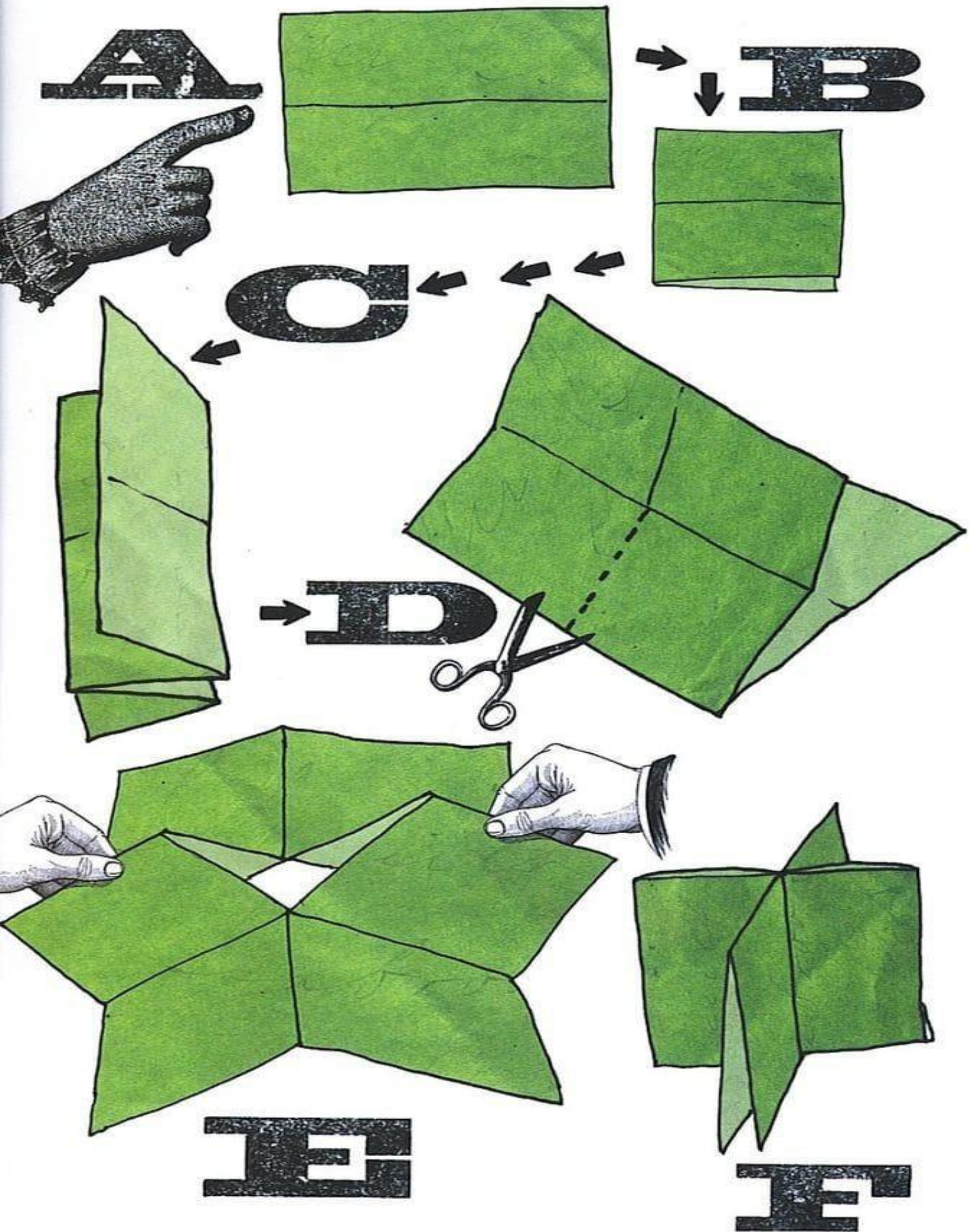


I



J





3.3. A PRÁTICA ZINESCA NO ENSINO DE HISTÓRIA

O fanzine tem margeado a escola e, mesmo sendo de baixo custo, não o incluímos na sala de aula como um recurso pedagógico que possibilita o exercício da cidadania, da criatividade e da criticidade, além de ampliar o olhar ante as imagens que nos são postas (NASCIMENTO, 2010, p.123 apud Ferreira, 2012, p. 8).

Há tempos que educar não é apenas sinônimo de instruir, mas de possibilitar vivências e experiências significativas às/aos estudantes, mediante um ambiente que proporcione práticas e atividades voltadas para a formação de cidadãos e cidadãs críticos(as), autônomos e socialmente ativos. No entanto, é possível observar que a educação há muito sofre com ausências de incentivos e investimentos do poder público, gerando carência de materiais e a degradação da infraestrutura básica, entre outras questões. Pensando nessa realidade, a utilização dos fanzines em espaços educativos se apresenta como uma alternativa acessível para compartilhar conhecimento e estimular a criatividade, de forma reflexiva, consciente e divertida.

Historicamente, conforme assinalado anteriormente nesta dissertação, o fanzine é definido como uma publicação artesanal e alternativa para aqueles que não se sentem representados e querem reivindicar direitos e visibilidade. No ambiente escolar, esse é um recurso que permite às/aos estudantes ter “voz” no processo de ensino aprendizagem a partir do seu próprio universo cultural (Andrade, 2020). Como ferramenta pedagógica, as/os professoras/es têm ao dispor uma plataforma de comunicação simples, de baixo custo, que proporciona um meio de expressão e interação social que transmite narrativas carregadas de significados, sob um prisma de possibilidades que permitem a socialização do conhecimento por intermédio da valorização dos saberes prévios e da expressão livre de ideias.

Apesar das potencialidades relacionadas ao uso de novas fontes, aos recursos pedagógicos e às possibilidades de atuação no ensino de história, por vezes, no cotidiano da sala de aula, temos dificuldades de associar o fazer histórico com o fazer pedagógico. Contudo, um ensino de história que valoriza a problematização, a análise e a crítica da realidade concebe estudantes e professores(as) como sujeitos(as) que produzem história e conhecimento em sala. Assim, a prática zínica – como expressão subjetiva, engajada e artística, de estímulo para o desenvolvimento do ensino e para a construção de narrativas históricas – apresenta-se como uma experiência prática, criativa, prazerosa e um caminho para a comunicação interativa entre docentes e discentes, que conecta os conteúdos discutidos em sala de aula à realidade cotidiana e linguística da juventude.

Nesse sentido, as práticas zinescas, no ensino de história, possibilitam

orientar as/os estudantes a analisarem fontes, suscitando críticas, hipóteses e conclusões históricas sobre uma determinada temática, proporcionando que as(os) alunas(os) tomem consciência das camadas dos processos de ensino e aprendizagem, de maneira que a essência do processo se torne a constituição das narrativas históricas em formato de zines. Nesse contexto, os autores da Silva e Brito (2021) argumentam que:

Por meio de um tema, que pode ir desde um engajamento político ou mesmo um recorte de evento mais tradicional – como a ditadura militar – o professor tem a possibilidade de usar os usos e consumos do aluno, suas reflexões sobre o presente no processo de ensino e aprendizagem, por meio de uma bricolagem. Os espaços oferecidos pelo papel, os recortes e colagens estimulam a remontagem de experiências de vida a partir de objetos consumidos ou descartados (da Silva; Brito, 2021, p.181).

Desse modo, o fanzine é um recurso que permite múltiplas possibilidades de exploração, estimulando a invenção e a criação de diferentes formas de dizer e expressar. Valoriza não apenas o texto escrito e os referenciais canônicos, mas também outras linguagens e representações visuais, ampliando as formas de abordar o passado e possibilitando uma problematização mais vívida e sensível da história (da Silva; Brito, 2021, p. 181). Nesse contexto, o/a estudante é inserido/a como protagonista no processo de aprendizagem histórica, mediante uma visão integrativa que estimula a aprendizagem e favorece a melhora da autoestima. Além de ser um potente exercício de leitura e escrita, a feitura de zines possibilita que as/os estudantes se tornem autores(as) de suas obras, contribuindo para aproximações das/os alunas/os com o processo de criação, produção, escrita e expressão.

O fanzine, mais do que estimular a criatividade e o protagonismo em sala de aula, também pode trabalhar qualquer componente curricular, visto que a leitura/feitura dos zines estabelece relações e diálogos entre diversas áreas do conhecimento humano, proporcionando a interdisciplinaridade e a multiculturalidade em todos os níveis da educação. Ensinar a ler e a produzir fanzines em espaços educativos é permitir que as/os alunas/os explorem o conhecimento e tenham voz no contexto de ensino/aprendizado a partir de suas vivências e experiências. A partir da elaboração de um fanzine, as/os estudantes adquirem autonomia para escolher o assunto que querem estudar, ler e produzir, tornando o zine um recurso singular e significativo para a aprendizagem, gerando um ambiente propício a expressões culturais e ideológicas variadas (Borba, 2015).

As práticas zinescas no ensino de história visam à produção de narrativas históricas que possibilitem aos(as) estudantes uma maior capacidade de compreender e

administrar conceitos na construção do conhecimento e consciência histórica. Dentro dessa dinâmica, os zines podem ser utilizados para a organização do pensamento histórico, expansão da consciência histórica e manifestação de ideias expressas pelos(as) estudantes. É um artifício narrativo que dá visibilidade ao saber produzido em sala de aula por discentes e docentes de maneira coletiva, reflexiva e lúdica, contribuindo para a construção do pensamento crítico e para a ampliação do conhecimento.

A liberdade criativa e a acessibilidade tornam os zines materiais interessantes para o trabalho em espaços educacionais – formais e não-formais –, isso porque basta apenas uma caneta e uma folha de papel para se produzir um zine e exercitar a criatividade, um dos alicerces motivadores da construção do conhecimento. Assim, conforme destacado por Diego El Khouri Sousa:

O fanzine, devido à facilidade de materiais disponíveis e por ter uma essência subversiva, livre e anti careta, tem muitas possibilidades de atingir o interesse de estudantes. [...]o zine em processos de ensino e aprendizagem, apresenta uma série de benefícios. [...]pode-se afirmar que sua produção aumenta a autoestima do aluno. De consumidor ele tornar-se produtor de cultura. Desta forma a leitura, a escrita e principalmente a criatividade são estimuladas durante todo o processo de confecção desta publicação independente. De maneira geral, pode ser trabalhado em diversos níveis de ensino, desde a educação básica até o ensino superior, como também transitar em qualquer componente curricular (Sousa, 2022, p.35-37).

Incorporar as práticas zinescas no ensino de história é, antes de tudo, uma oportunidade de criar possibilidades valiosas para o desenvolvimento da consciência histórica e a construção de narrativas e conhecimento histórico. Ao delimitar temáticas alinhadas aos conteúdos discutidos em sala de aula, é preciso considerar o que os estudantes possuem de conhecimento de mundo e suas vivências, bem como valorizar a escuta e o diálogo entre todos(as) os/as envolvidos(as) nos processos de feitura dos zines, uma vez que a prática zínica tem como objetivo propiciar um ambiente em que as/os alunas/os possam aprender a se manifestar, propor ideias, duvidar, questionar, expressar, compartilhar, ouvir e serem ouvidos e, por fim, construir em conjunto.

Podemos concluir que a prática zínica é, além de um espaço de criação, um espaço de trocas e participação, em que os(as) estudantes se tornam autores(sa) e podem ouvir e serem ouvidos; motivados por um ambiente de diálogo, senso de coletividade e respeito entre professores(as) e alunos(as), os conhecimentos e as experiências são considerados em todo o processo. Os fanzines proporcionam um ambiente colaborativo ao descentralizar a/o professor/a como único detentor de conhecimento e poder de decisão, ressignificando, portanto, esse papel. Nesse sentido, os zines podem ser utilizados, por parte dos docentes, como meios de tornar os processos de aprendizagem

mais atraentes, divertidos e significativos para os discentes que passam a ser protagonistas nesses processos. Conforme argumentado por Amaral (2022):

A prática zínica no ambiente pedagógico pode servir não apenas como um mecanismo para somar os saberes dos alunos ao currículo escolar, mas, também, para descobrir e fortalecer características anuladas na rotina da escola. [...]a prática zínica é maleável e traz resultados diferentes conforme o contexto e seus atores. Enquanto mídia independente, os fanzines vão além de democratizar a comunicação, “reforçando e enriquecendo as práticas pedagógicas” (MAGALHÃES, 2013) “transformando a realidade existente “através de textos, colagens, desenhos” (MARINA, 2015b) tornando possível a manifestação dos diversos perfis que compõem uma sala de aula (Amaral, 2022, p. 82).

A cultura zinística, com formulações de práticas educacionais, vem crescendo cada vez mais e as experiências de diversos professores(as) com os zines nos mostram que essa atividade pode ser adotada em qualquer disciplina escolar, dando sentido e significados aos conteúdos abordados. No ensino de história, a cultura zinística abre espaços e caminhos por oportunizar, a quem produz zines, criar as próprias regras sobre os modos de apreender os conteúdos, fugindo do tradicionalismo da sala de aula e da dependência do material didático. O fanzine é, então, uma ferramenta potente para professores(as) e cabe a nós estimular o interesse e o entusiasmo das/os estudantes em desbravar esse caminho, que pode ser prazeroso para a descoberta da autonomia intelectual, mesmo diante de tantos entraves sociais, políticos, econômicos e culturais que, muitas vezes, impedem o desenvolvimento pleno dos indivíduos.

3.4. BREVE RELATO DE EXPERIÊNCIA: PROJETO ZIKAZINE – COMPARTILHANDO IDEIAS

A experiência que adquiri durante o desdobramento do projeto Zikazine – Compartilhando Ideias⁷¹, desenvolvido no Centro de Ensino em Período Integral Joaquim Edson de Camargo (CEPIJEC) entre os anos de 2016 a 2018, possibilitou-me perceber que propor metodologias e recursos que se distanciam das tradicionais práticas pedagógicas é, na maior parte das vezes, uma tarefa complexa e difícil de ser realizada, considerando que o ato de fazer um fanzine pressupõe desprendimento de regras e abertura ao novo com ousadia. Contudo, esse desprendimento é difícil para as crianças e para as/os adolescentes acostumadas/os com o dia a dia da sala de aula, em que o local de

⁷¹ ZIKAZINE: Compartilhando Ideias (2016 – 2018) foi um projeto com objetivo de fazer com que as/os alunas/os refletissem, interpretassem e compreendessem a realidade que os cercavam e para que reproduzissem imaginários sociais e como relacionam-se com o mundo, fazendo-se então sujeitos históricos, criando sentido e significados por meio de expressões culturais através da feitura de zines.

fala pertence, em geral, aos docentes (Andraus, 2013; Amaral, 2022).

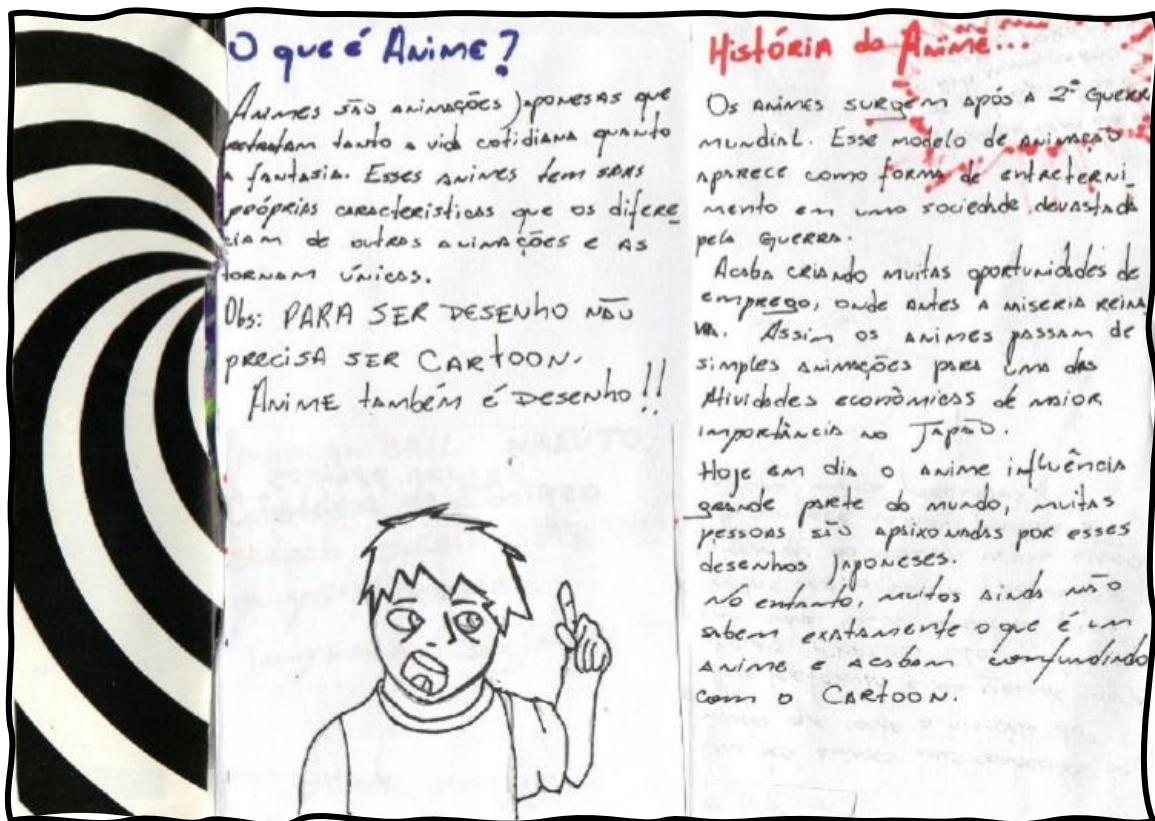
O ambiente de descontração e entusiasmo motivado pelas práticas zinescas não funcionou para todas/os, necessariamente, como uma oficina de ideias e experimentação. Questionamentos começaram a surgir, entre eles a ideia de que os fanzines são para pessoas criativas e complexas, demonstrando a dificuldade que alguns estudantes tinham para lidarem com a autonomia criativa e a suposta complexidade dos zines, expondo assim as adversidades vinculadas aos fanzines e à autonomia crítica das/os estudantes.

De início, a maioria das/os estudantes desconheciam os fanzines e, nos primeiros encontros destinados à realização do projeto, foi entregue para cada aluna/o um breve resumo impresso da definição de fanzine, assim como foi feita uma explicação expositiva a respeito do processo e dos propósitos de feitura de um zine. Para além, foi destacada a importância de narrar as temáticas apresentadas nos zines com uma ortografia correta, bem como a importância do uso da imaginação artística e da liberdade em misturar as cores e formas durante a produção dos fanzines.

Ao longo dos primeiros encontros, as/os estudantes passaram a reconhecer as múltiplas possibilidades e potencialidades dos zines como forma de expressão e construção de conhecimento. Com isso, desenvolveram maior autonomia e compreenderam que o projeto era centrado em suas experiências, enquanto minha atuação, como professora, consistia em orientar e compartilhar esse processo criativo. Para que entendessem, na prática, como se estrutura um zine — desde a concepção até a materialização das ideias — foi proposto um exercício de produção. Nesse momento, foram disponibilizados materiais diversos, como canetinhas, lápis coloridos, tesoura, cola e papéis, para que pudessem explorar diferentes linguagens e formas de organização gráfica e textual.

Foi essencial dialogar com as/os estudantes que demonstraram certa apatia e desinteresse, visando compreender as habilidades que cada um possuía para a prática de feitura dos zines e buscando caminhos possíveis para contribuir com o envolvimento dos estudantes com as práticas zínicas. Assim, ao longo do projeto, foi possível observar os diferentes níveis de envolvimento dos grupos de estudantes participantes, em que cada um participou e contribuiu de maneira singular, pois participar da prática zínica implica não apenas criar o zine, mas pesquisar e debater os temas propostos (Amaral, 2022). Diante disso, o fanzine foi apresentado aos discentes como um caminho para abordar diversos assuntos e propor múltiplos debates a partir da percepção dos próprios estudantes, relacionando suas vivências com o que é proposto pelas/os professoras/es.

Entre os zines produzidos ao longo das edições do ZIKAZINE, destaco dois em específico, elaborados pelos estudantes. O primeiro zine, intitulado “Zikanime”, foi criado por um aluno do 9º ano e aborda os animês japoneses no contexto pós 2ª Guerra Mundial⁷². Sobre esse zine, é significativo destacar que o aluno realizou pesquisas visando contextualizar o surgimento dos mangás e animes. Ao elaborar o zine, o discente criou um material auxiliar para as aulas de história, visto que, pesquisando sobre animes – um assunto que o interessava profundamente –, adquiriu conhecimentos acerca da 2ª Guerra Mundial e aprendeu sobre o contexto social e cultural japonês pós-guerra. Desse



Zikanime (2016) - Acervo pessoal da autora

modo, assim como os animes na cultura pop japonesa, os zines cumprem a função social de retratar determinados temas e assuntos de forma compreensível para fins de entretenimento, reflexão e catarse.

O segundo zine, intitulado “Zikazine Games”, foi criado por outro aluno do 9º ano, e destaca a evolução dos games digitais, traçando um paralelo com a periodização

⁷² O mangá e o animê surgiram no pós-guerra japonês, marcados por forte influência ocidental. Em várias obras podemos encontrar relatos, memórias e reminiscências da Segunda Guerra Mundial de forma explícita ou metafórica, dado que esse conflito foi um divisor de águas no cotidiano japonês, em sua cultura, arte, entretenimento e economia. O mangá e o animê ocuparam uma posição específica no pós-guerra como uma válvula de escape para problemas; serviam, simultaneamente, para encorajar e refletir a ideologia de revitalização do país. A cultura pop conseguiu canalizar as inseguranças, as reminiscências da guerra e os temores de uma juventude de final de século, cumprindo o papel social de representar e dizer aquilo que era inexprimível ou tabu em outras formas de mídia.

histórica a partir do desenvolvimento dos games. Novamente, ao elaborar esse zine, o estudante pôde, por meio da autonomia e autogestão, compreender os modos de produção de determinado período histórico. Criando essa edição do zikazine, o estudante adquiriu conhecimento para desenvolver o próprio material de estudo e aprendizado, processo essencial para o ensino de história, isso porque, por vezes, alguns estudantes possuem dificuldade em compreender os períodos na linha do tempo. Com a atividade, ao pesquisar sobre a evolução dos jogos, o aluno desenvolveu mecanismos capazes de sanar essa dificuldade e poder compreender a temporalidade histórica.



Zikazine Games (2016) - Acervo pessoal da autora

Ao final de cada período do projeto, era realizada uma reunião de encerramento, na qual um debate acontecia entre a docente e os discentes, visando pautar os pontos positivos e negativos e compartilhar as impressões e experiências individuais e coletivas. Nesses momentos, era possível observar quão essenciais foi o trabalho em grupo e a liberdade de expressão individual para as vivências proporcionadas pela prática zínica. Abaixo um dos relatos compartilhados por uma das alunas participante do projeto:

Com a realização do Fanzine nas aulas de iniciação científica, posso com certeza afirmar que o aprendizado que recebemos foi essencial para nosso desenvolvimento em certos aspectos. Eu curti bastante pesquisar sobre vários assuntos e aprender a formular textos com minhas próprias palavras sobre assuntos que me interessam bastante, além de ter aprendido a me expressar

melhor. Pude desenvolver minha criatividade e ver que as coisas não são tão difíceis como parecem. Confesso que no primeiro fanzine pensei que não seria tão legal. Pensei que não iria conseguir criar nada para o projeto, mas no fim ficou muito bom!! E me fez ver que é só não ter preguiça, ter foco e criatividade para criar que dá tudo certo. Por fim, fizemos outros fanzines, que só foram evoluindo e ficando com o jeitinho de cada um que colocava algo que gostava, isso foi uma coisa muito boa para que pudéssemos nos expressar, refletir, analisar, aprender e respeitar o gosto dos outros (THYPISKA, 2016).

Diante do exposto, é possível observamos que a realidade escolar, por vezes, não permite em sua rotina que as/os estudantes manifestem suas opiniões, reflexões e visões sobre suas experiências e vivências, dada a dinâmica estabelecida pelos currículos programáticos. Portanto, a proposta de inserção dos fanzine nesses espaços tende a ser alvo de dúvidas, questionamentos e até críticas devido ao caráter transgressor e rebelde que tais materias apresentam. Desse modo, propiciar e incentivar, em sala de aula, um ambiente crítico e a construção de novas formas de pensar é crucial para o desenvolvimento da cultura zínica.

Ao propor as práticas zinescas, é importante que as/os professoras/es evitem censuras e opiniões negativas a respeito das ideias apresentadas pelos estudantes, visando sempre que seja possível um caminho em que o diálogo e o questionamento positivo estejam presentes, possibilitando aos estudantes autorreflexão sobre suas escolhas. Portanto, não se trata apenas de realizar uma atividade de maneira livre e deixar que as/os estudantes criem, mas de provocar e incentivar a criatividade para que a prática tenha sucesso.

É significativo dizer que as práticas zínicas, no trabalho pedagógico, devem preservar a liberdade de expressão de cada estudante, logo é importante o acompanhamento e a orientação das/os professoras/es a fim de fomentar a curiosidade, instigar a coerência textual e incentivar o posicionamento crítico a partir da experiência de vida de cada indivíduo. Dessa maneira, conforme destacado por Amaral (2020):

Ao inserirmos o fanzine no ambiente escolar ele se torna “uma superfície aberta a múltiplas experimentações no ato de combinar textos e imagens” (MARANHÃO, 2012, p. 14), e possibilita [re]combinar e ressignificar conhecimentos vividos e adquiridos. Propô-lo como uma prática pedagógica e social transformadora transporta docentes e discentes para além do conteúdo programático e traz para a escola as vivências de fora da escola (Amaral, 2020, p. 91-92).

Explorar a cultura zínica no ambiente escolar é criar meios para que o ensinar e o aprender ocorram ao mesmo tempo. É importante construir caminhos possíveis para que as/os alunas/os se percebam capazes de aprender com autonomia e, conseqüentemente, percam o medo de expor seus sentimentos e pensamentos. Ao mesmo

tempo, é importante que os professores(as) aprendam com as peculiaridades das experiências e conhecimentos de cada estudante e se permitam se deslocarem do local de falantes, com intuito de se posicionarem como ouvintes, promovendo, assim, a aproximação entre docentes e discentes durante o processo criativo e de feitura de um zine.





ZIKAZINE

COMPARTILHANDO IDEIAS

YOUTUBE - ZIKAZINE

SUGESTÕES/OPINIÕES:

ZIKAZINE@GMAIL.COM

GRUPO GESTOR

DIREÇÃO

Rosângela M^a do Carmo

COORDENADORA PEDAGÓGICA

Paula Leal de Abreu

COORD. DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

Leandro Garcia Costa

PROF^a. DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

ANA CAROLINA DO CARMO



ZIKAZINE

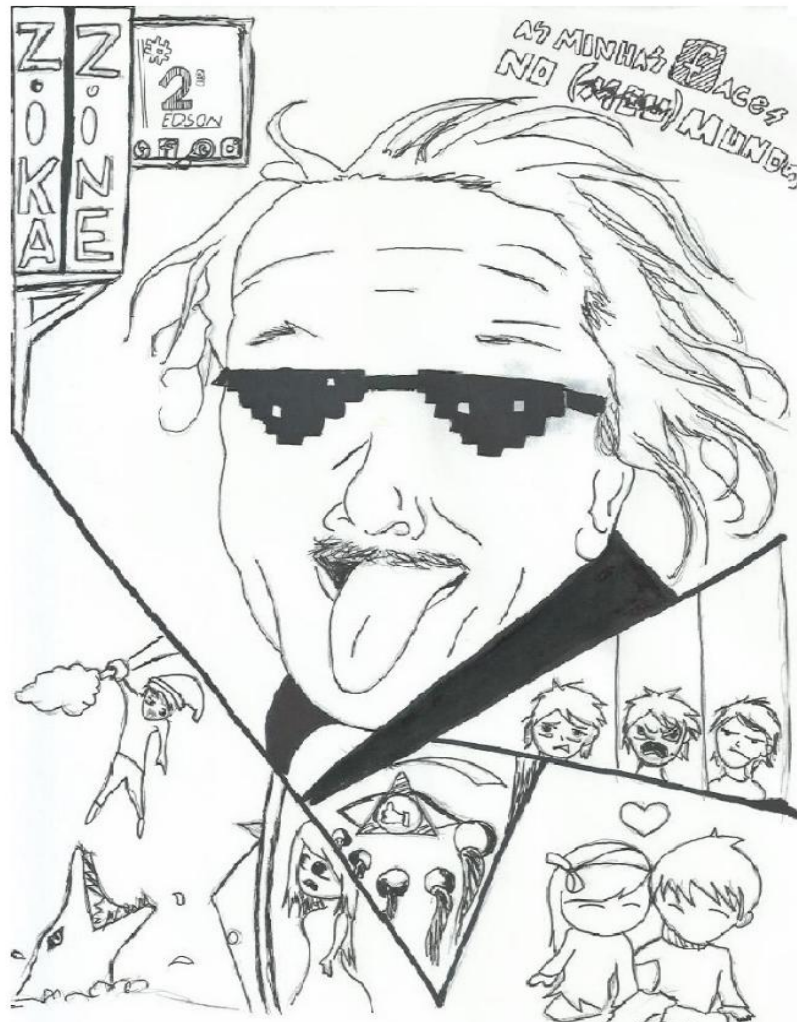
COMPARTILHANDO IDEIAS

YOUTUBE - ZIKAZINE

Capa e contracapa da 1^a Edição do ZIKAZINE
[06/2016] - Acervo pessoal da autora

SUGESTÕES/OPINIÕES:

ZIKAZINE@GMAIL.COM



3.5. COLETÂNEA LESBOZINE: UMA PROPOSTA PEDAGÓGICA

Na composição de um fanzine é o próprio modo de ser que é jogado nas folhas de papel. Ele permite ao compositor ver nessas folhas aquilo que ele está fazendo de si próprio, as imagens que escolhe para figurar seu "eu" e expressar seus sentimentos; permite ao leitor entrar em contato com essa organização e, talvez, nela se desorganizar, borrar a imagem que tem de si mesmo, liberar-se dela e assim se abrir para a possibilidade de construir outras (Moraes, 2010, p. 95).

Idealizar um zine é um exercício de autonomia e criação, que, por meio de uma série de possibilidades, como o uso de imagens e linguagens, oferece-nos oportunidades de ampliar nossos modos de ler e interpretar o mundo. Essa mídia alternativa, desde o seu início, foi considerada marginal e transgressora e, devido à sua liberdade técnica, à estética independente e à matéria-prima acessível, ela vem adentrando pouco a pouco os espaços educacionais, sendo utilizada como ferramenta pedagógica para a construção do conhecimento.

O processo de feitura dos zines nos permite pesquisar livremente imagens e textos e dispor das informações obtidas de maneiras singulares. Ao criarmos um zine, nos tornamos autores de nossas narrativas, considerando que, por vezes, desenvolvemos temas pessoais que expressam nossos ideais e gostos particulares. Graças ao grande gama de temas, os zines são um dos principais elementos de comunicação de expressões da juventude desde os anos 60 (da Silva; Brito, 2021), fazendo transbordar uma torrente de possibilidades criativas, críticas e complexas sobre o cotidiano da vida em sociedade. Com os zine, podemos captar aquilo que não aparece ou enxergamos na superfície, e no ensino de história, a cultura zinística proporciona uma linguagem atrativa necessária para que as/os docentes chamem a atenção das/os alunas/os, estimulando a participação e o processo criativo na construção de narrativas históricas.

Nesse sentido, a Coletânea LESBOZINE foi pensada para incitar a reflexão dos discentes sobre temáticas ligadas à sexualidade e às lesbianidades – tidas como sensíveis –, no ensino de história por meio da mescla de expressões artísticas, conceitos teóricos e contextualização da História não apenas pela narrativa dos grandes heróis e acontecimentos. Por meio da construção de narrativas lesbianas, a Coletânea contribui para a materialização das subjetividades e sociabilidades presentes na sala de aula, dando voz às/aos estudantes por meio da expressão de si e da criação de narrativas históricas em formatos de zines.

Dessa maneira, os LESBOZINES são uma forma de experimentação de arte e conteúdo, de cidadania, ativismo político, visibilidade e representação que, muitas vezes, não é oportunizado às/aos estudantes pelos conteúdos presentes nos currículos escolares do ensino médio. Cada volume da coletânea contribui para a organização do pensamento histórico-conceitual e propõe para as/os estudantes uma educação para a autonomia, expressividade e autoralidade, permitindo as/os discentes reconstruir, analisar e compreender os temas abordados.

Ademais, a Coletânea LESBOZINE objetiva incluir as/os alunas/os e suas experiências no processo de ensino e aprendizagem, valorizando o conhecimento que possuem e o que são, pois o zine, enquanto instrumento de aprendizagem, desloca os habituais papéis atribuídos às/aos professores(as) e alunos/as e os insere em um ambiente de trocas. Ao idealizar a coletânea de zines como proposta pedagógica, um dos objetivos é apresentar a cultura zinística como um meio para que as/os estudantes produzam uma comunicação participativa por intermédio de uma linguagem mais próxima de suas realidades, expressando o que são, o que fazem, o que pensam e o que querem para transformar a realidade que vivem.

Posto isto, cada LESBOZINE é um instrumento para a construção e manifestação do conhecimento, é um exercício de criatividade, de imaginação, de liberdade de expressão, de autonomia e de denúncia. Nesse sentido, cada volume da coletânea demonstra algumas das possibilidades de uso e consumo dos zines no processo de atuação docente, “no intuito de aguçar a criatividade e o espírito crítico nos estudantes pelo caleidoscópio de uma linguagem repleta de manifestações artísticas e culturais” (da Silva; Brito, 2021, p.177).

Diante do que foi apresentado, este capítulo evidenciou algumas das múltiplas possibilidades de uso e circulação dos zines como recursos didáticos no ensino de História. Foram destacadas tanto as potencialidades quanto os desafios envolvidos na incorporação da linguagem zinística em sala de aula, com o intuito de ampliar o repertório metodológico docente e democratizar o acesso a mídias alternativas na educação.

Nesse contexto, a coletânea LESBOZINE se apresenta como uma proposta metodológica e política que tensiona o currículo tradicional e propõe novas formas de ensinar e aprender História. Ao reconhecer e valorizar as trajetórias de mulheres lésbicas — marcadas historicamente por silenciamentos e apagamentos — a obra contribui para a formação de uma consciência crítica, sensível e plural, reafirmando o compromisso ético da educação com os direitos humanos, a diversidade e a justiça social.

Os LESBOZINES convidam estudantes e educadores a revisitar a História

por outras perspectivas: mais afetivas, inclusivas e instigantes. Trata-se de um convite para ouvir vozes historicamente silenciadas, formular perguntas urgentes e imaginar futuros mais justos. Com uma linguagem acessível, imagens marcantes e uma estética que afirma com coragem: *“Estamos aqui e queremos ser ouvidas!”*, a coletânea LESBOZINE amplia horizontes e propõe caminhos para uma escola comprometida com a escuta, o reconhecimento das diferenças e a transformação social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O pressuposto inicial desta pesquisa era a quase inexistência das lesbianidades nas narrativas históricas escolares. Desse modo, desenvolver essa pesquisa significou mobilizar recursos teóricos que contribuíssem para um ensino de história que potencializa e visibiliza a história das lesbianidades. Para além de apenas incluir as lesbianas na historiografia, essa pesquisa possibilitou refletir e questionar a história que apaga e exclui algumas pessoas e outras não. Ao tratar sobre as lesbianidades e existências lesbianas, a pesquisa contestou discursos universalizantes que, muitas vezes, são construídos a partir de narrativas homogeneizantes produzidas, em geral, por historiadores homens heteronormativos - cis, brancos, das camadas econômicas privilegiadas. Concomitantemente, foram construídas novas propostas e possibilidades para o ensino de história.

Desenvolver esta pesquisa foi um processo desafiador, sobretudo devido à escassez de trabalhos na historiografia brasileira que abordem as lesbianidades no ensino de História, bem como à limitada produção acadêmica sobre Vange Leonel. Esse cenário reflete não apenas a ausência de tratamento do tema no campo educacional, mas também a deslegitimação histórica das experiências lésbicas, evidenciando sua invisibilidade no cotidiano e nos espaços de produção de conhecimento. Outro obstáculo enfrentado foi a tarefa de articular as reflexões teóricas deste estudo com as práticas e temáticas desenvolvidas em sala de aula, buscando construir pontes entre o campo acadêmico e o ensino escolar.

Dessa forma, diante de todas as demandas que a sociedade coloca para a escola, construir o respeito à diversidade, combater os preconceitos e os comportamentos violentos e homofóbicos/lesbofóbicos em relação às sexualidades e afetividades são atitudes cruciais. Atrelado a isso, como proposta pedagógica, foi desenvolvida uma coletânea de fanzines na perspectiva de uma Educação para a Sexualidade. Na coletânea, buscou-se romper com os discursos naturalizados e sacralizados culturalmente sobre a sexualidade, relativizando-os, pondo-os sob suspeita, como também desestabilizando certezas, na tentativa de ampliar olhares em outras direções, caminhos e possibilidades.

A Coletânea Lesbazine conferiu espaço às preocupações com a sexualidade, o prazer, as expressões das lesbianidades, constituindo-se como um meio de comunicação caracterizado por uma linguagem de transgressão e libertação, na busca pela produção de novos sentidos para as lesbianidades, afastados dos estigmas e da exclusão. A Coletânea

então se apresenta como um caminho para articular respostas para os problemas relacionadas aos silenciamentos e apagamentos das lesbianidades na história, bem como para os desafios e barreiras a fim de se trabalhar temáticas ligadas às lesbianidades no ensino de história.

Por conseguinte, a pesquisa objetivou apresentar o fanzine como um instrumento didático-pedagógico, que também pode ser alcançado enquanto fonte histórica por trabalhar imagens e fontes escritas sobre Vange Leonel e sua trajetória como ativista, artista e escritora. Ao escolher desenvolver uma coletânea de fanzines, busquei mecanismos de leitura e interpretação da realidade que despertassem nas/os estudantes a percepção de que história não é só um relato dos grandes fatos, períodos e estruturas, a dita "História Maior", mas um conhecimento construído capaz de averiguar também as sensibilidades, a subjetividade, a cultura e a arte, contribuindo para a construção de uma "história menor". Contudo, embora a coletânea proporcione contribuições significativas para as discussões sobre lesbianidades no ensino de história, a sensação de insegurança e vulnerabilidade são bastante presentes no exercício pedagógico, visto que a discriminação ainda é muito difundida e palpável nos mais diversos contextos.

Dessa maneira, a construção de uma coletânea de zines que abordam temáticas relacionadas às lesbianidades, partindo de uma docente abertamente lésbica, não pode ser vista como algo sem importância, mas como um exercício resultado de uma longa reflexão e de escolhas com implicações não só pedagógicas, mas também políticas. Portanto, acredito que este estudo mostra que, apesar da vulnerabilidade na qual normalmente nos encontramos ao discutir sobre os temas sensíveis na educação básica, existe espaço para resistência e para a construção de uma visibilidade que busca contribuir com a desconstrução da heteronormatividade e com a edificação de uma sociedade mais comprometida com o respeito à diversidade.

A pesquisa apresentou as potencialidades do ensino de História para o trabalho com a diversidade sexual e de gênero na Educação Básica e suas contribuições para a formação cidadã, na pretensão de contribuir para que essas temáticas saiam da marginalidade e se tornem protagonistas das práticas educativas dentro do ambiente escolar. Por meio deste estudo, foi possível compreender a existência da ancestralidade e da memória das lesbianas ao longo da história, dado que a análise bibliográfica demonstra que as lesbianas participaram ativamente dos processos de construção dos movimentos feministas e homossexuais, assim como tiveram uma importante participação na construção das representações sociais e culturais sobre as lesbianidades, mesmo sendo alvos de tentativas de apagamento.

Ademais, foi possível perceber que o caráter transgressor que as discussões sobre as lesbianidades possuem é um dos fatores determinantes para o cenário de desafios e dificuldades que enfrentamos ao tentar trabalhar com temáticas aliadas a uma educação para sexualidade no ensino de história. Contudo, espera-se que, com as discussões e reflexões presentes nesse estudo, as/os professores(as) de humanas, em especial de história, reflitam sobre a atuação docente e criem práticas para a promoção do respeito à diversidade de gêneros, sexual e aos Direitos Humanos.

Mediante uma perspectiva lésbico-feminista, este estudo é um investimento intelectual e político de ruptura da invisibilidade lésbica. Explorar a trajetória biográfica de Vange Leonel demonstrou a possibilidade de atuação de pessoas comuns como sujeitas históricas em nosso tempo, capazes de promover pequenas rupturas e atuar socialmente na construção das realidades históricas.

Perante o exposto, a pesquisa buscou incansavelmente reforçar a história das lesbianidades e teve urgência em contar essas narrativas visto o valor delas, principalmente porque foram oferecidas múltiplas perspectivas de autocompreensão e de fontes teóricas para pensarmos em questões de gênero, sexualidade, feminismo, heteronormatividade, entre outras. As discussões, potencializadas por intermédio do blog 'VANGE' (2005-2011) e do livro '*Grrrls, Garotas iradas*' (2001), permitiram que a solidão gerada pela falta de representatividade em outros espaços fosse rompida, isso porque as narrativas presentes em cada um dos textos que Vange escreveu exploraram diversos aspectos das realidades lesbianas, rompendo com estereótipos e estigmas construídos historicamente na nossa cultura e gerando reflexões, visibilidade e identificações positivas entre as lésbicas.

Frente a uma sociedade extremamente violenta com a lésbicas, torna-se necessário e urgente visibilizar e potencializar as narrativas dessas mulheres. Esta dissertação, portanto, partiu da vontade de escrever uma história que busca reaver os lugares ocupados pelas lésbicas na sociedade brasileira e na história, questionando o seu apagamento histórico e esperando contribuir com reflexões sobre o pensamento e a prática política lésbico-feminista por meio do ensino de história.

A presente pesquisa buscou tensionar o ensino de História a partir das lesbianidades, evidenciando o quanto essas experiências foram e seguem sendo sistematicamente silenciadas nas narrativas escolares. Ao reconhecer esse apagamento, propôs-se um movimento metodológico e político que recupere trajetórias, dê visibilidade as existências historicamente marginalizadas e contribua para a construção de uma consciência crítica, plural e sensível no ambiente escolar. A construção da coletânea

LESBOZINE, ancorada na biografia, na produção intelectual e na militância de Vange Leonel, mostrou-se como um potente recurso didático que articula afetos, memória, identidade e resistência. A partir dela, foi possível evidenciar que as lesbianidades não apenas fazem parte da história, mas também a constroem, desafiando estruturas normativas e contribuindo com formas alternativas de pensar a sexualidade, a política e a educação.

Contudo, o desenvolvimento da pesquisa revelou desafios significativos. A escassez de produção historiográfica sobre lesbianidades, especialmente no campo do ensino de História, demonstra a urgência de ampliar os horizontes investigativos sobre esse tema. A insegurança e a vulnerabilidade que permeiam a abordagem dessas questões na escola — marcadas por resistências institucionais e sociais — reforçam a necessidade de consolidar espaços formativos seguros, democráticos e comprometidos com os Direitos Humanos. Assim, este trabalho não se encerra em si mesmo, mas se abre a desdobramentos futuros que podem aprofundar a presença das narrativas lésbicas nos currículos escolares, investigar outras figuras históricas invisibilizadas, explorar novas metodologias de ensino interseccionais e contribuir com a formação docente crítica e antidiscriminatória.

Ao final, reafirma-se que fazer da escola um lugar de visibilidade e reconhecimento das diversas formas de amar, viver e existir é, antes de tudo, um ato político. Que essa pesquisa possa inspirar novas práticas pedagógicas comprometidas com a justiça social, e abrir caminhos para que outras histórias — até então silenciadas — possam ser contadas, compartilhadas e ensinadas.

FONTES:

LIVRO: *Grrrrls* – Garotas Iradas (2001)

- ★ Introdução (p. 11-13);
- ★ Com que roupa? (p. 20-22);
- ★ Princesas desencantadas (p. 26-28);
- ★ Natalie Barney, a Safo de Paris (p. 35-39);
- ★ A última gota d’água (p. 55-57);
- ★ Nossa língua lesbiana (p. 67-69);
- ★ A Gomorra paulistana (p.102-104);
- ★ A primeira super-heroína lésbica (p. 111-113);
- ★ O amor que não ousa deixar rastros (p. 140-144);

Blog VANGE (2005-2011)

- ★ Ninguém vai me ofender (2004);
- ★ Barbie ou Falcon (2006);
- ★ Corações com asas (2007);
- ★ Primeira vez (2007);
- ★ Amor de Verão (2009);
- ★ Meu Velho e o Mar (2009);

| AGRUPAMENTO DE TÍTULOS POR EIXO TEMÁTICO | | |
|---|--|---|
| ANCESTRALIDADE E MEMÓRIA | LESBIANIDADES E EXISTÊNCIAS LESBIANAS | VISIBILIDADES E HISTÓRIA LÉSBICA |
| Natalie Barney, a Safo de Paris (p. 35-39) | Princesas desencantadas (p. 26-28) | Com que roupa? (p. 20-22) |
| O amor que não ousa deixar rastros (p. 140-144) | Nossa língua lesbiana (p. 67-69) | A Gomorra paulistana (p. 102-104) |
| Meu Velho e o Mar (2009) | A última gota d’água (p. 55-57) | A primeira super-heroína lésbica (p. 111-113) |
| | Primeira vez (2007) | Ninguém vai me ofender (2004) |
| | Amor de Verão (2009) | Barbie ou Falcon (2006) |
| | | Corações com asas (2007) |

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

19 de agosto: Primeira Manifestação lesbiana contra a discriminação no Brasil. Publicado em 17 de agosto de 2018. Disponível em: <https://www.umoutroolhar.com.br/2018/08/19-de-agosto-primeira-manifestacao-lesbiana-contradiscriminacao-no-brasil.html> Acesso em: 22 mar. 2025.

ALBERTI, Verena. **Caminhos do conhecimento histórico**. *História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography* 6.12 (2013): 235-241.

ALBUQUERQUE, Letícia. **RIOT GRRRL: O Movimento Punk Feminista Dos Anos 90**. Publicado em Gramofone Ativo, em 14 de junho de 2021. Disponível em: <https://gramofoneativo.com/movimento-riot-grrrl/> Acesso em: 23 mar. 2025.

AMARAL, Yuri. **Fanzines em Sala de Aula: construção de novas formas de pensar**. Série Quiosque, 64. 2022. 108p.

AMORIM, Else Freire de Castro. **Perspectivas históricas e contemporâneas de mulheres lésbicas no Brasil: silenciamentos e (in)visibilidades interseccionadas** / Else Freire de Castro Amorim. – 2022.

Anais da Primeira Conferência Nacional de Políticas para Mulheres. Secretaria Especial de Políticas para Mulheres, Brasília, 2004.

ANDRADE, Elaine Santos. **Aprendizagem de conceitos históricos por meio de aulas-oficinas e produção de fanzines na Escola Estadual Gov. Seixas Dória**, em Nossa Senhora do Socorro-SE. 2020.

ANDRAUS, Gazy. **A independente escrita-imagética caótico-organizacional dos fanzines: para uma leitura/feitura autoral criativa e pluriforme**. *Trabalho apresentado ao Eixo*, 2009.

AUAD, Daniela. **Caminhos entrelaçados: Feminismos e Lesbianidades na Pesquisa em Educação**. In: Dossiê Feminismos e Lesbianidades em Movimento: a visibilidade como lugar. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, 29(3): e82528 DOI: 10.1590/1806-9584-2021v29n382528.

AULER, Livia Bittencourt. **Histórias de resistência e (in)visibilidades: A artista lésbica como protagonista na construção de imagens de mulheres que amam mulheres** / Livia Bittencourt Auler. -- 2019.

AULER, Livia. **Mulheres que amam mulheres: Uma Investigação na história das Artes Visuais**. *Revista-Valise*, 2018, 8.15: 125-135.

BACCI, Irina Karla. **A Presença Lésbica no Movimento LGBTI**. In: Quando ousamos

existir: itinerários fotobiográficos do movimento LGBTI Brasileiro (1978-2018) / Marcio Caetano... [et al.] (organizadores). 1. ed. – Tubarão: Copiart; Rio Grande, RS: FURG, 2018. p.130-134.

BACCI, Irina Karla. **Vozes Lésbicas no Brasil: A busca e os sentidos da cidadania LGBT** / Irina Karla Bacci; orientador Rita Laura Segato. Brasília, 2016. 117 p.

BARBOSA, Camila P. GUERIM, Laura D. Múltiplas **Construções da Identidade Lésbica: Uma Análise Das Narrativas Teóricas De Formação Da Subjetividade**. Revista *Ártemis*, vol. XXX nº 1; jul-dez, 2020. pp. 422-437.

BONIN LIEBGOTT, Camila. **Posso Te Contar Histórias De Mulheres como Eu?: Os ativismos on-line de jovens lésbicas e a construção de suas identizações**. 2023.

BORBA, Juliana Severino de. **A confecção de fanzines como recurso didático no ensino de Sociologia para o Ensino Médio**. (2015).

BRAGA, Keith Daiani da Silva. **Lesbianidades, performatizações de gênero e trajetória educacional**. 2019.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais. Brasília: MECSEF, 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/ttransversais.pdf> Acesso em: 8 abr. 2024.

BRITZMAN, Deborah. **Curiosidade, sexualidade e currículo**. In: *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Louro, Guacira Lopes. Organizadora, *Belo Horizonte: Autêntica* (1999). p. 83-112.

CABRAL, Jamisson Barbosa. CAVALCANTI, Larissa de Pinho. **O lugar da diversidade sexual em documentos oficiais da educação e no currículo escolar**. In: Estudos de gênero e sexualidade na contemporaneidade / Organizadores Humberto Soares da Silva Lima, Wanderson Queiroz Bomfim. – Tutóia, MA: Diálogos, 2022. p.92-109.

CALVET, Júlia Hasselmann. J. Carlos: imprensa e representações femininas na década de 1920. *Anais do*, 2019, 2.

CAMARGOS, Marcia. **O Protagonismo Feminino na Semana de 22 e no Modernismo**. Passages de Paris, 2021, 22/23: 45-56.

CAMPOS, Fernanda Ricardo. **Fanzine: da publicação independente à sala de aula**. Pôster: III ENCONTRO NACIONAL SOBRE HIPERTEXTO. Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

CARRIJO, Aline Fernandes. **Representações presentes nos fanzines goianos na**

década de 1990.

CERRI, Luis Fernando. **Recortes e organizações de conteúdos históricos para a educação básica.** *Antíteses*, vol. 2, n. 3, jan.-jun. de 2009, pp. 131-152 <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/antiteses>.

COSTA, Jussara Carneiro. **Entre o feminino e o masculino, a recusa ao heterossexismo:** aspectos do discurso sobre a diferença no feminismo lésbico. *Fazendo Gênero: diásporas, diversidades, deslocamentos*, Santa Catarina, 2010, 9.

CUROPOS, Fernando. **Amadeu de Freitas e os mistérios de "Lesboa"**. *Moderna språk*, 2019.

DA CUNHA, Getúlio Nascentes. **Melindrosas e almofadinhas:** feminilidades e masculinidades no Rio de Janeiro da década de 1920. *SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA ANPUH*, 2009, 25.

DA SILVA, Heitor Matos; BRITO, Fábio Leonardo Castelo Branco. **Recorte, cole e crie:** o ensino de história pela arte engajada dos fanzines. *Voices, Pretérito & Devir: Revista de história da UESPI*, 2021, 12.2: 177-191.

DA SILVA, Janine Gomes; FERNANDES, Robson Ferreira. **Ensino de História e o Projeto "Gênero e Diversidade na Escola":** os cartazes como fontes para as subjetividades. *Fronteiras: Revista de História*, 2020, 22.39: 86-106.

DANIELI, Lisiane Andriolli. **A Existência Lésbica das Meninas Perdidas em Vange Leonel.** In: Gomes, Carlos Magno; Santos, Jeferson Rodrigues dos; Santana, Juliana. *Estudos literários pós-coloniais e de gênero*. -- 1. ed. -- Aracaju, SE : Criação Editora, 2021. pg. 106-114.

DE ALENCAR CASTELO BRANCO, Edwar. **Mídias táticas:** os fanzines como fontes para a pesquisa histórica *Diálogos - Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História*, vol. 19, núm. 2, mayo-agosto, 2015, pp. 741-762.

DE CABRAL, Bárbara Harianna; PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. **Mulheres "De Letras":** Escritoras Amazonenses nos Periódicos Locais do Início do Século XX e a Subversão de Papéis de Gênero pela Publicação. *Women "Of Letters": Amazon Writers in Local Periodicals at the Beginning of the 20th Century and the Subversion of Gender Roles Through Publication. Revista Decifrar*, 2023, 11.22: 162-184.

De igual para igual, 19 de abril de 2006. Disponível em: <https://vangeleonel.blogspot.com/2006/04/> Acesso em: 26 de nov. de 2024.

DE OLIVEIRA CHAMPANGNATTE, Dostoiowski Mariatt; DE CASTRO, Lidiane Nunes. **Arte e Cultura na República de Weimar**, 2017.

Dicionário crítico de gênero / Ana Maria Colling, Losandro Antônio Tedeschi, org. ; prefácio [de] Michelle Perrot. – 2.ed. – Dourados, MS : Ed. Universidade Federal da Grande Dourados, 2019.

Dossiê Saúde das Mulheres Lésbicas: promoção da igualdade e da integralidade. Rede Feminista de Saúde. Belo Horizonte, 2006.

EXALTAÇÃO, Edmeire. **Lésbicas Negras: Ativismo, Orgulho e Visibilidade Política.** In: Quando ousamos existir: itinerários fotobiográficos do movimento LGBTI Brasileiro (1978-2018) / Marcio Caetano... [et al.] (organizadores). 1. ed. – Tubarão: Copiart; Rio Grande, RS: FURG, 2018. p.116-120.

FACCHINI, R. **Entre compassos e descompassos: um olhar para o "campo" e para a "arena" do movimento LGBT brasileiro.** Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades, [S. l.], v. 3, n. 04, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2300>. Acesso em: 27 nov. 2023.

FALQUET, Jules. **Breve resenha teorias lésbicas.** Primeira edição: fem-e-libros. México, 2004. Re-editado por Herética edições lésbicas e feministas independentes. Buenos Aires, 2013.

FALQUET, Jules. **De la cama a la calle: perspectivas teóricas lésbico-feministas.** Bogotá: Brecha lésbica, 2006.

FALQUET, Jules. **“Quebrando o tabu da heterossexualidade, acabando com a diferença entre os sexos: as contribuições do lesbianismo como movimento social e teoria política”,** *Gênero, sexualidade e sociedade* [Online], 1 | Primavera de 2009, postado online em 7 de julho de 2009, consultado em 6 de dezembro de 2023. URL: <http://journals.openedition.org/gss/705>; DOI: <https://doi.org/10.4000/gss.705>

Fanzines: Autoria, Subjetividade e Invenção de Si. / Cellina Rodrigues Muniz. [Organizadora] – Fortaleza: Edições UFC, 2010.

FERNANDES, Marisa. **O Grupo Ação Lésbica Feminista – GALF e os Encontros Brasileiros de Homossexuais – EBHO.** In: Quando ousamos existir: itinerários fotobiográficos do movimento LGBTI Brasileiro (1978-2018) / Marcio Caetano... [et al.] (organizadores). 1. ed. – Tubarão: Copiart; Rio Grande, RS: FURG, 2018. p.17-21.

FERREIRA, Jeanne Gomes. **A utilização do fanzine no processo de comunicação participativa.** In: *Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste.* 2012.

FIGUEIREDO, Ivanilda. **Visibilidade sapatão nas redes** [livro eletrônico]: entre violência e solidariedade / Ivanilda Figueiredo, Joana Varon. -- 2. ed. -- São Paulo : Coding Rights, 2020.

FILHA, Constantina Xavier. **Educação para a(s) Sexualidade(s):** Carregar Água na

Peneira? Revista Diversidade e Educação, v. 5, n. 2, p. 16-39, jul./dez. 2017.

FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e Prática de ensino de História**. Campinas, São Paulo: papirus, 2003.

FRANÇA, Caroline. **O Futuro é Feminino (ou Sapatão?)**: desdobramentos do Lesbianismo Político. In: Pensamento lésbico contemporâneo [recurso eletrônico]: decolonialidade, memória, família, educação, política e artes / Bárbara Elcimar dos Reis Alves e Felipe Bruno Martins Fernandes (Organizadores). – 1. ed. Florianópolis (SC): Tribo da Ilha, 2021. p. 170-183.

FRANÇA, José-Augusto. **Sondagem nos anos 20 – cultura, sociedade, cidade**. *Análise Social*, 1983, 19.77/79: 823-844.

FRANÇA, Nayla Flavianne Borges Carvalho. **As lésbicas estão na história!!** rediscutindo as narrativas escolares sobre a ditadura civil-militar. 2022. Disponível em: https://historiatransviada.net.br/cool_timeline/as-lesbicas-estao-na-historia-rediscutindo-as-narrativas-escolares-sobre-a-ditadura-civil-militar/ Acesso em: 22 mar. 2025.

FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. **Análise de conteúdo** / Maria Laura Puglisi Barbosa Franco. — 5. ed. — Campinas: Pp Editora Autores Associados, 2018.

FREITAS JÚNIOR, Renilson Pereira de. **Parte III Adotando a temática gênero e sexualidade no ensino de história**. In: Quase um Livro: narrativas didáticas para o ensino de história / Alexandre Martins de Araújo, Aurélio Inácio Faria, Renilson Pereira de Freitas Junior, Leandro Garcia Costa – Curitiba: CRV, 2022. pg. 113-144.

Gênero, sexualidades e relações étnico-raciais: um guia para o Ensino de História / Marta Gouveia de Oliveira Rovai, Lívia Nascimento Monteiro (Organizadoras) – Alfenas – MG: Editora Universidade Federal de Alfenas, 2021.

HOKI, Leíner. **Tribades, safistas, sapatonas do mundo, uni-vos: investigações sobre a poética das lesbianidades**. Margem da Palavra, 2021.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade** / bell hooks; tradução de Marcelo Brandão Cipolla. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

KUMPERA, Julia Aleksandra Martucci. **“O lesbianismo é um barato”**: o GALF e o ativismo lésbico-feminista no Brasil (1979-1990) – Campinas, SP: [s.n.], 2021.

Lacerda, Carlos de Brito. Ambiente escolar: O protagonismo do estudante com fanzines. *IMAGINÁRIO*, 2014, 6: 115-136.

LEAL, Jorge Tadeu Borges. **Cap. 4: O movimento e as suas ondas**. In: Advergay: uma ação publicitária “no armário”, “in Box” ou “publicidade-michê”? / Jorge Tadeu Borges

Leal; orientador: José Carlos Rodrigues. – 2014. Dissertação (mestrado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Comunicação Social, 2014. p. 58-81.

LEE, Peter. **Literacia histórica e história transformativa**. Educar em Revista, Curitiba, Brasil, n. 60, p. 107-146, abr./jun. 2016.

LEONEL, Vange, **1963- Grrrls: garotas iradas / Vange Leonel**. – São Paulo: Summus, 2001. Edições GLS.

LEONEL, Vange. **Lesbofobia**. In: Diversidade sexual e homofobia no Brasil / [organizadores Gustavo Venturi, Vilma Bokany]. – São Paulo : Editora Fundação Perseu Abramo, 2011, pg. 89-96.

LESSA, P. **O que a história não diz não existiu: a lesbiandade em suas interfaces com o feminismo e a história das mulheres**. Em Tempo de Histórias, [S. l.], n. 07, 2011. DOI: 10.26512/emtempos.v0i07.20136. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/emtempos/article/view/20136>. Acesso em: 13 nov. 2023.

LESSA, Patrícia. **Visibilidade e Ação Lesbiana na década de 1980: uma análise a partir do Grupo de Ação Lésbico-Feminista e do boletim Chanacomchana**. Revista Gênero 8.2 (2008).

LESSA, Patrícia. **Lesbianas em movimento: a criação de subjetividade (Brasil, 1979-2006)**/ Patrícia Lessa. -- Brasília : [s.n.], 2007. Orientadora : Prof^a. Dr^a. Tânia Navarro-Swain. Tese (doutorado) - Universidade de Brasília. Programa de Pós-graduação em História, 2007.

LGBT e prostitutas denunciam violência. Disponível em: <https://memorialdademocracia.com.br/card/lgbt-e-prostitutas-denunciam-violencia> Acesso em: 22 mar. 2025.

LIEBGOTT, Camila Bonin; PINHEIRO, Leandro Rogério. **Lesbianidades e identizações no ciberespaço: as narrativas de jovens ativistas no instagram como parte da luta contra a lesbofobia**. *Sul-Sul: Revista de Ciências Humanas e Sociais. Barreiras, BA. Vol. 2, n. 2 (2021), p. 105-131, 2021.*

LOURO, G. L. **Educação e docência: diversidade, gênero e sexualidade**. Formação Docente – Revista Brasileira de Pesquisa sobre Formação de Professores, [S. l.], v. 3, n. 4, p. 62–70, 2018. Disponível em: <https://www.revformacaodocente.com.br/index.php/rbpf/article/view/31>. Acesso em: 9 abr. 2024.

LOURO, Guacira Lopes. Organizadora. **O corpo educado. Pedagogias da sexualidade. Tradução dos artigos: Tomaz Tadeu da Silva**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

MAGALHÃES, Henrique. **O rebuliço apaixonante dos fanzines**. 2020 - Série Quiosque, 27 - 5a edição. Marca de Fantasia.

MAIA, Carolina. De **Senale a Senalesbi**: Articulações Políticas de Lésbicas e Mulheres Bissexuais no Brasil. in: Quando ousamos existir: itinerários fotobiográficos do movimento LGBTI Brasileiro (1978-2018) / Marcio Caetano... [et al.] (organizadores). 1. ed. – Tubarão: Copiart; Rio Grande, RS: FURG, 2018. p.112-115.

MARINHO, Cristiane. **Lesbianidades**: a face política de sua existência, exclusão e resistência ou as lesbianidades para além dos afetos. In: Pensamento lésbico contemporâneo [recurso eletrônico]: decolonialidade, memória, família, educação, política e artes / Bárbara Elcimar dos Reis Alves e Felipe Bruno Martins Fernandes (Organizadores). – 1. ed. Florianópolis (SC): Tribo da Ilha, 2021. p. 243-252.

MARQUES, Juliana Bastos. **O conceito de temporalidade e sua aplicação na historiografia antiga** / Revista de História 158 (1º semestre de 2008), 43-65.

MARTINHO, Míriam. **Memória Lesbiana**: há 40 anos surgia o Grupo Lésbico Feminista, o primeiro coletivo de ativistas lésbicas do Brasil. *Um Outro Olhar*, 2019, 15.

MARTINHO, Míriam. **Orgulho Lésbico**: o happening político do Ferro's Bar. Um outro olhar, para mulheres lesbianas e afins. Publicado em 25 de junho de 2022. Disponível em: <https://www.umoutroolhar.com.br/2022/06/orgulho-lesbico-o-happening-politico-do.html> Acesso em: 22 mar. 2025.

MEDEIROS, Maria do Socorro da Silva. **O caminho não precisa ser solitário**: fissuras e representatividade lésbica no ciberespaço. 2017.

MELLO, L., Freitas, F., Pedrosa, C., & Brito, W. **Para além de um kit anti-homofobia**: políticas públicas de educação para a população LGBT no Brasil. *Bagoas-Estudos gays: gêneros e sexualidades*, [S. l.], v. 6, n. 07, 2012.

MELO, Marina Teresinha Rosa de e CORDARO, Madalena Natsuko Hashimoto. **As reminiscências da guerra no mangá e no animê**. Revista Anagrama: Revista Científica Interdisciplinar da Graduação Ano 10 Volume 2 julho-dezembro de 2016.

MENDONÇA, Maria Zilka Faria de. **O trabalho da mulher americana durante a segunda guerra mundial e sua contribuição para o feminismo**. Trabalho de Conclusão de Curso–bacharelado em Relações Internacionais. Recife: Faculdade Damas da Instrução Cristã, 2015.

Meu Velho e o Mar, 4 de agosto de 2009. Disponível em: <https://vangeleone1.blogspot.com/2009/08/> Acesso em: 26 de nov. de 2024.

MEZZAR, I. D. C. S.; LEMOS, S. L. **Do amor entre mulheres**: narrativas de amores e lesbianidades. *Rev Peri*, 2017, 7.1: 192-214.

MUNIZ, Celina R. **Na desordem da palavra: fanzines e a escrita de si.** In: MUNIZ, Celina R. (Org.). *Fanzines: autoria, subjetividade e invenção de si.* Fortaleza: Edições UFC, 2010.

Museu da Diversidade Sexual. Podcast MDS | Vange Leonel e o orgulho lésbico. Youtube, 20 de ago. de 2024 - 1:03:49. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9o1SXis7pQc> Acesso em: 26/08/2024.

NAVARRO-SWAIN, T. **Feminismo e lesbianismo: a identidade em questão.** Cadernos Pagu (UNICAMP), Campinas, São Paulo, v. 12, p. 109-120, 1999.

NAVARRO-SWAIN, T. **Feminismo e lesbianismo: quais os desafios?.** In: III Encontro: Enfoques feministas e as tradições disciplinares na ciência e na academia, 2001, Niterói-RJ. Resumos: III Encontro Enfoques feministas e tradições disciplinares, 2001. p. 31-37.

NAVARRO-SWAIN, Tania. **O que é lesbianismo** / Tania Navarro-Swain. - - - São Paulo: Brasiliense, 2004.

NUNES, Priscila Spindler Corrêa. **Gênero e sexualidade nas aulas de História: composições para um currículo antinormativo.** In: Ensino de História : diferenças e desigualdades [recurso eletrônico] / Benito Schmidt, Caroline Pacievitch, Caroline Silveira Bauer (org.) — Dados eletrônicos. — Brasília, DF : CAPES - PROFHISTORIA; São Leopoldo: Oikos, 2021. p. 167 – 184.

OLIVEIRA, Cláudia Freitas de. **A homossexualidade feminina na história do Brasil: do esforço de construção de um objeto histórico ao desdobramento na construção da cidadania.** Les Online, [Lisboa], v. 7, n. 2, p. 2-19, 2015.

P. BARBOSA, C.; D. Guerim, L. **Múltiplas construções da identidade lésbica: uma análise das narrativas teóricas de formação da subjetividade lésbica.** Revista Ártemis, [S. l.], v. 30, n. 1, p. 422–437, 2020. DOI: 10.22478/ufpb.1807-8214.2020v30n1.53014. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/artemis/article/view/53014>. Acesso em: 6 nov. 2023.

Pensamento lésbico contemporâneo [recurso eletrônico]: decolonialidade, memória, família, educação, política e artes / Bárbara Elcimar dos Reis Alves e Felipe Bruno Martins Fernandes (Organizadores). – 1. ed. Florianópolis (SC): Tribo da Ilha, 2021.

PEREIRA E SILVA, Iraídes. RIBEIRO, Felipe Augusto dos Santos. **Dilemas de Clio: O ensino de História na contemporaneidade.** In: *História e ensino de história hoje: uma defesa* / David Maciel (Organizador), Luiz Sérgio Duarte (Organizador). – Jundiaí-SP: Paco Editorial, 2022. p. 195-212.

PEREIRA, Nilton Mullet. **Ensino de História e resistência: notas sobre uma história menor.** Revista Arquivo Brasileiro de Educação. Belo Horizonte. Vol. 5, n. 10 (jan./abr. 2017), p. 103-117, 2017.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & história cultural*. Autêntica, 2013.

PESSOA BECHTOLD, Leila. **A Ilha do Velcro: a palavra em práticas artísticas lesbianas**, 2022.

PINTO, Renato Donizete. **Fanzine na Educação: algumas experiências em sala de aula**. *João Pessoa: Marca de Fantasia*, 2013, 13-52.

Plano Nacional de Políticas para as Mulheres. Presidência da República. Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres. Brasília, 2004.

Quando ousamos existir: itinerários fotobiográficos do movimento LGBTI Brasileiro (1978-2018) / Marcio Caetano... [et al.] (organizadores). 1. ed. – Tubarão: Copiart; Rio Grande, RS: FURG, 2018.

RICH, Adrienne. **Heterossexualidade compulsória e a existência lésbica**. *Revista Bagoas*, v. 4, n. 5, p. 17-44, 2010.

SALES, Gabriela Coutinho. **Lésbicas no debate da redemocratização: uma análise do boletim ChanaComChana**. *Universidade de Brasília*, 2019. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/270085069.pdf> Acesso em: 22 de mar. 2025.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. **Didática Reconstructivista da História e a Formação da Consciência Histórica Dialógica**. *Revista Territórios & Fronteiras*, Cuiabá, vol. 14, n. 2, ago.-dez., 2021, p. 166-184.

SEFFNER, Fernando. **Sigam-me os bons: apuros e aflições nos enfrentamentos ao regime da heteronormatividade**. *Educ. Pesqui.*, São Paulo, v. 39, n. 1, p. 145-159, jan./mar. 2013.

SEFFNER, Fernando. **Tem nexos não falar sobre sexo na escola**. *Textual (Porto Alegre)* 1 (2017): 22-29.

SEFFNER, Fernando. **Aprender e ensinar história: como jogar com isso?**. *Jogos e ensino de história*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2018. P. 19-34, 2018.

SEFFNER, Fernando. **Cultura escolar e questões em gênero e sexualidade: O delicado equilíbrio entre cumprir, transgredir e resistir**. *Revista Retratos da Escola*, Brasília, v. 14, n. 28, p. 75-90, jan./abr. 2020. Disponível em: <http://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde>

SEFFNER, Fernando. **Disputa de narrativas em gêneros e sexualidades nas fronteiras entre cultura escolar, famílias e religiões**. In: *Gênero, diferença e direitos humanos: é preciso esperar em tempos hostis* / Fabiane Ferreira da Silva; Alinne de Lima Bonetti, organizadoras. – 1. ed. – Florianópolis: Tribo da Ilha, 2020. pg. 11-30.

SEFFNER, Fernando. **É raro, mas acontece muito: aproximações entre ensino de**

História e questões em gênero e sexualidade. In: Ensino de História e suas práticas de pesquisa. 2. ed. [e-book]. / Organizadores: Juliana Alves de Andrade e Nilton Mullet Pereira São Leopoldo: Oikos, 2021. pg. 422-437.

SEFFNER, Fernando. **Escola para todos:** mesmo para aqueles que manifestam diferenças em sexo e gênero? In: Corpos, gêneros, sexualidades e relações étnico-raciais na educação [recurso eletrônico] / Fabiane Ferreira da Silva, Elena Maria Billig Mello (orgs.). – Uruguaiana, RS: UNIPAMPA, 2011. pg. 103-114.

SEFFNER, Fernando. PENNA, Fernando. **Palavras Certas e certas Palavras: o ensino de história entre democracia e autoritarismo.** In: Territórios disputados: produção de conhecimento no ensino de história em tempos de crise / Luís Fernando Cerri, Osvaldo Mariotto Cerezer e Renilson Rosa Ribeiro (orgs.). – Cáceres: UNEMAT Editora, 2021. p. 221-243.

SEFFNER, Fernando. **Sexualidade:** isso é mesmo matéria escolar? Rev. Teoria e Prática da Educação, v. 17, n. 2, p. 67-81, maio/agosto 2014.

SELEM, Maria Célia Orlato. **A Liga Brasileira de Lésbicas:** produção de sentidos na construção do sujeito político lésbica. 2007.

SILVA, Alessa. **Reflexões acerca da lesbianidade:** a literatura como um espaço de (re)existência da subjetividade lésbica na contemporaneidade. *Boletim Historiar*, [S. l.], v. 6, n. 3, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/historiar/article/view/12648>. Acesso em: 6 nov. 2023.

SILVA, Ana Gabriela Reis da. **Lesbianidades em Pauta:** uma análise discursiva da coluna "Grrrls" da revista Sui Generis (1995 - 2000) / Ana Gabriela Reis da SILVA - 2021. 99f.: il.;30 cm. Orientador(a): Ricardo Augusto de Sabóia FEITOSA TCC (Graduação) - Universidade Federal de Pernambuco, CAA, Comunicação Social, 2021.

SILVA, Fabiane Ferreira da. **Lições de sexualidade na escola** In: Corpos, gêneros, sexualidades e relações étnico-raciais na educação [recurso eletrônico] / Fabiane Ferreira da Silva, Elena Maria Billig Mello (orgs.). – Uruguaiana, RS: UNIPAMPA, 2011. pg. 146-157.

SILVA, Fellipe Henrique Mota, et al. Fanzine: Dispositivo Didático Alternativo para o Ensino de História. Anais do Seminário de Pesquisa, Pós-Graduação, Ensino e Extensão do Câmpus Anápolis de CSEH (SEPE)(ISSN 2447-9357), 2017, 3.

SILVA, Zuleide Paiva. ARAUJO, Rosangela Janja Costa. **PENSAMENTO LÉSBICO:** uma ginga epistemológica contra-hegemônica. In: Dossiê Feminismos e Lesbianidades em Movimento: a visibilidade como lugar. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, 29(3): e82446 DOI: 10.1590/1806-9584-2021v29n382446.

SILVEIRA-BARBOSA, P. **Trajatória da Imprensa Lésbica brasileira, uma história**

possível. Revista Aedos, [S. l.], v. 11, n. 24, p. 142–163, 2019. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/aedos/article/view/93003>. Acesso em: 1 ago. 2023.

SNO, Márcio. **Oficina de zines:** guia para educadores. São Paulo: 2014.

SOARES SILVA, A. **Por um Lugar ao Sol:** construindo a memória política da homossexualidade (ou: Homossexualidade: uma história dos vencidos?!). Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades, [S. l.], v. 6, n. 08, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/3353>. Acesso em: 1 dez. 2023.

SOARES, Gilberta Santos. COSTA, Jussara Carneiro. **Movimento lésbico e Movimento feminista no Brasil:** recuperando encontros e desencontros. *labrys, études féministes/ estudos feministas juillet/décembre 2011 -janvier /juin 2012 - julho /dezembro 2011 - janeiro /junho 2012.*

SOARES, Gilberta; SARDENBERG, Cecília. **Assumindo a lesbianidade no campo teórico feminista.** In: XV Congresso Brasileiro de Sociologia: mudanças, permanências e desafios sociológicos. Anais do XV Congresso Brasileiro de Sociologia. Curitiba: Sociedade Brasileira de Sociologia, 2011.

SOARES, Suane Felipe. **Procura-se sapatão:** Histórias invisibilizadas do movimento lesbofeminista brasileiro. 18º Redor - Universidade Federal Rural de Pernambuco, 2014.

SOUSA, Diego El Khouri. **Zine, Arte, Resistência e Ações Pedagógicas.** Série Quiosque, 66. 2022. 50p.

SOUZA, S. B. **Teorias lésbicas contemporâneas e a arte como ativismo e potência de resistência e visibilidade.** Cadernos de Gênero e Diversidade, [S. l.], v. 4, n. 2, p. 134–143, 2018. DOI: 10.9771/cgd.v4i2.26648. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/cadgendiv/article/view/26648>. Acesso em: 26 out. 2023.

STAMATOPOULOU, Katerina. **As Garotas Querem mais do que Diversão:** A Geografia Alternativa dos Grupos de Lésbicas em Paris. *Revista Latinoamericana de Geografia e Gênero*, 2018, 9.2.

TEIXEIRA, Fabiane Lopes. **Pensando os desafios de uma educação para a sexualidade na escola.** In: Educação para a sexualidade / Ana Cláudia Bortolozzi Maia...[et al.] ; [organizadores:] Joanalira Corpes Magalhães; Paula Regina Costa Ribeiro. – Rio Grande: Ed. da FURG, 2014. pg. 97-114.

TOLEDO, Livia Gonsalves. **Considerações narrativas sobre as vivências afetivo-sexuais entre lésbicas e suas relações com os mitos e estereótipos a respeito da lesbianidade.** Trabalho apresentado em anais de evento. XIV Encontro Nacional da Abrapso. Rio de Janeiro: Rio de Janeiro (2007).

TOLEDO, Livia Gonsalves. **Estigmas e estereótipos sobre as lesbianidades e suas influências nas narrativas de histórias de vida de lésbicas residentes em uma cidade do interior paulista.** Assis, 2008. Dissertação de Mestrado – Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Universidade Estadual Paulista.

TOMÉ, M. C. A., & PEREIRA, S. C. **Representações de si, representatividade para as outras:** autorrepresentações de mulheres lésbicas sobre a lesbianidade. *Mosaico: Estudos em Psicologia*, v. 11, n. 1, p. 83-109, 2023.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no Paraíso:** A homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. 4a edição revista, atualizada e ampliada. São Paulo, Objetiva. 2018.

VAQUINHAS, Irene. **Cabelos à Joãozinho e melindrosas:** uma nova imagem das mulheres nos anos 1920. *Falar de Mulheres dez anos depois.* No Centenário do Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas, coord. de Isabel Henriques de Jesus; Paula Gomes Ribeiro; Rita Mira e Zília Osório de Castro, 2016, 353-360.

VARELA, Cristina Monteggia; RIBEIRO, Paula Regina Costa. **Educação para a sexualidade:** a constituição de um campo conceitual. *Debates contemporâneos sobre Educação para a Sexualidade*, 2017, 11-24.

VASCONCELOS, Camila Silva. **Fanzines como ferramenta de expressão da comunidade LGBTTT:** identidade e cidadania. 2018.

VERAS, Elias Ferreira; PEDRO, Joana Maria. **Os silêncios de Clio:** escrita da história e(in)visibilidade das homossexualidades no Brasil. *Revista Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 6, n.13, p.90 - 109, set./dez. 2014.

VERVLOET, L. **Contribuições do Ensino de História para o Debate Sobre Diversidade Sexual e de Gênero:** Entre Memórias, Narrativas e Práticas Docentes. XI Encontro Nacional Perspectivas do Ensino de História–Edição Online (2020).

VIANA, Nildo. **Autogestão e Formação – Autogestão Pedagógica ou Pedagogia Autogestionária?** *Marxismo e Autogestão*. Ano 2, num. 3, jan./jun. 2015.

VIEIRA, César Augusto, and Júlio César Pereira. **Jogos Digitais: Evolução, Instrumento em Educação e Mercado de Trabalho.**

WEEKS, Jeffrey. **O corpo e a sexualidade.** In: O corpo educado: pedagogias da sexualidade. Louro, Guacira Lopes. Organizadora, *Belo Horizonte: Autêntica* (1999). p.35-82.

ZAVAM, A.S. **Fanzine: A plurivalência paratópica.** *Revista Linguagem em (Dis)curso*, Santa catarina, v.5, n.1, 2004.

LESBOZINE

TRANSGRESSÃO E EXISTÊNCIA



ENSINO DE HISTÓRIA , LESBIANIDADES E UMA EDUCAÇÃO PARA SEXUALIDADE .

VOL. 1

PARA PROFESSORAS/ES APRENDEREM E ENSINAREM

A presente proposta pedagógica resulta da pesquisa
“FANZINES, TRANSGRESSÃO E EXISTÊNCIA! DISCUSSÕES SOBRE
LESBIANIDADES NO ENSINO DE HISTÓRIA A PARTIR DA
PRODUÇÃO ESCRITA DE VANGE LEONEL ENTRE 1997-2011”,
apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Ensino de
História – PROFHISTÓRIA/UFG.

Criação, produção de texto e idealização do projeto:
Ana Carolina do Carmo Silva

Orientadora:
Professora Dra. Ana Carolina Eiras Coelho Soares

Área de Concentração:
Ensino de História

Linha de Pesquisa:
Linguagens e Narrativas Históricas: Produção e Difusão.

Universidade Federal de Goiás (UFG)
- Goiânia - Goiás - 2025 -



PROFHISTÓRIA
MESTRADO PROFISSIONAL
EM ENSINO DE HISTÓRIA

APRESENTAÇÃO

*Às professoras, aos professores e
todas/os aquelas/es que querem aprender e compartilhar*

Professoras/es, os conhecimentos obtidos ao longo do processo de construção da dissertação “*FANZINES, TRANSGRESSÃO E EXISTÊNCIA! Discussões sobre lesbianidades no ensino de história a partir da produção escrita de Vange Leonel entre 1997-2011*”, deram origem a esse material de atividades experimentais e conteúdos relacionados às temáticas ligadas à sexualidade e às lesbianidades que possibilitam lidar com a diversidade em sala de aula.

Esse material transgressor representa uma mistura de linguagens que mescla conceitos teóricos acadêmicos com a estética das mídias alternativas e radicais que os zines apresentam. Acreditando no caráter pedagógico que os zines possuem em aproximar diálogos cotidianos e debates acadêmicos aos ambientes educativos formais ou não formais, uma coletânea de zines foi produzida, visto que os fanzines são ferramentas práticas que podem ser utilizadas da Educação Infantil até a Pós-Graduação. Esses materiais contribuem como estratégia de desenvolvimento da leitura e da escrita, estimulam o trabalho em coletividade e a participação ativa, assim como são mídias que exploram as expressões autorais.

Nesse sentido, a Coletânea LESBOZINE foi idealizada e planejada principalmente por meio das dúvidas, dos anseios e das curiosidades levantadas ao longo do desenvolvimento da minha pesquisa de mestrado, e inspirada pelo pensamento de mulheres excepcionais como: Vange Leonel, bell hooks, Guacira Lopes Louro, Tania Navarro-Swain, Adrienne Rich, Jules Falquet, Patrícia Lessa, Míriam Martinho entre tantas outras. A intenção foi criar um material que ajude e possibilite professoras/es discutir sobre sexualidade e lesbianidades no ensino de história, incentivada pela ideia de multiplicar a arte de criar e produzir *fanzines*, com a intenção de garantir que os zines impressos tenham vida preservada com o tempo.

A Coletânea LESBOZINE foi pensada a partir de três volumes, os quais abordam as discussões que foram desenvolvidas ao longo dos capítulos da dissertação. O primeiro volume, intitulado “*Ensino de História, Lesbianidades e uma Educação para a Sexualidade – Para Professoras/es aprenderem e ensinarem*”, segue as características de uma espécie de guia para explorar assuntos específicos, como, por exemplo, a historicidade dos fanzines, suas

potencialidades pedagógicas e especificidades estruturais e estéticas. Ademais, visa abordar algumas perspectivas para se trabalhar com um ensino de história aliado a uma educação para a sexualidade que possibilite discussões sobre as lesbianidades.

Para além, esse volume apresenta as diretrizes e os aspectos legais presentes nos documentos educacionais que nos respaldam enquanto professoras/es no exercício de nossas funções realizando o nosso direito à liberdade de cátedra. Por fim, foram reunidas algumas metodologias de “como fazer” para abrir diálogo às nossas temáticas, a fim de que sejam como dicas e sugestões para uma conversa. É significativo dizer que muitas outras metodologias e dicas coexistem e, por ser inviável abordar a totalidade desses recursos, foram selecionadas as que mais conversam com a proposta da pesquisa e coletânea.

Desse modo, a Coletânea LESBOZINE tem como proposta ser um recurso transgressor que possibilite mais trocas de experiências e afetos em ambientes educativos do que explicações teóricas complexas. Esse material tem como intuito transformar a sala de aula em um espaço de entusiasmo, com alunas/os engajadas/os no diálogo, nas novas formas de aprender e compartilhar conhecimentos, respondendo aos desafios do tempo presente na educação histórica.

Sendo assim, cada volume que compõe a Coletânea LESBOZINE representa um exercício de coragem, resistência e amor que visa trazer à tona temáticas sobre as sexualidades, as lesbianidades e a diversidade humana. Portanto, os LESBOZINES são revolucionários por visibilizar as existências lesbianas também nas narrativas escolares, pois as lesbianas sempre existiram e sempre vão existir. Temos ancestralidade e história e clamamos por respeito, direitos e acesso à cidadania e à memória.

Todas as temáticas abordadas e debatidas aqui estão aprofundadas na minha pesquisa de mestrado, disponível para download na página do PROFHISTÓRIA-UFG e no banco de teses e dissertações do PROFHISTÓRIA nacional.



SUMÁRIO

- ★ Direções metodológicas: Sentidos, explicações e ensinamentos
 - Fanzines: Historicidade e possibilidades
 - Zines como proposta pedagógica
 - Zines: por onde começar e o que fazer?

- ★ Ensino de História e uma educação para a sexualidade
 - Percepções e entendimentos sobre as Sexualidades
 - Desafios e possibilidades de uma educação para a sexualidade
 - "Tem base" NÃO falar sobre sexualidade nas aulas de História?
 - Dicas e sugestões

- ★ Lesbianidades no Ensino de História
 - Historicidade e construção narrativa das Lesbianidades
 - Movimento Lésbico Brasileiro: Visibilidade e cidadania lesbiana
 - Dicas e Sugestões

- ★ Diretrizes e aspectos legais
- ★ Autora
- ★ Referências Bibliográficas

DIREÇÕES METODOLÓGICAS: SENTIDOS, EXPLICAÇÕES E ENSINAMENTOS

Podemos dizer que o uso de *fanzines* na Educação em Goiás é modesto, com desconhecimento de segmentos da sociedade sobre o que seriam os *fanzines*, mesmo entre professores (Lacerda, 2014). Para que esse cenário possa ser modificado, precisamos compreender o que é um *fanzine*, sua historicidade e sua utilização como ferramenta pedagógica (Andrade, 2020).

Fanzines: Historicidade e possibilidades

Historicamente, os *fanzines* surgem na década de 1930 nos Estados Unidos, com as publicações amadoras de ficção científica. O termo *fanzine* originou-se da contração entre *fanatic* e *magazine* em 1941 e era tido como uma espécie de “boletim de informações” feito e destinado a fãs de algum campo específico, quer seja artístico, político ou filosófico. No Brasil, os *fanzines* ganham força a partir da segunda metade da década de 1970, principalmente entre os punks e anarquistas que ajudaram a popularizar e difundir os *fanzines* por intermédio de uma estética transgressora e caótica contra o *status quo*. Em Goiânia, o processo de produção dos *fanzines* acontece nas décadas de 1980 e 1990, juntamente com o início da formação da cena de rock local e antes da popularização da internet.

Originalmente, o *fanzine* se apresenta como uma publicação independente e amadora, quase sempre de pequena tiragem, editada artesanalmente e impressa em mimeógrafo, fotocopadora ou impressora a laser. As informações contidas em uma edição podem aparecer na forma de poemas, textos, desenhos, imagens e histórias em quadrinhos, sem necessariamente vincularem-se a uma temática central (Magalhães, 1993), e dada sua efemeridade e marginalidade, torna-se um espaço para livre circulação de ideias.

Uma das características mais importantes do *fanzine* é o fato de seus editores se encarregarem de todo o processo de produção. Desde a concepção da ideia até a coleta de informações, diagramação, composição, ilustração, montagem, paginação, divulgação, distribuição e venda, tudo passa pelo domínio do editor (Magalhães, 2020). Diante disso, o editor adquire maior liberdade de criação e execução das ideias, visto que não existem regras para a criação e produção de um *fanzine*. Todo o processo irá depender da disponibilidade de tempo do material a ser editado, do orçamento e da dedicação dos editores (Magalhães, 2020).

Considerando a versatilidade e o baixo custo de produção dessa mídia, o *fanzine* pode ser empregado em diferentes contextos, como em ferramenta de comunicação simbólica e artística, potencializando a expressão de ideias, estimulando a criatividade e a autonomia, propiciando visibilidade e autoria aos participantes, possibilitando o acesso à informação e estabelecendo diálogos via problematização das noções de cidadania, direitos e deveres. Ademais, devido ao avanço tecnológico, ao advento dos computadores e à ampliação do acesso à internet, no presente diversas/os *fanzineiras/os* passaram a testar múltiplas técnicas de confecção e a explorar novas possibilidades digitais, processo que dá origem aos E-Zines, demonstrando as potencialidades dessa mídia transgressora.

Com os zines é possível xerocar novas cópias, anotar alguma nova informação em suas folhas, recortar saberes, colar e descolar nossos próprios preconceitos e rever antigas ideias-palavras. A mídia alternativa radical "fanzines" apresenta-se, principalmente, como folha sem pauta, pronta para exercitar, de maneira tátil, teorias, temáticas diversas e disciplinas do currículo. Além disso, pode decantar sofrimentos, tranquilizar aprendizagens, destravar palavras e números; com seu exercício de recortar, colar e expressar as próprias mensagens, chega a alcançar fendas da própria subjetividade (Puni, Camila, 2015).

ZINES COMO PROPOSTA PEDAGÓGICA

No âmbito escolar, os zines são ferramentas pedagógicas de comunicação simples, de custo baixo e que proporcionam às/aos estudantes um meio de expressão e interação social (Andrade, 2020), além de serem recursos essencialmente autorais que possibilitam uma comunicação interativa entre professora/es e alunas/os. Conforme Gabriela Gelain (2013), produzir zines é um projeto pessoal que permite compartilhar, sentir autossatisfação, recarregar a autoestima e proporcionar intercâmbio cultural-sentimental. Desenvolver a percepção e criticidade nas/os estudantes ao longo da elaboração do zine é essencial para produzir um material que, no final, apresente uma construção crítica da temática proposta.

A escolha em trabalhar com *fanzines* como proposta pedagógica foi motivada por experiências anteriores com o uso dessa mídia alternativa em sala de aula, assim como por entender que os *fanzines* proporcionam um ensino formativo e dialogam com os jovens do século XXI, promovendo a formação plena dos estudantes. Ao estimular as/os estudantes a registrarem suas impressões e percepções por meio de colagens, desenhos e textos nos *zines*, possibilitamos que elas/es expressem seus entendimentos sobre os temas abordados. De modo que o uso de *fanzines* no ensino de História permite que os

estudantes desenvolvam seus próprios materiais didáticos de reflexão crítica constante, uma vez que esse ensino se sustenta na abordagem crítica do passado, avaliando mudanças e permanências que justificam os problemas sociais do presente.

Dessa maneira, podemos compreender os *fanzines* como construtores de discursos próprios sobre os mais diversos assuntos e como materiais riquíssimos para a análise de processos sociais e culturais. Como abordagem didática, o *fanzine*, utilizado em sala de aula como recurso metodológico, visa inverter a lógica tradicional de ensino-aprendizagem ao substituir a posição passiva do estudante — marcada pela recepção de conhecimentos —, pela posição de um estudante como protagonista de seu aprendizado.

ZINES: POR ONDE COMEÇAR E O QUE FAZER?

Quando o fanzineiro Márcio Sno (2015) publicou o guia “Para que serve um Zine?”, ele buscou responder de maneira simples essa pergunta que, muitas vezes, ouvimos ao apresentarmos os zines para um mundo que se manifesta por internet e redes sociais. Segundo o autor, os zines servem para que possamos: *Falar dos nossos heróis ou ídolos, nos expressarmos artística e emocionalmente, visibilizar os silêncios, questionar, protestar e criticar, defender os ideais que acreditamos, compartilhar pensamentos e ideias, instigar e explorar a criatividade e imaginação.*

Até o final da década de 1990, os *fanzines* foram utilizados como um dos principais recursos para a expressão de artistas independentes. No entanto, com a chegada da internet, deixou de ter exclusivamente esse papel e hoje, sobretudo, é visto como uma plataforma para expressões e manifestações artísticas artesanais, dado o seu caráter transgressor, experimental e livre de censuras e padrões estéticos.

Formatos e tamanhos



Uma dobra simples
4 pag.



Duas dobras zig-zag
6 pag.



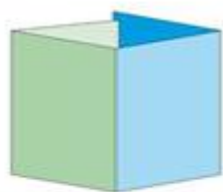
Duas dobras charuto
6 pag.



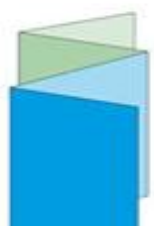
Duas dobras cruzadas
8 pag.



Três dobras janela
8 pag.



Três dobras charuto
8 pag.



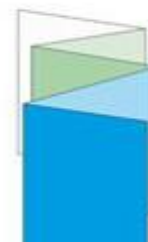
Três dobras zig-zag
8 pag.



Três dobras paralelas
8 pag.



Quatro dobras charuto
10 pag.



Quatro dobras zig-zag
10 pag.

AS PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DOS ZINES

TEMAS: Por possuir um caráter transgressor e experimental, podemos encontrar Zines dos mais diversos temas, assuntos e conteúdos, assim como formatos, estilos e estéticas;

FEITO E IMPRESSO EM PAPEL: Grande parte dos zines ainda é reproduzida em copiadoras ou impressoras – a jato ou laser e impressões em estêncil;

MONTAGEM MANUAL E ARTESANAL: Embora existam múltiplas ferramentas e recursos tecnológicos, muitas/os autoras/es ainda seguem o modo tradicional de produção, que consistem em uma montagem manual e artesanal, que utiliza tesoura, cola, revistas e jornais antigos, canetas e lápis de cor – ou quaisquer outros materiais artísticos –, e grampeadores no processo de produção dos zines;

SEM FINS LUCRATIVOS: O foco na maior parte das vezes é compartilhar ideias e pensamentos, assim como manifestar e expressar sentimentos e emoções mediante as múltiplas formas de arte;

PERIODICIDADE: Os zines podem ser pensados a partir de edições únicas, volumes ou coletâneas e, naturalmente, não seguem uma periodicidade sistematizada.

TIRAGEM: Muitas vezes cada Zine têm sua impressão matriz/original e posteriormente são feitas cópias mais baratas para que possam ser divulgados. Com o surgimento da internet e das redes sociais, vários Zines são veiculados virtualmente.

DISTRIBUIÇÃO: Dificilmente conseguiremos encontrar zines em livrarias ou bancas de jornais e revistas, por serem mídias alternativas em relação às grandes mídias. Portanto, os zines são encontrados em feiras e eventos culturais, artísticos e políticos, assim como na internet, em sites especializados e redes sociais.

DICAS E SUGESTÕES

Para que seja possível desenvolver projetos que tenham os zines como foco, é importante abordar linguagens que dialoguem com os *fanzines*. Durante o período que pode vir a ser de 1 semana, 1 quinzena ou 1 mês, podemos utilizar, como recursos para contextualizar o universo dos *fanzines* para as/os alunas/os, filmes, imagens ou compartilhar experiências anteriores a essa mídia. Além disso, caso não tenham produzido nenhum zine, é possível acessar diversos modelos na internet. Nessa primeira etapa, é interessante começar a interagir e conversar com as/os estudantes sobre os temas que podem ser explorados e quais os materiais selecionados para a produção dos zines.

O filme 'Moxie: Quando as Garotas Vão à Luta' de 2021 - disponível na Netflix - utiliza os *fanzines* como recursos para discutir sobre feminismo com as novas gerações.

ITENS DA ETAPA 01:

- Exibição de filmes que dialoguem com a linguagem dos *Fanzines*.
- Bate-papo com alguém da comunidade escolar que já tenha feito *fanzines*.
- Apresentação de *Power Point* sobre a história dos *fanzines*; fotos e modelos.
- Escolha do tema geral a ser produzido e fomentação à pesquisa de imagens e frases;
- Pesquisa sobre os temas escolhidos na biblioteca ou sala de informática.
- Anotações e separação de materiais encontrados para a produção de *fanzines*
- Para entender à linguagem *Fanzine*, apresentar diferentes modelos de *fanzines*.

Na segunda etapa, uma das ideias é unir as temáticas de outras disciplinas, ou não, para a produção dos zines, os quais podem ser expostos no mesmo estilo dos Cordeis.

ITENS DA ETAPA 02

- Distribuição de folhas A4, exibição e montagem a partir de modelo aqui fornecido, e incentivo a colocar o nome e ano na capa.
- Distribuição de revistas.
- Montagem de ilhas com materiais compartilhados (tesouras sem ponta, fitas coloridas, giz de cera, durex e outros materiais secos).
- Recortar e colocar todas as imagens dentro do zine.
- Em outro encontro, devolver para cada participante seu fanzine para a escrita e criação do título do zine na capa, da frase de despedida na contracapa e das frases que irão por dentro.
- Colagem e Arte final - distribuir as colas, materiais de papelaria, canetas coloridas, lápis de cor ou até pedir para a turma levar os materiais que mais gosta - e auxiliar os/as estudantes na finalização do zine.
- A seguir, uma sugestão para fácil elaboração de um minizine.

COMO

FAZER

UM MINI FANZINE!!

MATERIAIS:

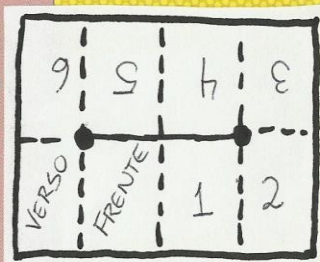
- papel A4
- estilete

1- Dobre o papel ao meio ao comprido (estilo hotdog)

2 - Dobre o papel ao meio novamente (estilo hamburguer)

3- Dobre o papel ao meio mais uma vez.

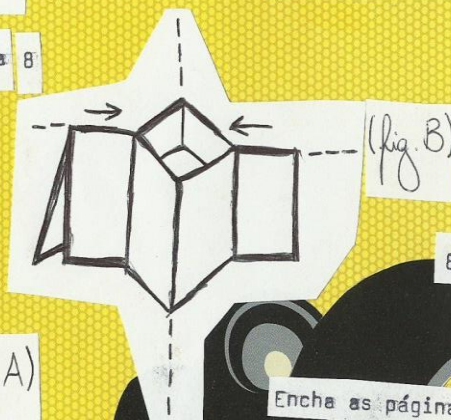
4- Desdobre o papel. Ele deve ter agora 8 seções retangulares



5- Pegue o estilete (ou a tesoura, o que você achar que funciona melhor) e corte ao longo e entre os dois pontinhos demarcados. (Fig. A)

6- Dobre o papel ao longo dessa mesma linha (estilo hotdog)

7- Agora dobre as páginas de modo que o meio apareça, basicamente formando uma cruz (fig. B)



8- Eis o seu ZIIIIINE!

Encha as páginas com o que você quiser, copie, e distribua



↳ SAM CHIVERS

ENSINO DE HISTÓRIA E UMA EDUCAÇÃO PARA A SEXUALIDADE

A sexualidade se faz presente em todos os momentos, apresentando-se de diversas formas, servindo como porta de entrada para outros temas, auxiliando a construir hierarquias a respeito de indivíduos. Assim, com o passar do tempo, a sociedade em que vivemos produziu mecanismos que a todo instante associam a sexualidade aos mais diversos temas. Desse modo, tratar da sexualidade nos diferentes espaços educativos diz sobre as práticas que visam discutir e visibilizar questões relacionadas ao estudo do corpo, da saúde sexual, dos gêneros, da diversidade sexual, do prazer, das práticas sexuais, das doenças sexualmente transmissíveis e da gravidez, proporcionando que crianças e adolescentes sejam educados para a vivência das sexualidades (Varela; Ribeiro, 2017).

No entanto, as discussões sobre as sexualidades num outro viés, que engloba sentimentos, afetos, desejos e prazeres, geralmente ficam marginalizadas nas práticas pedagógicas, ao mesmo tempo em que se desconsideram os saberes das/os alunas/os sobre a sexualidade e diversidade sexual, construídos nas suas experiências cotidianas. Sendo assim, uma educação para a(s) sexualidade(s) pretende:

Importa refletir sobre discursos naturalizados e sacralizados culturalmente, relativizando-os, pondo-os sob suspeita e vigilância, provocando a dúvida de algumas certezas, permitindo-se novas formas de pensar e, portanto, estimulando questionamentos sobre como nos constituímos nas relações de saber e poder. Com isso, desestabilizar certezas, na tentativa de ampliar olhares em outras direções e possibilidades (Xavier Filha, 2017, p. 31).

Percepções e entendimentos sobre as Sexualidades

Existem mais mistérios na sexualidade humana do que a nossa vã filosofia pode rotular. [...] O problema começa quando tentamos traçar limites precisos para o nosso desejo, construindo diques, como na tentativa de dominar as correntezas de um rio. Ai, meu bem, ou se abrem as comportas ou se espera pela fatídica gota d'água que vai transbordar o copo (Leonel, 2001, p. 55-57).

A sexualidade é um artefato cultural e histórico, construído e sustentado por relações de poder, que se apresenta como um campo de conhecimento e de disputa política, relacionado ao que é visto como normal e ao que é tido como desvio da norma. Segundo a historiadora e doutora em educação Guacira Lopes Louro (1999), muitas pessoas consideram que a sexualidade é algo que todos nós possuímos "naturalmente", assim criou-se no imaginário social o forte consenso de que a sexualidade é influenciada e determinada

unicamente pelo biológico/sexo, concepção limitada e reducionista que favorece o argumento de que a sexualidade é exclusivamente natural, logo, inquestionável.

No entanto, a sexualidade não pode ser pensada apenas a partir da biologia simplificada, vinculada às características anatômicas internas e externas dos corpos, visto que sofremos intensos impactos da cultura em nossos corpos e nas nossas práticas afetivo-sexuais. Do mesmo modo, não se pode pressupor que a “sexualidade seja desenhada única e exclusivamente pela cultura, pois o contato físico e as respostas do nosso corpo a ele não são menos importantes na nossa construção de sexualidade” (Rocka, 2021, p. 96).

Diante desse contexto, é fundamental que a escola abandone a ideia de que a sexualidade é apenas uma questão biológica ou moral, considerando que as sexualidades estão relacionadas às questões políticas, culturais, pedagógicas e afetivo-sexuais. Ela é, também, objeto das políticas públicas ligadas à saúde, aos direitos humanos, sexuais e reprodutivos. As sexualidades podem se aliar a muitos temas e estão presentes em muitas manifestações da vida, e isso precisa ser discutido com as/os alunas/os.

As sexualidades nos dizem sobre os modos como as pessoas, social e historicamente, vivem seus desejos e prazeres (Silva, 2011), mediante rituais, linguagens, fantasias, representações, símbolos e convenções, processos profundamente culturais e plurais (Louro, 1999). Abrange, também, valores e um posicionamento político diante da multiplicidade de formas de viver e de ser.

Desafios e possibilidades de uma educação para a sexualidade

Embora todos os argumentos em favor de uma educação para a sexualidade sejam pertinentes e válidos, abordar as sexualidades no espaço escolar é caminhar por um campo de disputas relacionadas a quem cabe o papel de discutir a temática junto a crianças e adolescentes (Varela; Ribeiro, 2017), visto que as/os professoras/es de história têm sido confrontadas/os, nos últimos anos, por constrangimentos explícitos à liberdade de abordarem determinadas temáticas e questões, tornando, assim, o ato de lecionar mais árduo do que o de costume.

Sabemos que no ambiente escolar não há um silêncio em relação à sexualidade, uma vez que se pode falar sobre ela, mas desde que nas regras que controlam e legitimam o discurso autorizado, tais como as narrativas biológicas. Com efeito, por vezes o debate sobre sexualidade se limita ao discurso biológico, que funciona como uma estratégia de prevenção e controle das doenças sexualmente transmissíveis, da Aids, do abuso sexual e da gravidez na adolescência (Silva, 2011). Desse modo, mais vezes do que gostaríamos, quando as/os professoras/es se propõem a estruturar aulas que abordem a temática da sexualidade, geralmente as discussões tendem a possuir um caráter heteronormativo.

Diante desse contexto, o ambiente educacional se mostra fortemente marcado pelo cruzamento entre conhecimento científico, normas morais, diretrizes de políticas públicas, documentos educacionais e saberes das diferentes tradições culturais (Seffner, 2020). Logo, visando alternativas para se acessar os temas tidos como sensíveis (Seffner; Penna, 2021), três categorias podem ajudar consideravelmente: o caráter agonístico, o *modus vivendi* e a interseccionalidade.

Conforme o professor Fernando Seffner (2020) pontua, abordar uma educação para a sexualidade no ensino de história exige explorar o caráter agonístico que as salas de aulas precisam manifestar, no sentido de transformar a sala de aula em um lugar de entusiasmo e engajamento, por intermédio de um ambiente de debates, argumentação, intensidade de posições, envolvimento emocional com o tema, aceitando com isso o forte caráter contingente da discussão.

Ademais, o conceito de *modus vivendi* pode ajudar na abordagem dos temas sensíveis nas aulas de história, considerando que a importância desse conceito consiste em assumir que as escolas são responsáveis pela alfabetização científica, pela educação para as relações sociais e pelos processos de socialização e sociabilidade, que auxiliam a construir os acordos entre indivíduos e grupos cujas opiniões diferem, elemento imprescindível para a efetivação da democracia (Seffner, 2020).

Por sua vez, a interseccionalidade é uma ferramenta teórica que nos permite pensar na articulação de várias categorias para entender um fenômeno discriminatório (Silva e Fernandes, 2020). Dessa maneira, uma aula de História que trabalha com o conceito de interseccionalidade "pode ocupar-se mostrando quando determinadas combinações produziram desigualdades, violências, preconceitos, discriminações, xenofobia, os quais implicaram em vulnerabilidade social de sujeitos ou grupos sociais" (Seffner, 2021). Assim, um ensino de História aliado a uma educação para a sexualidade que trabalha com o conceito de interseccionalidade tem como proposta "compreender a diversidade de experiências, culturas, identidades que contribuem para uma humanização crítica e respeitosa na consciência de jovens impulsionados pelo sentimento de mudança e revolução social" (Silva e Fernandes, 2020).

"Tem base" NÃO falar sobre sexualidade nas aulas de História?

Conforme destacado pelos professores Seffner e Penna (2021), temos vivido claramente o tempo em que a liberdade de ensinar é atacada, sob as argumentações mais diversas, em geral, numa pauta que opõe valores familiares e religiosos aos ensinamentos escolares. Frente a esses ataques à liberdade de cátedra - prevista no artigo 206 da Constituição Federal de 1988 -, temas como sexualidade e diversidade sexual, a exemplo as lesbianidades, são silenciados no cotidiano escolar dos documentos oficiais de educação e do currículo nacional (Cabral; Cavalcanti, 2022). Como consequência dessas práticas de silenciamento acerca das discussões sobre as sexualidades, observamos atitudes e comportamentos discriminatórios e LGBTfóbicos emergirem dentro do ambiente escolar.

Assim, é significativo e importante que as aulas de história estejam engajadas com a potência e diversidade das experiências humanas, visando potencializar outras formas de pensamento que permitam questionar aquilo que foi construído como normal ou como normalidade, demonstrando que todas as formas de vida e pensamento existem. Pontua-se que um ensino de História aliado a uma educação para a sexualidade se pauta, também, em práticas voltadas aos Direitos Humanos, à liberdade, à pluralidade de ideias e à luta pela

[...] é importante mostrar que os arranjos de gênero e sexualidade que temos na sociedade atual não são os únicos que já existiram. Na história da humanidade, diferentes sociedades organizaram diversos arranjos para viver o amor e o sexo. [...] É importante que os alunos percebam isso, até para que possam escolher o modo como consideram mais adequado de viver suas histórias afetivas e sexuais (Seffner, 2014, p. 78-79).

erradicação de qualquer tipo de discriminação racial, de gênero e sexual nos espaços educativos.

Portanto, a escola, tal como o ensino de História, pode desempenhar um papel crucial na desnaturalização das diferenças ao trabalhar a diversidade promovendo a multiculturalidade e tolerância. Assim, o ensino de História, vinculado a uma educação para a sexualidade, busca acionar elementos mais abrangentes das sexualidades, rompendo com práticas educativas pautadas numa visão determinista e reguladora das sexualidades, entendendo-as enquanto artefatos constituídos historicamente em meio às relações sociais de saber e poder (Varela; Ribeiro, 2017; Xavier Filha, 2017). Igualmente, uma aula de história articulada a uma educação para a sexualidade pode abordar as estruturas e dimensões políticas, sociais e culturais que compõem nossa sociedade,

Logo, o ensino de história por meio do diálogo, da problematização e da

(des/re)construção de discursos, narrativas e perspectivas naturalizadas assume o compromisso de construir propostas e práticas educacionais – diferenciadas daquelas tradicionalmente conhecidas –, preocupadas com o respeito às diferenças e com o enfrentamento às violências, livre de tabus e preconceitos. Posto isso, incorporar a educação para a sexualidade, enquanto proposta conceitual e pedagógica ao ensino de História, representa uma maneira de expor a transitoriedade de nossas identidades, denunciar as violências banalizadas e naturalizadas em nossa sociedade e transgredir padrões, normas e regras sociais e culturais (Varela; Ribeiro, 2017); bem como contribui para o desenvolvimento de uma prática de liberdade e cuidado de si (Britzman, 1999).

“Tem base” é uma expressão comum em Goiás, que é citada quando se quer questionar o fundamento de uma determinada ação ou fato.



Dicas e Sugestões

Para que as temáticas relacionadas às sexualidades e diversidade sexual possam ganhar destaque no ensino de História, “não é suficiente que os educadores as discutam e decidam sem os estudantes e apresentem depois um conhecimento estável e certo” (Britzman, 1999). Não basta planejar, inserir e discutir determinadas temáticas no ensino de História sem antes reconhecer que não existe nada fácil em uma educação para a sexualidade, visto que as/os



professoras/es precisam “[...]estar dispostos a estudar a postura de suas escolas e a ver como essa postura pode impedir ou tornar possíveis diálogos com outros professores e com estudantes. As professoras precisam perguntar como seu conteúdo pedagógico afeta a curiosidade do/a estudante e suas relações com os/as estudantes” (Britzman, 1999, p. 79-80).

Diante dessas considerações, algumas dicas e sugestões iniciais que foram selecionadas a partir de pesquisas anteriores podem auxiliar na abordagem de um ensino de história aliado a uma educação para a sexualidade. Desse modo, com essas dicas e metodologias populares para uma conversa sobre: sexualidade, gênero, raça e etnia, fica mais fácil começar a conversa e abrir espaços de escuta e desabafo para os/as jovens envolvidas/os.

- Não suponha o desconhecimento do tema da parte das/os estudantes e não veja a si mesmo como a/o mensageira/o de ensinamentos libertadores e desconhecidos.
- Estimule as/os estudantes a participar de um bate-papo dinâmico, com perguntas que permitam que eles conduzam o debate.
- Incentive um ambiente de entusiasmo e engajamento, no qual se manifeste a liberdade de pensamento e o respeito à pluralidade de opiniões que possibilitam diálogos.
- Respeite a resistência das/os estudantes diante das violências que fazem parte da vida escolar. Deixe as lutas escolares fluírem durante a aula e explore as resistências ao corpo escolarizado, às violências de gênero institucionalizadas e questione valores e verdades naturalizadas.
- Possibilite um espaço de troca de experiências, de fala e escuta entre as/os estudantes acerca de situações e realidades relacionadas às questões de gênero, sexualidade e diversidade sexual.
- A partir de um fato ou ação que seja de senso comum, conduza um debate que rompa com o *status quo*, transformando situações efêmeras em processos de reflexão e, sequentemente, sugira produzir algo artístico para que seja feito um portfólio da turma a ser exposto.
- Traga para dentro do ambiente educativo situações de grande comoção, de grande dúvida ou preconceito com o objetivo de debater situações polêmicas e questionar os estereótipos que geralmente são levantados nesses momentos.

Diante dessas dicas e sugestões, percebemos que, para trabalhar as temáticas de sexualidade, gênero, diversidade sexual, raça e etnia, é preciso estar com olhos atentos e uma sensível percepção aos temas tidos como sensíveis, às falas em corredor e, principalmente, às agressões verbais entre os/as jovens. Dessa maneira, é crucial conversar e deixar nítida a abertura para conversas sobre temáticas polêmicas, assim estando atenta/o aos silenciamentos que perpassam situações cotidianas, bem como percebendo as/os jovens que não se enquadram na norma.

LESBIANIDADES NO ENSINO DE HISTÓRIA

Onde se escondem as lésbicas, em que nichos de obscuridade e silêncio se pode encontrá-las? Se a História não fala das relações físicas e emocionais entre as mulheres é porque não existiram? Ou porque sua existência representa a destabilização e o caos na ordem "natural" e "divina" da heterossexualidade dominada pelo masculino?" (Navarro-Swain, 2004, p.3).



Os fatos relativos à vida particular de lésbicas que não foram nem indiciadas por crime nem objeto de estudo médico ou científico nunca foram postos no papel, já que esse amor não ousa deixar rastros. [...] Sabemos um pouco da prática lésbica apenas por intermédio de notinhas nas páginas policiais dos jornais, geralmente referindo-se a prisões de mulheres que foram encontradas na rua vestidas de homem. Excetuando-se esses registros, quase mais nada há em termos de documentação sobre a prática lesbiana no Brasil até o início do séc. XX (Leonel, 2001, p.141).

A história tradicional tende a ser narrada a partir de uma perspectiva universal, masculina e heterossexual, e mesmo quando existe a inclusão das mulheres nas narrativas, elas ainda são universalizadas sem distinção de cor, classe, sexualidade (Figueiredo, 2020). Assim, em regra, a ausência de indícios e registros sobre um número maior de

relações lesboafetivas na história do Brasil nos demonstra que a existência lesbiana ao longo da história é marcada pelo silenciamento, pela punição e pela dor. (Liebgott, 2021),

A história das lesbianidades é, na maioria das vezes, “clandestina, ignorada e marcada por invisibilidades, contradições e discordâncias entre as historiadoras que assumiram a tarefa de recuperar fragmentos que confirmem as relações amorosas e sexuais entre mulheres” (Soares e Costa, 2012, p. 25). Realidade que ocasionou sequelas históricas e historiográficas, bem como sociais e políticas (Oliveira, 2015) às lesbianidades.

No entanto, por meio de um ensino de história significativo, é possível contribuir para reconstituir a historicidade de mulheres lesbianas e das lesbianidades, assim como incentivar as/os alunas/os a terem orgulho de suas condições humanas. Em vista disso, a história das lesbianidades precisa e deve ser contada, visto que oferece múltiplas perspectivas de autocompreensão e de fontes teóricas para pensarmos em questões de gênero, sexualidade, feminismos, relações de poder, políticas públicas e aspectos sociais e culturais da sociedade.

Assim sendo, falar sobre lesbianidades é abrir caminhos para mundos desconhecidos e para a história de mulheres invisibilizadas e silenciadas ao longo dos séculos, pois, mesmo que o espaço destinado à história das lesbianidades tenha sido deixado no ostracismo pela História, os registros da existência lesbiana existem e “mostram as dobras de um mundo desconhecido, onde as mulheres exerciam sua sexualidade e desenvolviam sentimentos mútuos na rede patriarcal que limitava suas ações” (Navarro-Swain, 2004, p.18).

Portanto, o ensino de história, aliado a uma educação para a sexualidade, pode possibilitar que as/os alunas(os) conheçam outras formas de abordagem e narrativas históricas ao discutir a história das lesbianidades. Assim, reconstruir a historicidade das lesbianidades no ensino de história e contribuir para a construção de narrativas lesbianas autorepresentativas é uma ação transgressora e revolucionária.

Historicidade e construção narrativa das Lesbianidades

A sexualidade feminina há tempos vem sendo demasiadamente reprimida, considerando que a sociedade heteronormativa instituiu que “o desinteresse por sexo é uma característica da mulher respeitável, recatada” (Wermuth e Canciani, 2018.). No que tange às relações entre mulheres, criou-se ao longo dos séculos um clima de mistério e de silêncio ensurdecedor, tendo em vista que “as relações sociais que escapam aos modelos concebidos são marginalizadas, esquecidas ou eliminadas da historiografia, que compõe a memória do vivido” (Navarro-Swain, 2004). Logo, historicamente observamos que “a sexualidade subversiva das mulheres lesbianas tende a ser marginalizada ou invisibilizada, em contextos sociais machistas e heteronormativos”. Circunstâncias essas possibilitam a perpetuação de discursos míticos ou realidades imaginárias sobre as lesbianas (Toledo, 2007), contribuindo para que definições estigmatizantes sejam, por vezes, marca da construção histórica desta categoria (Tomé e Pereira, 2023).

Consequentemente, é desafiador para a historiografia brasileira potencializar as lesbianidades, visto a ínfima documentação produzida, principalmente no que tange aos séculos XVI, XVII e XVIII – a respeito da homossexualidade feminina (Liebgott, 2021). Com isso, o esforço para se construir narrativas historiográficas que possibilitem visibilização, reapropriação e novas interpretações das lesbianidades se faz fundamental para a memória, historicidade e a existência lesbiana, bem como para o empoderamento das vozes lésbicas, proporcionando sentimentos de pertencimento histórico e construção da cidadania.

Diante desse cenário, evidencia-se a importância de visibilizar e debater as lesbianidades no ensino de História, visto que “a negação da realidade e da visibilidade da paixão entre mulheres têm

representado uma perda incalculável do poder de todas as mulheres em mudar as relações sociais entre os sexos e de cada uma de nós se libertar” (Rich, 2010, p. 40.), construção discursiva das lesbianidades que auxilia a modificar e reverter, consequentemente, a invisibilidade da existência lesbiana.



Abordar as narrativas lesbianas no ensino de História possibilita aos estudantes aprenderem outras formas de produzir conhecimento, de ecoar outras vozes, visibilizando e potencializando outros corpos, outra ciência, assim como contribui para disseminação de informações para o enfrentamento e a superação da lesbofobia (Silva e Araujo, 2021).

Sendo assim, a construção de narrativas autocentradas acerca das lesbianidades demonstra uma recusa à produção fetichista masculina sobre as existências lesbianas, do mesmo modo evidencia a dimensão política que essas narrativas possuem, tendo em vista que narrar sobre as vivências lesbianas é algo que foge completamente do *script* patriarcal (Medeiros, 2017). É importante historicizar e construir as narrativas das lesbianidades com intuito de desencadear um processo de materialização das existências lesbianas e de mudar paradigmas que escapam do modelo heteronormativo.

Narrar seus sentimentos, vivências, necessidades básicas, entre outros, é cindir com a couraça criada pelo patriarcado em torno do feminino. Uma vez que retira o masculino do papel de protagonista social (Medeiros, 2017, p. 46).



O movimento lésbico e a lesbianidade como teorização e prática política são resultantes das discussões que atravessam o feminismo, já as ativistas lesbianas se constituem enquanto sujeitas históricas, transformando as próprias condições de produção de suas existências (Selem, 2007). Quando se organizam, independentemente do movimento homossexual composto majoritariamente por homens, as lesbianas passam a afirmar a necessidade de dar voz às suas especificidades.

Desse modo, os processos afirmativos das existências lesbianas têm início na década de 1970 e, a partir dos anos 1990, intensificam-se, isso por conta do crescente número de ONGs lésbicas (Wermuth e Canciani, 2018). Durante a década de 1970, o fortalecimento e o aparecimento gradual da população LGBTQ+ possibilitou o processo de constituição da identidade e a definição de pautas para luta. Em seguida, a partir de 1980, emergiram os primeiros estudos sobre aspectos do desenvolvimento da homossexualidade, tendo por referência a mulher como sujeito psicologicamente saudável (Toledo, 2007). Desde a segunda metade da década de 1990, houve um adensamento de grupos exclusivamente formados por lesbianas e o surgimento de novas lideranças.

Historicamente, as lésbicas têm sido privadas de uma existência política, em virtude da supostas inclusão delas como versões femininas da homossexualidade masculina. Colocar no mesmo plano a existência lésbica e a homossexualidade masculina, porque ambas são objetos de estigma, é encobrir a realidade feminina mais uma vez (Selem, 2007, p. 128).

A irreverência e a capacidade inventiva das ativistas lésbicas, na formulação de estratégias para fazer frente ao moralismo e ao autoritarismo da sociedade brasileira, evidencia as contribuições do feminismo lésbico para os movimentos sociais, bem como para a redemocratização do país (Kumpera, 2021, p. 85).

A luta dos movimentos de lésbicas e o pensamento lésbico são dispositivos que geram consciência política da injustiça e da discriminação que atinge as lésbicas e que as exclui da condição de cidadãs (Silva e Araujo, 2021).

O movimento lésbico potencializa o discurso sobre o desejo, o prazer sexual, a visibilidade e o direito à existência lésbica e à subversão da heterossexualidade obrigatória tornada heteronorma (Fernandes, 2018). Logo, esse é um movimento que precisa ser retomado, reforçado e reconhecido, tendo em vista que conscientiza e luta contra a invisibilidade, a repressão e combate a dupla discriminação sofrida por ser mulher e lésbica (Fernandes, 2018). Desse modo, é “imprescindível para o movimento lésbico constituir-se como movimento social específico em relação aos movimentos homossexual e feminista, procurando manter laços com esses grupos, sem, entretanto, permitir que as alianças diluam prioridades das mulheres lésbicas” (Soares e Costa, 2012, p.38)

A lesbianidade, como movimento social e político, apresenta-se ativamente engajada na luta contra a opressão racista, sexual, heterossexual e de classe, tendo em vista que a síntese dessas opressões cria as condições nas quais vivemos (Falquet, 2009).

A pouca visibilidade das mulheres lésbicas, o machismo e a discriminação dentro do próprio grupo promoveram a divisão do grupo SOMOS, e em 1981 foi criado pelas mulheres lésbicas o Grupo de Ação Lésbica Feminista (GALF). Mobilizadas para a construção de um veículo capaz de transmitir as questões da homossexualidade feminina, desenvolveram no mesmo ano o boletim Chanacomchana, tendo distribuição em âmbito nacional e parando de circular no ano de 1987 (Oliveira et al., 2021, p. 7).

Perante o exposto, percebemos que a invisibilidade e o apagamento da existência lesbiana contribuem para o desconhecimento acerca da lesbianidade, suas especificidades e diversidades, e possibilita a criação de mitos em torno da sexualidade da mulher lésbica (Toledo, 2007). A visão estereotipada das mulheres lésbicas constrói sentimentos de não pertencimento à história e de exclusão social, que nos coloca em posição de vulnerabilidade, sofrimento físico e psíquico, assim como nos impossibilita de ter acesso pleno aos nossos direitos e à cidadania, conforme argumenta Vange (2001):



Enquanto eu tiver que olhar para os lados antes de beijar a minha namorada em público, com medo de provocar confusão, vou me sentir uma cidadã de segunda classe (Leonel, 2001, p.54).

É fundamental lutar pela visibilidade, pela existência histórica e pelo direito à memória das/os que foram e são relegadas/os pela história, na tentativa de reconstruir a historicidade, a cidadania e o acesso pleno aos direitos desses indivíduos. A multiplicação dos movimentos e das pesquisas sobre sexualidade, a exemplo das lesbianidades, tem por efeito tornar cada dia mais visível todos os tipos de práticas e de pessoas que, no mundo inteiro, contestam corajosamente a ordem sexual existente (Falquet, 2009), tendo em vista que o silenciamento das vozes sociais não é o simples apagamento dos seus personagens e sim a marca de uma existência abjeta e indesejável ou idealizada por meio de ideias e práticas que buscam engessá-la em modelos mais atraentes ou, quem sabe, mais vendáveis (Lessa, 2011).

Em 29 de agosto de 1996, foi organizado o primeiro Seminário Nacional de Lésbicas (SENALE), no Rio de Janeiro, evento que possibilitou discussões e reflexões exclusivas para o público lesbiano. Desde a realização desse evento, o dia 29 de agosto foi instituído como Dia Nacional da Visibilidade Lésbica (SENALE, 2014). Esse e outros movimentos sociais que se processam mundialmente acarretaram importantes impactos na conquista e ratificação de direitos das mulheres lésbicas em diversas vertentes (Oliveira et al., 2021).



Dicas e Sugestões

Para que as temáticas ligadas às lesbianidades e às existências lesbianas possam ser trabalhadas no ensino de história aliado a uma educação para sexualidade, podemos seguir os caminhos que nossa imaginação e criatividade criam, assim como o nosso conhecimento sobre tais temáticas permitem. A seguir, destaco algumas dicas e sugestões que podem ajudar no processo de planejamento e execução das temáticas ligadas às lesbianidades no ensino de história.

PESQUISA HISTÓRICA

Solicite as/os estudantes que realizem uma pesquisa sobre alguma personagem lesbiana ao longo da história, com anotações sobre o período em que essa personagem viveu, qual sua profissão e qual foi a sua importância na história.

- ★ Professoras/es, essa pesquisa pode ser realizada com revistas, sites, blogs, redes sociais e podcasts ou pode-se indicar um material para a investigação.

TEMÁTICAS QUE PODEM SER TRABALHADAS:

- A sexualidade feminina e as lesbianidades, explicando por que essas são temáticas inovadoras e pontuando características do contexto conservador que marca a história do país, desde o governo Vargas.
- O contexto e a formação familiar conservadora, culminando nas dificuldades encontradas por mulheres para serem reconhecidas como profissionais em algumas áreas.
- A heterossexualidade compulsória e o papel da mulher na sociedade, por meio de estigmas, marginalização, representação e resistências.

★ ATIVIDADES SUGERIDAS

1º - Linha do tempo biográfica

Construção de uma linha do tempo que relacione a biografia da personagem selecionada aos acontecimentos políticos, sociais e culturais marcantes do período em que tal personagem viveu.

2º - Produção de narrativas históricas marginais.

Decorrente das informações obtidas da pesquisa histórica, é possível produzir narrativas que abordem a trajetória de personagens lesbianas ao longo da história. Essa atividade permite que sejam trabalhadas as perspectivas morais e de gênero que orientavam a ação da sociedade na época explorada, demonstra o caráter inovador da temática lesbiana, assim como analisa o apagamento histórico das lésbicas nas narrativas históricas e literárias.

- ★ Professoras/es, essa atividade pode ajudar as/os estudantes a perceberem as relações de poder e os silenciamentos que estão presentes na história escolar.

LESBIANIDADES NA HISTÓRIA

Desenvolver um debate pautado nos Direitos Humanos com as/os estudantes que possibilite dialogar sobre:

- Como a memória sobre a participação das mulheres é apagada da história oficial.
 - A discriminação das mulheres lésbicas nos grupos feministas e de homossexuais.
 - Como eram permeados de conflitos as relações entre as feministas e grupos homossexuais.
 - A existência de grupos feministas lésbicos e suas atuações políticas e sociais.
 - Como os grupos feministas e lésbico feminista influenciaram a construção da Constituição de 1988, explorando o contexto de disputas e conquistas.
 - As ausências de mulheres que divergem da ordem patriarcal na historiografia.
 - Os motivos para a criação de um grupo lésbico feminista e as ações políticas empreendidas por essas mulheres.
 - O espaço ocupado pelas lésbicas em mídias alternativas e em grupos homossexuais.
 - A repressão como fator social que influencia as mulheres a esconderem a sua sexualidade com o objetivo de protegerem as suas vidas.
 - O stonewall Brasileiro: as ações do GALF e a produção de discursos lesbianos.
- ★ Professoras/es, nesta atividade é interessante desenvolver um produto cultural que possa dialogar com os objetos de conhecimento abordados. Para isso, uma das ideias é a produção de zines, dado seu caráter transgressor e pedagógico, assim como a simplicidade e acessibilidade de sua produção.

VANGE LEONEL E A ESCRITA DAS LESBIANIDADES ENTRE 1997-2011.

Análise da trajetória de Vange Leonel a partir de seus aspectos políticos, sociais e culturais

A aula pode ser estruturada mediante interação e diálogo entre professoras/es e alunas/os, em que poderão ser levantados alguns pontos importantes:

- O que as/os estudantes acharam mais interessante e relevante ao pesquisarem sobre a trajetória de Vange Leonel.
- As contribuições da narrativa histórica presente na escrita de Vange Leonel.
- Analisar o discurso de Vange Leonel sobre as questões políticas, sociais, culturais e sexuais das décadas de 1990 e 2000 e investigar com essas temáticas eram tratadas dentro da sociedade.

Professoras/es, para que a produção discursiva e as contribuições de Vange Leonel possam ser discutidas no ensino de história, alguns questionamentos são interessantes e podem ajudar, tais como:

- Vange tem orgulho de sua sexualidade?
- Era normal que Vange tivesse medo de represálias políticas e sociais no período em que escreveu sobre as lesbianidades?
- Qual é a relação entre a sua sexualidade e a sua escrita?
- Para Vange, há artistas que expressavam a sexualidade de maneira autêntica? Ela se enquadra nisso? Por quê?
- É possível realizar esse debate atualmente?
- Vange, apesar dos tabus, preconceitos e opressões, fala com orgulho de suas identidades e sexualidade, você conhece artistas que abordam essa temática hoje?

EXPOSIÇÃO: EXPRESSÃO E EXISTÊNCIA

Professoras/es, como última proposta de atividade, sugerimos realizar uma intervenção cultural com as/os alunas/os que participaram das aulas de histórias aliadas a uma educação para a sexualidade.

- ★ Como metodologia, indicamos que orientem as/os estudantes a pesquisarem artistas com as/os quais se identifiquem e que abordem temáticas na mesma linha das temáticas abordadas por Vange Leonel, como, por exemplo, as mulheres, as sexualidades, as lesbianidades, os estigmas e preconceitos, o sexismo, a cultura e ancestralidade lesbianas, entre outras questões.
- ★ Cada grupo de alunas/os pode realizar a escolha de um tema para tratar, de modo que sejam discutidas variadas temáticas. A apresentação desse trabalho pode ser por intermédio da exposição dos zines que foram produzidos anteriormente pelas/os estudantes.

DIRETRIZES E ASPECTOS LEGAIS



década
são

e pedagógicas associadas ao desenvolvimento da cidadania dos estudantes (Cabral; Cavalcanti, 2022). Assim, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs/1997) entendem que a formação plena não se limita apenas a um currículo conteudista e formal. Envolve também abordagens interdisciplinares e temas transversais, comuns a todas as pessoas, tais como a sexualidade e diversidade sexual. Por conseguinte, os PCNs (1997) se mostram como um relevante referencial teórico para o planejamento de professoras/es, visto que com esse documento nos sentimos amparadas/os para trabalhar questões como a lesbofobia na escola, uma vez que as lesbianidades compõem a diversidade sexual.

Outros documentos são importantes para a garantia de um ensino de história aliado a uma educação para a sexualidade na Educação Básica. A exemplo, existem as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Básica (DCNs/2013), que demonstram e apontam a necessidade de trabalhar questões ligadas ao gênero e à sexualidade desde a educação infantil até o ensino médio. Dessa maneira, as DCNs (2013) propõem:

estabelecer abordagens focadas não na padronização de comportamentos ou na reprodução de modelos pré-definidos, mas, ao contrário, na reflexão crítica, na autonomia dos sujeitos, na liberdade de acesso à informação e ao conhecimento, no reconhecimento das diferenças, na promoção dos direitos e no enfrentamento a toda forma de discriminação e violência (Silva e Fernandes, 2020, p. 90).

Mediante a atualização das Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (BRASIL, 2018), a proposta pedagógica presente no documento busca a “realização de ações fundamentadas nos direitos humanos e nos princípios éticos, de convivência e participação democrática visando construir uma sociedade livre de preconceitos, discriminações e das diversas formas de violências” (Silva e Fernandes, 2020, p. 91). Uma proposta pedagógica que

se constrói por meio da promoção dos direitos humanos, a partir de discussões de temas relativos às questões relacionadas ao gênero e à sexualidade – entre outros marcadores sociais –, e práticas que contribuam para a igualdade e para o enfrentamento de preconceitos, discriminação e violência sob todas as formas (Silva e Fernandes, 2020).

Para além de apontar os aspectos legais que nos respaldam e amparam quando abordamos e discutimos temas sensíveis nas salas de aula, é essencial enfatizar como os documentos orientadores, como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC/2018) e o Currículo para Goiás – Etapa Ensino Médio, dos quais, retiro as habilidades, as competências, os objetivos de aprendizagem, e os objetos do conhecimento, nos auxiliam a trabalhar com um ensino de História aliado a uma educação para a sexualidade.

A BNCC, em suas competências gerais e específicas, nas habilidades, nos objetivos de aprendizagem e nos objetos do conhecimento, enfatiza a importância da/o estudante ser integrada/o às noções de respeito e tolerância no percurso da Educação Básica. (Silva e Fernandes, 2020). À vista disso, entre os aspectos presentes no documento orientador que se relacionam diretamente com uma educação para a sexualidade que enfatiza os direitos humanos, é significativo destacar:



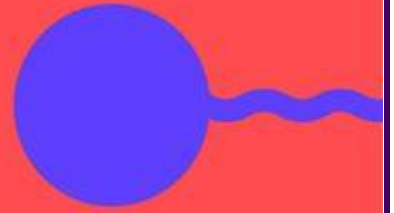
COMPETÊNCIAS BNCC

Competência Geral 08 - Conhecer-se, apreciar-se e cuidar da sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas.

Competência Geral 09 - Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.

Competência específica Ciências Humanas e Sociais Aplicadas 1 - Analisar processos políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais nos âmbitos local, regional, nacional e mundial em diferentes tempos, a partir da pluralidade de procedimentos epistemológicos, científicos e tecnológicos, de modo a compreender e posicionar-se criticamente em relação a eles, considerando diferentes pontos de vista e tomando decisões baseadas em argumentos e fontes de natureza científica.

Competência específica Ciências Humanas e Sociais Aplicadas 5 - Identificar e combater as diversas formas de injustiça, preconceito e violência, adotando princípios éticos, democráticos, inclusivos e solidários, e respeitando os Direitos Humanos.



HABILIDADES DA BNCC

(EM13CHS104) Analisar objetos e vestígios da cultura material e imaterial de modo a identificar conhecimentos, valores, crenças e práticas que caracterizam a identidade e a diversidade cultural de diferentes sociedades inseridas no tempo e no espaço.

(EM13CHS502) Analisar situações da vida cotidiana, estilos de vida, valores, condutas etc., desnaturalizando e problematizando formas de desigualdade, preconceito, intolerância e discriminação, e identificar ações que promovam os Direitos Humanos, a solidariedade e o respeito às diferenças e às liberdades individuais.

(EM13CHS503) Identificar diversas formas de violência (física, simbólica, psicológica etc.), suas principais vítimas, suas causas sociais, psicológicas e afetivas, seus significados e usos políticos, sociais e culturais, discutindo e avaliando mecanismos para combatê-las, com base em argumentos éticos.

(EM13CHS504) Analisar e avaliar os impasses ético políticos decorrentes das transformações culturais, sociais, históricas, científicas e tecnológicas no mundo contemporâneo e seus desdobramentos nas atitudes e nos valores de indivíduos, grupos sociais, sociedades e culturas.



HIV

OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM DO DC-GOEM

(GO-EMCHS103B) Compreender o conceito de subjetividade, utilizando métodos investigativos próprios das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas para avaliar as relações sócio-históricas, artísticas e filosóficas do mundo contemporâneo.

(GO-EMCHS103C) Avaliar os processos de formação das identidades culturais, aplicando a sistematização de dados de diversas naturezas (expressões artísticas, textos filosóficos e sociológicos, documentos históricos e geográficos, gráficos, mapas, tabelas, tradições orais, entre outros) para compreender-se como agente social frente aos processos sociais e seus desdobramentos político-sociais, culturais, econômicos, ambientais e humanos.

(GO-EMCHS104A) Identificar vestígios da cultura material e imaterial, observando conhecimentos, valores, crenças e práticas que caracterizam a identidade e a diversidade de diferentes sociedades para entender as características do Mundo Contemporâneo.

(GO-EMCHS501B) Compreender o papel histórico das instituições sociais, políticas e econômicas, estudando a Declaração Universal dos Direitos Humanos para associar as práticas dos diferentes grupos e atores sociais aos princípios que regulam a convivência em sociedade, aos direitos e deveres da cidadania e à justiça social.

(GO-EMCHS501C) Analisar o processo de redemocratização no Brasil (1985-1988), debatendo sobre os documentos históricos acerca do período e a ideia de ética, política, liberdade para avaliar a construção do Estado democrático brasileiro.

(GO-EMCHS501D) Estudar a Constituição Cidadã de 1988 no Brasil, priorizando os textos relacionados aos direitos e às garantias fundamentais como elementos para a construção de sujeitos éticos e democráticos para problematizar a nova formação política e social brasileira.

(GO-EMCHS502B) Estudar as situações cotidianas de desrespeito aos Direitos Humanos, utilizando dados oficiais, mapas da violência, jornais e fontes online para diferenciar os grupos vulneráveis no contexto mundial, brasileiro e goiano.

(GO-EMCHS503A) Refletir sobre o papel das instituições políticas e da cidadania ativa para o funcionamento de uma sociedade democrática, pesquisando dados estatísticos governamentais e de movimentos sociais brasileiros da década de 1990 para posicionar-se autonomamente diante desses processos.

(GO-EMCHS503B) Reconhecer as diversas formas de violência física, simbólica e psicológica presentes na sociedade brasileira contemporânea, analisando os seus múltiplos agentes e os usos legítimos da força para construir um discurso crítico em torno do papel do Estado na formação e manutenção dos processos sociais.

(GO-EMCHS504B) Compreender os impasses ético-políticos dos Atos Institucionais, utilizando jornais da imprensa alternativa, artistas e manifestações culturais da época para avaliar as transformações nas atitudes e valores da sociedade brasileira.

(GO-EMCHS606B) Analisar as diversas formas de preconceito e exclusão existentes no Brasil, diferenciando as formas de violências existentes (simbólicas, físicas e psicológicas) para reconhecer o papel de políticas públicas, bem como direitos e deveres que servem de garantia ao exercício da cidadania e da democracia.

(GO-EMCHS606C) Contextualizar as desigualdades sociais no Brasil, reconhecendo a existência de diferentes visões de mundo procedentes de grupos socioculturais distintos no país para refletir criticamente sobre os problemas sociais existentes na sociedade brasileira e suas possíveis causas.

(GO-EMCHS606D) Construir uma visão crítica sobre os movimentos sociais operários, urbano, rural, sindical etc., compreendendo os motivos do seu surgimento para construir a identidade social e política atuante e dinâmica para a constante luta pelo exercício da cidadania plena.

OBJETOS DE CONHECIMENTO DO DC-GOEM

- o Identidade Cultural
- o Subjetividade
- o Estudos culturais
- o Cidadania e Direitos Humanos
- o Redemocratização do Brasil
- o Constituição Cidadã de 1988
- o Direitos Humanos e Sociedade
- o Direitos Civis
- o Direitos Sociais
- o Movimentos sociais no Brasil
- o Tipos de Violências
- o Violência Simbólica
- o Democracia e promoção da cidadania
- o Desigualdades Sociais

Portanto, mediante aos aspectos legais e as diretrizes presentes nos documentos educacionais, o ensino de História vinculado à educação para a sexualidade pode possibilitar uma abordagem mais ampla das sexualidades, com ênfase nos aspectos históricos, sociais e culturais que extrapolam conceitos naturalizados e uma visão meramente biológica, pautada apenas na prevenção (Varela; Ribeiro, 2017), focalizando o respeito, a igualdade e os direitos humanos.

AUTORA

Latina, lesbiana e disléxica!

Me chamo Ana Carolina do Carmo, sou uma mulher lesbiana cis branca de 30 anos que escreve do Centro-Oeste do país, mais especificamente Goiânia, Goiás. Sou formada em História pela Universidade Federal de Goiás (UFG) e mestranda no Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História (ProfHistória-UFG). Atuei como professora pela Rede Estadual de Educação durante uma década, na qual pude desenvolver alguns projetos, entre eles um voltado para a criação e produção de Fanzines em sala de aula. Atualmente pesquiso sobre Lesbianidades no Ensino de História, com intuito de poder potencializar e visibilizar as existências lesbianas na História e ajudar a construir referências lésbicas.

ORIENTADORA

Feminista, mãe, escritora, poeta, bellydancer, Miss Lady Universe e plantadora de árvores.

A Professora Dra. Ana Carolina Eiras Coelho Soares é doutora em História Política pela UERJ, com dois pós-doutorados: Antropologia Social (UNB) e História (UFES). Professora Associada da FH-UFG e docente do PPGH-UFG, coordena o GT Nacional de Gênero da ANPUH, além do GEPEG/UFG e do GTMCMP/CNPq, ambos dedicados a História, Gênero e Maternidades.

Designers e Ilustradoras(es)

<https://www.laysealmada.com.br/>

<https://br.pinterest.com/GabiBuasczyk/>

<https://br.pinterest.com/supersocialist/>

<https://londonlgbtqcentre.org/exhibition/sophie-kathleen/>

<https://www.behance.net/nihuilailed13>

<https://ko-fi.com/beesillustration>

https://www.behance.net/inspired_art?promoid=KVGRTXYS&mv=other

<https://www.freepik.com/>

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Elaine Santos. **Aprendizagem de conceitos históricos por meio de aulas-oficinas e produção de fanzines na Escola Estadual.** Gov. Seixas Dória, em Nossa Senhora do Socorro-SE. 2020.

BACCI, Irina Karla. **Vozes Lésbicas no Brasil: a busca e os sentidos da cidadania LGBT/Irina Karla Bacci; orientador Rita Laura Segato.** Brasília, 2016. 117 p.

BARBOSA, Camila P. GUERIM, Laura D. **Múltiplas construções da identidade lésbica: uma análise das narrativas teóricas de formação da subjetividade.** Revista Ártemis, vol. XXX nº 1; jul-dez, 2020. pp. 422-437.

BRITZMAN, Deborah. **"Curiosidade, sexualidade e currículo."** In: *O corpo educado: pedagogias da sexualidade.* LOURO, Guacira Lopes. Organizadora, *Belo Horizonte: Autêntica* (1999). p. 83-112.

CABRAL, Jamisson Barbosa. CAVALCANTI, Larissa de Pinho. **O lugar da diversidade sexual em documentos oficiais da educação e no currículo escolar.** In: *Estudos de gênero e sexualidade na contemporaneidade / Organizadores Humberto Soares da Silva Lima, Wanderson Queiroz Bomfim.* – Tutóia, MA: Diálogos, 2022. p.92-109.

DA SILVA, Janine Gomes; FERNANDES, Robson Ferreira. **Ensino de História e o Projeto "Gênero e Diversidade na Escola": os cartazes como fontes para as subjetividades.** *Fronteiras: Revista de História*, 2020, 22.39: 86-106.

DE MELO, C. O., BAILO, H. R., DA ESCOLA, D., SIGNORELLI, M., WANZINACK, C., da UFPR Litoral, D., ... & Schneider, D. **Projeto Didática-zine.** Disponível em: <https://www.academia.edu/10717252/Did%C3%A1tica-zine> Acesso em: 21 de out de 2024.

DEZORDI WERMUTH, Maiquel Ângelo. CANCIANI, Pamela. **Entre Identidades e Microrresistências: Onde estão as Lésbicas?** vol.11, nº. 02, Rio de Janeiro, 2018. pp. 1362- 1377.

FIGUEIREDO, Ivanilda. **Visibilidade sapato nas redes** [livro eletrônico]: entre violência e solidariedade / Ivanilda Figueiredo, Joana Varon. -- 2. ed. -- São Paulo: Coding Rights, 2020.

FILHA, Constantina Xavier. **Educação para a(s) sexualidade(s): carregar água na peneira?** *Revista Diversidade e Educação*, v. 5, n. 2, p. 16-39, Jul./Dez. 2017.

GELAIN, C. Gabriela. **Consumo de mídia e subcultura zineira.** 2013. 198f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social) – Centro de Ciências Sociais e Humanas, Habilitação em Jornalismo (UFMS), 2013.

ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira, MONTEIRO, Livia Nascimento. (Organizadoras) **Gênero, sexualidades e relações étnico-raciais: um guia para o Ensino de História** – Alfenas – MG: Editora Universidade Federal de Alfenas, 2021.

KUMPERA, Julia Aleksandra Martucci. **"O lesbianismo é um barato": o GALF e o ativismo lésbico-feminista no Brasil (1979-1990)** – Campinas, SP: [s.n.], 2021.

- LACERDA, Carlos de Brito. **Ambiente escolar: O protagonismo do estudante com fanzines.** IMAGINÁRIO, 2014, 6: 115-136.
- LEONEL, Vange, 1963- **Grrrls: garotas iradas / Vange Leonel.** – São Paulo: Summus, 2001. Edições GLS.
- LIEBGOTT, Camila Bonin; Pinheiro, Leandro Rogério. **Lesbianidades e identizações no ciberespaço: as narrativas de jovens ativistas no Instagram como parte da luta contra a lesbofobia.** *Sul-Sul: Revista de Ciências Humanas e Sociais. Barreiras, BA. Vol. 2, n. 2 (2021), p. 105-131, 2021.*
- LOURO, Guacira Lopes. Organizadora. **O corpo educado. Pedagogias da sexualidade. Tradução dos artigos: Tomaz Tadeu da Silva.** Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- HOKI, Leíner. **Tríbadés, safistas, sapatonas do mundo, uni-vos: investigações sobre a poética das lesbianidades.** Margem da Palavra, 2021.
- Magalhães, Henrique. **O rebuliço apaixonante dos fanzines.** 2020 - Série Quiosque, 27 - 5ª edição. Marca de Fantasia.
- MAGALHÃES, H. **O que é Fanzine.** São Paulo: Editora Brasiliense, 1º ed; São Paulo, SP, 1993.
- MEDEIROS, Maria do Socorro da Silva. **"O caminho não precisa ser solitário": fissuras e representatividade lésbica no ciberespaço.** 2017.
- NAVARRO-SWAIN, Tania. **O que é lesbianismo/Tania Navarro-Swain.** São Paulo: Brasiliense, 2004.
- OLIVEIRA, Cláudia Freitas de. **A homossexualidade feminina na história do Brasil: do esforço de construção de um objeto histórico ao desdobramento na construção da cidadania.** Les Online, [Lisboa], v. 7, n. 2, p. 2-19, 2015.
- PIN, Camila Carlesso. **Como lidar com a diversidade em sala de aula?** [recurso eletrônico] / Camila Carlesso Pin, Davis Moreira Alvim, Mara Perpétua Banhos Pereira. – 1. ed. – Vitória: Instituto Federal do Espírito Santo, 2022. 16 p.
- PINTO, R. D. **Fanzine na Educação: algumas experiências em sala de aula.** 2º ed. Paraíba: Marca de Fantasia, 2020.
- SEFFNER, Fernando. **Cultura escolar e questões em gênero e sexualidade: O delicado equilíbrio entre cumprir, transgredir e resistir.** Revista Retratos da Escola, Brasília, v. 14, n. 28, p. 75-90, jan./abr. 2020. Disponível em: <http://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde>
- SEFFNER, Fernando. **Escola para todos: mesmo para aqueles que manifestam diferenças em sexo e gênero?** In: *Corpos, gêneros, sexualidades e relações étnico-raciais na educação [recurso eletrônico] / Fabiane Ferreira da Silva, Elena Maria Billig Mello (orgs.). – Uruguaiana, RS: UNIPAMPA, 2011. pg. 103-114.*
- SEFFNER, Fernando. **Sexualidade: isso é mesmo matéria escolar?** Rev. Teoria e Prática da Educação, v. 17, n. 2, p. 67-81, Maio/Agosto 2014.

SEFFNER, Fernando. Penna, Fernando. **Palavras Certas e Certas Palavras:** o ensino de história entre democracia e autoritarismo. In: Territórios disputados: produção de conhecimento no ensino de história em tempos de crise / Luís Fernando Cerri, Osvaldo Mariotto Cerezer e Renilson Rosa Ribeiro (orgs.). – Cáceres: UNEMAT Editora, 2021. p. 221-243.

SELEM, Maria Célia Orlato. **A Liga Brasileira de Lésbicas:** produção de sentidos na construção do sujeito político lésbica. 2007.

SILVA, D. D.; SANCHES, J. P.; FREITAS, N. L.; **E-zine no Ensino Médio Integrado:** um dispositivo para livre expressividade e contextualização. Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica, [S.l.], v. 2, n. 23, p.1-19,e14196, Out. 2023. ISSN 2447-1801

SILVA, Fabiane Ferreira da. **Lições de sexualidade na escola** In: Corpos, gêneros, sexualidades e relações étnico-raciais na educação [recurso eletrônico] / Fabiane Ferreira da Silva, Elena Maria Billig Mello (orgs.). – Uruguaiana, RS: UNIPAMPA, 2011. pg. 146-157.

SOARES, Gilberta Santos. Costa, Jussara Carneiro. **Movimento lésbico e Movimento feminista no Brasil:** recuperando encontros e desencontros. labrys, études féministes/ estudos feministas juillet/décembre 2011 -janvier /juin 2012 - julho /dezembro 2011 -janeiro /junho 2012.

SNO, Márcio. **Oficina de Zines – Guia para educadores.** Cartilha educadores - Oficinas de Zines, 2014. Disponível em: https://issuu.com/marciosno/docs/cartilha_educadores_-_vers_02 Acesso em: 21 de out. de 2024.

SNO, Márcio. **Pra que serve um zine?** Disponível em: https://issuu.com/marciosno/docs/praque_serve_-_a5 Acesso em: 21 de out. de 2024.

TOLEDO, Livia Gonsalves. **Considerações narrativas sobre as vivências afetivo-sexuais entre lésbicas e suas relações com os mitos e estereótipos a respeito da lesbianidade.** Trabalho apresentado em anais de evento. XIV Encontro Nacional da Abrapso. Rio de Janeiro: Rio de Janeiro (2007).

TOMÉ, M. C. A., & Pereira, S. C. **Representações de si, representatividade para as outras:** autorrepresentações de mulheres lésbicas sobre a lesbianidade. Mosaico: Estudos em Psicologia, v. 11, n. 1, p. 83-109, 2023.

VARELA, Cristina Monteggia; RIBEIRO, Paula Regina Costa. **Educação para a sexualidade:** a constituição de um campo conceitual. Debates contemporâneos sobre Educação para a Sexualidade, 2017, 11-24.



LESBOZINE

TRANSGRESSÃO E EXISTÊNCIA



VANGE LEONEL - VERMELHA INCANDESCENTE VOL.II

O LESBOZINE VANGE LEONEL – VERMELHA
INCANDESCENTE resulta da pesquisa
“FANZINES, TRANSGRESSÃO E EXISTÊNCIA!
DISCUSSÕES SOBRE LESBIANIDADES NO ENSINO DE
HISTÓRIA A PARTIR DA PRODUÇÃO ESCRITA DE
VANGE LEONEL ENTRE 1997-2011”.

Criação, produção de texto e idealização do projeto:
Ana Carolina do Carmo Silva

Orientadora:
Professora Dra. Ana Carolina Eiras Coelho Soares

Área de Concentração: Ensino de História

Linha de Pesquisa: Linguagens e Narrativas Históricas:
Produção e Difusão.

Todas as temáticas abordadas e debatidas aqui estão aprofundadas na minha
pesquisa de mestrado, disponível para download na página do PROFHISTÓRIA-UFG
e no banco de teses e dissertações do PROFHISTÓRIA Nacional.

Universidade Federal de Goiás (UFG)
– Goiânia – Goiás – 2025 –



PROFHISTÓRIA
MESTRADO PROFISSIONAL
EM ENSINO DE HISTÓRIA

SOBRE OS ZINES:

Com um lápis na mão e uma ideia na cabeça se faz um ZINE!

Os Fanzines surgem em 1940 como publicações independentes centradas na visão de fãs sobre temas específicos: bandas, cinema, poesia, quadrinhos e afins. No Brasil, os primeiros fanzines foram voltados para o universo da ficção científica, e a principal característica desse tipo de mídia era realizar intercâmbios entre pessoas que se interessavam por determinadas temáticas.

Na década de 1980, os fanzines deixam de ser parte da visão criativa de um fã e passam a ser produções criativas e autorais de cultura. Na década de 1990, os zines passaram por um momento de intensa produção, porém, com a popularização dos computadores pessoais e a chegada da internet, quase foram extintos e, após o primeiro impacto da popularização das ferramentas digitais, o zine voltou forte.

A liberdade criativa torna os zines um material acessível para ser trabalhado nos espaços educacionais, devido sua popularidade pela grande gama de temas e pelo seu potencial de comunicação e expressão entre a juventude desde os anos 60.

Para o ensino de história, as oficinas de fanzine dão uma linguagem atrativa necessária para inserir os estudantes como protagonista, estimulando a participação e o processo criativo na construção dos fatos históricos. (da Silva; Brito, 2021, p.182).

Em suma, os zines, em sua essência, são um meio de comunicação marginal e um espaço para a liberdade artística, expressiva e educacional amplamente livre de censura, emitindo a voz de seu autor com uma linguagem bastante particular. Eles configuram um discurso criado a partir da intenção de resistir e se fazer ouvir, materializados a partir de recortes do cotidiano de seu autor. Mesmo depois de tantas mudanças em torno dos fanzines, ainda hoje muitos grupos e indivíduos que se sentem à margem da sociedade recorrem a eles em busca de visibilidade.

Hoje, encontramos zines diversos em todo o Brasil: trabalhos em forma de bula de remédio, origamis, folha dobrada no meio, mídias digitais etc. Autores trocam zines via correio (algo que estava “moribundo” há algum tempo), lendo por meio de papéis, computadores, tablets ou celulares. Ou seja, a produção e a circulação dos zines do século 21 se mantêm fortes e agora de forma ampliada (Sousa, 2022, p. 11).



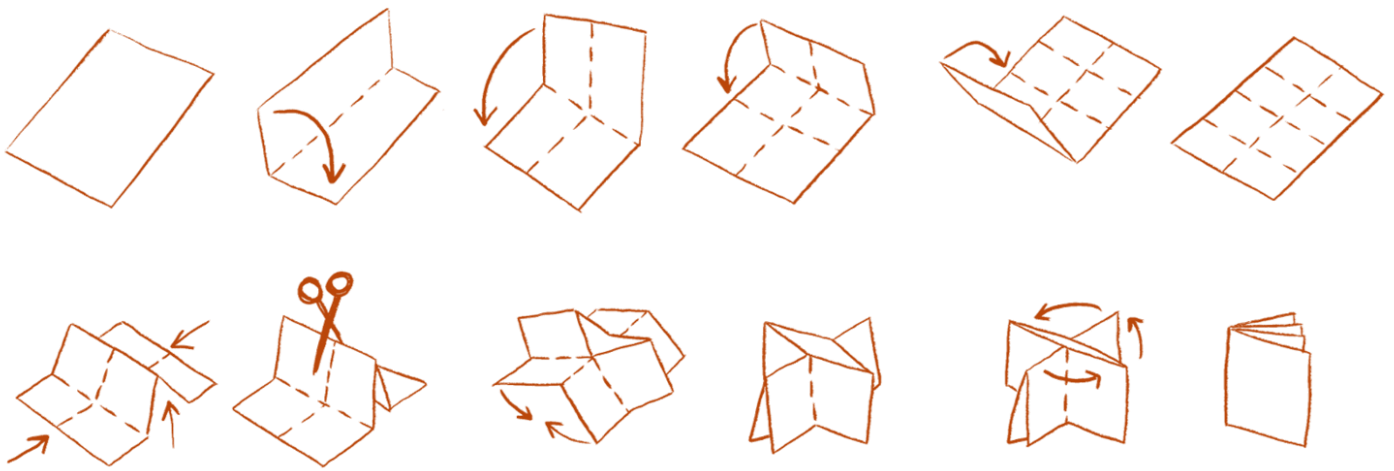


COMO FAZER UM ZINE EM 5 PASSOS

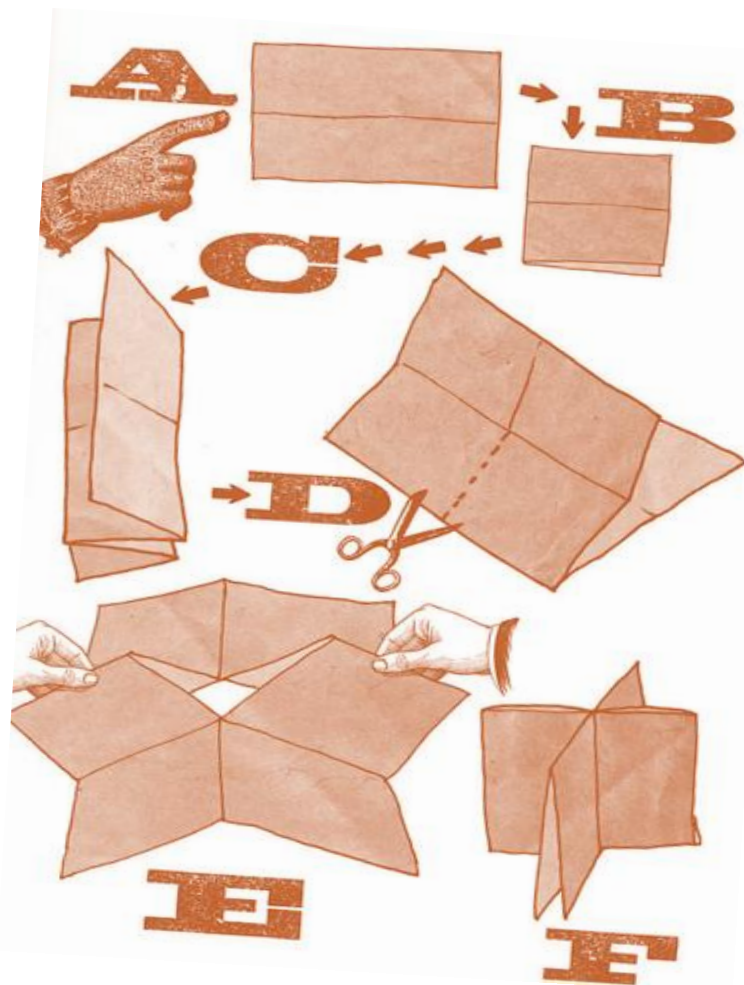
| | |
|----------------|---|
| PASSO 1 | <ul style="list-style-type: none"> ★ Defina o conteúdo do fanzine; ★ Escolha a forma como irá abordar os assuntos; ★ Determine os tipos de linguagem abordadas no fanzine; |
| PASSO 2 | <ul style="list-style-type: none"> ★ Colete os materiais, as fontes, os textos e as imagens que poderão ser usadas na publicação; ★ Faça um esboço em separado de como ficarão as páginas; ★ Esta fase é de montagem inicial do fanzine. |
| PASSO 3 | <ul style="list-style-type: none"> ★ Defina o tipo de papel, sua espessura, cor e textura; ★ Decida o tamanho e a quantidade de páginas de seu fanzine. |
| PASSO 4 | <ul style="list-style-type: none"> ★ Folha de papel (branco ou colorido), tesoura, cola; ★ Computador e impressora (opcional); ★ Materiais de colagem (opcional); ★ Outros materiais de interesse dos editores (opcional). |
| PASSO 5 | <ul style="list-style-type: none"> ★ Monte sua proposta mediante desenhos e/ou textos para comunicar a mensagem; ★ Faça a diagramação lembrando do sistema de reprodução por copiadora e da estrutura final do fanzine; |

PARA MAIS INFORMAÇÕES SOBRE OS ZINES ACESSAR:





No ensino de História, podemos utilizar diferentes recursos, estratégias, linguagens e suportes que auxiliam nos processos de ensino-aprendizagem, a exemplo, os fanzines que são construtores de discursos próprios sobre os mais diversos assuntos, assim como são materiais riquíssimos para análise de processos sociais e culturais. Construir, a partir dos fanzines, narrativas de pessoas que não fazem parte da História Maior, subvertendo o modo tradicional de ensinar História, implica em um ato de resistência, que busca redefinir novas formas de produzir vida. Vange Leonel (1963–2014) é a figura central desse Zine, considerando suas contribuições para a historicidade e construção narrativa das lesbianidades, bem como para a formação de referenciais lesbianos positivos.



O LESBOZINE (Vol. II): VANGE LEONEL - Vermelha Incandescente -, visa, por meio da construção narrativa sobre a produção artística, intelectual e trajetória de vida da cantora, ativista e escritora Vange Leonel, possibilitar a produção de informações científicas sobre a historicidade das lesbianidades e investigar e refletir sobre os sentidos atribuídos às lesbianidades. A intenção, ainda, é contribuir para a visibilidade da realidade lesbiana e colaborar para o desenvolvimento da qualidade de vida e o cuidado com a saúde física, mental e emocional das lesbianas.

NINGUÉM VAI ME OFENDER

ME CHAMANDO POR
NOMES QUE SIGNIFICAM
APENAS O MEU AMOR
POR OUTRA MULHER!

SOU TRÍBADE SÁFICA SAFISTA

LÉSBICA LESBIANA DYKE

MULHER-MACHO MACHA

PARAÍBA MASCULINA VIRAGO

FRANCHONA FRANCHA

FRICATRIX **ROÇADEIRA**

ENTENDIDA INVERTIDA

TORTILLERA SAPA **BOLACHA**

ANDRÓGINA **TRANSVIADA**

HOMOSSEXUAL

SAPATÃO SAPATA SAPATONA

VANGE LEONEL

VANGE LEONEL

vermelha incandescente

Quando percebi que gostava de mulheres foi uma das descobertas mais maravilhosas da minha vida. Não foi nada traumático. Era tão lindo descobrir o que era amar, se apaixonar. A minha sorte é que meus amigos também achavam lindo eu me apaixonar por garotas. Meus ídolos, tipo Janis Joplin, Gal, Caetano, todos achavam lindo ser gay, aceitavam a homossexualidade própria ou dos outros numa boa. Então eu nunca achei que ser lésbica fosse algo ruim. Daí eu nunca escondi nada (Vange Leonel, 1997).

Se fosse possível definir Vange Leonel em palavras, seria coragem e gentileza. Entre as tantas palavras que li nos poucos textos que encontrei pelos confins dos acervos virtuais na internet dos anos 2000, essas foram as palavras mais presentes. Humor também foi uma marca registrada de quem foi **Maria Evangelina Leonel Gandolfo**.

Vange nasceu em São Paulo, em 1963, e faleceu aos 51 anos em 14 de julho de 2014, em decorrência de um câncer no ovário.

Vange foi uma mulher extremamente generosa, uma daquelas figuras que, quando se movimentava, levava consigo tantas outras mulheres. Por meio de seu pioneirismo no cenário musical brasileiro, Vange potencializou e visibilizou muitas outras artistas, assim como influenciou gerações. Cantora, compositora, desenhista, escritora, colunista, poeta e ativista lésbico feminista, Leonel foi uma personalidade multifacetada que, a partir de suas músicas e textos, lutou contra o preconceito direcionado às mulheres lésbicas.

Na metade dos anos 90, Vange teve uma atuação contundente como colunista em revistas importantes do período, como na Revista *Sui Generis*, na qual assinava a coluna 'Grrrrls' (1997-2000), e na Revista Folha de São Paulo, na qual assinou a coluna *GLS* (2001-2010). Em seus textos, buscou potencializar as existências lésbicas, combater estereótipos direcionados às lésbicas e reconstruir a ancestralidade e memória lésbica.

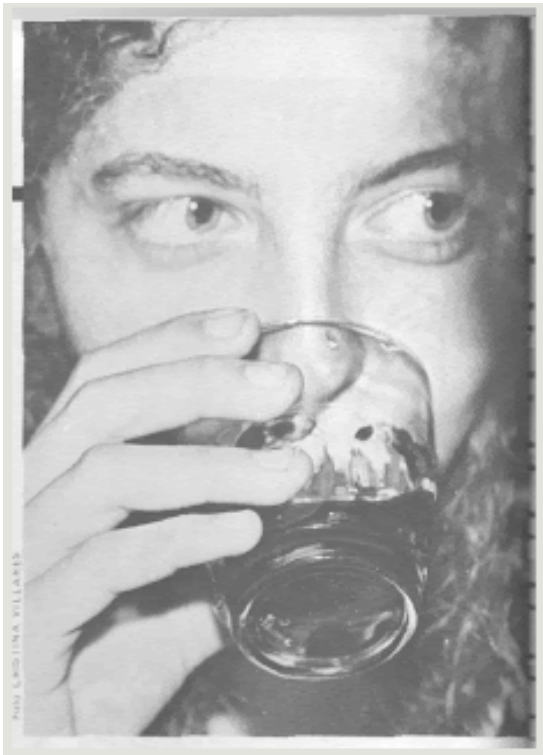
A mulher
da calçada
da noite
preta

Leonel possuía uma áurea magnética e muita personalidade, encarava o público de frente, olhos nos olhos apesar da timidez que possuía fora dos palcos. Por falar em olhos, Vange possuía um olhar poderoso e intenso, de quem não precisava de palavras para se expressar, mas que sempre as usou muito bem. Para os amigos, Vange tinha o olhar verde que cintilava quando ria de uma boa piada.

Aos 18 anos, ela saiu oficialmente do armário, quando aceitou posar para a única foto da matéria na edição de julho da extinta revista "Careta" (edição n.2736), em uma época em que o assunto era tabu e a polícia costumava fazer arrastão pelos bares GirlsLove (GL) para prender homossexuais.

Desde os 16 anos, a família e os amigos sabem que sou lésbica. Resolvi assumir publicamente quando gravei um disco independente. Mas a gravadora achava que não valia a pena "sair do armário". As pessoas têm medo de levantar bandeira (Vange Leonel, 1991).

Foto de Cristina Villares 1981 Revista Careta



Adorava pintar bigodes nela mesma, só de onda. Um espírito livre, na melhor das encarnações. Meu tipo de gente: cultíssima, afiada, transgressora (Cynara Menezes, 2014).

Esse ocorrido foi em 1981, quando o grupo ativista ao qual pertencia, o Grupo de Ação Lésbico-Feminista (GALF), deu uma entrevista sobre a importância de assumir a homossexualidade.

Vange adorava usar botinhas masculinas e, aliás, adorava, segundo ela, usar roupas masculinas.



Desde os 16 anos, dedicava-se a cantar com seu timbre de voz e estilo inconfundíveis, que desliza entre o vigor e o lamento, graves e agudos. Suas interpretações manifestam um clima incisivo e cortante, demonstrando um olhar visceral.

Aos 5 anos de idade, Vange já cantarolava melodias inventadas por ela, iniciando sua curiosidade em relação à música. Aos 9 anos, sua prima Quilha – seis anos mais velha –, a levou ao show “Gal a Todo Vapor”, e foi aí que Leonel começou a aprender violão, depois piano. Dois momentos que foram fundamentais para que Vange resolvesse fazer música e se tornar cantora.

Vange tinha como grandes influências Janis Joplin e Marina, por conta da mistura de vigor e lamentos nas vozes delas e pelo estilo triste, mas ao mesmo tempo alegre, que elas compunham.

Quem mais me marcou foi Gal, como inspiração primeira, pelo jeito de cantar, a sensualidade e principalmente a atitude dela no palco. No começo dos anos 70, ela era uma das grandes vozes da contracultura brasileira.

Cantava compositores novos como Macalé, Melodia, Caetano, caras que aprendi a gostar na voz dela. Vozes femininas sempre me seduziram. Gal foi uma influência forte tanto para mim quanto para a minha parceira nas músicas, a Cilmara Bedaque. Comecei a trabalhar com a Cilmara tipo em 89, quando ainda estava com o Nau, e foi uma surpresa maravilhosa saber que tínhamos muitos gostos musicais em comum. Outra pessoa que de certa maneira influenciou bastante o meu trabalho de compositora foi a Marina. Quando escutei suas músicas, fiquei absolutamente identificada (Vange Leonel, 1997).

VANGE
LEONEL

Além do amor pela música, Leonel também adorava escrever e, sempre que inventava melodias, não demorava a escrever letras para suas músicas, considerando que, para a cantora e escritora, a poesia e a música sempre estiveram juntas.

No Brasil, Vange Leonel está na galeria das cantoras inconfundíveis e de maior visibilidade na década de 1990.





Vange Leonel iniciou a carreira artística em 1985, como vocalista da banda de rock Nau, lançou dois álbuns solo, além de ter organizado um festival de cultura jovem feminista feito exclusivamente por mulheres e direcionado para mulheres, o "MINAS DO ROCK", em 2004.



Fundada em 1985, NAU era formada por Vange (vocal e guitarra), Mauro Sanchez (bateria), Zique (guitarra) e Beto Birger (baixo).

Por volta dos anos 1980, o primeiro registro em disco da voz de Nando Reis é ao lado de Vange: era o LP **Festival da Feira da Vila Madalena**, com os participantes desse festival. A música, tocada pelos Camarões, é chamada de **O Cheiro de Beterraba** e de autoria de Vange!

Em 1993, Vange e Cilmara – sua mulher e companheira de vida por 28 anos –, terminaram a parceria com a Sony Music para criar o selo independente Medusa Records, que daria forma ao CD 'Vermelho'. Nesse mesmo período, Vange assume publicamente sua lesbianidade e retoma seu contato com o ativismo LGBTQ+.

A sonoridade da banda NAU era bastante marcante e característica da década de 80, algo entre o pós-punk e o heavy metal, com melodias suaves, melancólicas e profundas, e instrumentais pesados bem trabalhados. A voz forte, potente e autêntica ajudava a compor a presença que era Vange Leonel no palco performando de maneira visceral.

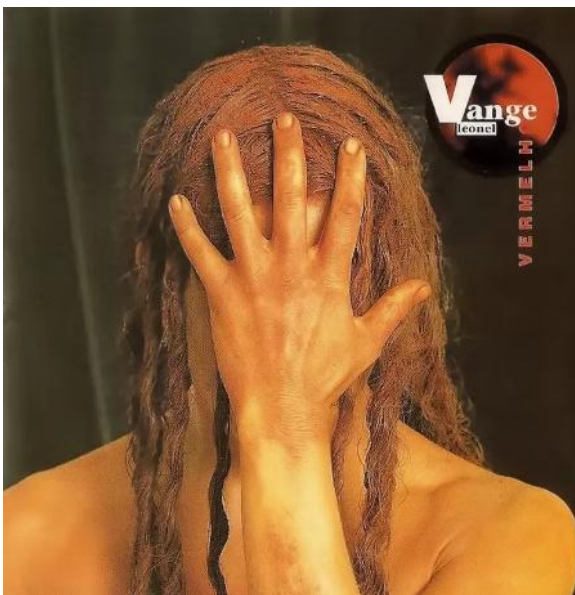
Os Camarões era uma banda de reggae na qual ingressei em 1979, quando tinha 16 anos. O Nando Reis, meu primo, tocava na banda e me convidou para entrar depois que ouviu uma música minha e se entusiasmou.

Nós nos apresentávamos em festivais de colégio, mas o auge foi uma apresentação no Festival da Vila Madalena, evento que acabou revelando o Itamar Assunção. Desse Festival saiu um LP, raríssimo, que contém duas músicas dos Camarões, uma das quais é "Cheiro de Beterraba", música minha que me fez entrar na banda (Vange Leonel, 2002/2003).

É uma parceria que a gente exerce em vários sentidos, não só fazendo as músicas, a gente faz música e letra juntas. Mas também, ela dirigiu o primeiro clipe da gente, da música 'Noite Preta', porque ela trabalha há muito tempo em televisão e entende bastante desse lado. Então a nossa dupla vai para vários caminhos, ela dirigiu o show também, então fica bem uma coisa dividida. Eu no palco e ela olhando, a gente fazendo as músicas juntas. Então é uma coisa que me alivia bastante, fazendo eu não me sentir tão sozinha no trabalho solo (Vange Leonel falando sobre Cilmara, 1991).



Capa do álbum "Vange" (1991)



Capa do álbum "Vermelho" (1996)

Para Vange, a música nunca estava em segundo plano, mas fazer música, segundo ela, dependia muito de *lobby* das gravadoras. Após seu último CD lançado de maneira independente - 'Vermelho' (1996) - não ser bem recebido depois do estrondoso sucesso de 'Noite Preta', do primeiro EP solo pela Sony Music 'VANGE' (1991), que foi tema de abertura da novela Vamp (1991), a cantora decidiu começar a escrever.

Vermelho é um álbum corajoso, uma produção independente minha e da Cilmara. Temos muito orgulho desse disco, as canções falam de temas super atuais e sensíveis, e recuperei uma coisa que tinha com o Nau, um lance mais *rocker*. A faixa Vermelho fala sobre menstruação. Meninas sobre meninas prostitutas. Tô Fora é uma balada de cortar os pulsos. O disco é super visceral e o show que eu tô fazendo agora também. Dionísio puro (Vange Leonel, 1997).

Para saber mais sobre a trajetória musical de Vange, acesse:



VERMELHA
incandescente

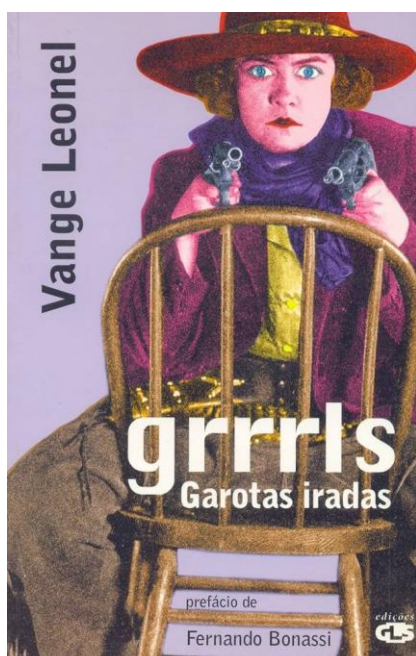


Além de artista e ativista, Vange era uma pensadora que, ao longo de sua vida, escreveu: duas peças de teatro, "As Sereias da Rive Gauche" em 2001 e "Joana Evangelista" em 2006; e os livros "Lésbicas" em 1999, "Grrrls - Garotas Iradas" em 2001, "As Sereias da Rive Gauche" em 2003 e "Balada para as Meninas Perdidas" em 2003, todos com temática lésbica. Ainda, escreveu a coluna Bolacha Ilustrada, do e-zine CIO, no site do Mix Brasil, na *Sui Generis* - primeira revista gay não pornográfica brasileira - e assinou, durante os anos de 1997-2000, a coluna 'Grrrls' para o público lésbico que acompanhava a revista. De 2001 a 2010, assinou a coluna *GLS* na Revista da Folha, encarte dominical do jornal Folha de S. Paulo.

Tenho certeza de que Vange pagou um preço pela valentia de priorizar o ativismo feminista e lésbico sobre uma provável carreira de estrela pop. Hoje a gente vive um tempo incrível de afirmação de diversas causas, inclusive as que tiveram Vange como protagonista absoluta no pós-ditadura. A gente precisa lembrar a todo momento que nada disso existiria se Vange não tivesse ido à frente (Trevisan, 2023).

Quando batizei a coluna de 'Grrrls', quis dar a ela uma coloração anti-sexista. O objetivo sempre foi valorizar as garotas que são fortes, agressivas e que têm atitude, ao contrário do que se espera de uma mulher na sociedade: ternura, concordância e suavidade (Vange Leonel, 2001).

Uma das missões da escrita de Vange era potencializar a visibilidade das lésbicas na história, as enaltecendo como exemplos de referenciais positivos na luta contra a discriminação. No seu livro 'Grrrls Garotas Iradas' (2001), - uma reunião de crônicas, muitas delas publicadas na revista 'Sui Generis' -, Leonel visava escrever sobre um outro feminino, valorizando garotas fortes e iradas, agressivas e com atitudes.



Riot Grrrls: movimento pós-punk e pós-feminista criado por roqueiras americanas e inglesas que não aceitavam mais o papel cor-de-rosa e coadjuvante das garotas no mundo da música. A proximidade que eu tinha com o movimento punk quando comecei a cantar foi determinante - a máxima punk "toque-um-instrumento-mesmo-sem-saber-tocar" para adotar uma atitude mais irreverente ao escrever. [...] Das *Riot Grrrls* tirei também a inspiração para um discurso pós-feminista, que não é nem cor-de-rosa e nem rosachoque: é vermelho incandescente mesmo! Desta maneira, escrevi *Grrrls Garotas iradas* apostando na diversidade das manifestações humanas, afirmando, por exemplo, que mulheres podem ser violentas e homens dóceis; investi contra todo e qualquer argumento sexista e pedi, candidamente, por liberdade de expressão e tolerância aos diferentes (Vange Leonel, 2001).

Segundo Vange, era inevitável escrever sobre lesbianidades, porque era um universo familiar para a escritora. Portanto, sua escrita era sobre lésbicas, mas não apenas para lésbicas, visto que o impulso de Vange era falar sobre as lesbianidades livre de estereótipos.

Quando adolescente, Vange produzia edições limitadas de suas poesias, em xerox, e as vendia pessoalmente pelos lugares onde passava. Seus textos tinham características marcantes, entre elas, em sua grande maioria, eram poemas lésbicos, que falavam sobre amor entre mulheres.

Aos 17 anos, Leonel integrava o Grupo Lésbico-Feminista (LF, 1979-1981), o primeiro grupo de ativistas lésbicas brasileiro. Vange também fez parte do subgrupo LF Artes, o qual reunia as integrantes do LF que gostavam de poesia, música, artes plásticas, fotografia. No GALF, Vange teve alguns de seus poemas publicados em diversas edições do boletim *ChanacomChana* (1981-1989).

Após a dissolução do Grupo Lésbico-Feminista (LF), em meados de 1981, algumas de suas remanescentes permaneceram e formaram outro coletivo, o Grupo Ação Lésbica-Feminista (GALF, 1981-1989).

Fazendo Poesia: Nada Prático.
ChanacomChana 5 (maio/1984) - Disponível em:
<https://www.umoutroolhar.com.br/2023/06/c-hanacomchana-5-resgate-e-edicao.html#more>
Acesso em: 14/05/2025

NADA PRÁTICO

os rostos que me chamam são os rostos que me chamam; nenhum outro chamaria.
o rosto dela é assim: exalando o jasmim que meu desejo pede, obscurecendo a prata que nosso amor promete.
amo o desafio: encano com a dupla natureza dos seus gestos - o fio vermelho esticando de sejo dos seus olhos, e o segundo, negro, matando impiedosamente o movimento secreto talvez de um beijo.
prometes e escapas; sigo, persigo-te e sonho; me banho e te lavo com palavras mais palavras e poesia.
mas fazia frio ontem, e eu queria a chama de sua face quente mais que o desafio persistente e tonto - a dupla lábia de nossos movimentos mansos, vacilansos.

VANGE

FAZENDO POESIA

TARDE E ESTRELA

És linda
como anoitecendo
as estrelas pintam
(brilho coexistindo
com o resíduo
da abóbada clara)
Brilho,
e a celeste alvura
em instantes turquesa escuro
(até que ceda enfim
ao negrume da noite)
És linda
nesse momento raro
de tarde e estrela,
(pois se noite alguma
foste comigo prá cama,
em fins de tarde já me beijaste,
luzindo estrelas
d'alva esperança acesas.

VANGE

Fazendo Poesia: Tarde e Estrela, 1981. ChanacomChana 2 (fev/1983) - Disponível em:
<https://www.umoutroolhar.com.br/2022/12/colacao-chanacom-chana-comentada-numero-2.html> Acesso em: 14/05/2025.



Leonel tinha como uma de suas inspirações na escrita Clarice Lispector, pela sua escrita pessoal e íntima, que ela via como uma fonte enorme e inesgotável de matéria prima. Para Vange, a urgência em escrever surge do desejo por histórias que ainda não tinham sido contadas. A partir das palavras, ela encontrou maneiras prazerosas e satisfatórias de criar a história que gostaria de ler e que não cabiam apenas nas letras das músicas que ela cantava.

Para mais informações sobre Vange Leonel, acessar:



Por meio da escrita, o caráter combativo de Leonel contra a homofobia, o sexismo e o machismo criou raízes que abriram portas para sua geração e para as seguintes. A escritora discutia pautas que muitas vezes nem estavam vinculadas à luta feminista, a exemplo a fluidez de gênero e da sexualidade, as diversas formas de amor, pautas também sobre inclusão e exclusão e, sobretudo, a respeito das muitas possibilidades que o futuro pode reservar. Vange amava e sonhava intensamente, de uma maneira que rompia barreiras e preconceitos sendo extremamente autêntica, conquistando seu lugar no mundo. Por conta de sua representatividade, ela foi um farol na vida de muitas pessoas, especialmente das lesbianas.

Vange Leonel e Cilmara Bedaque, durante muito tempo, eram as únicas autoras lésbicas publicando regularmente sobre as existências lesbianas ao longo da história, ensinando sobre literatura e apresentando referenciais culturais.

Nada disso seria possível sem a colaboração de minha parceira, a jornalista Cilmara Bedaque que, além de comentar, discutir e propor temas para as colunas, me ajudou a compilar os textos. Ela é, além de tudo, fonte inesgotável de inspiração e uma interlocutora bem-humorada, ágil, séria e brilhante (Leonel, 2001, p. 13).

Essas portas estão escancaradas hoje por causa de ativistas e intelectuais como Vange Leonel e como Cilmara Bedaque. É importante a gente lembrar que toda a obra de Vange foi produzida em dupla e em casal com Cilmara, que está aqui presente, viva e igualmente merecedora de todas as mulheragens (Pedro Alexandre Sanches, 2023).

Cilmara é integralmente coautora de uma obra vigorosa que, de modo geral, ainda é muito mal conhecida por nós. Cilmara tem sido sempre mais recuada que Vange diante do olho público, mas o relicário construído em duas está todo nas mãos dela e não precisa nem pode esperar mais 60 anos para ser conhecido e reverenciado. Não é mais hora de ficar no recuo, e a gente está só começando (Pedro Alexandre Sanches, 2023).

Quem conheceu a Vange de outras esferas não pode imaginar a imensa delicadeza e entrega dela ao escrever sobre seus medos, num tópico em que falávamos sobre isso. Como aquela pessoa reservadíssima poderia ser ao mesmo tempo tão entregue, e tão generosa? Tem uma harmonia no texto dela, em todos os textos dela, um negócio esquisito de lindo. É claramente pensado, mas é intensamente sentido. Não deborda, transborda. Irradia. Comunica. Vai lá, encosta o indicador no ombro da humanidade e dá liberdade para voar. Acho que nunca conheci ninguém mais elegante. Bastilha pura (Márcia Bechara, 2014).

A relevância dos referenciais positivos sobre as lesbianidades é reforçada em cada texto escrito por VANGE (1963–2014), tendo em vista que a escritora e cantora, ao se reconhecer lésbica publicamente, compreendeu o peso que as ausências de representações positivas – e possíveis – das lesbianidades acarretaram as existências e vivências lesbianas.

As palavras da cantora contribuem na construção de uma visão menos melancólica e catastrófica a respeito dos conflitos internos e familiares que muitas meninas e mulheres lesbianas enfrentaram e enfrentam ao se reconhecerem como lésbicas. A força de suas palavras oferece a coragem e a esperança necessárias para que cada vez mais nos façamos visíveis, tenhamos orgulho de nossas existências e possamos servir de referenciais positivos nas mais diferentes esferas sociais.

PROPOSTA DE

Atividades

1. Considerando que os fanzines sugeriram como uma “revistinha de fãs”, produza um zine dedicado a alguma pessoa que você admire.

SEU
FÃ

VANGE LEONEL
ENSINO
DE HISTÓRIA

2. Analise o discurso de Vange Leonel sobre as questões sociais e sexuais das décadas de 1990 e 2000.
3. Investigue como essas temáticas eram tratadas dentro da sociedade.
4. Em relação à trajetória de vida e produção artística e intelectual de Vange Leonel, produza um zine que responda ao menos três dos questionamentos abaixo:

- Vange tinha orgulho de sua sexualidade?
- Era normal que Vange tivesse medo de represálias políticas e sociais no período em que escreveu sobre as lesbianidades?
- Qual é a relação entre a sua sexualidade e a sua escrita?
- Para Vange, há artistas que expressavam a sexualidade de maneira autêntica? Ela se enquadrava nisso? Por quê?
- É possível debater sobre sexualidade e diversidade sexual atualmente?
- Vange, apesar dos tabus, preconceitos e opressões, fala com orgulho de sua identidade e sexualidade, você conhece artistas que abordam essa temática hoje?



FONTES:

Blog Vange Leonel. Disponível em: <https://vangeleoneel.blogspot.com/> Acesso em: 25 de fev. de 2025.

Crie seu próprio Fanzine: Guia passo a passo imperdível. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6JKoHJoeYxE> Postado em: 13 de ago. de 2020 / Canal: ROGER BEATJESUS.

Da liberdade de ser e se vestir como quiser. Por Vange Leonel. Socialista morena, Cynara Menezes - 1 de agosto de 2014. Disponível em: <https://www.socialistamorena.com.br/da-liberdade-de-ser-e-se-vestir-como-quiser-por-vange-leonel/> Acesso em: 25 de fev. 2025.

De igual para igual, 19 de abril de 2006. Disponível em: <https://vangeleoneel.blogspot.com/2006/04/> Acesso em: 26 de nov. de 2024.

DISCURSOS DE URBANIDADE NO FANZINE. Disponível em: <https://discursosdeurbaniz.wixsite.com/fanzineuffs> Acesso em: 25 de fev. de 2025.

Entrevista com Vange Leonel. Blog Sete doses de cachaça, Paulo Marchetti - 13 de janeiro de 2008. Disponível em: <https://setedoses.blogspot.com/2008/01/entrevista-com-vange-leonel.html> Acesso em: 25 de fev. de 2025.

Entrevista de Vange Leonel à Revista Um Outro Olhar, nº 25, Ano 10, Dez 96/abril 97, por Luiza Granado e Ângela Gonçalves. Disponível em: <https://www.umoutroolhar.com.br/2015/01/retrospectiva-2014-em-memoria-gata-da.html> Acesso em: 27 de nov. de 2024.

Leitura da primeira peça da cantora, "As Sereias da Rive Gauche", é às 19h30, no auditório da Folha Vange Leonel estreia na dramaturgia. Reportagem Local, São Paulo - 17 de agosto de 1999. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/acontece/ac17089901.htm> Acesso em: 25 de fev. 2025.

Leonel, Vange, 1963 - Grrrls: garotas iradas / Vange Leonel. - São Paulo: Summus, 2001. Edições GLS.

MOMENTOS GRAVADO Fanzine & ZINES | MEGA COMPILADO. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=E2tT2lpoEpo&list=PLSuM2AfBY7x5E7ewmaPCYOTVp9uvyulAu&index=18> Postado em: 13 de ago. de 2023 / Canal: ROGER BEATJESUS.

Nas ruas, o bloco soviético. Focus Brasil, Bia Abramo - 17 de fevereiro de 2023. Disponível em: <https://fpabramo.org.br/focusbrasil/2023/02/17/nas-ruas-o-bloco-sovietico/> Acesso em: 25 de fev. de 2025.

Ninguém vai me ofender. Blog Safismo, Carina e Lika - 25 de fevereiro de 2011. Disponível em: <https://blogsafismo.blogspot.com/2011/02/ninguem-vai-me-ofender-por-vange-leonel.html> Acesso em: 25 de fev. de 2025.

O que aprendi fazendo fanzine. Medium, Aline Valek - 10 de outubro de 2015. Disponível em: <https://medium.com/@alineailek/o-que-aprendi-fazendo-fanzine-1e43c1d4a1f8> Acesso em: 25 de fev. de 2025.

Porque você deveria fazer um Zine. Medium, Levi S Porto - 28 de janeiro de 2017. Disponível em: <https://levisporto.medium.com/porque-voc%C3%AA-deveria-fazer-um-zine-574909390308> Acesso em: 25 de fev. de 2025.

PROGRAMA DIA DIA (REDE BANDEIRANTES): ENTREVISTA COM VANGE LEONEL - 1991 / Reporter: Débora Menezes. Disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=joxpxc-VPyk&t=307s>. Postado em: 5 de jan. de 2022 / Canal: Pedro Janov e seu Arquivo de Vídeos.

SEGREDO REVELADO. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=f0QWD4lGL04> Postado em: 22 de set. de 2021 / Canal: ROGER BEATJESUS.

Vange Leonel, 60 anos. Farofafá, Pedro Alexandre Sanches - 9 de maio de 2023. Disponível em: <https://farofafa.com.br/2023/05/09/vange-leonel-60-anos/#:~:text=%E2%80%9CTenho%20certeza%20que%20Vange%20pagou,protagonista%20absoluta%20no%20p%C3%B3s%20ditadura> Acesso em: 25 de fev. de 2025.

Vange Leonel, presente! Fundação Perseu Abramo, Fernanda Estima - 15 de julho de 2014. Disponível em: <https://fpabramo.org.br/2014/07/15/vange-leonel-presente/> Acesso em: 25 de fev. de 2025.

Vange Leonel. Mulheres Notáveis, Anônimo, 07 de março de 2013. Disponível em: <https://mulheres-incriveis.blogspot.com/2013/03/vange-leonel.html> Acesso em: 25 de fev. de 2025.

Vange Leonel: Uma artista que não teve medo de ousar. Dois terços, Carlos Leal - 18 de março de 2023. Disponível em: <https://www.doistercos.com.br/vange-leonel-uma-artista-que-nao-teve-medo-de-ousar/> Acesso em: 25 de fev. de 2025.

Você conhece a NAU? Blog Wakabara, 21 de janeiro de 2021. Disponível em: <https://www.wakabara.com/blog/tag/Vange+Leonel> Acesso em: 25 de fev. de 2025.

Zines, zines por todos os lados! Medium, Lila Cruz - 04 de janeiro de 2017. Disponível em: <https://medium.com/cafeinazine/zines-zines-por-todos-os-lados-522636c7fed2> Acesso em: 25 de fev. de 2025.

Designers e Ilustradoras(es)

<https://www.laysealmada.com.br/>

<https://br.pinterest.com/>

<https://www.freepik.com/>



LESBOZINE

TRANSGRESSÃO E EXISTÊNCIA

O AMOR QUE OUSA
DEIXAR RASTROS E A RECLUSA DA
HETERONORMATIVIDADE - VOL.III

O LESBOZINE VANGE LEONEL – VERMELHA
INCANDESCENTE resulta da pesquisa
“FANZINES, TRANSGRESSÃO E EXISTÊNCIA! DISCUSSÕES SOBRE
LESBIANIDADES NO ENSINO DE HISTÓRIA A PARTIR DA PRODUÇÃO
ESCRITA DE VANGE LEONEL ENTRE 1997–2011”.

Criação, produção de texto e idealização do projeto:
ANA CAROLINA DO CARMO SILVA

Orientadora:
PROFESSORA DRA. ANA CAROLINA EIRAS GOELHO SOARES

Área de Concentração: ENSINO DE HISTÓRIA

Linha de Pesquisa: LINGUAGENS E NARRATIVAS HISTÓRICAS: PRODUÇÃO E DIFUSÃO.

TODAS AS TEMÁTICAS ABORDADAS E DEBATIDAS AQUI ESTÃO APROFUNDADAS NA MINHA PESQUISA DE
MESTRADO, DISPONÍVEL PARA DOWNLOAD NA PÁGINA DO PROFHISTÓRIA–UFG E NO BANCO DE TESES
E DISSERTAÇÕES DO PROFHISTÓRIA NACIONAL.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS (UFG)
– GOIÂNIA – GOIÁS – 2025 –



PROFHISTÓRIA
MESTRADO PROFISSIONAL
EM ENSINO DE HISTÓRIA

H
I
S
T
Ó
R
I
A
-
E
N
S
I
N
O
-
M
É
D
I
O

SOBRE OS ZINES

Com um lápis na mão e uma ideia na cabeça se faz um ZINE!

Os Fanzines surgem em 1940 como publicações independentes centradas na visão de fãs sobre temas específicos: bandas, cinema, poesia, quadrinhos e afins. No Brasil, os primeiros fanzines foram voltados para o universo da ficção científica, e a principal característica desse tipo de mídia era realizar intercâmbios entre pessoas que se interessavam por determinadas temáticas.

Na década de 1980, os fanzines deixam de ser parte da visão criativa de um fã e passam a ser produções criativas e autorais de cultura. Na década de 1990, os zines passaram por um momento de intensa produção, porém com a popularização dos computadores pessoais e a chegada da internet, quase foram extintos e após o primeiro impacto da popularização das ferramentas digitais, o zine voltou forte.

A liberdade criativa torna os zines um material acessível para ser trabalhado nos espaços educacionais, devido sua popularidade pela grande gama de temas e pelo seu potencial de comunicação e expressão entre a juventude desde os anos 60.

Para o ensino de história, as oficinas de fanzine dão uma linguagem atrativa necessária para inserir os estudantes como protagonista, estimulando a participação e o processo criativo na construção dos fatos históricos. (da Silva; Brito, 2021, p.182).

Em suma os zines em sua essência, são um meio de comunicação marginal e um espaço para a liberdade artística, expressiva e educacional amplamente livre de censura, emitindo a voz de seu autor com uma linguagem bastante particular. Eles configuram um discurso criado a partir da intenção de resistir e se fazer ouvir, materializado a partir de recortes do cotidiano de seu autor. E mesmo depois de tantas mudanças em torno dos fanzines, ainda hoje muitos grupos e indivíduos que se sentem à margem da sociedade recorrem aos zines em busca de visibilidade.

Hoje, encontramos zines diversos em todo o Brasil: trabalhos em forma de bula de remédio, origamis, folha dobrada no meio, mídias digitais etc. Autores trocam zines via correio (algo que estava “moribundo” há algum tempo), lendo por meio de papéis, computadores, tablets ou celulares. Ou seja, a produção e a circulação dos zines do século 21 se mantêm fortes e agora de forma ampliada (SOUSA, 2022, p. 11).

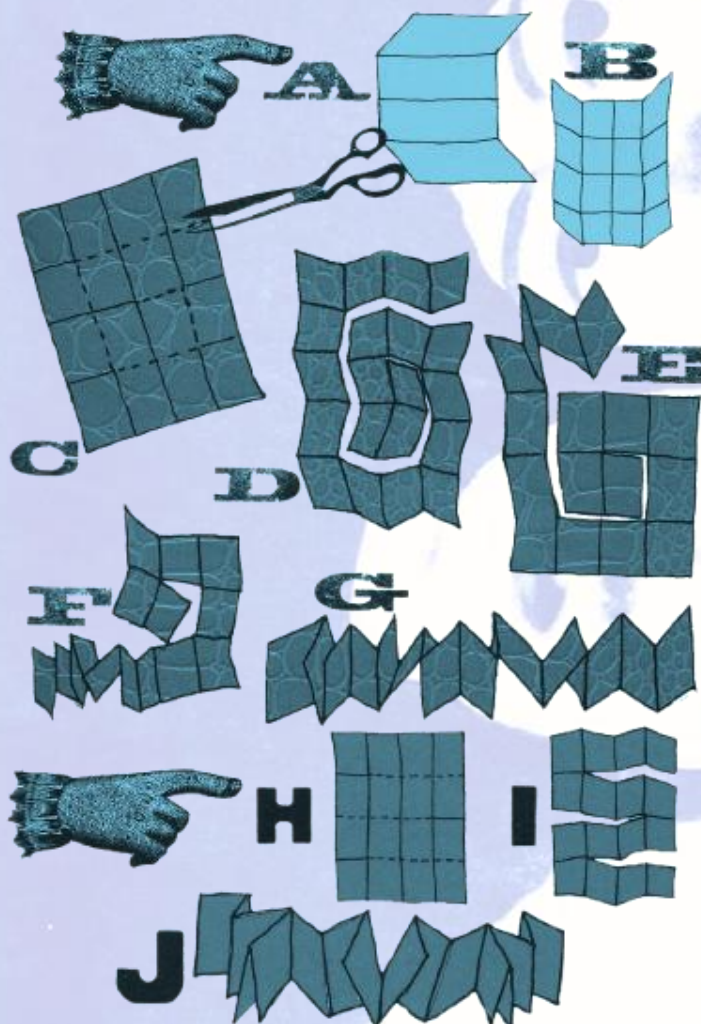




ZINE: SIMPLES ASSIM.

COMO FAZER UM ZINE EM 5 PASSOS

| | |
|----------------|---|
| PASSO 1 | <ul style="list-style-type: none"> * Defina o conteúdo do fanzine; * Escolha a forma como irá abordar os assuntos; * Determine os tipos de linguagem abordadas no fanzine; |
| PASSO 2 | <ul style="list-style-type: none"> * Colete os materiais, as fontes, os textos e as imagens que poderão ser usadas na publicação; * Faça um esboço em separado de como ficarão as páginas; * Esta fase é de montagem inicial do fanzine. |
| PASSO 3 | <ul style="list-style-type: none"> * Defina o tipo de papel, sua espessura, cor e textura; * Decida o tamanho e a quantidade de páginas de seu fanzine. |
| PASSO 4 | <ul style="list-style-type: none"> * Folha de papel (branco ou colorido), tesoura, cola; * Computador e impressora (opcional); * Materiais de colagem (opcional); * Outros materiais de interesse dos editores (opcional). |
| PASSO 5 | <ul style="list-style-type: none"> * Monte sua proposta mediante desenhos e/ou textos para comunicar a mensagem; * Faça a diagramação lembrando do sistema de reprodução por copiadora e da estrutura final do fanzine; |



PARA MAIS INFORMAÇÕES
SOBRE OS ZINES ACESSAR:



No Ensino de História, as construções sociais são relacionadas aos fatos e contextos ocorridos ao longo do tempo, indicando-se rupturas e continuidades. Nas aulas de História, é essencial que temas vinculados às sexualidades e às lesbianidades sejam debatidos sempre que possível, inseridos nos eventos e contextos históricos abordados nos conteúdos. Dado que a presença desses temas tidos como sensíveis “significa um posicionamento; constitui uma atitude de compromisso político, para com a diminuição das desigualdades presentes em diversos âmbitos da sociedade, como nas relações familiares; na divisão do trabalho; na cultura escolar; na esfera política, bem como na própria escrita e ensino de História” (Profa. Dra. Kenia Gusmão Medeiros, 2021, pg.13).

No entanto, para se discutir sobre **LESBIANIDADES** no ensino de história, é preciso conhecer e utilizar diferentes recursos, estratégias, linguagens e suportes que auxiliam e compõem a elaboração do plano de aula e que servem como uma ponte entre o conteúdo ensinado e as/os alunas/os, atingindo a subjetividade de cada um na sala de aula.

Pensando justamente no uso dessas ferramentas e recursos diversos que contribuem para o processo de ensino-aprendizagem que o **'LESBOZINE Vol. III – O AMOR QUE OUSA DEIXAR RASTROS E A RECUSA DA HETERONORMATIVIDADE'**, foi idealizado e produzido.

O Zine apresentou diferentes linguagens para visibilizar e potencializar os temas abordados pela escritora **Vange Leonel (1963-2014)**, em seu livro **'Grrrls – Garotas Iradas'** (2001) e **'Blog VANGE'** (2005-2011), e incentivou, com muita criatividade e potência artística, professoras(as) a ousarem cada vez mais em suas metodologias de ensino.

O **LESBOZINE Vol. III** visa incentivar e possibilitar as escutas e os diálogos que fazem vivo o espaço da sala de aula e agregam possibilidades de humanização às aprendizagens (Kenia Gusmão Medeiros, 2021, pg. 10).

VIVER NA SOCIEDADE ATUAL REQUER MUITA LUTA E CORAGEM, AINDA MAIS QUANDO MOSTRAMOS AO MUNDO NOSSAS FACES SOBRE QUEM SOMOS E QUAL EXISTÊNCIA EXERCEMOS PARA NÓS MESMOS. A SEXUALIDADE QUE NÃO ESTÁ DE ACORDO COM OS PADRÕES DA HETEROSSEXUALIDADE COMPULSÓRIA É SEMPRE DIFÍCIL DE SER RECONHECIDA E RESPEITADA POR AQUELES QUE NÃO TÊM CONHECIMENTO OU O SENTIMENTO DE EMPATIA AO PRÓXIMO (MARIANA APARECIDA DOS SANTOS RODRIGUES, 2021, P.76).



CONCEITOS / TERMOS IMPORTANTES:

SEXUALIDADES

As sexualidades – sempre em plural por temos uma vasta gama dentro do espectro da sexualidade – são entendidas como práticas, atitudes, afeições, afetos, desejos e relações sexuais, com parceiros(as) do mesmo gênero (ou não), ou parceiros(as) que não se identificam com nenhum gênero dentro da binariedade (masculino e/ou feminino): os não binários. **De forma sucinta, a orientação sexual refere-se a como o sujeito guia seu desejo, na forma de afeto e/ou de tensão sexual para com o outro.** [...] Entre as orientações sexuais, podemos apontar algumas: a **heterossexualidade, atração pelo gênero que é diferente do seu próprio; homossexualidade, atração pela pessoa do mesmo gênero; a bissexualidade, a atração por ambos os gêneros; a assexualidade, a não atração sexual pelos gêneros; a pansexualidade, a atração por pessoas independente da identidade de gênero.** Essas são algumas das formas de sexualidade que os sujeitos podem experimentar ao longo da vida. [...] Não existe uma sexualidade superior a outra, uma vez que não existe uma sexualidade autêntica. **Todas as sexualidades desempenhadas por sujeitos corporificados são legítimas e merecem respeito em todas as esferas sociais. As sexualidades são formas expressas do desejo e afeto, fundadas na relação entre sujeitos.** Por isso, todos os sujeitos deveriam expressá-las sem medo da repressão ou dos julgamentos de cunho moralista (José Luiz Alves Neto, 2021, p. 114-115).

LESBIANIDADES

A crítica direcionada às insuficiências, contradições e esquecimentos dentro do movimento LGBT levou as mulheres lésbicas (ou lesbianas) a tomar uma posição de autonomia organizacional e, sobretudo, teórica (Falquet, 2012), combatendo os estereótipos em torno do conceito de lésbica. Os termos lesbiana e lesbian(i)dade foram defendidos por Patrícia Lessa, em 2007, no lugar de lésbica e lesbianismo, por eles serem vinculados ao discurso científico do século XIX, que classifica as práticas de mulheres lesbianas como patologia, perversão sexual e crime. [...] **A lesbian(i)dade trata de um conjunto de práticas, afetivas e/ou sexuais, de mulheres que se relacionam com o mesmo gênero.** No entanto, também significa um conjunto de atos políticos por mulheres que procuram se emancipar e lutar contra as injustiças sociais e as violências vividas na sociedade atual. [...] **Referir-se às lesbianidades requer falar da multiplicidade de elementos e sentidos.** Atrelado ao movimento LGBTQIA+ nos dias atuais, o movimento lésbico (lesbiano) e feminista traz novas pautas para a luta: não apenas centra nas questões contra a sociedade heterossexual, mas encontra novas críticas sobre os conflitos de sua própria comunidade e, junto a isso, passa a questionar as questões de gênero e racismo. Além disso, essa nova militância trouxe pautas importantes como a exclusão de mulheres lésbicas (lesbianas) asiáticas e negras do movimento feminista hegemonicamente branco e ocidental (Mariana Aparecida dos Santos Rodrigues 2021, pg. 76).

CONCEITOS/TERMOS IMPORTANTES:

HETEROSSEXUALIDADE COMPULSÓRIA E HETERONORMATIVIDADE

O conceito de **heterossexualidade compulsória** começou a aparecer por volta de 1980, a partir da feminista Adrienne Rich (2010), em uma análise sobre a experiência lésbica. Para Rich, essa experiência é percebida por meio de uma escala que vai do desviante ao odioso ou até mesmo invisível. Além dessa percepção, as mulheres são convencidas de que o casamento e a orientação sexual, voltadas para os homens, são inevitáveis. As mulheres serão doutrinadas pela ideologia do romance heterossexual por meio dos contos de fadas, da televisão, do cinema etc. Isso é, todos esses mecanismos fazem propagandas coercitivas da heterossexualidade e do casamento como padrão. [...] Embora Rich faça uma análise da experiência lésbica, essa doutrina também ocorre com os homens, mesmo que de modo diferente. Também pensando a heterossexualidade em relação às lésbicas (mas não usando as palavras heterossexualidade compulsória), Monique Wittig publica, em 1980, o texto **O pensamento heterossexual**, no qual argumenta que a heterossexualidade é um regime político que obriga as mulheres a reproduzir para sustentar a sociedade heterossexual. [...] Para ela, a heterossexualidade não é uma orientação sexual, mas um regime político que se baseia na submissão e na apropriação das mulheres. A heterossexualidade compulsória consiste na exigência para que todos os sujeitos sejam heterossexuais, ou seja, apresenta-se como única forma considerada normal de vivência da sexualidade. [...] Já o conceito de heteronormatividade, segundo Miskolci (2012), foi criado em 1991, por Michael Warner, que busca dar conta de uma nova ordem social. Enquanto na heterossexualidade compulsória todos os sujeitos devem ser heterossexuais para serem considerados normais, na heteronormatividade todos os sujeitos devem organizar suas vidas conforme o modelo heterossexual, tenham eles práticas sexuais heterossexuais ou não. Com isso, entendemos que a heterossexualidade não é apenas uma orientação sexual, mas um modelo político que organiza a vida das pessoas. Se na heterossexualidade compulsória todos os sujeitos que não são heterossexuais são considerados doentes e precisam ser explicados, estudados e tratados, na heteronormatividade esses sujeitos tornam-se coerentes desde que se identifiquem com a heterossexualidade como modelo, desde que mantenham a linearidade entre sexo e gênero (Butler, 2003): as pessoas com genitália masculina devem se comportar como machos, másculos; e as com genitália feminina devem ser femininas, delicadas. Nesse sentido, um homem até pode ser homossexual, inclusive fora do armário, mas não pode se identificar com o universo feminino, nem uma mulher lésbica pode se identificar com o masculino (Gilmaro Nogueira; Leandro Colling, 2019, pg. 392-395).

Vange Leonel (1963-2014) acreditava que existiam mais mistérios na sexualidade humana do que a nossa vã filosofia poderia rotular. O problema, segundo a escritora, começava quando limites precisos para os nossos desejos eram traçados, construindo diques como na tentativa de dominar as correntezas de um rio (A última gota d'água - Leonel, 2001, p. 57). Na visão de Vange, falar em alto e bom som que se ama e a quem se ama era um dos mais poderosos gritos de guerra jamais inventados.

Eu adoro a palavra desde que conheci a sua origem: a ilha de Lesbos, onde viveu a poeta lírica Safo alguns séculos antes de Cristo. Safo era famosíssima em seu tempo pelo seu talento poético e musical e depois ficou mais famosa ainda pelo amor que dedicava às suas alunas, que viviam em Lesbos (Vange Leonel, 2001).

Em um dos textos publicados em seu blog, Vange nos conta que a primeira vez que ouviu a palavra “lésbica” foi no pátio da escola, aos 10 anos de idade, em uma brincadeira de chamar algumas das meninas de “lésbica” e sair correndo delas, em pânico. Segundo a cantora, embora a palavra “lésbica” tenha superado de maneira significativa conotações pejorativas e estigmatizantes, muitas meninas e mulheres resistem ao termo.

Como bem sabemos, ao longo da história muitas foram as palavras usadas para se nomear uma mulher lesbiana e muitos desses nomes carregam ainda hoje estigmas e estereótipos com função de ofender e inferiorizar as lesbianidades. Crescemos ouvindo horrores sobre as lesbianas e sendo influenciadas a acreditarmos que “lésbica” é um palavrão que não se diz em alto e bom som por todos os cantos.

Vange argumentava que o léxico da sapataria era bastante rico e acreditava que muitos dos termos usados eram provenientes da necessidade de codificar a linguagem para não expor tanto a lesbianidade.

É o caso do termo “entendida”, que provavelmente é um diminutivo para “entendida no assunto”. Já o termo “sapatão” sempre foi considerado um xingamento, algo pejorativo mesmo, ao referir-se às lésbicas mais masculinizadas. Mas como acontece com muitas palavras originalmente cunhadas para ofender, ela foi transformada pelas próprias lésbicas em algo mais simpático, como “sapata” e “sapa”.

No começo dos anos de 1990, a mídia nova-iorquina lançou o *ligh lesbian chic* para designar as *lipstick lesbians* – lésbicas de batom – uma maneira de tornar as lésbicas mais palatáveis ao gosto da sociedade heteropatriarcal. [...] Aqui no Brasil, na mesma onda do *lesbian chic* floresceu uma cultura *clubber* trazendo um novo designativo para as lésbicas: bolachas.

Não esqueça nunca que a manifestação do seu amor é uma das coisas mais divinas e poderosas que você pode usar. [...] Expresse o seu homoerotismo e seja feliz. O mundo agradece (Muito além da alcova – Leonel, Vange. *Grrrls* – Garotas iradas. 2001, p. 49-51).

A palavra “lésbica” advém do nome da ilha de Lesbos, onde a poeta Safo, que viveu nas últimas décadas do séc. VII a.C e primeiras décadas do séc. VI a.C, teve sua escola, a única de que se tem registro na Antiguidade voltada para a educação de moças. (Pessoa Bechtold, 2022). Mesmo quando não se sabe dizer com certeza quem ela foi, não é incomum ouvir a explicação de que a palavra lésbica vem de Safo, de Lesbos: a primeira lésbica, a décima Musa, a maior de todos os poetas (Hoki, 2020, p. 14).

Uma coisa é certa: lésbicas já foram chamadas de tudo quanto é nome nesta vida e cada uma tem o seu termo predileto. Há ainda as que recusam um nome específico, achando que tudo isso não passa de um rótulo, quando a sexualidade humana é uma coisa tão fluida e mutante (Vange Leonel, 2001, p. 67-69).

Vange, ao escrever o texto **‘Ninguém vai me ofender’** (2004), demonstra como a sociedade heteronormativa que construímos busca mecanismos para oprimir, persuadir e invisibilizar a sexualidade das lesbianas, assim como humilha, ofende e inferioriza a existência e o corpo lésbico. Essa realidade de invisibilidade do corpo lésbico e das práticas afetivo-sexuais das mulheres lésbicas ocupa um lugar central nas manifestações lesbofóbicas.

Diante disso, quando Vange faz um verdadeiro glossário com termos utilizados para ofender as lesbianas, demonstra a indiferença e o desdém em resposta à misoginia articulada para transformar a sexualidade feminina em um instrumento do desejo masculino.



NINGUÉM VAI ME OFENDER

ME CHAMANDO POR
 NOMES QUE SIGNIFICAM
 APENAS O MEU AMOR
 POR OUTRA MULHER!
 SOU TRÍBADE SÁFICA SAFISTA
LÉSBIGA LESBIANA DYKIE
MULHER-MACHO MACHIA
 PARAÍBA MASCULINA VIRAGO
 FANCHONA FRANCHA
 FRICATRIX **ROÇADEIRA**
ENTENDIDA INVERTIDA
 TORTILLERA SAPA **BOLACHA**
 ANDRÓGINA **TRANSVIADA**
 HOMOSSEXUAL
SAPATÃO SAPATA SAPATONA
VANGE LEONEL

PRINCESAS DESENCANTADAS

Ao longo de milhares de anos, foram muitas as mulheres que não toparam viver apenas como a sombra de um homem. [...] Embora os costumes e a moralidade fossem mudando com o tempo, a aversão às mulheres que insistem em não querer homens como pares nunca deixou de existir.

[...] Na antiga Grécia, uma poeta talentosíssima estabeleceu uma escola só para mulheres na ilha de Lesbos. O lirismo e as canções de amor de Safo eram dirigidos às suas amantes e alunas. Como viviam, permanece um mistério, já que o principal testemunho – os escritos de Safo – foi queimado pela Igreja em duas ocasiões diferentes. Não se sabe bem por que, mas muito antes de ter sua obra destruída, Safo preferiu acabar com a própria vida: atirou-se de um penhasco ainda jovem.

[...] Na mesma época, e ainda pairam nuvens de dúvida sobre se elas realmente existiram, outro grupo de mulheres resolveu viver sua vida longe dos homens: as Amazonas gregas. Eram mulheres guerreiras, com fama de assassinas de homens, dos quais apenas faziam uso para fins de procriação.

[...] Joana D'Arc, já na Idade Média, é outro exemplo de como uma mulher sozinha, que invade searas masculinas, acaba sempre punida. Depois de ouvir vozes do além, engajou-se no exército e foi lutar pela união da França e contra a Inglaterra. Cortou os cabelos, vestiu armadura e comandou seu próprio batalhão. Capturada pelos ingleses, Joana foi julgada por uma corte eclesiástica que a condenou à fogueira. A despeito de ser uma prisioneira de guerra, foi condenada por heresia, por vestir roupas masculinas e ter um comportamento não muito próprio para uma mulher, o que significava, nessa época, ser tachada de bruxa conspiradora. Só depois de morta virou santa, quase quinhentos anos depois.

[...] No séc. XVII, a rainha Cristina da Suécia foi obrigada a abdicar do trono, que ocupava desde os seis anos de idade, por não querer se casar. Criada para reinar, Cristina teve uma formação que na época só se dava aos rapazes.

[...] Mas vivemos outros tempos. Depois da Revolução Industrial, as mulheres, valorizadas por sua mão de obra, acabaram mais engajadas na sociedade. E, finalmente, depois da Primeira Guerra, com a falta de homens no mercado, a mulher definitivamente pôs os dois pés em praça pública. Podemos trabalhar, vestir calças compridas, temos direito a voto e, de uns quatro séculos para cá, é consenso que possuímos alma. O nosso imaginário, porém, continua povoado por histórias nas quais a mulher que ousa seguir sem um homem ao lado é punida com a morte na fogueira, o exílio ou a prisão. Parece que já podemos quase tudo, menos prescindir do homem como amante.

Por isso é necessário, não por princípio, mas por compensação, que povoemos esse imaginário com novas histórias e novas heroínas. [...] É preciso saber que você pode dispensar o príncipe e ter a certeza de encontrar uma linda princesa encantada, não no fim, mas logo no começo da história. Afinal, ninguém aqui é bobo para passar a vida buscando e só achar o pote de mel no último capítulo (Vange Leonel, 2001, p. 26-28).

CORAÇÕES COM ASAS

Toda vez que uma garota olha para outra, apaixonada, um anjo nasce no céu. Imberbe, deitado sobre uma nuvem de algodão, ele promete grandes amores e paixões atribuladas. Quando aquelas duas garotas se beijam, esse mesmo anjo cria asas. Livre para voar sem rumo e pairar quase invisível sobre o mundo, ele olha por suas garotas, cuidando para que não se machuquem muito. Toda vez que duas garotas apaixonadas trocam carícias, os anjos festejam. [...] Tão logo duas garotas se veem e se querem, absolutamente ou não, lá estão os anjinhos a postos, com suas armas apontadas, prontas para atravessar corações distraídos. Quando duas garotas bêbadas de amor se deitam finalmente para experimentar o prazer do sexo e do amor físico, esses anjos repousam suas armas e apenas observam, vaidosos do trabalho bem-feito. Mas cada vez que duas garotas se separam para sempre, depois que o amor acaba, um anjo perde as asas e cai do céu. Triste, passa o resto de sua vida andando a esmo, vestindo trapos, carregando o arco quebrado e as flechas sem pontas. Se repararmos bem, podemos até enxergar alguns deles refletidos nas lágrimas derramadas por garotas solitárias que choram amores perdidos e paixões desencontradas (Vange Leonel, 2007).

O
AMOR
QUE
OUSAR
DEIXAR
RASTROS

[...] Durante muito tempo, mas muito tempo mesmo, o homoerotismo explícito foi banido das mais variadas formas de manifestação cultural. Pode-se dizer que, desde o advento e a dominação das religiões monoteístas, o homoerotismo foi relegado aos cantos de páginas, a aparições eventuais e moralmente condenáveis e, mesmo assim, parece ter permeado e inspirado milhares de obras de arte de valor inestimável para a humanidade (Vange Leonel, 2001, p. 105-107).

É possível observar que cada sociedade constrói e interpreta de maneira bastante diferente e oportunista as práticas sexuais e amorosas entre mulheres e o seu reconhecimento, visibilidade e legitimidade variam de um contexto histórico para outro.

Em uma sociedade de matriz heterossexual (Butler, 2003), as lesbianidades são interpretadas como uma alternativa ao desprezo masculino ou reduzidas ao mero prazer masculino, no qual as representações e as imagens das lesbianas servem ao voyeurismo masculino (Lessa, 2011).

Quem já não
sofreu por um
amor impossível?
Pode-se dizer
que pelo menos
todos nós,
homossexuais,
começamos
nossa vida
afetivo-sexual
experimentando
os sabores de
uma paixão
proibida (Vange
Leonel, 2001, p.
40-41).

É lesbiana aquela que ama, dorme, sente-se atraída, vive com outra mulher? Todas estas opções, ou uma dentre elas, pode definir uma lésbica? É preciso ter um amor exclusivo pelas mulheres? É preciso haver sexo genital para tornar-se uma? (Navarro-Swain, 2001).

Em uma sociedade dominada pela heterossexualidade, o que são, afinal, as lesbianidades? É um lugar de não violência e harmonia, são as práticas desviantes ligadas à sexualidade, os sentimentos voltados às pessoas do mesmo sexo, uma erótica particular e uma escolha política!

No entanto, os estigmas e estereótipos socialmente construídos sobre as lesbianidades permitiram que verdades naturalizadas sobre as experiências e práticas lesbianas se propagassem no imaginário social e fossem entendidas como fixas e imutáveis, constituindo, então, uma identidade única e excludente.

Pensar a historicidade das lesbianas é, portanto, entender que os seres humanos são múltiplos e possuem distintas identidades: étnica, racial, profissional, sexual, de gênero, classe social, entre outras que não são fixas, universais ou permanentes. Portanto, não há um modelo da verdadeira lesbiana e tentar definir uma identidade não é senão criar seu próprio campo de exclusão (Navarro-Swain, 2002).

O texto 'Primeira Vez' (2007), publicado por Vange em seu blog, explora a simplicidade e alegria do cotidiano lésbico compartilhado a duas. A potência da escrita de Vange se manifesta mediante o impacto que suas palavras possuem na construção de narrativas autoafirmativas e positivas sobre as existências lesbianas.

PRIMEIRA VEZ

A cada manhã o sol banha nossas faces quase despertas de maneira inédita. Todo novo dia é realmente um outro dia. [...] Eu preparo o café, ela abre o jornal, eu me espreguiço, ela sorri, eu esparramo queijo pela torrada, ela lê notícias e comenta, irônica e engraçada. [...] Ela estende lençóis na corda, eu preparo um lanche, ela arruma a sala, eu lavo a louça, eu canto e ela ri. O que é bom é belo, gostoso e nos dá prazer. [...] Seus encantos são tantos que eu me esqueço que, embora façamos todo dia quase o mesmo, esse mesmo cotidiano, visto de perto, se revela repleto de variações surpreendentes. O café se transforma em vinho, a torrada se transmuta em fruta, o jornal se desdobra em poesia e da roupa na corda nascem dois corpos nus.

Vange narra de maneira poética o desejo e os prazeres que as práticas afetivo-sexuais proporcionam às mulheres lesbianas.



Quando buscamos vestígios das lesbianidades e das práticas afetivo-sexuais entre mulheres é preciso estarmos atentas a três pontos que muitas vezes não irão coincidir numa mesma personagem: “as práticas sexuais, os desvios das normas

HETERO NORMATIVIDADE

sociais de gênero e uma espécie de “autoconsciência” de sentimentos de amor por outra mulher” (Faderman, 1979, apud Braga, 2019). Para além desses três pontos, é importante analisar as resistências construídas pelas mulheres lésbicas contra a heterossexualidade enquanto instituição.

O mais bonito dessa história toda para mim, o que sobrou, foi quando Vange me disse: “Eu não acho que o masculino seja um privilégio e uma primazia dos homens. Eu tenho direito ao masculino”. Eu achei aquilo tão deslumbrante, falei: porra, que mulher sagaz, que mulher inteligente, que provocadora. E isso tudo muito antes dos debates muito intensos que ocorreram sobre a questão de transgeneridade, que hoje têm uma importância em vários sentidos, politicamente falando (Trevisan, 2023).

Apesar de as estatísticas apontarem um alto índice de homofobia no país, muitos gays e lésbicas escolhem viver fora do armário. Afinal, ser homossexual não é motivo para vergonha. Difícil em alguns aspectos, o momento da revelação da homossexualidade é principalmente catártico, trazendo o alívio de finalmente ser o que se é. Mas manter essa liberdade de ser o que se é exige esforço contínuo. Como o conservadorismo nos costumes subsiste por inércia, impregnado na malha social, gays e lésbicas veem-se compelidos a sair do armário repetidas vezes. Vamos imaginar que você seja lésbica e já tenha revelado sua orientação homossexual à família, aos amigos e no trabalho. Um dia, você começa a fazer ioga, enturma-se com os colegas e, no final da aula, elas perguntam: e seu marido, não gosta de ioga? Pronto! Eis um momento em que é preciso sair do armário mais uma vez, visto que o conservadorismo faz quase todos presumirem a heterossexualidade como norma.

[...] Tornar a saída do armário algo corriqueiro, leve e cotidiano é fazer um trabalho de formiguinha, mas muito eficiente, contra a homofobia. Quem sabe, um dia, ninguém irá estranhar homossexuais (Vange Leonel, 2006).

Em nossa sociedade, constituiu-se um campo de práticas tidas como normais, lícitas, saudáveis, que podemos chamar de um campo de heteronormatividade, caracterizado pelo paradigma das relações heterossexuais, em que o masculino se encontra em posição superior sob todos os aspectos que se considere - autonomia, potência sexual, iniciativa, prestígio, liberdade de escolha, ganhos salariais, posse de bens e equipamentos (PETRY & MEYER, 2011). [...] Embora tenhamos um número crescente de práticas que escapam, negam e resistem às práticas heterossexuais, burlam a heteronormatividade, brincam e lançam provocações a ela, gerando outras nomenclaturas, elas por um lado ainda são julgadas de acordo com a distância ou o afastamento do paradigma da heteronormatividade, embora por outro contribuam para desestabilizar esta hierarquia (Seffner, 2014, p. 74).

Em geral, falar sobre sexualidade na escola é quase sempre um tabu, principalmente quando as sexualidades não hegemônicas (aquelas que não são a preferência da maioria) são abordadas. Assim, é importante encontrar ferramentas para que seja possível dialogar em sala de aula sobre as sexualidades ditas alternativas, sexualidades periféricas, sexualidades marginais, sexualidades não hegemônicas, minorias sexuais (Seffner, 2014, p. 74). Para que isso seja possível, em primeiro momento, é preciso saber o que é a sexualidade hegemônica, ou seja, é necessário falar da HETERONORMATIVIDADE.

Vange, quando escreveu o texto ‘Lesbofobia’ (2011), acreditava que uma maior formação feminista poderia implodir as falsas dicotomias que estabelecem limites rígidos para o que é masculino e o que é feminino, aliviando a pressão psicológica sofrida por homens, mulheres, heterossexuais, homossexuais, gays, lésbicas e, principalmente, transexuais, não raramente vistos como hereges (Vange Leonel, 2011, p. 92).

A escritora chamava atenção para o fato de que o masculino nas lésbicas era encarado como “roubo” e “usurpação” de um valor que supostamente pertenceria única e exclusivamente aos homens (Vange Leonel, 2011, p. 93).

Para Vange, a imposição de padrões sexistas de comportamento, como a delicadeza, a beleza, o cuidado e o recato para as mulheres e a força, a ousadia e a violência para os homens estavam na base das desigualdades de gênero.



Ora, se mesmo as mulheres que têm formação acadêmica de ponta, com acesso a todo tipo de informação feminista, são vítimas diretas e indiretas do sexismo que permeia toda a sociedade, que tipo e grau de discriminação sofreriam as lésbicas? [...] não há como falar de lesbofobia, ou sequer de homofobia, sem expor o sexismo que permeia quase todas as relações sociais. [...] Há sexismo explícito e velado nas instituições religiosas, no seio familiar, no mercado de trabalho, na escola, na mídia e nos locais de lazer e prazer. [...] Uma educação e formação antissexista e feminista poderá contribuir em muito no combate à homofobia (Vange Leonel, 2011, p. 94-96).

A década de 1990 foi essencial para uma maior visibilidade e aceitação das lesbianidades na cultura pop e na sociedade. E, embora as mulheres *desfem* terem contribuído política e culturalmente com o movimento lésbico, visibilizando a existência de corpos lésbicos não normativos, em contextos de forte repressão, entre muitas lesbianas, manifestava-se certa aversão às lésbicas *desfem* não normativas.

SEXISMO

Define-se como a retaliação, o preconceito e/ou atitudes negativas dirigidas às mulheres, tendo como justificativa esse fato, ou seja, seu sexo físico e seu gênero correspondente. Apresenta uma relação de supremacia dos homens em relação às mulheres, colocando-as em um papel de submissão, inferiorizando o feminino em relação ao masculino. Uma ideia ou comportamento será considerado sexista no momento em que o gênero masculino estiver se sobrepondo ao feminino, construindo uma atmosfera de depreciação e estigmatização. [...] faz-se indispensável pensar o conceito de sexismo relacionando-o com o sistema patriarcal que perpassa a sociedade atual e que serve como um mantenedor do *status quo* social.

[...] O denominado “sexo frágil”, mesmo com as diversas mudanças sociais, ainda fica em desvantagem em contextos profissionais e/ou domésticos, ganhando menores salários para os mesmos cargos, por exemplo (Botton; Strey; Romani; Palma, 2019, p. 667-669).

Em relação à aversão às lésbicas *desfem*, Vange, no texto ‘Com que roupa?’ (2001), manifesta sua insatisfação com a situação ao escrever: “Se vestir-se como homem já não é mais algo transgressor, a mulher que, além disso, cultiva gestos e maneirismos masculinos ainda é bastante estigmatizada. [...] O estilo sapatão ainda provoca tremores e controvérsias.

[...] Lamentavelmente, existe uma certa resistência, mesmo no meio homossexual, às lésbicas mais masculinizadas, como se existisse uma cartilha a ser seguida. Será que aquele tão valorizado ‘*express yourself*’ já não vale mais nada?” (p.21).

É direito de uma mulher ser o tipo que ela quiser, vestir a roupa que preferir e até mesmo ser tudo isso junto ou de um jeito diferente a cada dia da semana. Ruim é ter que se comportar segundo uma cartilha politicamente correta, mesmo sendo ela ditada por um ativismo gay pretensamente consensual, mas na verdade careta e estreito. A liberdade e a visibilidade são para as borboletas, para os lacinhos cor-de-rosa e também para os sapatões (Vange Leonel, 2001, p. 22).

Ao escrever sobre a experiência de sociabilidade de mulheres lésbicas em bares na cidade de São Paulo na década de 1970, Vange destacava as dicotomias que existiam nas relações afetivo-sexuais entre as lésbicas. Da mesma maneira, apontava a reprodução estereotipada dos modos e comportamentos nos relacionamentos lésbicos, em que as performances de papéis de gênero seguiam os padrões heteronormativos.

[...] nunca gostei de brincar com bonecas, talvez porque nunca tivesse encontrado uma que fosse a minha cara, com roupas de rapazinho, cabelos curtos e bola de futebol nas mãos. [...] não por acaso, a primeira boneca com a qual brinquei de verdade e com paixão foi um Falcon ruivo e barbudo, do tipo “aventura na selva” com roupas camufladas e facão para abrir picadas. Moral da história: gênero é algo com muitas nuances e quem não tem “Barbie Moleca” brinca com Falcon mesmo (Vange Leonel, 2006).

Uma das expressões da heteronormatividade é a homofobia que se caracteriza pela repulsa a indivíduos gays, lésbicas e transexuais e o medo que se tem das orientações sexuais e das identidades de gênero que rompem com a lógica binária (Soares; Sardenberg, 2011, p.8).

Quando Vange escreve sobre relacionamentos protagonizados por duas mulheres, suas palavras desencadeiam um processo de materialização das existências lésbicas e de mudanças substanciais de paradigmas que escapam do modelo heteronormativo.

Em ‘Amor de Verão’ (2009), diante do cenário repressor e heteronormativo no qual as lésbicas existem e sobrevivem, o amor juvenil que uma das personagens da narrativa sente é quase inconcebível para ela devido à ausência de referências lésbicas nas relações sociais que nos rodeiam. Vange demonstrou a dimensão política que as narrativas lésbicas possuem, destacou que escrever sobre suas vivências carnis e afetivas era algo que fugia completamente do *script* patriarcal.



AMOR DE VERÃO

Até aquele momento, ela era apenas uma criança grande. Mas, quando começou a perceber uma espécie de aflição alegre no peito, achou que poderia estar sentindo aquilo que os adultos chamavam de paixão. Era incrível como, de repente, tomada pelo desejo por outra garota, a menina se transformara da noite para o dia numa adolescente às voltas com urgências do coração.

À noite, rolando na cama sem conseguir dormir, sonhava acordada com cenas tão singelas quanto excitantes: seu braço encostando de leve no braço dela; elas, lado a lado, sobre uma toalha estendida na areia olhando as estrelas; um segredo dito entre sussurros, revelando o amor mútuo e, para selar a fantasia, um beijo inocente.

Então, ela acordava de seu delírio com um pensamento chato: será que podia beijar outra mulher? Na praia, durante aquelas férias de verão, ela só vira casais formados por pai e mãe, homem e mulher, garoto e garota ou senhor e senhora. Definitivamente, não conseguia lembrar de ter visto algum casal do mesmo sexo passeando romanticamente de mãos dadas pela orla.

Apaixonada e dona de uma coragem que só as crianças transformadas subitamente em adolescentes são capazes de ter, decidiu que, depois de pedir a amiga em namoro (tinha certeza de que ela aceitaria), seria a primeira a passear de mãos dadas com a namorada naquela praia. Seria um verão inesquecível!



PROPOSTA DE ATIVIDADES

As propostas de atividades para o ensino de história, a seguir, visam promover o respeito, a luta contra as violências e contra todas as formas de opressão. São sugestões que ajudam a trabalhar com conceitos importantes em sala de aula e objetivam colocar em prática reflexões e ações para um mundo sem violência, discriminações, preconceitos e mais tolerância. Todas as atividades podem ser adaptadas de acordo com a realidade do contexto escolar.

GLOSSÁRIO DA DIVERSIDADE

Tema: Gênero e Sexualidade.

Objetivo: Produzir um zine que apresente conceitos com significados que possam compor um glossário da diversidade, de forma dinâmica, criativa e reflexiva.

Conceitos sugeridos: Assexualidade, Bissexualidade, Gênero, Homossexualidade masculina, Interseccionalidade, Intersexualidade, Lesbianidades, Transfeminismo, Transgeneridade, Travestilidade, Transexualidade, Não-binariedade de gênero, Queer e Sexualidade, Heterossexualidade compulsória, Heteronormatividade.

METODOLOGIA:

- ★ Construir os conceitos, suas definições e significados, passando pelas experiências e saberes dos participantes da atividade.
- ★ Relacionar o ensino de história aos conceitos e vivências de gênero, raça e sexualidade.
- ★ Abrir espaço para que, a partir dos conceitos, o(a) professor(a) possa entender um pouco da bagagem trazida pelos alunos sobre cada conceito, seja do ponto de vista teórico ou compartilhando experiências pessoais e coletivas que contribuam para construir o próprio conceito.
- ★ Antes da produção do zine, é interessante propor uma roda de conversa para que todo(a)s se escutem e para que haja uma breve explicação por parte do(a) professor(a) sobre os conceitos.

HISTÓRIA E FEMINISMOS

Tema: Ensino de História e Feminismos

Objetivo: Apresentar e colocar em discussão os movimentos feministas com os alunos e alunas e semear a reflexão sociohistórica para que busquem entender cada vez mais sobre o assunto.

METODOLOGIA:

- ★ Conhecer os movimentos feministas e suas lutas.
- ★ Reconhecer comportamentos e situações de intolerâncias, preconceitos e violências históricas e cotidianas, a partir de práticas e trocas de experiências.
- ★ Produzir um zine que demonstre, por meio de diferentes recursos e fontes, a pluralidade dos movimentos feministas, suas agências, sujeitas e lutas ao longo da história.
- ★ Antes do início da atividade, é interessante propor uma roda de conversa para discutir sobre o que cada participante sabe sobre a temática, se conhecem os movimentos, o que sabem a respeito historicamente e como se relacionam com suas experiências de vida.
- ★ Uso de poetas locais na comunidade ou poesias produzidas pelo(a)s próprio(a)s estudantes, valorizando sua produção e experiência.
- ★ Utilizar materiais diversos que ajudem a narrar as histórias dos movimentos feministas, como fotos, trechos de jornais, vídeos, literatura, depoimentos escritos ou orais e recursos diversos, ou que estimulará o(a)s aluno(a)s a pesquisarem o material e trazerem para a aula.

SUGESTÕES DE MATERIAIS / LEITURAS

LIVROS, BLOGS, VÍDEOS E PERIÓDICOS DISPONIBILIZADOS VIRTUALMENTE:

Brasil Mulher, Mulherio, Chanacomchana, Nós Mulheres.

ESCRITORAS:

Chimamanda Adichie, Clarice Lispector, Djamila Ribeiro, Conceição Evaristo, Maya Angelou, Tatiana Gomes, Amara Moira, Linn da Quebrada, Raíssa Eris Grimm, Ryane Leão, Natália Polesso, Eliane Potiguara, Aline Pachamama e Márcia Wayna Kambeba.

ESPAÇOS VIRTUAIS FEMINISTAS:

Intelectuais Negras Visíveis, organizado por Giovana Xavier, disponível em PDF (<https://www.intelectuaisnegras.com/>);

Portal Geledés - Instituto da Mulher Negra (<https://www.geledes.org.br/>);

Rede Grumin de Mulheres Indígenas (<http://www.grumin.org.br/principal.htm>);

Projeto Mulher 500 anos atrás dos Panos

(<http://www.mulher500.org.br/biografia-de-mulheres/>);

Portal Catarinas (<https://catarinas.info>);

Humanas: pesquisadoras em rede (www.humanasrede.com);

Sempreviva Organização Feminista (<https://www.sof.org.br>);

As mina na história (<https://asminanahistoria.wordpress.com>).

EXPOSIÇÃO

DIVERSIDADE, EXPRESSÃO E EXISTÊNCIA

- ★ Como última proposta de atividade, sugiro realizar uma intervenção cultural com as/os alunas/os que participaram das atividades anteriores;
- ★ A exposição pode ser realizada nos espaços escolares, como sala de aula, pátio, biblioteca, murais e painéis. Assim como pode ser idealizada uma exposição virtual mediante as redes sociais da unidade escolar.
- ★ A exposição pode ser organizada de acordo com as temáticas abordadas em cada zine produzido pelos estudantes.

FONTES / REFERÊNCIAS

A arte do disfarce parte 3. In: Leonel, Vange, 1963- *Grrrls: garotas iradas* / Vange Leonel. – São Paulo: Summus, 2001. Edições GLS. p. 105-107.

A primeira super-heroína lésbica. In: Leonel, Vange, 1963- *Grrrls: garotas iradas* / Vange Leonel. – São Paulo: Summus, 2001. Edições GLS. p. 111-113.

Amor de verão - Coluna GLS publicada na Revista da Folha em 25 de janeiro de 2009 por Vange Leonel. Publicado no Blog VANGE em 7 de abril de 2009. Disponível em: <<https://vangeleonel.blogspot.com/2009/04/>> Acesso em: 20 de setembro de 2024.

Barbie ou Falcon? Publicado no Blog Vange em 30 de janeiro de 2006. Disponível em: <<https://vangeleonel.blogspot.com/2006/01/>> Acesso em: 26 de nov. de 2024.

Blog Vange Leonel. Disponível em: <<https://vangeleonel.blogspot.com/>> Acesso em: 25 de fev. de 2025.

Botton, Andressa; Strey, Marlene Neves; Romani, Patrícia Fasolo; Palma, Yáscara Arrial. Sexo/Sexismo. In: Dicionário crítico de gênero / Ana Maria Colling, Losandro Antônio Tedeschi, org.; prefácio [de] Michelle Perrot. – 2.ed. – Dourados, MS: Ed. Universidade Federal da Grande Dourados, 2019. p. 667-669.

BRAGA, Keith Daiani da Silva. Lesbianidades, performatizações de gênero e trajetória educacional. 2019.

Com que roupa? In: Leonel, Vange, 1963- *Grrrls: garotas iradas* / Vange Leonel. – São Paulo: Summus, 2001. Edições GLS. p. 20-22.

Corações com asas. Publicado no Blog VANGE em 1º de julho de 2007. Disponível em: <<https://vangeleonel.blogspot.com/2007/07/>> Acesso em: 26 de nov. de 2024.

Gênero, sexualidades e relações étnico-raciais: um guia para o Ensino de G326 História / Marta Gouveia de Oliveira Rovai, Lívia Nascimento Monteiro (Organizadoras) – Alfenas – MG: Editora Universidade Federal de Alfenas, 2021.

HOKI, Leíner. Tribades, safistas, sapatonas do mundo, uni-vos: investigações sobre a poética das lesbianidades. Margem da Palavra, 2021.

Leitura da primeira peça da cantora, "As Sereias da Rive Gauche", é às 19h30, no auditório da Folha Vange Leonel estreia na dramaturgia. Reportagem Local, São Paulo - 17 de agosto de 1999. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/acontece/ac17089901.htm>> Acesso em: 25 de fev. 2025.

Leonel, Vange, 1963- *Grrrls: garotas iradas* / Vange Leonel. – São Paulo: Summus, 2001. Edições GLS.

Leonel, Vange. Lesbofobia. In: Diversidade sexual e homofobia no Brasil / [organizadores Gustavo Venturi, Vilma Bokany]. – São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2011, pg. 89-96.

Natalie Barney, a Safo de Paris. In: Leonel, Vange, 1963- *Grrrls: garotas iradas* / Vange Leonel. – São Paulo: Summus, 2001. Edições GLS. p. 35-39.

Navarro- Swain, T. Feminismo e lesbianismo: a identidade em questão. Cadernos Pagu (UNICAMP), Campinas, São Paulo, v. 12, p. 109-120, 1999.

Navarro-Swain, T. Feminismo e lesbianismo: quais os desafios?. In: III Encontro: Enfoques feministas e as tradições disciplinares na ciência e na academia, 2001, Niterói-RJ. Resumos: III Encontro Enfoques feministas e tradições disciplinares, 2001. p. 31-37.

Ninguém vai me ofender. Blog Safismo, Carina e Lika - 25 de fevereiro de 2011. Disponível em: <https://blogsafismo.blogspot.com/2011/02/ninguem-vai-me-ofender-por-vange-leonel.html> Acesso em: 25 de fev. de 2025.

Nogueira, Gilmaro; Colling, Leandro. Homofobia, heterossexismo, heterossexualidade compulsória, heteronormatividade. In:Dicionário crítico de gênero / Ana Maria Colling, Losandro Antônio Tedeschi, org.; prefácio [de] Michelle Perrot. – 2.ed. – Dourados, MS: Ed. Universidade Federal da Grande Dourados, 2019. p. 390-395.

Nossa língua lesbianesa. In: Leonel, Vange, 1963- *Grrrls: garotas iradas* / Vange Leonel. – São Paulo: Summus, 2001. Edições GLS. p. 67-69.

Primeira vez - Coluna GLS publicada na Revista da Folha em 16/9/2007 por Vange Leonel. Publicado no Blog VANGE em 4/10/2007. Disponível em: <<https://vangeleonel.blogspot.com/2007/10/>> Acesso em: 20 de setembro de 2024.

Princesas desencantadas. In: Leonel, Vange, 1963- *Grrrls: garotas iradas* / Vange Leonel. – São Paulo: Summus, 2001. Edições GLS. p. 26-28.

Que seja eterno enquanto dure. In: Leonel, Vange, 1963- *Grrrls: garotas iradas* / Vange Leonel. – São Paulo: Summus, 2001. Edições GLS. p. 46-48.

SEFFNER, Fernando. SEXUALIDADE: ISSO É MESMO MATÉRIA ESCOLAR? Rev. Teoria e Prática da Educação, v. 17, n. 2, p. 67-81, maio/agosto 2014.

Soares, Gilberta; Sardenberg, Cecília. Assumindo a lesbianidade no campo teórico feminista. In: XV Congresso Brasileiro de Sociologia: mudanças, permanências e desafios sociológicos. Anais do XV Congresso Brasileiro de Sociologia. Curitiba: Sociedade Brasileira de Sociologia, 2011.

Vange Leonel, 60 anos. Farofafá, Pedro Alexandre Sanches - 9 de maio de 2023. Disponível em: <<https://farofafa.com.br/2023/05/09/vange-leonel-60-anos/#:~:text=%E2%80%9CTenho%20certeza%20que%20Vange%20pagou,protagonista%20absoluta%20no%20p%C3%B3s%2Dditadura>> Acesso em: 25 de fev. de 2025.

SUGESTÕES DE LEITURA

Blog Vange Leonel. Disponível em: <<https://vangeleonel.blogspot.com/>> Acesso em: 25 de fev. de 2025.

Dicionário crítico de gênero / Ana Maria Colling, Losandro Antônio Tedeschi, org.; prefácio [de] Michelle Perrot. – 2.ed. – Dourados, MS: Ed. Universidade Federal da Grande Dourados, 2019.

ESCOBAR, Geanine Vargas; BAPTISTA, Maria Manuel R. T. Lesbianidade negra, interseccionalidades e o pensamento descolonizado. In: LISBOA Fo., Flavi Ferreira; SILVA, Thomas Josue (Org.). *Cultura e identidade: subjetividades e minorias sociais* Santa Maria: FACOS-UFSM, 2018.

FALQUET, Jules. Romper o tabu da heterossexualidade: contribuições da lesbianidade como movimento social e teoria política. *Cadernos de Crítica Feminista*, Recife, v. 6, n. 5, p. 08-31, 2012.

Gênero, sexualidades e relações étnico-raciais: um guia para o Ensino de G326 História / Marta Gouveia de Oliveira Rovai, Livia Nascimento Monteiro (Organizadoras) – Alfenas – MG: Editora Universidade Federal de Alfenas, 2021.

HIRATA, Helena et al. (org.). *Dicionário Crítico Do Feminismo*. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

Leonel, Vange, 1963- *Grrrls: garotas iradas* / Vange Leonel. – São Paulo: Summus, 2001. Edições GLS.

LESSA, Patrícia. *Lesbianas em movimento: a criação de subjetividade (Brasil, 1979–2006)*. Tese (doutorado). Universidade de Brasília. Programa de pós-graduação em História, Brasília, 2007.

LIMA, Fátima. Raça, Interseccionalidade e Violência: Corpos e processos de subjetivação em mulheres negras e lésbicas. *Cadernos de Gênero e Diversidade*, Salvador, v. 4, n. 2, p. 66-82, 2018.

OLIVEIRA, Lendra.; MATTOS, Amana. Diálogos sobre Lesbianidades: uma breve incursão histórica e análise das produções recentes. *REBEH: Revista Brasileira de Estudos da Homocultura*, v. 1, p. 7-28, 2018.

PIRES, Laura. Dicionário de sexualidades: um guia incompleto. Disponível em: <https://medium.com/@laurampires/dicion%C3%A1rio-de-sexualidades-um-guia-incompleto-f49b72b74220>. Acesso em: 02 mar. 2020.

RIBEIRO, Diana Raffaella K. Identidade Lésbica Diversa e Relacional: As Multiplicidades das Existências e as Várias Formas de Resistir. *REBEH*, Redenção, v. 2, n. 4, p. 121-128, 2019.

RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. *Bagoas*, Natal, v. 4, n. 05, p. 17-44, 2012.

SIMÕES, Júlio; FACCHINI, Regina. *Na trilha do arco-íris: do movimento homossexual ao LGBT*. 1. ed. São Paulo: Perseu Abramo, 2009.

DESIGNERS E ILUSTRADORAS(ES)

<https://www.laysealmada.com.br/>

<https://br.pinterest.com/>

<https://www.freepik.com/>

